GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS
E MATEMÁTICA – PPGECM

Renê Vieira Lima

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO DO MÉDIO ARAGUAIA-MT

Barra do Bugres-MT
2023

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – PPGECM

Renê Vieira Lima

A Formação de Professores de Matemática na Região Médio Araguaia-MT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática

Orientador (a): Prof. Dr. Adailton Alves da Silva

BARRA DO BUGRES-MT
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

LIMA, Renê Vieira.
L732a A Formação de Professores de Matemática na Região do Médio Araguaia-MT / Renê Lima – Barra do Bugres, 2023.
190 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.
Orientador: Adailton Alves da Silva

1. Ensino da Matemática. 2. Manifestação Cultural.. 3. Formação de Professores.. I. Renê Lima. II. A Formação de Professores de Matemática na Região do Médio Araguaia-MT: .
CDU 377.8:51(817.2)

RENÊ VIEIRA LIMA

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO MÉDIO-ARAGUAIA/MT.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. "Renê Barbour" – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

gov.br Documento assinado digitalmente
ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 21/02/2024 15:55:15-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

gov.br Documento assinado digitalmente
JOAO SEVERINO FILHO
Data: 21/02/2024 15:49:54-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. João Severino Filho (UNEMAT)
Examinador Interno

gov.br Documento assinado digitalmente
LUZIA APARECIDA DE SOUZA
Data: 21/02/2024 15:21:21-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª. Dra. Luzia Aparecida de Souza (UFMS)
Examinadora Externa

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que fizeram todo sacrifício possível para que eu e meus irmãos pudéssemos ter o privilégio de estudar.

À UNEMAT, Câmpus de Barra do Bugres, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM, por ter ofertado essa formação na modalidade que possibilitou a minha permanência para realização desse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (CAPES) por proporcionar a pós graduação.

Ao meu orientador, professor Dr. Adailton Alves da Silva, por ter oportunizado a mim ingressar na Pós-Graduação, e por sua contribuição na realização desse trabalho. Toda minha gratidão, pois não tenho palavras para traduzir esse sentimento.

Aos professores(as) e aos colegas do Programa, pelo privilégio de construir com todos(as) um ambiente formativo que contribuiu muito com a minha formação e com o desenvolvimento desse trabalho.

Aos Educadores(as) matemáticos(as) da primeira e segunda turmas das Parceladas – Luciara, colaboradores(as) diretos para o desenvolvimento deste trabalho. Muita gratidão por todas as contribuições.

A todos(as) os profissionais dessa instituição que, direta ou indiretamente, contribuíram com informações importantes para a execução dos aspectos burocráticos que envolveram a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas de trabalho e aos alunos da Escola 13 de Maio, pelo apoio e incentivo para alcançar mais uma realização profissional.

À minha irmã Valdenice, que me incentivou a ingressar na carreira docente. Toda minha gratidão, pois foi por você que me transformei no educador matemático que sou.

À professora Ma. Aurinete Vieira Lima, também minha irmã, por todo incentivo e por suas contribuições com esse trabalho.

Agradeço de forma muito especial à Andressa, minha companheira que compartilhou de todos os meus desafios, sofreu junto, mas nunca deixou de incentivar e de acreditar que eu seria capaz. Toda minha gratidão por ter assumido sozinha o cuidado dos nossos filhos, em especial, da Isabelle Maria, nosso outro presente de Deus que nasceu em 2021 durante a realização desse trabalho.

À
Seu Manoel Deodato e Dona Catarina, meus pais;
Andressa, minha esposa e companheira,
Pétrick e Isabelle Maria, meus filhos
e aos meus irmãos.

RESUMO

A pesquisa acerca da formação do professor de matemática na região do Araguaia, um espaço territorial que se estende de Ribeirão Cascalheira a Vila Rica, no estado de Mato Grosso, consiste no processo investigativo realizado com um procedimento metodológico de abordagem qualitativa na perspectiva da História Oral. Este estudo teve o objetivo de pesquisar o processo de formação do professor de matemática e suas implicações sociopolíticas na região do Médio Araguaia-MT. Foram entrevistados dois grupos compostos por cinco professores de matemática, graduados pelo Projeto Parceladas da Unemat de Luciara, em suas turmas 1 e 2, que corroboraram para apresentar a versão histórica da educação matemática, através das narrativas sobre os itinerários formativos constituídos dos pressupostos teóricos da formação docente. Os principais pilares teóricos que fundamentaram essa pesquisa versam sobre as contribuições de D'Ambrosio, Tardif, Nóvoa e Paulo Freire, especificamente nos pontos que convergem sobre a formação do professor na perspectiva da humanização do ensino e, no nosso caso, do ensino da matemática. O contexto histórico da formação perpassa pela análise dos documentos históricos sobre a educação na região do Médio Araguaia, pelos movimentos sociais com os aspectos da implementação da educação popular, da escolarização através do Gea, Inajá e pelo Projeto Parceladas. Acredita-se que nesse trabalho foram evidenciados os elementos da formação sociopolítica do educador matemático do Médio Araguaia, pois houve um engajamento dos profissionais nos movimentos sociais para a compreensão e a resolução da problemática educacional da região.

Palavras-Chave: Ensino da matemática. Manifestação cultural. Formação de professores.

ABSTRACT

Research about the formation of mathematics teachers in the Araguaia region; a territorial space understood from Ribeirão Cascalheira to Vila Rica in the state of Mato Grosso, consists of the investigative process carried out with a methodological procedure of qualitative approach in the perspective of the oral history. With the objective of researching the process of formation of the mathematics teacher and its sociopolitical implications in the Middle-Araguaia region. There were two groups composed of five mathematics teachers graduated from the Unemat de Luciara project, in their classes 1 and 2, corroborating to present the historical version of mathematics education, through the narratives, on the training itineraries constituted of the theoretical assumptions of teacher training. The main theoretical pillars that underlie this research deal with the contributions of D'Ambrosio, Tardif, Nóvoa and Paulo Freire with the points that converge on teacher training from the perspective of the humanization of teaching and, in our case, the teaching of mathematics. The historical context of the training permeates the analysis of historical documents on education in the Middle-Araguaia region, social movements with aspects of the implementation of popular education, schooling through Gea, Inajá and the Parceladas Project.

Key-words: Mathematics teaching, cultural expression, teacher training.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Casa do Cascão e da Fernanda ao fundo, e o Próprio Cascão com um dos seus filhos. 14
Imagem 2: Mapa Mesorregiões de Mato grosso 20
Imagem 3: Mapa da região (Território do Médio - Araguaia) de atuação da Prelazia São Félix do Araguaia. 23
Imagem 4: Dagmar Gatte 27
Imagem 5: Vista aérea de Luciara-MT 33
Imagem 6: Câmpus Universitário do Médio Araguaia Dom Pedro Casaldáliga- Luciara 34
Imagem 7: Professor José Reinaldo 55
Imagem 8: Marines Alves de Sousa 65
Imagem 9: Vânia Horner 70
Imagem 10: Juarez Filho 80
Imagem 11: Eliandro Noleto Silva 92
Imagem 12: Olídes Maria Orlando 101
Imagem 13: Divanez Alves Correia 110
Imagem 14: Professor Dr. Edson Pereira Barbosa. 119
Imagem 15: Rita de Cássia de Azevedo 135
Imagem 16: André Wanpurã de Paula. 148
Imagem 17: Auditório do Campus Universitário Médio Araguaia - Dom Pedro Casaldáliga Unemat/Luciara-MT 171
Imagem 18: Prédio da Unemat finalizado ainda no período da turma I nos anos 1992. 172
Imagem 19: Alguns graduandos da primeira turma de matemática Parceladas/Unemat-Luciara/MT 174
Imagem 20: Segunda turma de matemática do projeto parceladas Unemat Luciara/Vila Rica MT 176
Imagem 21: Pedro contemplando o rio Araguaia 183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cursos ofertados pelo Campus do Médio Araguaia - Dom Pedro Casaldáliga – Luciara MT 36
Quadro 2: Expressões disparadoras utilizadas para orientar as narrativas: 46
Quadro 3: Diferenças entres as turmas I e II do Curso de Matemática. 176

LISTA DE ABREVIATURAS

PPGECM - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso.

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

ASPA - Associação de Saúde de Poro Alegre do Norte.

MOPS - Movimento Popular de Saúde.

GEA - Ginásio Estadual do Araguaia.

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.

LOGOS – Projeto de Formação de Professoras e Professores Leigos em Serviço.

FCESC - Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres.

FESMAT - Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso.

FUNEMAT - Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso.

CEE – Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

GHOEM - Grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática.

PROFMAT - Programa de Mestrado Profissional em Matemática.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

CEAD - Centro de Educação Aberta e a Distância.

PROFORMAÇÃO - Programa de Formação de Professores em Exercício.

CEFAPROS - Centro de Formação e Atualização dos Professores da Educação Básica.

GESTAR - Programa Gestão da Aprendizagem Escolar.

DRE - Diretoria Regional de Educação.

UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso.

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

SUMÁRIO

Da criança para o professor 13
INTRODUÇÃO 16
1. A CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL E POLÍTICA DO MÉDIO-ARAGUAIA 20
1.1. Contextualização da região 20
1.2. Educação/Escolarização na/da Região do Araguaia 24
1.3. Parceladas 32
2. HISTÓRIA ORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES 37
2.1. História Oral 37
2.2. Formação de Professores 39
3. REVISITAR O PASSADO COMO POSSIBILIDADE DE COMPRRENDER O PRESENTE PARA PROJETAR O FUTURO 45
4. EM CADA PROFESSOR(A) UM OLHAR, UMA MEMÓRIA, UMA HISTÓRIA 52
4.1. Marcas e retalhos da Formação Inicial de Professores de Matemática 54
4.1.1 Depoimentos dos professores(as) graduados(as) em matemática pela segunda turma do Projeto Parceladas 55
5 A FORMAÇÃO COM FOCO NA QUALIFICAÇÃO/PROFISSIONALIZAÇÃO 156
5.1 O fazer pedagógico qualificado pela formação 156
5. 2 A demanda formativa 163
5.3 A profissionalização docente e as peculiaridades entres as duas turmas de matemática 170
6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 180
REFERÊNCIAS 185
ANEXOS 189

Da criança para o professor

> "Hoje tem drama na igreja lá em Ribeirão;"
> "Meu padrinho, segura o tacho que a quentura vem por baixo;"
> "Um povo unido jamais será vencido;"
> "Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer;"
> "Fui em uma pescaria lá em boqueirão, lá não leva isca lá tem de montão, lá tem lapa de minhoca que pega até tubarão;"

Ao remeter à minha memória infantil, essas expressões ecoaram na cabeça da criança, e foram inevitáveis as lembranças da Escola São João Batista em Ribeirão Cascalheira-MT, em especial da Professora Constância Alves Pinto que, vale frisar, representou a maior manifestação de afeto que uma pessoa demonstrava pelo outra, era o que ela fazia conosco, os seus alunos.

Nos anos 1980, ainda muito criança, nem ela (Constância)[1]e nem eu, imaginávamos que iria me tornar um educador, mas o que fez remeter essa memória foram as expressões acima citadas que, só com o passar do tempo, a criança no seu processo de desenvolvimento foi compreendendo o porquê as pessoas se juntavam e falavam todas essas coisas.

Quando ingressei no Ensino Médio, aí já em Porto Alegre do Norte-MT, no início dos anos 1990, ainda que de forma superficial, essas expressões e o contato mais uma vez com outras manifestações de cunho político, mas na perspectiva da educação através da cultura (Show Rádio Berrante)[2], entre outras, essas ações foram sendo compreendidas nas suas devidas dimensões.

Nessa fase da vida, o interesse pela profissão docente ainda não tinha aflorado, pois minha maior identificação com uma profissão era a realização do sonho de me tornar uma atleta de futebol profissional nos grandes clubes do Brasil (Flamengo). Experienciei essa profissão, embora não atingi o objetivo de trabalhar em um grande clube como jogador e retornei para a casa de meus pais, Dona Catariana e Seu Manoel Deodato, minha maior inspiração para construção da minha personalidade materializada na figura do homem/professor que me torno hoje.

---

[1] Constância Alvez Pinto (Já falecida), foi minha primeira professora que deixou uma marca muito significativa na minha memória de estudante. Ela é eternamente a professora que tinha no amor o principal caminho para ensinar.

[2] O show berrante como chamado pelos moradores de Porto Alegre do Norte foi um evento cultura onde era apresentado os cantores locais e outras apresentações artísticas.

Meus pais, assim como a maioria das pessoas da geração deles e moradores dessa região do Brasil, não tiveram acesso à educação escolar e fizeram questão que seus filhos frequentassem a escola. Nesse sentido, tive o privilégio de acessar a educação escolar.

Isto posto, remeto às expressões supracitadas porque, de maneira informal, nós começávamos a compreender o contexto de violência no campo e na cidade com o qual o Araguaia convivia. Com o assassinato de posseiros e peões, ficamos muito assustados, mas só sabíamos dizer que o pistoleiro da "fazenda tal" fez isso ou aquilo com os trabalhadores, e com moradores da região.

Neste momento, a minha memória remente aos episódios que aconteceram na região de Porto Alegre do Norte e Cana Brava do Norte, que começa com uma fazenda mandando queimar a casa dos posseiros, e termina com um pistoleiro morto em Cana Brava e outro amarrado em uma árvore no meio da rua no centro de cidade. Outro acontecimento referente a essas barbáries que também marcou minha infância, foi quando queimaram a casa do Cascão[3] e da Fernanda em Porto Alegre do Norte-MT.

Imagem 1: Casa do Cascão e da Fernanda ao fundo, e o Próprio Cascão com um dos seus filhos.



Fonte: Acervo da Prelazia de São Félix.

Esse fato deixou os moradores da pequena Porto Alegre todos abalados, e nós, os mais jovens, perplexos sem compreender o que estaria ocorrendo.

Na mesma região, em uma localidade vizinha no município de Confresa-MT, por consequência também desta relação latifundiários x posseiros, escutávamos dos mais velhos a

expressão "o pistoleiro matou e tirou a orelha," e isso tudo nos deixava muito assustados com aquela violência que acontecia no campo e na cidade.

Ao remeter à um período tão violento, me recordo que esses assassinatos mexiam com a saúde emocional do estudante e morador daquela localidade ao mesmo tempo nos instigava a buscar uma melhor compreensão de tudo isso, mas essa compreensão só veio consolidar-se na produção deste trabalho. Nesse processo de escuta, foi possível ouvir e refletir com outros elementos, em especial, com a maturidade de um professor que vivenciou todo esse ambiente.

Assim, trazer a problemática da educação popular e da educação escolar à luz da reflexão, também é uma maneira de contribuir não só com a minha compreensão desse período da história, mas principalmente com a dos colegas que terão interesse pela história da educação do Médio Araguaia-MT.

INTRODUÇÃO

A história da educação no Brasil tem registrado, em todo o seu curso, alguns movimentos para que os direitos à educação sejam garantidos. Considerando os períodos que constituíram a história da educação brasileira, queremos destacar a democratização da educação e apontar o movimento para a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB nos anos de 1996, quando foram estabelecidas as responsabilidades de cada ente federado com suas respectivas esferas de atuação. A lei dispõe sobre a finalidade da educação e instituiu os direitos, deveres, acesso e permanência dos estudantes na escola.

No contexto educacional, queremos dar um enfoque histórico a um outro movimento recente da educação, fazendo um recorte na história da educação matemática, para relacionar com o que acontecia na região do Médio Araguaia-MT. Com a chegada de Pedro Casaldáliga, a Prelazia de São Félix compreendeu que essa parte do Brasil carecia de desenvolvimento no âmbito das políticas sociais para o desenvolvimento econômico, político e social dessa região.

Nesse sentido, o acesso à educação passou ser fundamental para a transformação da realidade daquelas comunidades, e só através de ações muito bem articuladas seria possível implementar um processo de educação capaz de atender todas as demandas sociais. E assim, com a mobilização dos agentes de pastoral, foi dado, por parte da Prelazia, início ao processo educativo no âmbito da educação popular e de escolarização dos filhos dos trabalhadores da região do Médio Araguaia-MT.

Atualmente, o Araguaia configura-se como uma das regiões polo do Agronegócio de Mato Grosso, onde estabelece uma má distribuição de oportunidade que categoriza, desclassifica e oprime os trabalhadores em diferentes cenários. Entretanto, a região do Araguaia é constituída pela agricultura familiar, luta, resistência e suas manifestações culturais.

O Território do Araguaia também é reconhecido por sua mobilização acadêmica. Nesse sentido, a formação do professor surge como cerne de resistência epistemológica e manutenção da nossa identidade, uma vez que é configurada como espaço de reflexão, projeções e ressignificação do perfil profissional do professor de Matemática.

Na perspectiva de refletir sobre o assunto, a presente pesquisa traz como tema A *FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA REGIÃO MÉDIO ARAGUAIA-MT* e apresenta o processo investigativo da história educacional referente à profissionalização dos professores de matemática, remetendo a um passado recente, que evidenciou as implicações sociopolíticas da formação e da atuação docente desses profissionais que trabalham com matemática nessa região do Brasil.

Ao empreender nesse processo, a investigação recorre a uma abordagem qualitativa na perspectiva da história oral e traz as potencialidades de uma construção histórica de como ocorreu a formação inicial que ressignificou a prática docente do professor de matemática no contexto cultural e suas implicações acerca do currículo. Nesse sentido, a pesquisa apresenta o processo histórico da origem do ensino de matemática no Araguaia-MT e demonstra como foi produzido o ensino da matemática nas suas individualidades e socialmente.

A pesquisa ocorreu na região do Médio Araguaia, através dos registros historiográficos e das narrativas dos alunos graduados pela primeira e segunda turmas de matemática do projeto da Unemat/Luciara. É importante ressaltar que alguns dos nossos entrevistados não residem mais nessa região, mas tem sua trajetória acadêmica fincada na história da educação desse território.

Deste modo, o objetivo foi pesquisar o processo de formação inicial do professor de matemática e suas implicações sociopolíticas na região do Araguaia, buscar entender o processo histórico da origem do ensino de matemática na região do Araguaia/MT, apresentar a identificação das manifestações educacionais que culminaram na formação de professores de matemática do Araguaia. Além disso, trazer elementos que possibilitassem a compreensão do processo de implantação e execução dos dois cursos de Matemática oferecidos pelo Projeto Parceladas/Unemat na região do Araguaia.

O suporte teórico que fundamentou a pesquisa sobre a formação do professor decorreu das contribuições conceituais dos seguintes pesquisadores: D'Ambrósio, Paulo Freire, Nóvoa e Tardif. As conexões dos diálogos filosóficos e os pontos convergentes das proposições ideológicas no âmbito da educação como ferramenta libertadora, humanizadora e de transformação social foram elementos importantes para a idealização do ensino da matemática, desmitificado de estereótipos europeus que contribuíram efetivamente para o processo de exclusão promovido pelos que acreditam em uma matemática desconectada do processo cultural.

O procedimento metodológico de cunho qualitativo estabelecido na pesquisa foi da história oral, com entrevistas *online* e presencial, quando foram ouvidos(as) os(as) professores(as) graduados(as) em matemática, divididos(as) em dois grupos compostos por 5 pessoas, na perspectiva do relato histórico sobre a implementação e execução dos cursos de formação de professor do Projeto Parceladas de Luciara/MT. Ainda, utilizamos de outros registros históricos importantes dos acervos de arquivos da Prelazia de São Félix do Araguaia, acerca das implicações sociopolíticas da formação inicial do professor de matemática referente ao seu fazer pedagógico.

Seguindo esse procedimento, a pesquisa apresenta a seguir os passos desenvolvidos no itinerário investigativo, perpassando pela contextualização territorial da região até nossas considerações referentes aos processos formativos construídos pelos professores de matemática do Araguaia:

No capítulo I é apresentada a contextualização territorial e política do Araguaia, evidenciando os municípios que compõem a região do Médio Araguaia-MT; aborda o espaço de atuação da Prelazia de São Félix do Araguaia; discorre sobre o processo de educação e escolarização desenvolvido pelos agentes da Pastoral; apresenta o relato de Dagmar Gatte referente à participação de Pedro Casaldáliga para o investimento em educação, e traz os aspectos sobre o desenvolvimento do ensino no Projeto Parceladas.

Em seguida, o capítulo II versa sobre a história oral e os elementos sociopolíticos da formação dos professores para atuar no ensino de matemática numa perspectiva da relação humanizada ente educador e educando, e a valorização dos saberes locais.

No capítulo III é demonstrado o procedimento metodológico adotado para a obtenção dos registros históricos através dos documentos bibliográficos e das narrativas, com suas características importantes para contribuir com o desenvolvimento das reflexões desta e das futuras pesquisas.

No capítulo IV, consideramos os elementos da subjetividade através do olhar, da memória e da história de cada depoente. Apresentamos as narrativas dos dois grupos de professores graduados em Matemática pelo Projeto Parceladas da Unemat/Luciara: começamos com a exposição dos relatos dos educadores da segunda turma e, posteriormente, apresentamos os depoimentos dos professores da primeira turma de Matemática habilitados pelas Parceladas.

Na sequência, o capítulo V traz a fase da pesquisa considerada um grande desafio para o pesquisador no campo da história oral, fazer as análises das narrativas, pois requer uma habilidade para estabelecer as possíveis características dos elementos constituintes dessa história. Outro aspecto representado nesta seção foi a ordem das análises porque, nesse caso, esta foi invertida em função de que a coleta dos dados foi feita a partir do depoimento da segunda turma, mas as análises obedecem a uma ordem cronológicas dos fatos para melhor situar o leitor no tempo e no espaço.

E, finalizando, chegamos à última seção. Preferimos considerá-la como mais uma etapa desse trabalho porque acreditamos que essa pesquisa não é conclusiva, pois permite que o leitor possa fazer sua própria análise dessa história, e outros pesquisadores tenham condições de aprofundar e formular outras contribuições para a compreensão do processo formativo dos professores de matemática do Médio Araguaia-MT.

Assim, essa etapa da pesquisa expõe nossas considerações, onde são apresentados os pontos relevantes de nossa compreensão dos aspectos sociopolíticos da formação do professor de matemática e demonstra nossa percepção sobre a necessidade de aprofundar as reflexões acerca do processo de formação de professores de matemática. Consequentemente, precisamos revisitar a história da educação matemática na região para que possamos situar o professor nas bases conceituais do conhecimento matemático utilizado atualmente, remetendo-o à historicidade local a fim de compreender a origem e a evolução do fazer matemático na região. Acreditamos que isso implicará numa reconstrução e valorização da matemática como manifestação cultural de um povo, perpassando por linguagens, hábitos, costumes e crenças.

1. A CONSTITUIÇÃO TERRITORIAL E POLÍTICA DO MÉDIO-ARAGUAIA

1.1. Contextualização da região

O estado de Mato Grosso está localizado geograficamente na região Centro-Oeste do Brasil, sua divisão política-administrativa é constituída de 141 municípios, tendo a cidade de Cuiabá como sua capital. As principais atividades econômicas são o agronegócio e a agropecuária. É subdivido em várias microrregiões, entre as quais queremos destacar aquela que se configura como o espaço geográfico/político e cultural de nossa pesquisa.

Imagem 2: Mapa Mesorregiões de Mato grosso



Fonte: site: https://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-mesorregioes-de-mato-grosso
Acessado em 13/05/2023 as 15:29

A região nordeste mato-grossense apresentada na Imagem 2 é delimitada territorialmente de Barra do Garça a Vila Rica, e aceita por alguns como Araguaia, mas nós, nativos, concebemos essa unidade territorial de Ribeirão Cascalheira a Vila Rica. A ideia de território aqui não é na perspectiva de separação, mas de identificação, confirmação e de pertencimento, uma vez que essa região traz em suas peculiaridades elementos muitos singulares no que diz respeito ao processo de educação e escolarização do seu povo.

Nesse sentido, a identificação com a problemática sociopolítica da comunidade do Araguaia determina a condição de estar, de ser e de pertencer de cada um e cada uma que esteve direta ou indiretamente participando da luta por escolarização dos filhos dos trabalhadores desta

região do Brasil, que é caracteriza pela falta de política públicas voltadas para atender essas demandas sociais.

> [...] Foi nestas campanhas missionárias onde descobrimos - e definitivamente! -, a problemática de nosso povo, o conflito social básico de uma região destinada oficialmente a ser latifúndio de gado bovino, área da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), onde a bosta do boi equivale a um carimbo da integração nacional" e de desumana desintegração de índios, posseiros e peões! (Casaldàliga 1978, p. 34 *apud* Canuto 2021, p. 95)

Nesta condição imposta pela ausência do estado, cada povoado foi construído por meio de uma espacialização que consistia em uma mobilização social voltada para suprir, entre outras coisas, a necessidade da educação escolar. A mobilização desse povo foi responsável por construir um lugar que já estava determinado a servir os interesses daqueles que desejam um outro tipo de espacialização.

Essa situação foi configurada, de acordo com o relato de Canuto (2021, p. 95), quando menciona sobre a segunda Campanha Missionária realizada no segundo semestre de 1971, em Serra Nova, um povoado a quase 150 km de São Felix do Araguaia, onde os posseiros dispersos resolveram formar para poderem ter escola para as crianças e atendimento à saúde. Ainda, conforme o mesmo autor, o que acontecia em Pontinópolis e Serra Nova se repetia com igual ou maior intensidade em todos os lugares onde havia algum posseiro ou alguma aldeia indígena. Ele afirma que esse registro foi feito pelo bispo Pedro na carta pastoral que divulgou no dia de sua ordenação episcopal.

Nessa perspectiva, a história de espacialização do Araguaia traz elementos que caracterizam o sentimento de identificação do seu povo, pois conforme Tuan (1983), o espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Afirma que os seres humanos necessitam de espaço e de lugar, pois as vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. Ainda, conforme o autor supracitado, os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios, como rivalidade ou conflito; e a identidade pelo lugar pode ser alcançada pelas aspirações, necessidades e ritos funcionais da vida pessoal e dos grupos. Tuan (1983) afirma que um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, por meio de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva.

Na configuração do espaço constituído de elementos culturais com sua dinâmica de transformação, o Araguaia se apresenta como um lugar onde as ações coletivas foram fundamentais para a construção de um espaço repleto de manifestações, políticas, sociais e

econômicas que constituem sua história de resistência na perspectiva da luta organizada por um ideário de lugar com o povo consciente do seu direito de viver.

Desse modo, para efeito de identificação e delimitação territorial da região apresentada neste trabalho, sempre que nos referirmos ao aspecto de localização territorial, estamos falando da Região do Araguaia na perspectiva do nativo, ou seja, estamos falando da área compreendida nos limites dos municípios de Ribeirão Cascalheira até Vila Rica, também compreendida como a área de atuação dos agentes de pastoral que representam a Prelazia de São Félix do Araguaia-MT.

Neste contexto, a abrangência dessas ações transcende a ideia de território, a compreensão de região é delimitada pelas necessidades apresentadas pelas comunidades, atendidas pela Prelazia conforme o hino,

> "Do Araguaia até o Xingu
> Do Pará ao Travessão
> Prelazia de São Félix
> Povo de Deus no Sertão"
> (Hino da Prelazia de São Félix do Araguaia)

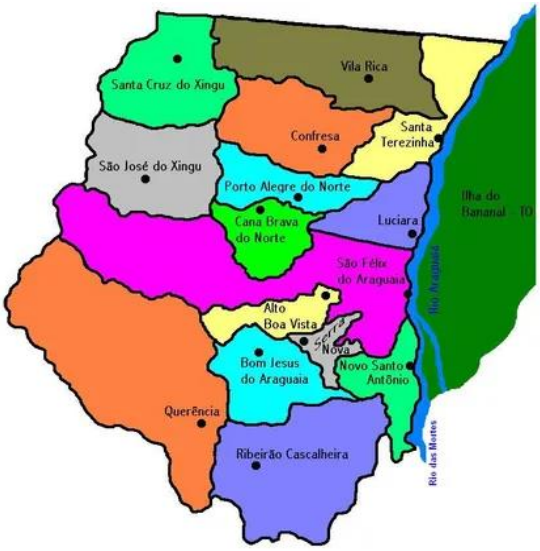
Com essa configuração de região do Araguaia, apresentamos os municípios que fazem parte desse território: Alto Boa Vista, Bom Jesus do Araguaia, Cana Brava do Norte, Confresa, Luciara, Nova Serra Dourada, Novo Santo Antônio, Porto Alegre do Norte, Querência, Ribeirão Cascalheira, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Santa Cruz do Xingu, Santa Terezinha e Vila Rica. Vale frisar que o município de Querência foi incluído por pertencer a uma área compreendida como espaço de atuação da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Após essa apresentação geográfica, queremos contextualizar o Médio Araguaia-MT como uma região repleta de fragilidades educacionais e outras demandas sociais, como saúde, direito à moradia, garantia de sustento da família e direito à posse da terra. Para Canuto (2019), essas localidades apresentam, na sua história de formação, a luta pela propriedade da terra e uma grande necessidade para implantação de escola para educar os filhos dos trabalhadores.

Assim, para atender as necessidades do território do Médio Araguaia-MT do ponto de vista da saúde, educação e cultural, a Prelazia de São Félix do Araguaia recorreu às ações da equipe pastoral, que tinha, entre outras atribuições, a compreensão da necessidade educacional agravada pela falta de escolas e professores qualificados para atuar junto às comunidades urbanas e rurais, indígenas e ribeirinhas.

O desenvolvimento educacional do Araguaia está diretamente relacionado com as ações da equipe pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia, suas proposições para formação de professores contribuíram efetivamente para o processo de emancipação do povo dessa região.

Imagem 3: Mapa da região (Território do Médio - Araguaia) de atuação da Prelazia São Félix do Araguaia.



Fonte: https://prelaziasfaraguaia.wixsite.com/prelazia/historia-e-missao. Acesso em 15/05/2023

A Igreja Católica, reconhecendo as necessidades educacionais das comunidades que compõem o Araguaia, procurou neste contexto estabelecer um movimento para educação popular através da Prelazia de São Félix do Araguaia, sob as orientações de Dom Pedro Casaldáliga, ainda padre na época, e observou a carência por educação/escolarização e a urgência do desenvolvimento de uma cultura de paz, pois na época haviam muitos conflitos com os latifundiários pela posse da terra.

As atividades da equipe pastoral possuíam uma grande abrangência como educação, saúde, cultura e também aquelas ligadas ao campo político-institucional. Conforme Canuto (2021), todas essas ações tinham como objetivo despertar entre o povo, sobretudo entre os mais excluídos, a consciência por sua dignidade e seu valor, por todos serem filhos do mesmo pai, com igualdade de direitos.

Ainda segundo Canuto (2021), para dar suporte a essas ações, em 1970, passou a ser publicada uma folha, um jornalzinho, que registrava os principais acontecimentos da região. Era a primeira publicação de todo o Araguaia mato-grossense. O processo de educação popular iniciou com as ações da equipe pastoral através de iniciativas como comunicação por meio do Jornal Alvorada, cultura, saúde, assistência social e educação.

Nesta perspectiva, a equipe pastoral buscou no campo da comunicação um instrumento para alcançar a emancipação do povo. O Jornal Alvorada foi, e ainda é, um veículo que resistiu a todos os obstáculos e durou mais de 40 anos, informando e divulgando os acontecimentos do Território do Médio Araguaia. Atualmente, suas edições são publicadas trimestralmente e são voltadas para as ações internas da igreja.

Uma outra área para a qual a equipe pastoral se dedicou foi a cultura, um instrumento utilizado pela equipe pastoral para a formação da consciência política, social e religiosa do povo. Diversas expressões culturais – poesias, cordéis, teatro, teatro de bonecos, teatro de sombras, circo, artesanato, música, entre outras – foram utilizadas para que, através da alegria, os trabalhadores e trabalhadoras pudessem afirmar sua cidadania e lutar pelos direitos que lhes eram historicamente negados. (Canuto, 2021, p. 291).

No campo da saúde, foi criada uma forma de organização através de vários movimentos e associações com o objetivo de educar para uma tomada de consciência dos seus direitos, o que mostra que a Prelazia não se limitou a buscar agentes de saúde para atender o povo, mas buscou formas de o povo se organizar para ter um atendimento de saúde melhor. Realizou também muitos cursos de medicina popular, em que se mostrava o valor e a eficácia de ervas e plantas para resolver os principais problemas de saúde que o povo enfrentava.

Considerando que estes aspectos da educação popular não são o foco da nossa pesquisa, queremos apenas relacionar algumas dessas associações/movimentos para registrar que o processo educacional é intrínseco à formação política do território do Araguaia. Assim, seguem as principais organizações políticas/saúde dessa comunidade: União Comunitária para Assistência à Saúde (UNICAs), Associação de Saúde de Poro Alegre do Norte (ASPA), Comissão de Saúde de Ribeirão Cascalheira, Clube das Buchudas e Clube das Mães, de São Félix do Araguaia; em Vila Rica criou – se o Movimento Popular de Saúde (MOPS).

Essas ações para a instrução do povo constituíram-se como um processo robusto de proposições articuladas para uma movimentação sociopolítica que, para sua consolidação, seria necessária a implementação do processo de escolarização nas/das comunidades.

1.2. Educação/Escolarização na/da Região do Araguaia

Referente à educação popular, foi feita uma mobilização com o foco na libertação, com uma compreensão de que, através da educação, aquele povo poderia se emancipar e compreender as relações com o estado e com as instituições que deveriam garantir os direitos e promover políticas públicas para o exercício da cidadania.

> Desde o primeiro momento de nossa chegada, choveram pedidos: íamos dar aulas, construiríamos colégios, organizaríamos um internato, poderíamos ficar com filhos alheios, adota-los educa-los? Não se imaginava a presença de uns padres ou de umas irmãs sem abordar este problema. Era tal o imperativo de suplência social que, de fato, tivemos que construir com ajuda econômica de amigos da Espanha, um Ginásio (Casaldáliga,1978, p. 33 *apud* Canuto, 2021, p. 88).

Nesse contexto, os missionários tinham consciência que a educação escolar era dever do estado, mas diante da necessidade do povo, enfrentariam o desafio. Mandaram um representante a Cuiabá para tratar junto à Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso e receberam permissão, mas com a condição de que a Prelazia se responsabilizasse por conseguir os professores. E assim fizeram, buscando os alunos missionários da UNICAMP – SP. Com o corpo de professores formado, o estado aprovou o projeto desta forma.

> No dia 06 de março de 1970, abriu as portas o GINÁSIO ESTADUAL ARAGUAIA – GEA. Padre José Maria foi o Diretor. Jovens universitários, ex. – seminaristas clarestianos, e uma amiga deixaram a cidade de Campinas, em São Paulo, para assumir o trabalho de educação como uma missão. Eram eles: Hélio de Sousa Reis, (o Piauí), Elmo Malagodi, Luiz Gouvêa e Nice Dias. O Decreto de criação do GEA foi assinado no dia 29/04/70 e publicado no diário oficial no dia 05/05/70 e a festa de inauguração aconteceu no dia 23/05/70, data de fundação de São Felix do Araguaia. (Canuto, 2021, p .89)

Logo após o início das atividades, o professor Hélio de Sousa Reis fez um levantamento sistemático da cidade de São Félix do Araguaia. O questionário identificava a origem das famílias, o trabalho e as condições de moradia. Essa pesquisa também incluiu as palavras-chave para o início de um processo de alfabetização das pessoas adultas, de acordo com a metodologia de Paulo Freire.

Na sua edição que comemorava o centenário de Paulo Freire, o Jornal Alvorada publicou uma matéria dedicada à relação do Araguaia com o método de alfabetização.

> O Araguaia bebeu na fonte de Paulo Freire a filosofia e a metodologia de Paulo Freire estiveram muito presentes nos trabalhos em educação desenvolvidos na Prelazia de São Félix do Araguaia. Entre o grupo de jovens professores que, em 1970, foram a São Félix para lecionar no Ginásio Estadual do Araguaia, alguns já haviam participado de cursos sobre o método desenvolvido por Paulo Freire. Um deles, o prof. Hélio de Souza Reis, realizou em São Félix uma extensa pesquisa entre os moradores, inclusive, fazendo um levantamento do vocabulário da região (Alvorada Jul/Ago/Set-21 Ed. 337).

A matéria jornalística apresentou a experiência do Araguaia com essa metodologia e relatou que, após essa experiência exitosa e a mobilização da comunidade, foram sendo criadas

outras turmas na zona rural e no povoado urbano da região, o que possibilitou ao povo refletir sobre a situação local e nacional.

Com a emancipação política de São Félix do Araguaia em 1976, José Wilson Lopes Pereira, ligado à Prelazia, assumiu a Secretaria Municipal de Educação e conheceu a realidade das escolas rurais da região, onde pessoas alfabetizadas eram professores nas escolas dos sertões. Conforme Canuto (2021), em 1978, a partir de uma articulação regional dos educadores ligados à Prelazia de São Félix, criou-se o curso de capacitação de Recursos Humanos de Magistério para o 1º Grau. Foi um curso ministrado nas férias para dar uma formação básica aos que atuavam em sala de aula.

Na expectativa de atender as necessidades educacionais do Médio Araguaia e reconhecendo as fragilidades no processo de ensino, as ações da equipe pastoral, por força de uma articulação mais ousada e contando com a repercussão de suas ações junto às comunidades, os seus agentes começaram a assumir algumas posições políticas que pudessem abrir outras possibilidades, em especial no campo da educação.

No início dos anos 1980, nas eleições de 1982, alguns agentes da pastoral foram eleitos prefeitos das cidades de São Félix do Araguaia e Santa Terezinha. Em Canarana, que pertencia Ribeirão Cascalheira, foi eleito um candidato muito ligado à equipe pastoral. Esses administradores tinham como preocupação maior a educação. As secretarias de educação ficaram ao encargo de representantes do movimento dos professores. Os três municípios buscaram desenvolver um trabalho conjunto para possibilitar a formação de professores.

Em consequência dessa mobilização surgiu o LOGOS II, um curso supletivo de segundo grau com o objetivo de sanar a carência de professores com habilitação para atuar em sala de aula, mas constataram que as perspectivas da proposta do curso estavam muito distantes da realidade regional.

Nesta mesma época, Porto Alegre do Norte, no dia 13 de maio de 1986, foi emancipada de Luciara e elegeu um agente pastoral como prefeito. Em 1987, as prefeituras de Porto Alegre do Norte, Santa Terezinha, São Félix do Araguaia, a Secretaria Estadual de Educação e a Universidade de Campinas (UNICAMP) firmaram um convênio para a formação de professores em nível médio, com habilitação de magistério. Com uma perspectiva diferente, foi criado, em 1987, o Projeto Inajá. (Canuto, 2021, p. 282).

A perspectiva metodológica do Projeto Inajá vinha ao encontro das necessidades formativas da região, apresentando temáticas que alinhavam os conhecimentos de autores consagrados, bem como valorizavam os saberes e conhecimentos populares, e reconheciam tais conhecimentos compatíveis com os conhecimentos acadêmicos.

Reconhecendo essa experiência como exitosa, professores e alunos ficaram sedentos por alcançar uma formação que pudesse contribuir mais com o desenvolvimento político, social e econômico da região. O coletivo esperançou, em uma perspectiva freiriana, poder aprofundar cada vez mais nas causas do Araguaia e começou uma mobilização para uma formação superior de professores.

Imagem 4: Dagmar Gatte



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=pLiKyHeAazQ Acesso em 12/06/2023.

Uma das coordenadoras do Projeto Inajá I, Dagmar Gatte, em entrevista ao ***Canal Sociólogos do Araguaia,*** nos presenteou com um riquíssimo relato dessa história.

> ***Dagmar:*** *Aqui a prelazia de são Félix, quando Pedro assumiu a prelazia de São Félix uma das coisas que ele percebeu enquanto uma pessoa humana preocupada com o povo da região e com a responsabilidade que ele tinha de conduzir esse povo, ele como uma liderança da igreja católica, percebeu a importância do investimento na educação e foi onde ele canalizou educação e saúde. Porque ele viveu um momento assim dificílimo na chegada dele,*

de ver assim como que a população era desprovida de tudo, do amparo público, o setor público não amparava esse povo para nada.

Então "ele falou nós vamos trazer pessoas que venham trabalhar comigo", ele enquanto bispo na prelazia, mas para a gente investir na educação, para a gente investir na saúde, e assim começou a história, essa história da educação.

Ele foi fortalecendo e criou lá em São Félix o GEA (Ginásio Estadual do Araguaia), que foi o primeiro curso mesmo assim que o estado teve que investir a mais assim no ginásio, porque naquela época tinha algumas escolinhas locais ligada a Barra do Garças, uma coisa que se não funcionava no início dos anos 80 com Luciara e São Félix, imagina com Barra do Garças como é que não era. Então o Pedro já trabalhou isso com afinco mesmo nessa contribuição para a população na formação, então foi o GEA.

Aí depois do GEA, que o governo militar acabou desmanchando aquela escola lá, não desmanchando o prédio, mas desmanchando projetos da escola, perseguindo muitos agentes pastorais, o bispo, no caso aqui o Gentel.

Aí a nossa história de mobilização, foram chegando mais pessoas comprometidas com a educação e com esse propósito e nós fomos então se dividindo aí para trabalhar a educação na região toda do Araguaia, e aqui em Santa Teresina não foi diferente, aqui nós tínhamos companheiros que trabalham essa luta aqui com muito afinco, trabalhando a questão da educação.

Na década de 80 já foram eleitos os governos populares, aqui em Santa Terezinha foi eleito o Tadeu que era um agente pastoral da prelazia, que era professor aqui de Santa Terezinha. Então ele foi o primeiro prefeito eleito no município de Santa Teresina.

Aí iniciou então uma fomentação mesmo do serviço de educação, nessa época eu morava em São Félix, mas a gente já estava num trabalho próximo da Unicamp, muito começado aqui pela equipe de pastoral que atuava na área indígena, que era o Luiz e a Nice que trabalhavam na área indígena e eles foram buscar apoio na Unicamp até pra questão indígena. Nesse apoio pra questão indígena eles conheceram o pessoal ligado à educação que estavam interessados de nos dar um apoio. A Nice e o Luiz já trabalhavam educação lá na área indígena, e daí veio a Nice trouxe essa mensagem que eles tinham interesse, eles poderiam contribuir com a gente, eu nessa época, tinha acabado de chegar em Santa Terezinha para trabalhar na Secretaria municipal de educação que eu morava em São Félix.

Tadeu me pediu pra vir pra cá que estava precisando de pessoas aqui porque a equipe que ele tinha, tinha saído e eu vim e aí a gente fez essa ponte com a Unicamp e esse diálogo aprofundou, nós começamos a trabalhar a formação dos coordenadores pedagógicos com

Unicamp, trabalhamos um projeto chamado Ensino de Ciências e Matemática nos Contextos Urbanos, Indígenas e Rural. A Unicamp vinha para dar assessoria a equipe pedagógica, e aí a equipe pedagógica não era só de Santa Terezinha, a gente trazia os coordenadores das escolas municipais de São Félix, de Porto Alegre do Norte, Santa Terezinha e Ribeirão Cascalheira. Então nós nos reunimos aqui né e tinha essa assessoria.

Nesse período a gente acabou convencendo a Unicamp que nós coordenadores pedagógicos precisávamos também que eles trabalhassem com a gente a formação dos professores da zona rural, porque só o trabalho com a gente não estava sendo suficiente. Nós tínhamos que ter uma coisa muito mais assim, uma sequência com um período longo, com uma formação, nós já tínhamos feitos no fim dos anos 70 inícios dos anos 80 uma formação de professores leigos da zona rural, para eles concluírem o ginásio, e naquela época vários professores cursaram o ginásio, mas muita gente ficou sem concluir porque não atendeu todo mundo.

E aí felizmente nós conseguimos colocar essa semente numa professora da Unicamp que era Marineusa Gazzeta professora de matemática, ela trabalhava com o núcleo de ensino de ciências da Unicamp e ela convenceu a equipe lá da Unicamp que isso era importante, então nós fomos movimentar para ver como que isso podia virar.

E aí trabalhando aqui no estado, nós, eu estava secretária de educação aqui no município Santa Teresina, o Luiz Paiva estava secretário municipal de educação em Cascalheira e a gente então foi buscar também o respaldo do estado, porque tinha que ser um curso reconhecido e nós encontramos lá no estado o respaldo. Nós tínhamos o contato com a Serys que na época era secretária de estado de educação e a Serys disse "tem uma pessoa que ela é capacitadíssima para trabalhar essa questão", que era Dineva Vanuce, ela era uma freira que trabalhava lá na Secretaria de estado de educação e a Dineva veio então fazer uma reunião conosco, nos orientar como construir esse projeto de educação para o magistério, pra gente trabalhar exatamente com os professores, para dar uma formação de magistério para eles.

E aí construímos a proposta com todo esse apoio e com o apoio da Unicamp e assim nasceu o Inajá.

Nós construímos a proposta do Inajá, já dentro da discussão com a Unicamp a gente colocava sempre, olha nós queremos o respeito ao homem do campo, ao indígena, e a nossa cultura, ela é uma cultura que tem várias dimensões culturais envolvidas, a gente quer esse respeito, a gente quer que todos eles sejam trabalhados no curso, com as suas características e com as suas qualidades. Então nós já trabalhávamos na primeira etapa de formação com a Unicamp a Etnomatemática, a Etnociências, isso foi construindo.

O nosso curso Inajá foi baseado nesse conceito do respeito a cultura local, então nós não íamos trabalhar a educação como uma coisa assim que tinha um pacote fechado lá da Seduc, não, nós íamos construir a nossa proposta, e nós construímos no diálogo entre todos os coordenadores, entre os cursistas, entre os professores da Unicamp, entre a comunidade que participava muito na época, a gente, as escolas municipais tinham uma participação muito grande das comunidades. Então esse diálogo pra construção da identidade do curso respeitando a identidade das comunidades foi uma coisa muito forte que nós conseguimos trabalhar na época.

O respaldo da prelazia pra tudo isso acontecer foi fortíssimo, porque também a Serys durou um ano como secretária de estado de educação, porque a gente também buscou financiamento do estado, porque para trazer o pessoal da Unicamp para cá tinha um custo alto, porque eles tinham que vir, como é que eles vinham parar aqui na região.

Então a gente fez um convênio com as prefeituras, essas três prefeituras, quatro aliás, foi Porto Alegre, Santa Terezinha, São Félix e Ribeirão Cascalheira que na época era Canarana ainda, não era Ribeirão Cascalheira. Então nós fizemos um convênio com a Unicamp, com a Seduc e assim a gente foi trabalhando.

Depois a gente viveu esse período, tivemos que fazer várias ações políticas para poder na saída da Serys a gente não perder essa relação com o estado. Aí conseguimos, tivemos problemas, mas conseguimos superar e aí a gente trabalhou o Inajá nessa perspectiva com muito companheirismo de toda equipe, do próprio pessoal da Unicamp, de várias pessoas que trabalhavam na Seduc, porque assim todo momento de crise a gente tinha que também se doar muito, nós trabalhamos muitas vezes sem contrato, o pessoal da Unicamp também sem saber se ia receber ou se não. Nós coordenadores, os secretários, mudavam prefeitos ninguém era mais nada. E aí, até você, aquela época a Seduc levava até seis meses para fazer o contrato e quando contratava, por que não era assim tão simples fazer contrato, mas a gente não abandonou o curso, fizemos a primeira turma conseguimos concluir a primeira turma.

Naquele período o Dante de Oliveira foi um período governador e ele tinha lá um secretário de estado Walter Albano que assim deu total respaldo também pra gente, a gente conseguiu concluir o Inajá I.

Depois tivemos um vácuo, aí tivemos um governo, os governos municipais que não apoiavam essa proposta nem apoiavam, não estavam preocupados com a educação, mas quando foi 92 nós novamente elegemos o Tadeu aqui e o pessoal da Unicamp falou: Dagmar e aí, nós vamos repetir? falei vamos né, mas muita dificuldade, mas aí nós já tivemos a Vila Rica, a Luciara que também tiveram interesse e aí nós ampliamos o grupo. Aí nós assim realmente

fizemos o Inajá II já com esse respaldo, e foi também uma outra turma, nas duas turmas a gente formou em torno de 120 a 160 alunos, e assim no estudo de evasão que foi feito na época, a evasão foi mínima e nem se comparava as evasões dos cursos de magistério que o estado desenvolvia aí na região, no estado todo, com a evasão que nós tivemos nos dois cursos, a evasão era mínima, o pessoal aderiu mesmo.

E aí a gente teve tudo isso, e nasceu ainda no fim do Inajá I uma discussão com a Unemat, que na época a Unemat não era Unemat ainda, era a Fundação de Ensino Superior de Cáceres e na época tinha um reitor e nós tínhamos pessoas da Seduc que era próximo a Unemat que até davam aulas já lá em Cáceres e trouxe o reitor aqui para discutir com a gente, por que a gente queria que tivesse continuidade, porque assim como nós lutamos demais para ter o magistério, tinha que agora lutar demais para ter o curso superior. A gente sabia que um curso superior qualquer não ia funcionar, porque a região ainda era pouca habitada, na região toda, os municípios não tinham um com dez mil habitantes. Então a região era pouco habitada e fazer um curso numa cidade só não ia atender a região, aí o Maldonado que era o reitor na época veio aqui, fizemos reunião aqui e lá no centro comunitário com ele e a gente lançou a proposta pra ele, falamos olha pra funcionar aqui na região do Araguaia precisa ser aos moldes de como funcionou o Inajá que foi por módulos, foi por uma proposta discutida com a sociedade, discutida entre nossos professores, discutida entre os coordenadores, a gente possui uma proposta totalmente diferenciada de educação respeitando o momento que a sociedade tá vivendo, as relações que ela cultivada, que ela tem que fazer e a gente quer um curso assim, a gente quer um curso que seja nesses moldes, que seja por etapas para que toda a região do Araguaia possa participar.

A gente não sabe quantas vagas a Unemat pode ofertar, mas ela vai precisar ofertar várias que atendam a região do Araguaia e não vai poder ser um curso só, porque nós aqui temos deficiência de tudo, do magistério, matemática, língua portuguesa. Nós não tínhamos pessoas habilitadas, não podia abrir ensino médio aqui na região porque não tinha pessoas habilitadas. E daí o reitor na época essa discussão foi feita aqui muito forte aqui com ele, fez compromisso que ele ia trabalhar essa nossa proposta e realmente ele trabalhou e o pessoal da Unicamp deu suporte pra isso, o pessoal da Unicamp passou a dar suporte também para a fundação porque a fundação também não tinha tantos professores habilitados com mestrado ou com doutorado. Então ela tinha poucos cursos, era lá em Cáceres e aí a Unicamp foi fortalecer ela, pra se transformar numa universidade precisava que vários dos seus professores fizessem mestrado, fizessem doutorado, ela tinha que ter uma equipe para que ela se

transformasse numa universidade e aí nessas duas mãos aconteceu depois Inajá II e já engatilhou a possibilidade também dessa discussão avançar.

Fizemos uma discussão estado inteiro, eu participei como membro dessa discussão, fomos eu aqui de Santa Terezinha, tinha a Lourdes Jorge lá de São Félix, tinha o Luiz Paiva lá de Cascalheira, nós éramos alguns que ficamos dentro dessa discussão no estado todo e tinha a Judite, ela é uma professora que era do estado, depois ela entrou no Unemat, ela foi a gente pastoral aqui, era freira, agente pastoral da prelazia quando eu cheguei aqui ela já estava. Então ela trabalhou nesse processo todo nosso de educação aqui e nós trabalhamos muito juntas em São Félix que eu morei dez anos em São Félix, fui professora em São Félix ela também. Então a gente trabalhou muito juntas e a gente então fez essa ponte aí dessa discussão toda dentro do estado, dentro da Unemat, dentro da Seduc e sobretudo com o estado que precisavam colocar dinheiro também para criar a universidade. Nós também tínhamos nossos contatos políticos todo mundo tinha seus envolvimentos, os prefeitos que acompanhavam, aí foi possível tudo isso acontecer. ***Entrevista de Dagmar Gatte para o canal sociólogos do Araguaia*** *https://www.youtube.com/watch?v=pLiKyHeAazQ acesso em 12/06/2023.*

O relato de Dagmar Gatte é registro histórico importantíssimo que demonstra a necessidade da consolidação de um processo de muita mobilização social, para a qualificação profissional daquele e daquela que atuava no exercício da docência. Nessa perspectiva, a compreensão de qualificação passa por uma formação superior com habilitação para atuar no ensino médio e por uma graduação que possibilitaria a humanização do ensino.

1.3. Parceladas

Em 1992, com a Lei Complementar Nº 14, de 16 de janeiro, a Fundação Centro de Ensino Superior de Cáceres (FCESC) passou a denominar-se Fundação de Ensino Superior de Mato Grosso (FESMAT). A expansão da instituição para outras regiões de Mato Grosso ocorreu na década de 1990, com a abertura dos núcleos fora de Cáceres.

A instituição passou de fundação para universidade no ano de 1993, através da Lei Complementar Nº 30, e passou a ser mantida pela Fundação Universidade do Estado de Mato Grosso (FUNEMAT), em consequência, os núcleos pedagógicos se transformaram em Câmpus. A UNEMAT tem seu estatuto aprovado e homologado no dia 10 de janeiro de 1995, por meio da Resolução Nº 001/95-CEE/MT, publicada no Diário Oficial de Mato Grosso em 14 de março de 1986.

Após seu credenciamento feito pelo Conselho Estadual de Educação em agosto de 1999 por cinco anos, a universidade passou a gozar de autonomia didática, científica e pedagógica. Em março de 2012, a instituição recebeu credenciamento por mais seis anos pela portaria 002/2012-GAB/CCE/MT, conforme nota publicada no Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, e pode se consolidar como uma instituição de ensino com grande contribuição para o desenvolvimento político, social e econômico de diversas regiões do estado.

Desse modo, reportamos o ano de 1991 para trazer o registro da criação do Câmpus Universitário do Médio Araguaia localizado na cidade de Luciara, que só foi possível com muita articulação política e mobilização dos professores e alunos do Projeto Inajá. A Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), que acreditou na proposta pedagógica do Projeto Inajá, implantou o Projeto Parceladas com o objetivo de garantir licenciatura plena para os professores que atuavam em sala de aula sem a devida formação. Situação essa que era muito comum na educação de Mato Grosso.

> Em 1992, após muita articulação e disputa política, foi aprovado para a cidade de São Félix do Araguaia, um campus da Universidade do Mato Grosso (UNEMAT) que por questões políticas e ideológicas acabou sendo implantada em outro município, Luciara, da mesma região, e que de imediato passou a oferecer 03 cursos de licenciatura plenas, na modalidade parceladas. A chegada da UNEMAT na região com os cursos na modalidade parceladas garantiu a oportunidade aos educadores, inclusive aos das escolas rurais, de cursar o ensino superior. (Souza; Machado, 2017, p. 225 *apud* Canuto, 2021)

Imagem 5: Vista aérea de Luciara-MT



Fonte: https://www.ferias.tur.br/fotos/4391/luciara-mt.html#google_vignette Acesso em 26/10/2023.

A cidade de Luciara-MT está localizada à margem do rio Araguaia, na região nordeste do estado de Mato Grosso, a aproximadamente 1070,8 Km da capital Cuiabá. Conta com população de 2509 pessoas (IBGE, 2022) e, conforme o mesmo censo, o salário médio mensal é de 1.8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 10.8%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupa as posições 138 de 141 e 104 de 141, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tem 42% da população nessas condições, o que a coloca na posição 19 de 141 dentre as cidades do estado e na posição 2474 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Ainda, segundo o IBGE (2022), no segmento educação, a cidade apresenta taxa de escolarização de 98% de 6 a 14 anos de idade; o IDEB para o Ensino Fundamental I (rede pública) é de 4,9 e para os anos finais não apresenta dados. O número de matrículas no Ensino Fundamental, considerando os dados de 2021, foi de 306 alunos; no Ensino Médio esse número totalizou 135 alunos. Para atender esse público, Luciara conta com 30 docentes atuando no Ensino Fundamental e 13 no Ensino Médio; tem quatro estabelecimentos para atender o Ensino Fundamental e 2 para o Ensino Médio.

Assim, a cidade de Luciara recebeu em 1992 o Programa Parceladas com o objetivo de oferecer cursos presenciais de graduação, em turma única, visando proporcionar formação aos servidores públicos da Educação Básica do Estado de Mato Grosso de forma continuada, através de cursos de Licenciatura.

Imagem 6: Câmpus Universitário do Médio Araguaia Dom Pedro Casaldáliga- Luciara



Fonte: Acervo da Unemat/Luciara-MT.

Com a implementação desse processo de formação de professores, a instituição de ensino iniciou suas atividades formativas pautadas em uma concepção de formação que pudesse oportunizar o ingresso no Ensino Superior através de parcerias com as prefeituras da região. Nesse processo, foram distribuídas as vagas por município e priorizado o professor que estava atuando em sala de aula. Partindo da compreensão de que, estabelecendo esses critérios de seleção, priorizaria o desenvolvimento da educação da região.

A instituição também teve o cuidado de ofertar os cursos na modalidade parceladas, com as aulas sendo ministradas no período de férias escolares e no recesso de meio do ano, dando, assim, as condições mínimas para aqueles professores receberem essa formação. Essa dinâmica de oferta dos cursos é considerada por aqueles que tiveram a oportunidade de cursar as parceladas, um fator crucial para que todos os professores selecionados da região tivessem plenas condições de participar desse processo de ingresso e permanência na formação superior.

Nesses moldes, uma fase da formação era feita presencialmente e a outra de forma contínua, pois os alunos/professores tinham de realizar as atividades de pesquisa, propostas na fase presencial, durante o período em que estes estavam em sala de aula como professores em uma fase chamada intermediária.

É importante ressaltar que o termo Parceladas não significa que essa formação tenha sido feita em parcelas, pelo contrário, os relatos dos nossos depoentes (Seção 4.1.2), apresentam elementos formativos que sustentam as parceladas como exemplo de uma formação muito consistente.

A Unemat também foi muito bem avaliada por seus alunos no que se refere ao processo de ensino adotado pela instituição e quanto ao seu quadro docente composto por professores com titulação de mestre e doutores, tendo em sua maioria professores com uma grande compreensão das fragilidades educacionais da região do Araguaia. Esses professores se disponibilizaram a vir e contribuir com essa proposta de formação e trouxeram, com a instituição, metodologias que contribuíram com a formação docente desses alunos /professores.

O procedimento metodológico adotado apresentou, na formação geral, aspectos importantes para a formação da identidade profissional de cada um e cada uma que estava ali construindo, junto com esses professores, uma capacidade de reflexão sobre sua ação enquanto professor em sala de aula.

O ensino através da pesquisa foi considerado o fio condutor dessa proposta pedagógica, uma vês que, em cada etapa, os acadêmicos teriam que desenvolver uma pesquisa e depois, com prazo e local estabelecidos, compartilhar o conhecimento desenvolvido com a comunidade local. Na perspectiva de uma formação voltada para a pesquisa, no final do curso, cada aluno

tinha que desenvolver um TCC para concluir sua formação superior e se constituir como professor pesquisador. É importante ressaltar que foi a partir do Projeto Parceladas que a UNEMAT instituiu o TCC nos demais cursos da instituição.

O reconhecimento do trabalho prestado por este Projeto no Araguaia fica evidente quando é sabido por toda região o sucesso de seus alunos, especialmente na carreira docente, pois muitos de seus alunos ocupam posições de gestão em unidades e instituições de ensino e, o que é muito especial, é poder verificar que muitos alunos que cursaram as parceladas trabalham hoje com a formação de professores, especialmente a formação do professor de matemática.

Atualmente, o Campus Universitário do Médio Araguaia oferta cursos de Licenciaturas e outras habilitações, como mostra o Quadro 1, que descreve os cursos ofertados em Luciara e nos núcleos pedagógicos localizados em outras cidades do Araguaia:

Quadro 1 – Cursos ofertados pelo Campus do Médio Araguaia - Dom Pedro Casaldáliga – Luciara MT

Nome	Cidade	Modalidade	Habilitação
Ciências Biológicas	Vila Rica	Presencial	Licenciatura
Ciências Contábeis	São Félix	Presencial	Bacharel
Ciências Sociais	Confresa	Presencial	Licenciatura/Bacharel
Direito	Confresa	Presencial	Bacharel
Direito	Vila Rica	Presencial	Bacharel
Educação Física	Luciara	Presencial	Licenciatura
Filosofia	Vila Rica	Presencial	Licenciatura
Matemática	Luciara	Presencial	Licenciatura
Pedagogia	Confresa	Presencial	Licenciatura
Tecnologia em Agropecuária	Luciara	Presencial	Tecnólogo
Tecnologia em Construção de Edifícios	Confresa	Presencial	Tecnólogo
Zootecnia	Vila Rica	Presencial	Bacharel

Fonte:https://sigaa.unemat.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=96231063&lc=pt_BR&nivel=G Acesso 08/11/2023

A Unemat, como instituição de ensino voltada para o desenvolvimento regional, não deixou de atender as demandas formativas referentes à formação de professores e, na conjuntura atual, traz outros cursos para contemplar outros setores da economia com o propósito de atender também essas outras demandas do desenvolvimento regional do estado de Mato Grosso.

Assim, a formação de professores no Araguaia desenvolvida pela Unemat ainda tem contribuído com o desenvolvimento do ensino e procurado de uma forma ou de outra preencher essa lacuna para que as escolas dessa região tenham um quadro docente qualificado com os profissionais atuando em suas disciplinas de formação.

2. HISTÓRIA ORAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

2.1. História Oral

Procuramos destacar, neste trabalho, a história oral como um procedimento metodológico de abordagem qualitativa que, há algum tempo, vem sendo adotado no Brasil numa perspectiva de sustentação/validação das pesquisas que se valem de narrativas como registros históricos-subjetivos, constituídos de elementos que realmente evidenciam os acontecimentos históricos vivenciados pelos depoentes.

É importante ressaltar que não temos a intenção de expressar uma teorização da história oral, o que pretendemos, embora com alguma razoabilidade, é contextualizar a história oral para que o leitor possa compreender esse método como o procedimento adotado para a realização de nossa pesquisa.

Considerando sua historicidade, essa metodologia tem um percurso reconhecido dentro da educação matemática, pois há registro no Brasil de sua utilização como instrumento para sustentação de muitas pesquisas, conforme Garnica (2005),

> Como método de pesquisa com procedimentos mais plenamente configurados (ou em via de configuração mais estável, pois se inicia sua reflexão metodológica), a História Oral surge em meados das décadas de 1960/70. Trata de abordar o acontecimento social sem classificações prévias, mas tentando abrir os vários planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza. O sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo. E é também na década de 1970 que a América Latina começa a participar mais intensamente do movimento da História Oral. No Brasil, embora haja registros de pesquisas desenvolvidas segundo essa abordagem em tempos mais remotos (vinculada à Sociologia e à Psicologia Social), a Associação Brasileira de História Oral é fundada em 1975 e a aplicação desse recurso por universidades e outras instituições é flagrante a partir da década de 1980. Julgamos que mais adequado seria nos referirmos a essa modalidade de investigação como "abordagem qualitativa de pesquisa que vincula oralidade e memória", ainda mais no Brasil, onde a influência dos historiadores (que ainda discutem se a História Oral é uma metodologia, uma técnica ou uma metodologia) fica relativizada face às influências vindas, por exemplo, das Ciências Sociais. (Garnica, 2005, p. 113).

No Brasil, essa abordagem qualitativa de pesquisa passou então a ser objeto de pesquisa e, em consequência, um grupo de especialistas organizou-se para estabelecer algumas sistematizações de estudo e discussões a respeito da história oral, para validar esse procedimento como metodologia de pesquisa no campo da educação matemática.

Nesta perspectiva, foi instituído o Grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática GHOEM que, conforme Souza (2006):

> O GHOEM caracteriza-se por relações (pessoais, de estudo, de pesquisa, entre outras) estabelecidas entre seus pesquisadores e entre estes e a comunidade acadêmica e se propõe a discutir ou desenvolve trabalhos envolvendo a história oral na Educação Matemática. Constitui-se uma rede de negociações, sob várias perspectivas e enfoques, que caracterizam o trabalho do grupo no entorno da interface história oral/ Educação Matemática. (Souza, 2006, p. 273)

As proposições desses pesquisadores sobre a história da educação matemática e a história oral numa abordagem qualitativa se constituem pelas relações de divergência e consenso sobre as diversas temáticas pesquisadas, e se consolidam no reconhecimento da história oral como instrumento metodológico que sustenta a oralidade dos sujeitos numa perspectiva de registro da história com uma versão diferente da convencional. Conforme Garnica (2005):

> Além de defendermos a História Oral como método de pesquisa qualitativa que parte dos relatos orais, constituindo documentos, para elaborar e aprofundar compreensões, é necessário apontarmos uma outra perspectiva: a História Oral não é método inscrito exclusivamente nos domínios historiográficos. E há uma argumentação para defendermos essa afirmação. (Garnica 2005, p.111)

Em conformidade com as proposições já mencionadas, esses trabalhos dentro desse campo metodológico nos levaram à leitura dessas discussões para que pudéssemos fazer a opção por este caminho: de registrar os fatos através das narrativas de nossos depoentes sem o receio de transmitir ao leitor a história, a memória e as emoções dos fatos que remetem à formação do professor de matemática.

Como já ressaltado anteriormente, o propósito de nosso trabalho não é apresentar as contraposições da história científica e da história oral, nosso objetivo é apresentar as contribuições da história oral para evidenciar a história através das narrativas que contribuem para o registro dos acontecimentos e trazer, à luz da reflexão, alguns aspectos dessa época que não foram registrados pelos meios possíveis, os quais estamos buscando trazer para o presente, recorrendo ao procedimento da história oral onde podemos fazer o exercício de revisitar essa história/memória por meio das narrativas de nossos entrevistados:

> Historiadores conceituados – tanto antigos como contemporâneos – afirmam sobre as vantagens da utilização de várias fontes para compreendermos os homens no tempo. Negar os arquivos escritos como recurso de pesquisa seria um equívoco tão alarmante quanto negar a importância da oralidade para entender a temporalidade e, nessa temporalidade, as circunstâncias humanas. (Garnica, 2005, p.111)

Nessa perspectiva, procuramos desenvolver essa pesquisa para expressar historicamente a vivência do professor de matemática no contexto histórico – político (sociohistórico) da região

do Médio Araguaia-MT, para refletir sobre a formação matemática desses profissionais, buscando evidenciar as características de uma formação política pautada em elementos da história de resistência de uma região marcada por luta pela sobrevivência de um povo com vocação para o trabalho na terra.

2.2. Formação de Professores

O processo educacional do território do Araguaia foi construído numa perspectiva participativa, onde os movimentos sociais tencionaram para que os filhos dos trabalhadores da região pudessem ser escolarizados. Nesse contexto, as reivindicações para a capacitação dos professores se apresentaram como uma necessidade para melhorar a qualidade do ensino.

Para atender as necessidades formativas mencionadas anteriormente, as instituições responsáveis, junto com a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT,) mobilizaram-se e sistematizaram o curso superior (graduação) para professores que estava atuando em sala de aula. Na perspectiva da formação em serviço buscaram, para esses profissionais, uma identidade docente constituída de elementos sociopolíticos:

> Defendemos a formação de um profissional participante, ativo, crítico e responsável, disposto a colaborar com seus pares e a buscar, coletivamente, soluções para os problemas educacionais que emergem em seus espaços pedagógicos. (D' Ambrosio; Lopes, 2015, p. 4)

É nessa concepção de formação que queremos trazer, à luz da reflexão, a profissionalização do professor de matemática do território do Araguaia que, ao ingressar no ensino superior, chega com suas crenças, concepções, componentes culturais e uma trajetória formativa voltada para uma construção social:

> Isso nos remete a refletir sobre a perspectiva Freireana de que não podemos estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem 'tratar' sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem idéias (*cic*) de formação, sem politizar... (Freire, 2005, p. 58. *apud* D' Ambrosio; Lopes, 2015, p. 14).

Na busca dessa formação holística, que é diferente da convencional (e não pretendemos entrar no mérito conceitual sobre o que é uma ou outra), apresentamos esse contexto de profissionalização para demonstrar uma formação contínua na perspectiva da integralidade, já que o aluno/professor, quando estava no curso, estava pensando nas possibilidades de

transformação que faria quando chegasse em sua sala de aula, e quando estava em sala de aula estava pensando nas atividades reflexivas promovidas pelo curso.

Nesse movimento dinâmico, a construção de uma identidade profissional era feita na perspectiva da reflexão sobre/na ação do seu fazer profissional:

> Segundo Imbernón (1999), o docente deve envolver-se ativamente em um processo de reflexão crítica acerca do ensino e da aprendizagem, analisando o significado de sua ação, está de claro caráter social e político. Para isso, o profissional precisará exercer uma prática teórica crítica, participando de processos de produção coletiva de conhecimento e das tomadas de decisões relativas ao processo educacional. (Imbernón, 1999 *apud* D' Ambrosio; Lopes, 2015, p. 8)

Nessa perspectiva, a profissionalização do educador matemático do Araguaia traz elementos muito fortes quanto ao reconhecimento de um saber construído pela comunidade em suas mobilizações socioculturais. Desse modo, os graduandos, quando ingressaram na formação acadêmica, já tinham em suas vivências outras formações, formações estas que os muniram de elementos sociopolíticos importantes para a construção de sua identidade profissional, pois todos eles, em ambas as turmas, quando ingressaram no Projeto Parceladas, já eram professores em suas respectivas comunidades escolares. Esses educadores traziam vários elementos constitutivos de suas identidades, como os aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos.

A construção da identidade profissional dos educadores do Araguaia é desenvolvida e pautada nas suas experiências com os aspectos sociopolíticos, os quais reforçam os objetivos dessa pesquisa, conforme diz Marcelo (2009, p.12), para quem temos de considerar a identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve de forma individual e coletiva. Para esse autor, a identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve ao longo da vida. A identidade não é um atributo fixo de determinada pessoa, mas sim um fenômeno relacional e sugere que o desenvolvimento da identidade ocorre no terreno intersubjetivo, caracterizando-se como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto.

Nesse entendimento, a construção da identidade do professor de matemática deu-se na experiência que cada um trazia ou trouxe para a Unemat, uma vez que muitos já atuavam como docentes. Isso, juntamente com o que a Unemat ofertou, foi fundamental para construção da identidade docente, pois a maioria dos alunos da primeira turma de matemática também foram alunos do Projeto Inajá e, de forma direta ou indiretamente, já estavam envolvidos nos movimentos sociais existentes no Araguaia:

> *(...)eu considero isso ímpar né cara, você fazia uma disciplina com uma pessoa igual o Luiz e a Nice, discutir antropologia com pessoas que naquele tempo já moravam há mais de 20 anos dentro de uma aldeia, então não era né... Você discutir sociologia com pessoas que eram militantes de movimento sociais, com pessoas que eram representantes né tinha na turma praticamente representante dos fazendeiros, então a gente tinha essa discussão na sala de aula num ambiente saudável eu diria que hoje politicamente a gente não encontra mais e dar saudade de fazer algumas discussões que na época achava cansativas né, como dar saudade! Mas essa eram as experiências né, por exemplo, discutir educação indígena com Maria Helena Fialho que ela formou em letras e ela trabalhava na Funai a muitos anos né, depois fez toda uma carreira e tal.* **Edson Pereira Barbosa:** Concedido em 01 de outubro de 2022.

Desse modo, cada educador, antes mesmo de ter acesso ao conhecimento formal da educação superior no que diz respeito a formação de professor, já havia passado por algumas experiências formativas que contribuíram fortemente para a construção de uma profissionalização alicerçada em suas vivências, as quais sustentavam uma boa compreensão das causas do Araguaia. Conforme o relato Rita de Cassia,

> *(...)Então não tinha na ideia que ia ser professora, mas aí chegando em Luciara o ensino médio lá já tinha começado em 1988, então estava no segundo, terceiro ano, eles precisavam de professores eu era professora meu marido também era professor, mas a gente não foi lá para trabalhar como professor a gente ia ser agente de pastoral da prelazia. Como faltavam professores na época aí nos chamaram para dar aula, porque tava precisando de professores no ensino médio porque tinha o fundamental, mas não tinha professores para o ensino médio e aí fui, como já tinha uma experiência não como docente, mas na área de matemática antes de fazer a filosofia eu fiz alguns anos de Química Industrial aqui em São Paulo, então tive uma base boa de Matemática, Física e Química. Então eles me pediram faltavam professores nessa área, eu era formada em filosofia, mas aí comecei a trabalhar com Física, Química e Matemática no ensino médio(...).* **Rita de Cássia de Azevedo:** Concedido em 07 de outubro de 2022.

Como já mencionamos, considerando o envolvimento com as causas sociais do Araguaia e com as causas da educação, nossos depoentes foram interpelados pela necessidade educacional do ponto de vista da educação escolar, tanto que iniciaram sua trajetória docente antes de uma formação e foram se constituindo como educadores matemáticos identificados com a problemática educacional que envolvia sua comunidade. Nesse sentido, a identidade desses profissionais também foi formada por outros elementos anteriores àqueles oferecidos pela Unemat:

> *(..) Eu não sonhava em ser professora foi por um caso, terminei o ensino médio casei fui morar na fazenda lá tinha uma escolinha e a Secretária de Educação me conhecia e falou "não Vânia cê vai para lá você assume a sala." Então fui enquanto leiga ser professora de uma salinha multisseriada, aquela salinha pequenininha que tinha da primeira série a quarta série (...) tive a oportunidade de entrar no projeto parceladas, que era um programa para professores que estavam exercendo a profissão e que era o leigo. (...), Bom a minha identidade profissional ela foi construída no chão da sala de aula que eu iniciei, numa sala de aula de chão batido onde eu era a professora, a*

> *merendeira, a zeladora, eu era tudo ali.(...) fiquei pensando gente de onde eu vim, lembrei do meu primeiro dia de aula onde eu entrei numa sala de aula de tábua telha Brasilit no meio do nada, no meio de um pasto e tinha dia que eu chegava lá de manhã tinha vaca parida no espaço da escola eu tinha que espantar a vaca como o bezerro pra mim poder adentrar no espaço da escola. Assim a minha identidade profissional ela foi construída no chão da sala de aula e principalmente no chão da sala de aula da educação do campo. A educação do campo ela está enraizada em mim e eu tenho privilégio de hoje escrever minha tese sobre a educação do campo.* **Vânia Horner de Almeida** Concedido em 05 de agosto de 2022.

Ressaltamos que o que está em foco aqui é a representação dos elementos que configuram a identidade dos professores do Araguaia conscientes de sua participação na construção de um processo formativo munido da consciência e da necessidade de uma profissionalização que qualificasse o ensino e o seu desenvolvimento profissional:

> A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu eu profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que "integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional" (Marcelo 2009, p. 11.)

Partindo desta compreensão, a proposta de formação do professor de matemática considerou os saberes que cada professor trouxe para dentro do Projeto Parceladas para uma tomada de consciência e para a ressignificação do papel do educador matemático que se notabilizou pela compreensão do seu papel social e a importância de um ensino da matemática voltado para resolver os problemas do ensino na região do Araguaia.

Nossas discussões propõem envolver o leitor em um processo reflexivo para as evidências históricas da profissionalização dos professores de matemática do território do Araguaia, numa perspectiva do inacabado, da autonomia, da consciência para a realidade do contexto no qual estão inseridos, percebendo e respeitando os saberes locais na busca por uma emancipação ideológica imposta pelos que os oprimiam. Nessa retomada de consciência, D'Ambrosio e D'Ambrosio (2013) convidam a nós, professores, para o envolvimento em reflexões necessárias com a finalidade de realizar o objetivo maior da Educação que é o preparo do educando para participar da criação de um mundo melhor.

Na concepção da formação de professores para o desenvolvimento do ensino voltado paras as causas econômicas, ambientais, políticas, social e cultural, o Araguaia construiu, através das Parceladas, um espaço de formação nutrido de reflexões/ações para uma tomada de consciência quanto às questões que pudessem transformar esse espaço em lugar melhor pra se viver.

D'Ambrosio (2005) sugere a adoção de uma nova postura educacional que para ele é, na verdade, a busca de um novo paradigma de educação que substitua o já desgastado ensino-aprendizagem com base numa relação obsoleta de causa-efeito. Para o pesquisador, é necessário buscar uma educação que estimule o desenvolvimento de criatividade desinibida, conduzindo a novas formas de relações interculturais. Em suas reflexões, afirma que essas relações caracterizam a educação de massa e proporcionam o espaço adequado para preservar a diversidade e eliminar a desigualdade, dando origem a uma nova organização da sociedade.

A perspectiva da formação do professor voltado para construção de uma sociedade melhor motivou todos os envolvidos na busca de um perfil de formação profissional diferente do que estava posto, porque se a formação não tivesse o propósito de mudança da organização social do Araguaia, apenas reforçaria a falta de acesso dos filhos dos trabalhadores do Araguaia à escolarização de qualidade.

Dessa forma, as mobilizações para a profissionalização dos educadores do Araguaia pautaram-se no que pontua Freire (1996) sobre a experiência sociopolítica dos homens e das mulheres que, para ele, não poderá se dar "virgem" do conflito entre 'as forças que obstaculizam e a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção. Nesse sentido, o teórico reforça que a formação docente que se julgue superior a essas "intrigas" não faz outra coisa senão trabalhar em favor dos obstáculos.

As proposições dos autores supracitados vêm ao encontro daquilo que se propunha no Araguaia do ponto de vista da construção de um modelo de formação de professores que compreendesse a problemática da educação enfrentada na região. A formação docente para atender essa demanda precisava partir de uma compreensão que, para alcançar um nível de acesso ao conhecimento formal, os elementos estruturantes dessa profissionalização teriam que ser muito consistentes e coerentes com os problemas educacionais presentes nas escolas do Araguaia. Assim, era necessário reconhecer e respeitar os conhecimentos já construídos pelos professores em sua trajetória docente, pois conforme Tardif (2002), os saberes dos educadores estão, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc.

Com essa compreensão, o professor de matemática do Araguaia procurou, em sua qualificação profissional, elementos formativos para ressignificar o ensino de matemática que considerasse o saber local como um ponto de partida para a inserção de novos conhecimentos em um movimento dialógico entres esses saberes.

Nóvoa (1992) pontua que a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto formação. Continua dizendo que estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. E afirma que a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.

Com essa compreensão de profissionalização, os educadores matemáticos ingressaram num processo formativo envolvidos pela atmosfera da concepção freiriana do inacabado e conscientes da incompletude na construção de uma formação contínua.

3. REVISITAR O PASSADO COMO POSSIBILIDADE DE COMPRRENDER O PRESENTE PARA PROJETAR O FUTURO

Na expectativa de aproximar essas experiências com a compreensão do que de fato ocorreu durante o desenvolvimento da educação matemática no contexto analisado, compreendemos que a História Oral seria a abordagem metodológica que poderia se aproximar ou trazer mais evidência aos fatos:

> Pensamos a História Oral como possibilidade de investigar o dito, o não dito e, muitas vezes, de tangenciar o indizível e seus motivos; e, portanto, de investigar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e faz valer, com o que se torna possível transcodificar – e, portanto, redimensionar – registros e práticas (Garnica, 2005, p. 114).

Os relatos das experiências vividas por nossos entrevistados perpassam a educação popular de um povo e o processo de escolarização introduzido nessa região com o apoio direto da Igreja Católica, em especial da Prelazia de São Félix do Araguaia, sob a liderança do Bispo Dom Pedro Casaldáliga.

Esses fatos históricos evidenciam a importância da dedicação da Prelazia em proporcionar uma educação para uma população que carecia, entre outras coisas, da compreensão do direito à vida e à terra. Os registros deixados pela Prelazia nos levaram ao conhecimento da história, a possibilidade de alguma reflexão quanto à ausência do estado e de políticas públicas para atender as necessidades dos posseiros para se estabelecerem na terra para o sustento das famílias.

Alguns aspectos dessa época que não foram registrados pelos meios possíveis, nesta pesquisa buscamos trazer para o presente recorrendo ao procedimento da História Oral, abordagem que nos proporcionou o exercício de revisitar essa memória por meio das narrativas de nossos entrevistados. Nesse sentido, Garnica (2004) nos diz que:

> Falar de uma história "verdadeira", de uma história que "realmente aconteceu" – o que muitas vezes fica implícito quando falamos "A" história – é desprezar a existência de vieses alternativos, de versões outras que não as tidas como "reais", "corretas", "verdadeiras". É, do mesmo modo, negligenciar como, por que e por quem essa história definitiva e unívoca é constituída. (Garnica, 2004, p. 79 *apud* Souza, 2006, p. 22).

Com a compreensão de que até aqui esse trabalho apresentou o suporte conceitual que estrutura e dá sustentação para o procedimento metodológico da história oral, acreditamos ser

oportuno demonstrar os movimentos desenvolvidos com a pesquisa e evidenciar os desafios ocorridos no transcorrer desse processo investigativo.

Ressaltamos a importância do cuidado de não recorrer ao exercício da comparação, uma vez que a intenção foi apresentar cada turma de matemática do Projeto Parceladas com suas respectivas peculiaridades para evidenciar a qualidade do curso de formação do professor de matemática do Médio Araguaia. Nesse sentido a pesquisa não buscou comparar turmas, currículo ou um modelo genérico de formação de professores e nem apresentou os depoentes como meros representantes de sua turma na perspectiva da representatividade.

Desse modo, ao recorrer a esse procedimento para o registro das histórias e memórias dos depoentes de nossa pesquisa, projetamos entrevistar professores/alunos de Matemática da primeira e segunda turmas do Projeto Parceladas Unemat de Luciara-MT que vincularam momentos, conquistas e representações de luta pela educação da região do Médio Araguaia. Para contribuir com a mobilização da memória que remete à trajetória profissional dos nossos depoentes, apresentamos a relação das expressões utilizadas como disparadoras das narrativas:

Quadro 2: Expressões disparadoras utilizadas para orientar as narrativas:

Mudança na prática pedagógica	Fato marcante na formação	Cotidiano da fase intermediária
Professor marcante	Parceladas hoje pra você	Formação em serviço
Formação geral	Cotidiano da fase presencial	Professor de matemática
Teoria e prática dentro das parceladas	Formação continuada em matemática	Formação fundamental e específica
Metodologia	TCC	Identidade profissional
Apresentação e atuação	Ensinar matemática	Trajetória acadêmica
Estágio supervisionado	Influências metodológicas	Trabalhar e estudar
Pesquisa na formação inicial	Parceladas em matemática	Formação específica
Início da docência	-	-

Fonte: Elaboração do autor

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho foram usadas as expressões acima relacionadas (Quadro 2) como disparadoras da memória referente ao processo formativo no qual os nossos depoentes foram envolvidos, seja a memória de uma formação construída na informalidade ou num espaço institucionalizado. Essas palavras foram escolhidas com o propósito de contribuir com os depoentes para direcionar a conversa, mas o depoente teve a prerrogativa de começar pelo assunto/tema que achou mais interessante para iniciar seu depoimento.

A primeira entrevista foi feita presencialmente e transcorreu como planejado: as palavras foram dispostas em tiras em cima de uma mesa, onde o depoente pode visualizá-las e iniciar sua narrativa sobre suas experiências construídas com os elementos da formação profissional, abordando aspectos do início da docência ao ingresso no Curso de Graduação em Matemática do Projeto Parceladas da Unemat/ Luciara-MT.

Com os próximos depoentes não foi possível usar o mesmo procedimento. Em função da pandemia e por não saber se todos estavam devidamente vacinados, optamos por adotar o aplicativo *Meet* para realizar as entrevistas, então, a disposição das palavras foi feita através de uma foto e não um quadro ou tabela semelhante à apresentada acima, isso comprometeu a visualização, uma vez que os entrevistados utilizaram o próprio aparelho celular e, por isso, tiveram dificuldades para visualizar a imagem para realizar o depoimento.

Um outro aspecto que consideramos como dificuldade foi referente à disponibilidade de tempo para os depoentes nos atenderem, afinal, tivemos que respeitar o tempo de cada um(a), e isso causou ansiedade, pois tínhamos data pré-estabelecida para a entrega de uma versão deste trabalho na reunião de qualificação determinada pelo Programa.

O processo de textualização também foi desafiador, pois se tratando de narrativa – gênero em que as falas são livres, e como os depoentes sentiram-se muito à vontade, as expressões típicas da região foram bastante usadas, isso dificultou a formulação do texto formal, mas com muito cuidado conseguimos garantir a essência de cada depoimento.

Outro ponto que pode ser considerado também um desafio foi o momento que nos encontramos em posse de todos esses dados para desenvolver uma análise de maneira minuciosa e refletir sobre o que foi dito e percebido, em especial, pelo que foi dito e que não é fácil de ser percebido. Assim, não estamos certos, mesmo buscando algumas leituras, se conseguimos enxergar no dito aquilo que precisava ser percebido.

Percorrer o caminho da história através da narrativa de quem vivenciou os fatos narrados nessa pesquisa, contribuiu de alguma forma para nosso aprendizado e nos permitiu tornamos adeptos desse procedimento metodológico.

Assim, inicialmente, pensamos em 3 grupos de 05 depoentes, depois resolvemos que seriam apenas dois, compostos por 05 pessoas cada, sendo 05 da primeira e 05 da segunda turmas de Matemática das Parceladas da Unemat, porque entendemos que as informações narradas atenderiam os objetivos deste trabalho.

A contribuição dos outros depoentes poderia ser contemplada através do acesso aos documentos ou informações bibliográficas. Com o privilégio de acesso ao relato de Dagmar Gatte, percebemos que essa narrativa atenderia o propósito dessa pesquisa, pois a entrevistada

havia sido relacionada para representar os profissionais que atuaram na Coordenadoria Municipal de Educação e tiveram uma participação direta na implementação dos cursos de formação de professores da região do Médio Araguaia.

Os depoentes que representam a primeira turma são professores da Educação Básica que iniciaram a carreira docente sem uma habilitação para atuação no ensino, alguns antes mesmo de concluírem o Ensino Médio já estavam atuando como professores e outros receberam alguma qualificação com habilitação em Magistério. Dentre esses, encontramos aqueles que foram alunos do Projeto Inajá e, em sua trajetória na educação, tiveram a oportunidade de assumir a função de gestão em sua comunidade escolar. Nesse mesmo grupo há professores que, após a graduação, buscaram uma trajetória acadêmica ingressando na Pós-Graduação, atuaram na gestão da própria Unemat e, atualmente, são docentes na Educação Superior contribuindo com a formação de professores.

Os entrevistados da segunda turma de graduados também iniciaram na docência sem uma formação adequada para o exercício da carreira profissional, mas no decorrer do processo receberam uma qualificação com habilitação em Magistério. Alguns desses professores, por terem ingressado na universidade, receberam o convite e assumiram a função de coordenadores pedagógicos, diretores de escola e atuaram, até mesmo, na Secretaria Municipal de Educação. Essas vivências constituíram-se características importantes desses depoentes para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Para a composição do terceiro grupo, selecionamos nomes de profissionais da educação que, na época, atuavam como Coordenador Municipal de Educação ou tiveram algum vínculo com a gestão municipal e contribuíram efetivamente com a implementação do processo de qualificação profissional na região do Médio Araguaia.

Diante das características dos depoentes, resolvemos começar pela segunda turma porque os depoentes eram todos da minha turma de matemática das Parceladas e, assim, eu teria uma maior facilidade de acesso a esses depoentes.

Definidos os critérios de escolha dos depoentes, iniciamos com José Reinaldo pela facilidade de contato, pela proximidade das cidades de Porto Alegre e Confresa e por já estar vacinado (salvo engano já teria tomada a segunda dose), assim essa entrevista poderia ser feita presencialmente. Foi feito o contato com ele através do *WhatsApp* e marcamos uma data, então fui até a residência de Reinaldo em Confresa e realizamos nosso encontro presencialmente. Ao chegar na residência do depoente, foram reforçadas as informações sobre como seria realizada nossa conversa, as fitas de papel contendo as palavras-chave que orientavam a interlocução foram colocadas em cima de uma mesa, e ele ficou bem à vontade para iniciar quando e por

onde quisesse. Depois de alguns dias, após a textualização, enviamos uma cópia para ele e perguntamos se gostaria de acrescentar alguma coisa, ele apenas retificou um termo que teria usado e autorizou a publicação.

É importante ressaltar que foram apresentadas 25 palavras/termos, mas, ao final, quando o depoente demonstrava ter terminado as falas, era questionado se gostaria de falar sobre algo que não estaria naquela lista. Todos aproveitavam essa oportunidade para fazer alguma reflexão acerca da experiência formativa que tiveram nas Parceladas Unemat/Luciara-MT. As entrevistas foram feitas expondo 25 temas/palavras-chave ao depoente e, sem obedecer a uma ordem ou hierarquização dos tópicos, o entrevistado ficava à vontade para escolher por onde começar, olhava para os filetes com as palavras e manifestava sua escolha para o início do relato.

Como ainda estávamos em pandemia, embora o entrevistador já estivesse vacinado e alguns depoentes também, por questão de segurança e respeito a cada um e cada uma, entendemos que a melhor forma seria realizar as entrevistas através do *Google Meet*, e assim prosseguimos combinando com cada um o dia e o horário para a nossa reunião.

No *Meet,* a disposição das palavras/termos ficou comprometida porque procuramos apresentar de maneira circular para evitar qualquer hierarquização dos temas, mas não foi possível porque a maioria dos depoentes usaram o celular para participar da entrevista, o que dificultou a visualização das palavras-chave. Então, as 25 frases foram apresentadas em colunas, mas ao depoente era falado que essa disposição não representava uma ordem e ele poderia iniciar quando e por onde quisesse.

É importante salientar que a entrevista de Marines, nossa segunda entrevistada, precisou ser refeita porque houve um pequeno problema na gravação, mas logo informada, a depoente prontamente nos atendeu em uma nova data da semana seguinte e assim pudemos realizar a segunda entrevista com êxito. Entendemos que nesse procedimento metodológico a espontaneidade é importante e a manifestação das emoções do depoente também é evidenciada como uma ação espontânea, e acreditamos que na segunda entrevista a depoente conseguiu expressar suas reflexões e emoções diante dos temas abordados. Lembrando que não trabalhamos com perguntas, colocamos essas palavras como disparadoras das narrativas e para que a depoente pudesse direcionar a sua fala. Nesse sentido, achamos que nessa perspectiva a depoente teria autonomia de abordar aquilo que de fato foi importante nesse processo formativo do qual participou efetivamente como aluna.

Penso que é importante chamar a atenção para nossa escolha: começamos os depoimentos com José Reinaldo e, na sequência, conversamos com Professora Marines, e de forma alternada, falamos com gêneros diferentes. Essa distribuição foi feita pelo perfil de cada depoente como

aluno do curso de Matemática das Parceladas, mas na medida em que os entrevistados foram confirmando sua participação, ficou evidente que havia uma similaridade no número dos depoentes do ponto de vista do gênero. Entendemos que isso era importante para o trabalho porque teríamos a possibilidade de conhecer a narrativa dos fatos em perspectivas diferentes, a partir das quais poderíamos verificar os olhares distintos, não só pela subjetividade, mas também como o ensino e a aprendizagem da matemática era percebido por cada um(a). Ressaltamos que não temos a intenção de aprofundar nenhuma discussão sobre essa temática na perspectiva de gênero, o propósito seria observar os desafios formativos encarados por cada uma e cada um das(os) depoentes.

Durante as reuniões observamos que, ao referir a um determinado assunto, os depoentes apresentavam alguma emoção, quando a fala remetia uma memória de algum momento marcante do curso, fossem os que representavam dificuldades ou os que remetiam a uma satisfação, isso era evidenciado quando o depoente dava ênfase (demonstrava até alguma memória afetiva) na fala para abordar o assunto.

Para os registros das narrativas, foram usados alguns dispositivos como a gravação no *Meet*, aplicativo de gravação de áudio do próprio aparelho celular, e um aplicativo do próprio computador para transcrição dos áudios. Mesmo com as expressões típicas da nossa região, procuramos durante o processo de textualização preservar a essência das narrativas.

Na definição de quem seriam os nossos depoentes, procuramos estabelecer alguns critérios que determinaram a escolha dos entrevistados, que decorrem desde acesso a eles até as características que simbolizavam um protagonismo nessa história e produziam uma memória que nutre o futuro presente da educação do Médio Araguaia.

Os professores que colaboraram com a nossa pesquisa concedendo esse importantíssimo registro oral foram: José Reinaldo Dias dos Santos, Marinez Alves de Souza, Vania Horner de Almeida, Juarez Lima Silva Filho e Eliandro Noleto Silva representando a segunda turma; e Olídes Maria Orlando, Divanez Alves Correia, Edson Pereira Barbosa, Rita de Cássia de Azevedo e André Wanpura de Paula a primeira turma.

Na conclusão do processo de coleta de dados e textualização, chegou o momento que foi, provavelmente, o mais desafiador, e para buscar uma maior segurança, revisitamos as publicações do GHOEM na expectativa de um suporte teórico para emitir um olhar mais vertical na perspectiva de reconhecermos nas narrativas os elementos significativos que iriam ao encontro dos elementos sociopolíticos apresentados pelos depoentes, embora reconhecendo a impossibilidade dessa leitura, pois de acordo com Rolkouski (2006, p.232),

> Ler vidas, com o objetivo de compreender a trajetória do indivíduo, exige que levemos em consideração uma série de variáveis. Deve-se considerar o espaço social em que o indivíduo nasceu e foi criado para compreender o *habitus* primário sobre o qual outros *habitus* foram fundados. Além disso, deve-se levar em conta as configurações em que o indivíduo estava inserido e que lhe permitiram certas opções e não outras. A leitura deve considerar o campo social a que pertence o indivíduo procurando compreender sob que regras está jogando. E, finalmente, deve-se respeitar o modo pelo qual o próprio indivíduo lê sua vida e crê jogar seu jogo.

Nesse sentido, o mesmo pesquisador ressalta que a análise dos dados na perspectiva da pesquisa qualitativa, e no caso dos que se dedicam a trabalhar com depoimento oral a análise das narrativas, requer outros aspectos além da compreensão, conforme Rolhouski (2006, p. 189),

> No caso de uma pesquisa acadêmica, subentende-se que não basta apreender intelectualmente para si, sendo também necessário que se explicitem os meios pelos quais houve esta apreensão, dando elementos ao leitor para que ele mesmo possa configurar o fenômeno estudado e compreender a configuração que dele foi possível ao autor.

Com essa compreensão, fazer a leitura das narrativas realmente requer do pesquisador muitas habilidades, mas observando as recomendações do pressuposto teórico, queremos nos ater àqueles elementos que configuram o contexto da educação e movimentos sociopolíticos do Médio Araguaia para uma aproximação dessa realidade, com a finalidade de transmitir ao leitor possibilidades de verificar a versão da história educacional desse território e constituir sua própria análise sobre como ocorreu o processo formativo do professor de matemática.

4. EM CADA PROFESSOR(A) UM OLHAR, UMA MEMÓRIA, UMA HISTÓRIA

No âmbito da identificação e na construção histórica da trajetória profissional de cada um(a) dos sujeitos desta pesquisa, pretendemos fazer os registros dos fatos ocorridos sobre a educação do povo do Médio Araguaia e das narrativas de suas vivências na educação da região na perspectiva da subjetividade, demonstrando que foi na participação coletiva que essas particularidades construíram um movimento para uma mobilização que teve início com a percepção da necessidade que havia no campo da educação por parte de Pedro Casaldáliga.

A partir da manifestação dos agentes da Pastoral em prol da educação e escolarização da população em idade escolar dessa região, os depoentes são envolvidos nesse processo quando, por falta de professores, são cooptados para o exercício da docência. Nesse contexto, cada educador que compõe o elenco de entrevistados vai construindo sua história ao logo do seu processo formativo, desenvolvendo seu olhar para a necessidade de uma qualificação profissional que vai constituí-lo como educador e nesse ambiente as suas memórias são marcadas por elementos históricos que são manifestados na medida em que são instigados por uma temática ou termo que remete suas lembranças sobre o processo formativo vivenciado por cada sujeito:

> Todas as memórias devem ser convocadas, evocadas, confrontadas, mas nenhuma delas, individualmente ou em conjunto, constituem a história. Esta consiste necessariamente na escolha e construção de um objeto, operação que pode dar-se a partir de evocações de lembranças, mas que não pode levar à redução da história a essas memórias. (Rebérioux 1992, p.118-19 *apud* Souza, 2006, p.,74).

A construção histórica dessas ações apresenta a profissionalização desses professores como um instrumento para a transformação de cada comunidade com o intuito de propiciar para os estudantes a possibilidade de um desenvolvimento intelectual capaz de promover no estudante do Médio Araguaia o exercício pleno da cidadania. Nesse processo, os registros vão apresentar a educação escolar com um caminho político para que esses educandos possam alcançar ou almejar uma transformação na sua comunidade do ponto de vista da qualidade da educação.

Assim, o olhar de cada um(a) dos(as) entrevistados(as) revela que a história educacional de cada um(a) está intrinsicamente ligada (confunde-se) com a história da educação do Médio Araguaia, e sinaliza que as mobilizações foram ações importantes para que as políticas públicas que promovem uma qualidade na educação institucionalizada chegassem até esse canto do Brasil:

> Educação é um ato político. Se algum professor julga que sua ação é politicamente neutra, não entendeu nada de sua profissão. Tudo que fazemos, o nosso comportamento, as nossas opiniões e atitudes são registrados e gravados pelos os alunos e entrarão na quele caldeirão que fará a sopa de sua consciência. Maior ou menor tempero político é nossa e responsabilidade. Daí se fala tanto em educação para a cidadania. (D'Ambrosio, 1986, p. 85)

Nesse sentido, o professor de Matemática do Médio Araguaia, em sua história na educação, demonstra que sua participação no desenvolvimento político, social e econômico de sua região é muito importante. E, por ter compreendido que para atingir um desenvolvimento sociopolítico da comunidade escolar, era preciso buscar uma qualificação profissional que de fato, atendesse as peculiaridades educacionais da região.

O papel do professor, nesse caso, foi aderir a um movimento de implementação de educação para contribuir com uma melhoria na qualidade do ensino, buscando a formação superior, ingressando na universidade com um propósito de adesão numa perspectiva de transformação do ensino, conforme Freire, "Daí que esta passagem deva ter o sentido profundo do renascer. Os que passam têm de assumir uma forma nova de estar sendo; já, não podem atuar como atuavam; já não podem permanece como estavam sendo." (Freire, 1987, p.31).

A adesão para a transformação da qualidade do ensino no Médio Araguaia fica evidenciada pelos relatos das experiências dos depoentes, em que demonstraram uma participação efetiva no processo formativo, apresentando um engajamento para a construção da sua identidade profissional através de sua adesão à proposta pedagógica da universidade. A expectativa de aplicar os novos conhecimentos em sua comunidade escolar demonstra que, em cada experiência vivida pelos nossos entrevistados, estes eram sensibilizados para fazer uma transformação no processo de ensino no qual estavam envolvidos. Nessas experiências, em uma perspectiva da vivência, da participação, da mobilização e da construção de um processo formativo que modifica o ensino no Araguaia, é que nossos depoentes foram envolvidos. Então, a experiência formativa do professor de matemática do Araguaia aconteceu no sentido da experiência sugerida por Larrosa,

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (Larrosa, 2002, p. 21)

Assim, os registros dessas histórias se embasaram na experiência de cada um(a) dos(as) depoentes, trazendo os aspectos que construíram a história da educação no âmbito da formação/qualificação do professor de matemática do Médio Araguaia. As narrativas trazem a

perspectiva de educação idealizada por cada entrevistado(a) e evidenciam as marcas que cada um(a) traz da história na sua subjetividade.

4.1. Marcas e retalhos da Formação Inicial de Professores de Matemática

Empreender no registro dessa versão da história é significativo para um nativo que procurou fazer emergir os sinais que representam as partes constituintes da construção sociopolítica da carreira docente, em um contexto marcado por um movimento mobilizador de comportamentos proativos para o desenvolvimento de um modelo de educação que consubstanciava aspectos de uma educação popular com a educação formal praticada na escola, e que apresenta uma convergência para um propósito maior que seria suprir as necessidades educacionais do povo do Médio Araguaia.

Dentre outros atributos, o Araguaia foi mencionado anteriormente como um lugar reconhecido por sua mobilização acadêmica. E, nesse sentido, a formação do professor surge como cerne de resistência epistemológica e manutenção da nossa identidade, uma vez que é configurada como espaço de reflexão, projeções e ressignificação do perfil profissional do professor de Matemática.

Nessa perspectiva, e considerando o que sugere D'Ambrosio (2005), uma cultura é identificada pelos seus sistemas de explicações, filosofias, teorias e ações, e pelos comportamentos cotidianos. O mesmo afirma que comunicação, representações, classificação, comparação, quantificação, contagem, medição e inferências são processos que se dão de maneiras diferentes nas diversas culturas e se transformam ao longo do tempo. Eles sempre revelam as influências do meio e se organizam com uma lógica interna, se codificam e se formalizam, e enfatiza que é nessa dinâmica que nasce o conhecimento.

Nesse sentido, o processo formativo do professor do Araguaia é pautado em elementos do conhecimento desenvolvido pela própria comunidade que era constituída de posseiros, ribeirinhos, indígenas e outros. Essa característica de comunidade deixa evidente que em uma perspectiva de construção e difusão do conhecimento, as epistemologias desse lugar são caracterizadas por cada grupo com seu conjunto de saberes:

> *O nosso curso Inajá foi baseado nesse conceito do respeito a cultura local, então nós não íamos trabalhar a educação como uma coisa assim que tinha um pacote fechado lá da Seduc - MT, não, nós íamos construir a nossa proposta, e nós construímos no diálogo entre todos os coordenadores, entre os cursistas, entre os professores da Unicamp, entre a comunidade que participava muito na época, a gente, as escolas municipais tinham uma participação muito grande das comunidades. Então esse diálogo pra construção da identidade do curso respeitando a identidade das comunidades foi uma coisa muito forte que nós conseguimos trabalhar na época.* **Dagmar Gatte**: acesso em 12/06/2023.

A proposição para uma sistematização de formação que reconhece e valoriza os saberes locais faz do Araguaia um espaço de formação com características muito especiais na perspectiva da Etnomatemática e da Etnociências. Ainda em sua entrevista, Dagmar menciona que a proposta do Projeto Inajá foi construída desde a discussão com a Unicamp quando recomendavam, "nós queremos o respeito ao homem do campo, ao indígena, e a nossa cultura, ela é uma cultura que tem várias dimensões envolvidas". Ressalta que foi pedido respeito por todos esses aspectos e que gostariam que na formação fossem trabalhados todos esses saberes com as suas características e com as suas qualidades. Ela afirma que essas solicitações foram aceitas desde a primeira etapa de formação com a Unicamp.

Considerar a geração, a organização intelectual e social, e a difusão do conhecimento, é o que sugere D'Ambrosio (2005) quando afirma que, naturalmente, em todas as culturas em todos os tempos, o conhecimento que é gerado pela necessidade de uma resposta a problemas e situações distintas está subordinado a um contexto natural, social e cultural. E, para uma melhor compreensão do que tratam essas afirmações, o próprio autor remete ao conceito de Etnomatemática para dizer que não é apenas o estudo de "matemáticas das diversas etnias" (D' Ambrosio, 2005; p. 112), ele criou essa palavra para significar que há várias maneiras, técnicas, habilidades (ticas) de explicar, de entender, de lidar e de conviver com (matema) distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (etnos). Nesse sentido, essa proposta busca reconhecer e valorizar os saberes já existentes em todas as localidades.

Desse modo, o professor de matemática do Araguaia esteve inserido em um ambiente formativo pautado nos elementos formais da formação docente, e nos aspectos sociopolíticos que constituem o processo de ensino pautado em conhecimentos já existentes nessa região.

4.1.1 Depoimentos dos professores(as) graduados(as) em matemática pela segunda turma do Projeto Parceladas

Buscamos, a seguir, vislumbrar o perfil de cada um, dando visibilidade às faces desses sujeitos conectados entre o passado e presente numa projeção de futuro, intimamente ligados com a construção desse processo de formação e com o ensino de Matemática e sua representação na vida de cada um e cada uma.

Imagem 7: Professor José Reinaldo



Fonte: Acervo do entrevistado

Dialogar com **José Reinaldo** foi o primeiro processo estabelecido, idealizado e projetado. Isso se deve pela representação docente que o configurou ao longo de sua trajetória enquanto professor da segunda turma de Matemática das Parceladas da UNEMAT do Câmpus de Luciara-MT. Durante o período em que estava graduando em Matemática, encontrava-se atuando como Secretário de Educação do município de Canabrava do Norte-MT, e destacava-se em meio aos cursistas pela humildade e como se relacionava com os seus professores ali representados. José Reinaldo, junto com a Prefeitura Municipal de Canabrava, demonstravam com clareza a importância da qualificação profissional e parecia compreender o quanto a profissionalização dos professores iria qualificar o ensino e transformar a realidade da educação local.

Atualmente, o professor trabalha na rede estadual na Escola Creusli, escola de tempo integral. Após um acolhimento afetuoso e demonstração de satisfação mútua do reencontro entre amigos, foram colocadas, em cima de uma pequena mesa, 25 tiras contendo as palavras-chave, quando o entrevistado ficou inteiramente à vontade para escolher as palavras com as quais gostaria de iniciar sua narrativa.

Durante a entrevista, o depoente demonstrou estar emocionado ao relembrar momentos importantes do período de aluno das Parceladas, inclusive quando lembrou do momento da sua

formatura, que fez questão de frisar que é de uma família de oito irmãos e ele foi o primeiro a concluir um curso superior.

A entrevista de José Reinaldo foi realizada presencialmente no dia 26 de maio de 2022, às 16hs, em sua casa na cidade de Confresa/MT.

José Reinaldo Dias dos Santos: *Então, meu nome é José Reinaldo, professor licenciado em matemática turma de 2003 a 2008. Morava em Canabrava do Norte quando comecei e ainda morando em Canabrava quando conclui o curso, mas hoje eu moro em Confresa, Mato Grosso. Sou casado pai de dois meninos, uma moça e um rapaz, a moça de 14 anos e meu moleque de 7 anos.*

Minha formação foi na Educação Pública em Canabrava do Norte MT, conclui o Ensino Médio no ano 2000. Em 2001 abriu inscrição para professor na rede municipal, me inscrevi e como era só contagem de pontos, consegui 2 turmas de Matemática que era contado 5 aulas na época que dava 10 aulas, e uma turma de ciências com 3 aulas, comecei a docência no ano de 2001.

Aí 2003 foi a época que abriu vestibular, fui aprovado e comecei fazer a formação na Licenciatura em Matemática já sendo professor e estudante, foi a etapa básica em Luciara MT.

Quando foi em 2004 teve a eleição pra perfeito, nesse mesmo ano eu recebi o convite para ser Secretário Municipal de Educação na gestão do prefeito Genebaldo e aí 2005 mais esse desafio pela frente, seria estudar pela Unemat e está diante de uma Secretaria Municipal de Educação.

Na época nós tinha cerca de 1000 alunos, hoje Canabrava não tem esse número de alunos, mas naquela época a gente tinha extensões na zona rural, nós tivemos uma época que tínhamos 6 ou 7 escolas na zona rural.

Nos assentamentos abrimos turmas multisseriadas e tinha escola na Vila Primavera do Fontoura e mais a escola Municipal Canaã que era dentro da cidade, então a gente juntando todos os alunos tinha cerca de 1000 alunos.

Então a gente trabalhar numa gestão de uma Secretaria tão grande que era. Eu era novo nesse tempo estava com 24 anos, mas graças a Deus com esforço, com luta, ajuda dos colegas, a liberdade de trabalho que o prefeito dava na gestão, e com a flexibilidade até mesmo da Unemat foi possível estudar.

A Unemat através do nosso coordenador que sabia que eu era secretário algumas vezes tinha que sair da aula numa, numa sexta-feira à tarde e como na Unemat nós tínhamos aula até sábado de manhã, algumas vezes tive que fazer trabalhos compensatórios pra repor

algumas faltas. Então agradeço muito a compreensão do nosso coordenador da Unemat que era o professor Ivo.

Nossa formatura foi em agosto de 2008 e nessa época ainda era secretário fiquei os 4 anos, foram muitas dificuldades, no último ano tinha que desenvolver a monografia, consegui pegar algumas aulas no estado à noite pra contemplar o meu trabalho de pesquisa, mas a gente superou e consegui graças a Deus assimilar esse trabalho de secretário e professor.

Até hoje sou professor com muito orgulho, já tive outras oportunidades de tá trabalhando nesse mundo político, lembro de você mesmo falando que era um cargo político. Naquele tempo meu pai era muito voltado essa questão política, e sugeriu meu nome para secretaria de educação argumentando "o Reinaldo tá fazendo faculdade vamos dar essa oportunidade para ele é um menino inteligente consegue né tem muita amizade com as pessoas", mas só que eu não tinha muita vocação esses cargos políticos.

Claro que eu era gestor e era um cargo político, mas eu não quis seguir essa carreira. Tanto que hoje eu sigo com muito orgulho a carreira docente que gosto muito.

Hoje, assim, eu estou na escola em tempo integral a gente se encontra, assim, meio desmotivado em alguns sentidos, pois houve tantas mudanças na educação no estado do Mato Grosso.

Como centralizou tudo aqui em Confresa MT temos que fazer uma seletiva, agora nesse ano de 2022.Um seletivo muito complicado, muito sacrifício para gente está atribuído. Para a gente está pegando aula foi muito complicado, foi um dos anos mais difícil, porque a gente enquanto interino é mais complicado ainda.

Deus sabe de todas as nossas necessidades, mesmo diante dessa seletiva consegui ficar na mesma cidade que eu moro, teve muitos colegas que tiveram que pegar aula em outra cidade. Espero que ano que vem dar certo da gente tá trabalhando de novo em sala de aula.

Falando das parceladas da Unemat Luciara, segunda de matemática, vou começar com a professor marcante. É, primeiro eu quero agradecer porque devo grande parte da minha, do que eu tenho hoje, à instituição Unemat.

Tenho um professor marcante, que foi na etapa básica quando a gente estava estudando em Luciara-MT, me parece que foi nossa primeira etapa. O professor Geraldo (Geraldinho) grande professor gosto muito de trabalhar com os jogos com alunos o que ele durante algumas aulas ensinou alguns truques e sem contar a didática. Era aquela pessoa muito tranquila, bem à vontade nas aulas, me espelhava e aprendi muito com a didática do professor Geraldo ele é um professor marcante. Professor de matemática, a primeira vez que entrei numa sala foi em 2001, terminei o ensino médio no ano de 2000 e quando foi em 2001 peguei uma turma.

Só tinha o propedêutico, mas aquela foi uma grande satisfação o aluno me chama de professor, lembro demais dessa turma e do primeiro dia que eu entrei numa sala que o aluno falou professor, professor de matemática. Então foi uma experiência gigante e pra mim foi o máximo ser Professor de Matemática.

Foi uma vocação desde quando eu nasci, sempre tive facilidade em matemática, ela me conquistou acho que antes mesmo de eu entender. Eu sonhava em ser professor, acho que e isso para mim é uma vida, hoje eu tenho o que tenho graças ao Professor de Matemática e para mim é uma satisfação entrar em uma sala e ter os alunos.

Parceladas em Matemática era um projeto que a gente não conhecia muito, mas quando saiu lá na Canabrava MT o vestibular para fazer o curso parceladas na Unemat eu pensei é o meu sonho, queria ser professor e nesse tempo já trabalhava com matemática na rede municipal.

Para fazer a inscrição nesse vestibular tinha que estar atuando em sala, se eu não tivesse em sala certamente não poderia estar fazendo, o que seria muito ruim. Lembro que fizesse prova em Confresa MT, eram 6 vagas pra Canabrava do Norte fui o quinto colocado.

Recebi a notícia estava indo para as praias, nós temos encontro de família igual ao encontro de vocês e aí soube dentro do ônibus meu pai me avisou que eu tinha passado. Então esse projeto Parceladas foi um sonho pra nós, as parceladas foi uma formação muito boa e acredito que deveria ainda ter ela aqui que contemplaria muitos outros professores.

Pegando aqui a Formação Geral, que seria a etapa básica né? Essa formação, nossa, foi muito boa! Lembro do Professor Johnny que era professor de PTL.

Nossa formação básica que está aqui no texto formação geral foi uma época de muito aprendizado, gostava muito das disciplinas, mas uma que eu tinha muita dificuldade na educação básica era português e lá gostei muito da maneira que o professor tratava, ele trabalhava os textos assim com sentidos duplos.

Foi um aprendizado significativo, era por semana, uma semana vinha um grupo de professores e as vezes mais de um professore naquela mesma disciplina e aí a gente estudava durante aquela semana, a gente fazia trabalho de pesquisas lá mesmo durante a etapa.

Nós éramos 6 turmas: Português, História, Geografia, Matemática, Pedagogia e Biologia. Então dava 360 alunos dentro da cidade que tinha poucos habitantes, esses alunos eram quase uma população lá em Luciara MT.

Nossa trajetória acadêmica foi árdua com muitas dificuldades, tinha que trabalhar e estudar. As parceladas era um projeto que a gente ia janeiro e fevereiro e mais o julho e tinha vez que estendia até alguns dias de agosto.

Então essa trajetória acadêmica foi árdua, mas satisfatória porque a gente estava em busca de algo que a gente queria.

Quando a gente entrou na faculdade falavam muito do ensino, pesquisa, extensão o que que era essas palavras e a gente foi compreender que o ensino era a coisa mais voltada para o aluno, a pesquisa que é o carro chefe da Unemat, onde eles provocam muito, incentiva muito os professores está, fazendo a pesquisa, inclusive não sei se mais na frente vai tá falando do TCC já vou até falar de TCC.

O TCC era uma pesquisa que a gente tinha que fazer, então a gente fez essa pesquisa com os nossos orientadores, então essa pesquisa era nosso trabalho de monografia, lembro como hoje, fiz sobre a questão da dificuldade de aprendizagem de alunos no ensino da matemática.

E a extensão é uma coisa mais complicada até ficava atento que que era essa extensão, mas é uma troca né da Universidade com a comunidade entendeu era esse conjunto de experiência de algo que a gente produzia e levar para a sociedade que era mais ou menos essa extensão.

Tem uma pergunta aqui relacionado a trabalhar e estudar, nessa época todos nós trabalhávamos e estudava, muitas vezes tinha maior dificuldade algumas escolas na rede municipal que eu trabalhava, eles até prorrogavam o calendário porque era grande o número de professores. Por exemplo em Canabrava do Norte MT parece que eram 30 professores, imagina uma cidade pequena saí 30 professores não tinha como funcionar.

Então trabalhar estudar foi muito complicado, mas a gente teve também um fato importante lá em Canabrava que foi a Câmara Municipal de Vereador fez um projeto de lei onde dava uma ajuda de custo com alimentação, estadia e com cozinheira. A gente praticamente cobria o material escolar. Foi muito importante a parceria com a prefeitura, e trabalhar e estudar foi possível nesse sentido.

Uma outra questão aqui seria mais ou menos eu já tinha falado, ensinar matemática, não é fácil entendeu, a gente pensava que era só chegar em sala e falar de algo que a gente aprendeu. Ensinar matemática é muito maior do que isso entendeu, eu tenho uma convicção assim, tem muitas pessoas superinteligente e que muitas vezes não consegue passar o conhecimento entendeu, então assim ensinar é quase que uma dádiva de Deus, se você não tivesse essa dádiva é difícil. Graças a Deus tenho muitas metodologias, os alunos gostam muito das minhas aulas. E ensinar matemática é tudo para mim, entendeu? Eu amo entrar dentro de uma sala e passar o conhecimento que a gente adquiriu na faculdade. A gente aprendeu questões de pesquisa, de metodologias através de jogos, os fundamentos, a questão da

Etnomatemática que uma coisa dentro da realidade deles e a gente pouco trabalha com nossos alunos.

Etnomatemática, nossa! Esse ensino para mim foi marcante e hoje eu trabalho muito isso com meus alunos.

Mudança na prática pedagógica, por exemplo, do período que eu comecei trabalhar eu era professor com o propedêutico em 2001.Quando eu entrei na faculdade teve muita mudança.

A Unemat proporcionou muitas mudanças, claro que a gente queria mais, lembro de a gente comentar entre alunos que a gente queria uma formação assim, voltada para aquela questão mesmo da, da didática de como lidar com aluno. Claro que nossa formação foi muito boa, mas a gente queria, esperava um pouco mais.

Dentro do curso específico mesmo de matemática tiveram bastante mudanças no jeito de ensinar, a gente quando voltava das etapas, chegava louco para aplicar aquelas metodologias nova sem sala de aula.

O cotidiano da fase presencial, há! Nosso cotidiano foi muito bom, apesar que algumas vezes tinha discussões mais complicadas, mas a discussão vem para crescer.

O nosso grupo era de 60 alunos, mas era uma turma muito esforçada, era um grupo bastante unido poucos desentendimentos, uma boa colaboração entre colegas.

Algumas vezes a gente ia em turnos diferentes tirar dúvida entre colegas onde um ajudava o outro. Lembro de muitas atividades que a gente ia lá no núcleo da Unemat da Vila Rica MT fazer isso, era muito importante. Então isso mostra que o nosso cotidiano era muito bom.

Outro convívio também muito importante era nosso grupo do alojamento em uma casa alugada. Algumas vezes nós ficamos até em escola, composto de 6 de pedagogia, 5 de matemática e mais você que integrou nosso grupo por mais ou menos 2 anos.

Nesse grupo e a gente tinha sempre reunião, descontração, mas também tínhamos ajudas mutuas nas atividades do curso em todos aspectos.

Metodologias por exemplo a escola que trabalho hoje é de tempo integral eles pedem para a gente estar colocando na metodologia bem específico aquilo que você vai de fato trabalhar.

Quero citar esse exemplo, para fazer uma relação com a na nossa formação na Unemat. Na nossa escola eles usam muito essa metodologia da gente trabalhar o real deixar e bem específico mesmo de como você vai trabalhar em sala com o cotidiano do aluno.

Eu volto lá pra Unemat, na nossa formação eles trabalhavam muito essa questão da relação com o cotidiano e isso era muito importante.

Então a metodologia da Unemat que era da pesquisa, me parece que tem até uma pergunta que relaciona isso, mas quero contar que dentro dessa metodologia a gente fez um trabalho de pesquisa na etapa básica ainda.

A gente fez sobre a questão dos poços artesianos se influenciava na questão de os poços comuns secar ou não. De acordo com pesquisa, as pessoas que tinham os poços comum lá na cidade de Canabrava do Norte MT diziam que depois das perfurações dos poços artesianos as cisternas comuns estavam secando.

Isso nos implicou e dentro da metodologia da Unemat que gosta muito desse trabalho de pesquisa a gente fez o trabalho para o seminário de transição que demonstrou que os Lençóis freáticos dos poços artesianos e das cisternas comum eram muito diferentes. Então não tinha como fazer essa influência, e que na verdade era senso comum.

Dentro do contexto pesquisa na formação inicial as Parceladas/Unemat trabalhava muito com pesquisa e aquilo que a gente aprendeu lá na faculdade a gente aplica hoje.

Teoria e prática dentro das parceladas acho que contemplou mais ou menos o que a gente fazia lá e aplicava em sala, um exemplo foi esse trabalho, a gente pegava e aplicava em sala e aí acho que contempla um pouco aí.

Que mais que nós vamos falar aqui? Parcelada hoje, hoje para mim é tudo, não tem mais aqui na nossa região do Araguaia. Acho que aqui não tem, mas até falei, o que eu tenho hoje agradeço as parceladas tudo que tenho.

Nós terminamos em 2008 e nós estamos hoje em 2022 nunca fiquei um ano sem trabalhar, graças a essa formação que eu fiz que as parceladas nos ofereceu, nunca passei por um concurso, mas quando for a minha hora com certeza vai chegar.

As parceladas para mim, é a comida no prato dos meus filhos, é o sustento da minha família, nunca fiquei sem uma sala de aula graças a Deus. Mesmo interino, a gente sabe da dificuldade que é um interino você já passou por isso, mas Deus tem honrado a gente e a gente nunca ficou desamparado e agradeço muito as parceladas, pois é ela que me ajuda.

Me emociono mesmo de verdade tenho as camisetas até hoje guardadas, as camisetinhas brancas escrito parceladas, aquela borboletinha, lembro como hoje tenho ali como uma relíquia, jamais eu vou sumir essa camiseta que é uma lembrança.

Quero contar para os meus filhos do projeto tão especial, a minha filha mesmo não conheceu essa história, quando eu concluí esse projeto ela tava no ventre da mãe dela, quando foi a minha formatura minha esposa estava grávida.

Então as parceladas é tudo para mim, se não fosse ela talvez eu não seria tão feliz como hoje, talvez poderia ter surgido outras oportunidades, mas as parceladas foi uma oportunidade daquela que eu sonhava desde pequeno. Para mim é tudo.

Fato marcante na formação, há! Não tem um fato marcante melhor do que a formatura não! Acho que quando chamou o meu nome para eu entrar naquela passarela lá na Unemat, ali em Vila Rica MT, acho que foi o fato mais marcante por que passamos por tantas dificuldades, até falei do fato de trabalhar estudar, preparar monografia, a gente viu a dificuldade que foi produzir esse material.

Acho que você, posso pegar você como exemplo, a sua o trabalho que deu, ver você naquele tempo lá, a angústia que você passou com sua monografia e a gente tava lá de um modo outro a gente ajudou.

Então, o fato marcante para mim foi aquela hora, assim que a monografia foi defendida, foi concluída sem correção e entrar naquele dia lá, chamar seu nome e falar estou concluindo um curso superior.

Foi um orgulho, eu de uma família de 8 irmãos, sou o terceiro lá dos filhos o terceiro desses 8, e eu fui o primeiro a concluir o ensino superior. Então foi muita honra meus pais estavam lá graças a Deus, hoje eu não tenho meu pai, mas no dia da formatura estavam todos presentes foi um prazer enorme, enorme mesmo.

Meu pai até fez uma promessa no tempo que eu passei no vestibular, nem sei se ele pagou essa promessa porque ele faleceu agora em fevereiro do ano de 2022.Mas foi um projeto que ele viu em 2008, ele viu o filho dele ser formado, acho que é um orgulho para qualquer pai falar meu filho concluiu um curso superior.

Minha mãe falava que no dia que um filho dela formasse ela ia trazer aquele Voninho, um cara tocador de sanfona, mas minha mãe não conseguiu realizar esse sonho. Mas para mim não fiquei nada vazio, importante foi que eu realizei o sonho que era deles e meu também, claro.

Então um fato marcante foi ter concluído esse curso superior, hoje eu já tenho especialização e pretendo também fazer um mestrado. Esperar abrir mais umas portas que com fé em Deus a gente alcança mais uma qualificação.

Acho que eu vou finalizar com formação específica feita em Vila Rica. A formação específica foi show, a gente começou estudando lá no centro dos padres, uma correria, mas graças a Deus achei muito boa porque a gente gostava muito de matemática.

Apesar que tivemos muitas dificuldades na disciplina de cálculo, pesado pra caramba, mas a gente tinha muitos parceiros, o professor Henrique, o professor Jarbas, que até faleceu

esse ano, ele era um cara que ajudava muita gente, você mesmo, o Eder que eram lá de Porto Alegre me ajudaram bastante, pois tinha algumas dificuldades naquelas disciplinas, mas estudávamos juntos.

Então assim a parte específica foi uma formação com bastante ênfase no aprendizado, é uma coisa que jamais vai ser tirado da gente, aquilo que a gente aprendeu na parte específica estamos até hoje aplicando.

Lembro de uma vez que a gente foi ser atendido por Marineusa Gazzetta lá no hotel, ela trabalhava muito essas questões metodológicas. Metodologias inovadoras, era a "rainha das metodologias", que o Deus o tenha, mas Marineusa Gazzetta trabalhava muito isso e aprendi bastante com as metodologias dela, muito boa e a gente aplicava isso em sala e aplica até hoje. Eram aulas muito prazerosas.

Marineusa Gazzetta nessa formação específica foi uma professora que marcou, Geraldo (Geraldinho) foi na básica e Marineusa Gazzetta foi na específica.

Para concluir gostaria de fazer uma pequena ressalva sobre a formação de professores, mesmos que teve, claro, os estágios supervisionados, fiquei com a sensação que ficou faltando preparar o professor um pouquinho mais para atuar em sala de aula.

A sensação é que poderia ter umas aulas voltadas mais para um trabalho em sala de aula, para o planejamento, para as didáticas diferenciadas, e a gente conseguir trabalhar com aulas práticas.

Acho que foram as únicas coisas que faltaram no curso, mas para mim foi muito bom só tenho que agradecer a instituição que me deu um curso superior e que hoje eu trabalho graças a Deus por essa formação. **José Reinaldo Dias dos Santos**, concedido 26 de maio de 2022).

Marines Alves de Sousa foi nossa segunda entrevistada e seu nome foi pensado a partir de algumas recordações de momentos em sala de aula, quando a acadêmica demonstrava coerência discursiva em suas reflexões e em suas proposições.

Imagem 8: Marines Alves de Sousa



Fonte: Acervo da entrevistada

Conhecendo a trajetória profissional da colega professora que traz no currículo a passagem como professora, coordenadora e atualmente diretora de uma escola localizada no distrito de Nova Floresta, no município de Porto Alegre do Norte MT, Marines Alves de Sousa atua na Escola José Gonçalves, escola que reúne uma comunidade do campo e atende as modalidades de ensino Ciclo de Formação Humana, Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos. Por todos esses aspectos, a experiência e o conhecimento da professora Marines Alves seriam pertinentes para os desdobramentos dessa pesquisa.

Realizamos a entrevista com a professora através do *Google Meet*. Embora já estando vacinada contra a Covid-19, optamos por uma entrevista *online*, uma vez que a entrevistada retornava do tratamento de sua filha e, independente do problema que a criança atravessava, entendemos que a entrevista a distância seria o mais seguro no momento.

A nossa entrevista foi significativa e, como planejado, foi apresentada para a depoente uma foto com as 25 tiras contendo as palavras-chave dispostas em duas colunas, mas que não determinava uma ordem, e a entrevistada poderia escolher por qual gostaria de começar e que não necessariamente teria que responder todas.

Então, relembrou sua trajetória acadêmica, manifestou a importância das Parceladas em sua profissionalização e enfatizou o que ela representa hoje na construção de sua identidade como professora de matemática.

Marines Alves de Souza: *Eu sou a Marines Alves de Souza tenho 38 anos sou professora licenciada em matemática pela parceladas Unemat turma de 2003 e concluiu em 2007.*

Então eu vou escolher parcelada hoje para você. Parceladas hoje para mim representa uma grande oportunidade que eu tive de estudar, de fazer um curso superior e hoje ser uma professora que tem segurança naquilo que eu faço. Estudar é algo contínuo a gente nunca para de estudar, em todas as áreas de atuação logicamente que as pessoas precisam de formação e como professora não é diferente, mas a parceladas representa uma oportunidade que eu tive.

Na época não era fácil, hoje em dia a gente ter acesso a um curso superior aqui na nossa região é mais acessível, mas naquela época em 2003 não existia, a única oportunidade daquela época era fazer uma licenciatura por meio do projeto parceladas da Unemat.

Trabalhar e estudar, trabalhar estudar naquela época como falei a gente nunca deixa de estudar, mas naquela época que iniciei o curso no projeto parceladas eu já trabalhava, já atuava como professora. Pela carência de professores na época era possível agente atuar como docente sem ainda ter a licenciatura, então antes de terminar o ensino médio eu já tive uma oportunidade de trabalhar como professora no munícipio de Canabrava do Norte MT, através do convite de um ex. professor que era Secretário Municipal de Educação.

Quando surgiu a oportunidade de fazer o vestibular para conquistar a vaga nas parceladas eu já trabalhava e isso por um lado era um pouco difícil, porque durante o período de férias nós íamos para o período presencial lá no campus de Luciara e durante o período letivo a gente trabalhava. Era bom porque após o período presencial do curso, era como se a gente voltasse para a sala de aula com mais bagagem, com mais vontade de trabalhar.

Pesquisa na formação inicial, eu sempre falo, lembro que naquela época que entrei no curso das parceladas eu não tinha a menor noção doque vinha ser uma pesquisa, uma pesquisa científica, um projeto, um artigo científico. Porque na época na escola do ensino básico a gente não tinha contato. Hoje em dia os professores já iniciam o trabalho nessa linha da pesquisa, o aluno já aprende a respeito de pesquisa no ensino básico, eles têm contato sobre como escrever um texto científico dentro das normas.

Aquela época pelo menos no meu ensino médio eu não tive, se em outras escolas havia, nas escolas que estudei não havia, então tive contato com pesquisa foi realmente no curso superior. E não era só essa questão de ter contato comum projeto científico, na minha realidade a gente não tinha contato com essas tecnologias que a gente tem contato hoje.

Logicamente a escola evoluiu muito principalmente nessa questão da tecnologia, mas naquela época a gente não tinha computador, a gente não tinha um celular, nem internet. Então a partir do momento que entrei na universidade é que nós começamos a ter contato com

pesquisa. Eu me lembro que já estava quase no final do meu curso, quando comecei a fazer pesquisa para minha monografia é que tive contato com computador, internet, mandar e receber e-mail. Aprendi na base da necessidade escrever um texto científico e as normas. Toda essa questão da tecnologia era muito mais difícil na época porque a gente não tinha noção.

O cotidiano na fase intermediária do curso era trabalhando, era na sala de aula, a gente trabalhava durante o período letivo e durante o período de recesso, nas férias escolares nós tínhamos que ir para o presencial, então o cotidiano na fase intermediária era trabalhando mesmo dando aula.

Em relação à questão da influência metodológica que carrego para mim até hoje é a Etnomatemática é algo que me chamou muita atenção, me prende mesmo que eu gostaria muito de conseguir colocar em prática. Muitas vezes a gente consegue, mas na maioria das vezes não consegue porque para a gente aplicar uma metodologia do nosso dia a dia na sala de aula é... a gente precisa assim ter bastante, como que eu posso dizer? Além de bastante segurança naquilo que você quer fazer, que você deseja desenvolver em sala de aula a gente precisa de uma contrapartida por parte dos alunos e muitas vezes a gente não consegue isso.

Sem contar as muitas exigências burocráticas, na verdade as escolas têm se tornado muito burocráticas e isso tomou muito tempo do professor para planejar, para preparar uma aula realmente que chame a atenção do aluno. Porque você tem poucas horas para o planejamento e dentro desse processo você precisa planejar, você precisa fazer cursos de formação, você precisa cumprir com as exigências da escola, e com a parte burocrática que a SEDUC/MT exige. Então muitas vezes pra a gente preparar uma aula prática é preciso ter o que a gente não tem o tempo. Aí você terá que planejar fora do horário de trabalho, final de semana, e é bem complicado você conseguir. Dificilmente a gente consegue adotar práticas metodológicas que chama atenção do aluno.

Sobre essa questão do início da docência eu já comentei, na verdade comecei na docência antes de entrar para a faculdade. Foi uma oportunidade que tive de trabalhar porque na época meu professor de língua portuguesa ele era secretário de educação do município e me conhecia como aluno, surgiu à vaga ele me convidou e aceitei. Comecei trabalhando numa turma de terceiro ano do ensino fundamental se não me engano em uma escola do campo foi muito difícil.

Um ano depois consegui uma turma lá na cidade, comecei a trabalhar dando aula de matemática para turmas do Ensino Fundamental II. E no ano seguinte eu já comecei no projeto parceladas o curso de Matemática.

Ensinar matemática, ensinar matemática para mim acho que é uma das áreas, não é porque sou dessa área, que falo isso, mas conhecendo a realidade do nosso polo e da escola

onde estou atuando percebo que ensinar matemática dentre todas as áreas é uma das mais difíceis. É muita exigência tanto que todas as avaliações externas que os alunos fazem exigem conhecimento de matemática e português. Só que a gente percebe que pro português na nossa realidade é mais tranquilo ter professor, conseguir professor para trabalhar essas aulas, já matemática é bastante complicado.

Então ensinar matemática acaba sendo algo difícil, pela experiência que tenho de sala de aula quando o aluno gosta da disciplina ele tem facilidade, mas a maioria dos nossos alunos não gosta não se identificam. Daí faz a gente pensar porque será? Será que somos nós professores que não despertamos o interesse do aluno? É um caso a se pensar?

Sobre a questão de teoria e prática dentro da parceladas, era algo que caminhava junto, porque eu já trabalhava como professora quando iniciei o curso. Quando a gente está fazendo um curso e já dar aula acaba que isso facilita também porque você já é daquela área, você já é daquele mundo, não é alguém que você caiu lá de paraquedas. Assim que terminava o período presencial da formação e retornava para a cidade, para a escola, o que aprendia lá, já conseguia colocar em prática em sala de aula.

Então a teoria e prática elas andam juntas no projeto parceladas. As parceladas é um curso que não espera o aluno concluir, fazer um período de estágio para depois ir para a prática, a gente já é professor. Inicia um curso continua sendo professor e quando conclui só está mais seguro daquilo que está fazendo.

Minha trajetória acadêmica como estudante falando do curso em si, não tive dificuldades em relação ao curso, aos conteúdos, aos trabalhos, aos projetos que precisavam ser desenvolvidos, foi bem tranquilo.

A questão financeira que para nós era bem complicado agente já era professora, mas ganhava como ensino propedêutico, então tivemos dificuldades financeiras durante esse período de formação acadêmica. Na época eu morava no município de Canabrava do Norte MT o prefeito ajudava muito nessa questão financeira desde o transporte para levar e buscar, até ajuda financeira para pagar aluguel, alimentação. Então se não fosse essa ajuda por parte da prefeitura, algum de nós seria praticamente impossível se manter lá durante o período presencial.

A trajetória acadêmica em relação aos estudos foi uma descoberta porque por mais que a gente já fosse professor, por mais que a gente já conhecia a prática de sala de aula foram muitas descobertas. O contato com a tecnologia daquela época que era bem escassa na região, o conhecimento relacionado à parte teórica do ser professor, a teoria das metodologias tudo foi novidade, muita descoberta e muito aprendizado.

Sobre o TCC eu lembro que na época fiz uma monografia. O título da minha monografia foi a formação de professor de matemática no projeto parceladas. Foi um trabalho de pesquisa onde realizei entrevista com os colegas de curso da época, o objetivo era demonstrar o que mudou principalmente na metodologia do professor após ele entrar no curso de matemática no projeto parceladas, o que mudou na prática pedagógica dele após o curso.

Foi realmente muito difícil, por mais que a gente já tinha feito pesquisa durante todo o curso, mas a monografia foi um trabalho que exigiu muito principalmente por causa da dificuldade que a gente tinha no acesso à tecnologia. A gente teve que aprendera manusear o computador, fazer pesquisa na internet, a digitar, as normas no trabalho científico, ou seja, tivemos que fazer tudo ao mesmo tempo.

Outra dificuldade foi o orientador me lembro que para concluir a minha monografia como eu morava em Canabrava MT e estudava na Vila Rica MT, ficou combinado com o orientador que era de outros colegas também e como ele morava em São Paulo SP ou em Cáceres MT não me lembro, mas aí ficou combinado que ele viria à Vila Rica MT para atender esses alunos durante uns dois ou três dias. Então quem era orientando dele teve que ir receber essas orientações para poder concluir o curso. O encontro foi lá no polo que a gente tinha o laboratório a disposição para digitar os trabalhos, então não foi fácil, mas foi possível.

A apresentação da monografia também foi outra situação muito difícil, apresentar e conseguir os requisitos necessários para poder passar. **Marines Alves de Souza** *Concedido em 05 de agosto de /2022.*

Imagem 9: Vânia Horner



Fonte: Acervo da entrevistada.

A terceira entrevistada foi a professora **Vânia Horner**, da cidade de Vila Rica-MT que, assim como os entrevistados já citados, também era da segunda turma de Matemática do Projeto Parceladas da UNEMAT com vasta experiência como docente na escola de Educação do Campo e com trabalhos de pesquisa realizados na comunidade onde atua. O trabalho da professora Vânia já era conhecido por nós ainda nos tempos da graduação, pois tínhamos conhecimento que a pesquisa seria realizada na comunidade que atuava e que teria uma abordagem na perspectiva da Etnomatemática.

As experiências da professora/coordenadora/pesquisadora contribuíram com a intencionalidade da pesquisa, ao demonstrar que a formação do professor de matemática do Araguaia é constituída de elementos sociopolíticos no que diz respeito ao Ensino da Matemática. Assim, na expectativa de obter esse depoimento, a narrativa foi concedida no mês de agosto de 2022 através do *Meet* estabelecendo a mesma metodologia de trabalho aplicada nas entrevistas anteriores. Vale frisar que, por escolha da professora, falou sobre todos assuntos propostos nas 25 tiras que continham as palavras-chave.

Vânia Horner de Almeida: *Eu sou a professora Vânia Horner de Almeida hoje estou com 47 anos, trabalho na rede estadual e atualmente estou lotada na escola Maria Ester Peres aqui em Vila Rica MT e trabalho na rede municipal lotada no Centro de Educação Infantil. Já tenho 27 anos de educação então é uma trajetória, um caminho, alguns dias percorrido na educação, isso na rede municipal, no estado tenho 16 anos e, estou aí como se diz buscando formação para poder contribuir com as escolas a qual eu trabalho.*

Ensinar matemática é algo complexo, não é muito simples, exige do professor uma habilidade muito grande para que esse ensino aconteça, para que realmente aconteça à aprendizagem da matemática, então é algo bem complexo, esse processo de ensinar a matemática.

Vejo como a questão de o professor ensinar e do aluno aprender relacionado com situações, fatos dia a dia do aluno, quando o professor consegue fazer isso, fazer essa relação para o aluno entender se torna bem mais fácil é bem mais tranquilo para o aluno, nem sempre o professor consegue fazer isso.

No início da minha, da minha docência eu tive certa dificuldade depois eu fui aprimorando e hoje já consigo na maioria dos conteúdos fazer essa relação.

Professor marcante, tenho duas professoras bem marcante na minha vida a Marineusa Gazzetta no curso de licenciatura em matemática que foi minha orientadora, uma professora que considero um ícone da educação matemática. Até hoje eu estudo sobre ela, leio a as coisas dela, me ensinou muito.

Foi uma professora que estava além do tempo, ela estava a um passo, a dois, a três passos à frente do nosso tempo. Então foi uma pessoa que contribuiu muito com ensino de matemática na região do Araguaia e que faz muita falta. Sinto que ela não foi valorizada, todo esse contexto, a importância que ela teve para a região do Araguaia, falo isso porque depois que saí da Unemat enquanto aluno e voltei enquanto profissional da Unemat eu sentia essa angústia dela de falar o tanto que ela se doou pelas parcelada e não teve esse reconhecimento no final. Então ela morreu triste com questões administrativas sabe com relação ao programa, então isso me entristece muito porque foi uma pessoa que se doou tanto, ela dizia que vinha no Araguaia mesmo que fosse de bicicleta se a Unemat não liberasse passagem para ela, ela vinha até bicicleta se fosse o caso. Essa foi uma das falas dela, então uma pessoa assim que pra mim foi bem marcante e que deixou o seu legado na região do Araguaia.

A outra pessoa é a Maria Elizabete Rambo que ela já veio não sei se você conheceu, mas ela veio depois do programa e da nossa turma, já vem na turma que eu coordenava, uma pessoa excepcional que me abraçou sabe desde a especialização e depois se tornarmos colegas, hoje

eu a considero como uma amiga e aí a gente sempre compartilha ideias, escreve e publica artigos juntas é uma profissional que eu queria como minha orientadora num programa, mas ainda não tive essa oportunidade. Tem o Márcio Urel ele não foi meu professor, mas é marcante pelo trabalho que ele faz, tive o prazer de trabalhar com ele no, ENEM (Encontro Nacional de Educação Matemática) em Cuiabá, foram 13 dias excepcionais, uma bagagem muito grande que adquiri na minha vida.

Bom sobre a formação geral vejo como importante, na época a gente não dava essa importância porque no curso de matemática só queríamos saber de conta, a gente reclamava muito, não queria saber de ler texto e hoje eu mesmo estou levando na cara, de muitas teorias que não dei muita importância, não li direito, que não estudei, que está fazendo falta.

Então essa formação geral é necessária, todos os cursos têm que ter, tem que estudar essa base teórica da educação, a história da educação, não só da educação matemática, mas da educação como um todo. Esse aspecto filosófico, histórico, tem que ter, isso aí não tem como tirar até mesmo para a gente compreenda o mundo atual, a sociedade atual, o nosso aluno a gente precisa dessa formação geral.

Professor de matemática, ser professora de matemática é como eu falei no início da minha fala, é um desafio muito grande e parece que está cada vez mais difícil com o perfil de aluno que a gente tem. Ser professor de matemática é você buscar a cada dia compreender o aluno que está ali na sala de aula, é você buscar novas estratégia para poder fazer com que o ensino aprendizagem aconteça, porque só há ensino se há aprendizagem. Então é desafiador porque a gente vê aí nas avaliações externas a matemática está lá embaixo.

Tem hora que sinto um peso tão grande, penso meu Deus do céu sinto incompetente quando vejo esses dados do Ideb da minha escola ou do estado do Mato Grosso e a matemática está lá sabe, como se diz é um fardo que penso assim meu Deus do céu o que que eu fiz, o que que eu estou fazendo, por que não sai daí. Então é um eterno desafio não só é a matemática em si, mas está tudo muito complexo hoje em dia, ser professor de matemática é gratificante, mas bastante desafiador.

Formação fundamental específica é super importante no programa parceladas essa formação específica não só vou destacar além das disciplinas de cálculos, da álgebra, e geometria vejo disciplinas que foi nossa Senhora! Que foi um grande diferencial na minha vida quando fui pro mestrado e mais agora no doutorado.

São as disciplinas de Etnomatemática, de modelagem matemática, de história da matemática, então assim foi nossa Senhora! Diferencial enorme você está num curso de matemática e ter essas disciplinas e não são todos os cursos de matemática que tem essa

disciplina, pouquíssimo tem a disciplina de Etnomatemática. É até questão de a gente pesquisar e ver quantas universidades que ofertam essa disciplina, talvez a modelagem matemática, talvez até que tenha um pouco mais, mas a Etnomatemática não tem, é pouquíssima, estou falando isso, mas quando fiz o meu mestrado pesquisei bastante sobre as tendências da educação matemática. Então vejo que o projeto parceladas, ele foi um programa além do seu tempo sabe.

Foi um programa que quem fez parceladas, estudou e está em sala de aula ele tem um grande diferencial principalmente nessa relação de você ensinar matemática levando em consideração o que que o aluno já sabe, o dia a dia dele, qual é o conhecimento Etnomatemático que ele traz de casa e aproveitar o conhecimento da matemática que existe na comunidade.

Bom o início da minha docência eu não sonhava em ser professora foi por um caso, terminei o ensino médio casei fui morar na fazenda lá tinha uma escolinha e a Secretária de Educação me conhecia e falou "não Vânia cê vai para lá você assume a sala." Então fui enquanto leiga ser professora de uma salinha multisseriada, aquela salinha pequenininha que tinha da primeira série a quarta série, então fui ser professora e depois tive a oportunidade no ano seguinte de fazer o magistério, e aí fiz o magistério.

Em seguida fiz o concurso e aí por meio de estar em sala de aula, tive a oportunidade de entrar no projeto parceladas, que era um programa para professores que estavam exercendo a profissão e que era o leigo.

No início comecei sentir certa tendência pela língua portuguesa e aí depois ficou meio assim, falei não eu quero é fazer porque quando liberou o vestibular eram seis cursos principais, então falei vou fazer matemática até mesmo porque em toda vida tive facilidade em sala de aula, no ensino fundamental, ensino médio, a matemática foi a minha paixão.

Foi para mim privilégio muito grande fazer a licenciatura em matemática pelo programa parceladas, apesar de todas as dificuldades que nós tivemos de ir para Luciara MT e voltar de barco pelo Rio Araguaia. Tudo isso são histórias que a gente tem para contar hoje, tem aquele ditado feliz daquele que tem história para contar e nós temos.

O projeto parceladas, foi o último de matemática, foram 3 versões de grande importância para a região do Araguaia. É diferente o professor a gente vê hoje um professor que passou pelo programa ele tem uma visão ampliada, ele consegue superar os desafios, ele dá conta desse público que está aí hoje. Diferente daqueles professores que formou nas EAD, em outras faculdades até mesmo da faculdade de renome. O professor que passou pelo programa parceladas ele é diferente. Eu Acredito que essa diferença seja pelo a estrutura da matriz

curricular do curso que ela foi diferenciada e as disciplinas que teve então esse é o grande diferencial uma pena que não sei se já acabou de vez, ou se tem como resgatar, mas está aí a história.

Bom a minha trajetória acadêmica iniciou pelo curso de matemática na Unemat/parceladas, comecei em 2003, terminamos 2007.

Na minha pesquisa no meu TCC escolhi um tema que quando eu estava em sala de aula meus alunos sempre me perguntavam sobre algum conteúdo, professora aonde que vou usar isso na minha vida? Aquelas histórias que há um dia você vai fazer vestibular você vai precisar desse conteúdo, a gente sempre como se diz inventar uma desculpa lá pra poder ficar livre do aluno, mas aquilo me incomodava falei gente não é isso tem que ter uma resposta plausível. Então quando fui começar a falar da questão do TCC no curso, falei gente quero fazer algo que vai fazer essa relação da matemática formal com a matemática informal do cotidiano do aluno.

E aí fui agraciada e o tema que eu escolhi para o TCC foi sobre a questão do gado leiteiro, leite e derivados que é algo que tem até hoje na comunidade que trabalhei a questão da produção de leite. E aí fiz o meu TCC muito feliz com ele, escrevi no programa da revista Nova Escola e fui selecionada como professora nota 10 pelo trabalho que realizei.

Foi um trabalho bem marcante que tenho vontade de voltar nesse trabalho e escrever um livro dele, porque fiz muita coisa na época que eu achava que era pouca coisa, mas onde estou hoje olho para trás e falo meu Deus do céu como é que consegui fazer isso. Eu não tinha a visão de pesquisadora na época, se fosse hoje daria uma tese e tudo, a quantidade de coisa que fiz, então tenho o maior orgulho do trabalho de TCC que fiz, da premiação que tive, foi um divisor de águas na minha vida profissional.

Abriu porta para mim, muitas vezes se não sou reconhecida na minha cidade e algumas pessoas que já conhecem, mas sou reconhecida fora, em Jataí GO ou mesmo em Barra do Bugre MT sou muito elogiada quando tem esses encontros que falo do meu trabalho. Sou bastante reconhecida pelo que fiz e tenho muito orgulho de ter feito o que fiz.

Teoria e prática dentro das parceladas é uma das grandes vantagens do programa, desde início todas as atividades da disciplina a gente sempre estudava a teoria em sala ali com os professores e a gente teria que levar aquilo para a sala de aula para colocar em prática. Esse também foi um grande diferencial, porque cada um que estava ali, ele representava uma escola, ali não era um professor que estava ali era a escola dele que estava ali dentro.

Quando ele voltava para a escola dele tinha uma certa revolução se não conseguia fazer a revolução, mas ele vinha com o sentimento de que ele ia chegar e evolucionar. Eu tinha esse

sentimento quando estava lá na sala de aula, nossa quando voltar vou fazer isso, vou fazer aquilo outro, e aí quando a gente voltava a gente tentava, muitas vezes conseguia outras vezes não, mas a gente saia da zona de conforto. Cada etapa parece que dava umas "pancadas" na gente, "falava você não pode voltar o mesmo" e a gente voltava pra sala de aula e voltava com gás de querer fazer e fazia, mobilizava, a gente voltava diferente, então essa questão da teoria e prática é muito importante.

Os nossos estágios eles foram assim, foram nas nossas salas de aula nessa relação de teoria e prática. Então a nossa prática ali que a gente fazia enquanto docente ao mesmo tempo enquanto estagiário.

Formação continuada, assim que terminei a graduação logo em seguida veio uma especialização aqui para o núcleo de Vila Rica MT, especialização em educação sobre o Ensino de Ciências e Matemática.

Tive uma oportunidade de fazer, fiz e aí fiquei certo tempo com vontade de ir para o mestrado, mas ao mesmo tempo aonde fazer, porque querendo ou não para um homem é difícil, mas para a mulher é mais ainda. Tenho raiz aqui em Vila Rica MT, aí pensava assim como que eu saía de Vila Rica MT e ia fazer mestrado, meu marido está como se diz está enraizado aqui ele tem Terra não tem como ele sair igual os outros professores saíam levava a família e tudo estudar e voltava, não teria como.

E aí aos domingos ficava pesquisando sobre a questão de fazer um mestrado, fazer uma formação continuada, continuar estudando. Eu falei meu Deus do céu não tem nada a distância, tentei o PROFMAT três vezes, a última vez eu tinha passado na primeira etapa e aí quando foi na segunda etapa reprovei. Esse dia chorei muito, caramba quero tanto fazer não tem a oportunidade, mas hoje agradeço por ter reprovado porque o PROFMAT é um programa que eu ia entrar e não iria ficar pelo que conheço hoje do programa não tenho perfil para fazer PROFMAT. Então sei que iria desistir, graças a Deus que reprovei às três vezes.

Quando achei o edital o programa de Jataí GO Já tinha passado, mas li o edital e fiquei aguardando e aí falei vou escrever meu projeto para o programa de Jataí, fui e minha pesquisa do mestrado, foi sobre o programa parceladas, sobre a ascendência da educação matemática no programa parcelada.

Depois que terminei o mestrado publiquei a minha dissertação, tenho ela registrada num livro que para mim também é um grande orgulho. E aí dei um tempo na minha trajetória de estudo. Nessa época muita gente falava Vânia depois que você fizer o mestrado você vai embora? Você vai entrar numa universidade? Falo não por quê? Há, mas o que você vai fazer em Vila Rica com mestrado? Falava vou contribuir com a minha escola, preciso voltar e

contribuir com a minha escola da maneira que ela precisar, então quando eu voltei para a escola Vila Rica parece que os problemas que tinha na escola Vila Rica triplicaram.

Passei dois anos afastados e voltei toda feliz da vida os problemas já se resolveram, os problemas antigos que conhecia são novos problemas e vida que segue. Os problemas que eram pequenininhos estavam grandes, cheguei com aquele gás todo sabe e veio a cobrança para cima da gente. E eu espera aí, falei é hora de contribuir e aí fui para a direção da escola, fui para coordenação, fui assumindo essas funções e erguia escola.

Parei esse período, mas sempre produzindo, foi o tempo que viajava para o Matupá MT para dar aula e orientava de 2 a 3 orientandos até mais por ano, chegando ter 9 orientandos em uma determinada ocasião. Também participava de evento aqui, evento ali e banca. E quando abriu a inscrição em Jataí falei agora é a hora de fazer, e hoje estou no programa do doutorado lá em Jataí GO.

Quanto ao cotidiano da fase intermediaria quando a gente voltava da sala de aula, ou seja, do período de férias estudando, a gente já iria para a sala de aula e chegava com a bagagem, com a mala cheia de coisas e a gente ia colocar em prática. Então tínhamos esse período em sala de aula trabalhando e ao mesmo tempo estudando, agente se abastecia da teoria trazia para a sala de aula e colocava em prática a teoria que a gente via na fase presencial das aulas.

Formação em serviço é um grande diferencial também, ao mesmo tempo que está trabalhando e fazendo essa formação, está colocando em prática aquilo que você trazia. Eu mesmo fui exemplo disso porque finalizei num ano no outro já era profissional da Unemat, então assim certa forma é uma rede e um vai puxando o outro.

Bom as metodologias utilizadas pelo programa sempre foi a relação da teoria com a prática. Alguns professores não conseguiam fazer isso principalmente a disciplina de cálculo, mas tinha grande demonstrações que utilizavam a tecnologia. A gente entrou 2003 e naquela época a tecnologia estava longe, mas muitos professores traziam e apresentava pra a gente uma metodologia diferenciada.

Trabalhar e estudar não era fácil, imagina você passar quatro anos sem folga, era o tempo todo trabalhando e estudando, quando estava no curso você estava pensando em voltar pra sala de aula e quanto estava em sala de aula enquanto profissional, você está desenvolvendo suas atividades de aluno, então era muito intenso.

A pesquisa na formação inicial foi um grande desafio pra a gente, mas de grande importância. Já no primeiro ano tinha que escrever um projeto, aquilo para a gente era totalmente novo, mas que é um grande diferencial começar desde o início no primeiro ano, no

primeiro semestre a ter esse contato com pesquisa. Você vai crescendo enquanto pesquisadora, vai tendo esse contato, vai aprender escrever projeto, entendendo o que é uma pergunta de pesquisa e compreendendo sobre a metodologia. Não era fácil, sei que nós demos muito trabalho para os professores de metodologia. Os professores de uma forma ou de outra dentro da sua disciplina passava trabalho que exigia pesquisa, pesquisa de campo, então foi de grande importância isso para a gente.

A mudança da prática pedagógica, nossa demais! A cada semestre que a gente fazia a disciplina voltava para a sala de aula com mudanças na prática pedagógica, isso era visível para mim, foi demais. Queria logo voltar para a sala de aula e colocar em prática aquilo que tinha estudado.

O que o professor falava na sala de aula, você já começava a pensar nossa lá naquela turma, aquele espaço que tem lá na escola, as atividades econômicas que aqueles alunos vivem dá pra eu fazer num trabalho de Etnomatemática, fazer um trabalho de Modelagem, um trabalho de Jogos, com materiais manipulativos, fazer um o trabalho da História da Matemática e de Resolução de Problema, então o tempo todo a prática pedagógica era repensada.

O cotidiano da fase presencial era um momento muito esperado, no início a gente ia pra Luciara MT, aí encontrava todo mundo. Era farra de encontrar toda a turma, estar em sala de aula também era muito legal de você está ali com 60 alunos. A nossa turma era 60, no final acho que formou 59, não, formou os 60, apenas um que não formou, o menino formou depois o Juarez formou depois acho que só André que não conseguiu, mas a gente era 60 e entrou Jarbas 61 e formou os 60. Era uma turma bem diferenciada mesmo, então esse momento presencial era muito gostoso.

O estágio supervisionado era um estágio que a gente fazia em sala de aula trabalhando, então o que dava mais um pouquinho de trabalho era a parte da escrita. Essa parte da escrita era relatar o que a gente tinha feito em sala de aula. Foi bem interessante porque o primeiro estágio era uma visão que a gente tinha da escola como um todo, o que era o PPP, o que era a parte estrutural, e o mobiliário.

Então a gente começou dessa organização escolar até chegar na sala de aula em si. Foi um processo bastante interessante essa organização do estágio a gente fazia na nossa própria escola não tinha que procurar outra escola para fazer o estágio, então era supervisionado pelo coordenador do programa que foi o Ivo.

Parcelada hoje para mim, foi como é que eu vou resumir meu Deus! Foi uma abertura de horizonte, foi uma oportunidade e única para uma região de grande distância dos grandes

centros, aí eu vou pegar Cuiabá MT, Barra do Garça MT e Palmas TO. Essa região aqui no fim do estado de Mato Grosso início do estado do Pará os 15 municípios são muito distantes uns dos outros, então foi muito importante as parceladas chegar aqui e dar a oportunidade para os professores estudar.

O projeto parceladas foi um divisor de águas nas nossas vida, porque se não fosse ele a gente ia estudar onde? Como? Como é que ia ser a formação desses professores? Esperar as EAD aparecer nas esquinas da vida para a gente ter uma formação?

Então programa parcelada foi o grande diferencial, ele veio nos acolheu, nos abraçou, nos oportunizou a estudar, a ter uma formação digna e condizente com aquilo que merecemos, então é assim que eu vejo o programa parcelada hoje.

Bom a minha identidade profissional ela foi construída no chão da sala de aula que eu iniciei, numa sala de aula de chão batido onde eu era a professora, a merendeira, a zeladora, eu era tudo ali. Falando disso veio na memória o dia da minha aula inaugural no doutorado, fiquei pensando gente de onde eu vim, lembrei do meu primeiro dia de aula onde eu entrei numa sala de aula de tábua telha Brasilit no meio do nada, no meio de um pasto e tinha dia que eu chegava lá de manhã tinha vaca parida no espaço da escola eu tinha que espantar a vaca como o bezerro pra mim poder adentrar no espaço da escola.

Pensar onde estou, consegui entrar no programa de doutorado e quem oportunizou isso? Foi o programa parcelada que foi por meio dele, que chegou e pegou nas minhas mãos "falou vambora," então colocou a gente no caminho e dali terminou a graduação, "ele falou assim cê tá pronta pra seguir pelo mundo."

Então se hoje estou num programa de doutorado foi graças ao programa parcelada, graças a minha trajetória a qual eu tenho muito orgulho, nossa! Sinto-me realizada na minha trajetória acadêmica e consequentemente também na minha identidade pessoal também.

Assim a minha identidade profissional ela foi construída no chão da sala de aula e principalmente no chão da sala de aula da educação do campo. A educação do campo ela está enraizada em mim e eu tenho privilégio de hoje escrever minha tese sobre a educação do campo.

Um Fato marcante na minha formação, olha de toda a minha trajetória os dois momentos mais marcante foi à premiação de professora nota 10, foi esse reconhecimento do trabalho que eu fiz. O segundo foi entrar no programa de doutorado porque você pensar que quanto criança andava 4 km para estudar numa sala multisseriada. Saí de lá e está aqui hoje, então foram os dois momentos marcantes na minha vida sabe, está no doutorado ter a lembrança de tudo que passei. Fiquei uns três a quatro dias bem nostálgica mesmo relembrando de tudo.

> *A influência metodológica, bom sobre influência metodológica o projeto parceladas influenciava, mas de forma bem positiva. Porque os professores vinham com a proposta e principalmente a questão da metodologia, querendo ou não trazia a questão do professor como pesquisador.*
>
> *O programa parcelada/Unemat plantou essa sementinha de professor pesquisador em nós, hoje trago muito isso ainda, mas influente mesmo era na época que eu estava em sala de aula e fazendo a graduação. Era bem explícito e contribuiu bastante com relação a essa questão da influência metodológica em sala de aula, cada etapa a gente voltava com mais gás com mais novidades.* ***Vânia Horner de Almeida*** *Concedido em 05 de agosto de 2022.*

Nosso próximo entrevistado foi o professor **Juarez Filho** da cidade de Santa Terezinha-MT, também formado na segunda turma de Matemática das Parceladas de Luciara/ Vila Rica-MT, e sua escolha seguiu o mesmo padrão, uma vez que o professor também já atuou na escola de campo e na escola urbana e que já atuou em várias modalidades da educação básica, possuindo experiência de coordenação pedagógica e gestão.

Imagem 10: Juarez Filho



Fonte: Acervo do entrevistado

O professor Juarez, em nossos momentos de reflexões ainda como acadêmicos, mas já professores (lembramos que todos os entrevistados ao ingressarem nas Parceladas já atuavam como professores de Matemática em suas respectivas escolas), demonstrava preocupação com o processo de ensino e aprendizagem da Matemática. Suas proposições apresentavam aspectos que direcionaram a então pesquisa, permitindo e possibilitando reflexões em diferentes cenários acerca da melhoria da qualidade do ensino no Araguaia.

Juarez Lima Silva Filho: *Eu sou Juarez Lima Silva Filho tenho 42 anos, sempre estudei em escola pública, concluí o Ensino Médio em 1997 na E.E. Santa Terezinha da cidade de Santa Terezinha MT e cursei o Proformaçao em São Félix do Araguaia-MT concluindo ano de 2003.*

Vou começar aqui por formação geral, essa formação geral para nós que fomos das parceladas, ela foi uma formação onde nós tínhamos outros acadêmicos de outros cursos, nós fizemos em Luciara MT. Tem um tópico que fala sobre ela principalmente nós da matemática, essa formação geral ela foi uma formação como o próprio termo diz bem geral mesmo e bem ampla, mas no meu modo de ver ampla e superficial.

É claro que é lá na específica que vai aprofundar mais no que cada acadêmico está fazendo na disciplina, na área de formação, mas era uma formação muito geral, depois que a

gente vem para a sala de aula, e quando fui no caso para as parceladas eu já tava na sala de aula, e a gente via que pouco contribuía para o dia a dia da sala de aula.

Acho que deixou muito a desejar pra formação dos professores. É uma formação que parecia meio que dissociada da nossa prática lá corriqueira do nosso dia a dia. É claro que nos dava alguns elementos para que a gente pudesse melhorar a nossa prática, mas era algo que para mim foi meio que superficial. Então dessa formação geral basicamente isso aqui que eu teria para falar.

Na formação específica a gente tinha professores, vamos dizer assim preparados, nossos professores eram mestres, eram doutores que vinham às vezes da própria Unemat, às vezes vinham de algumas universidades renomadas aí do país.

A gente percebia que nós tínhamos uma turma que era bastante heterogêneo, tínhamos um pessoal que já estava mais avançado, nós tínhamos um pessoal que tava ainda arranhando na área.

A minha percepção da formação fundamental e específica ela me deu alguns parâmetros para que pudesse melhorar a minha prática docente, uma vez como já lembrei, quando fui para a universidade já estava na sala de aula como professor e professor de matemática, devido à carência dos professores na região.

A formação específica deu elementos para que pudesse depois sozinho ter condições de aprofundar e melhorar a minha prática vamos dizer assim. Saindo da universidade, se não tivesse já com algumas práticas diárias da sala de aula, eu sairia de lá um professor totalmente técnico e um técnico ainda que talvez sem nem o domínio suficiente para trabalhar por exemplo no ensino médio.

Na minha visão a formação fundamental específica poderia ser mais direcionada, como estava formando professores para o ensino fundamental e para o ensino médio, deveria ser direcionada para esse dia a dia, para essa parte da didática do dia a dia da escola.

Percebi que a gente teve pouco que pudesse contribuir com essa parte, a gente vai mesmo pegando na raça. É tanto que a gente percebe uma deficiência na formação hoje, apesar das parceladas levarem em consideração essa questão da individualidade de cada região, de cada profissional que está ali formado.

Pra complementar isso aqui eu gostaria de já falar a respeito de ensinar matemática. Eu acho que vai complementar o que eu quero dizer a respeito aqui da formação fundamental especial. Então o ensino de matemática ele...Conversávamos esses dias com alguns colegas na escola e a gente percebe que ensinar matemática parece que ela requer um pouquinho mais de engajamento, de esforço do professor que está ali e também por parte daquele que está ali para

aprender junto. A gente sabe que ensinar e aprender tem um viés, a gente ensina e aprende o aluno aprende nos ensina também.

Esse ensinar matemática depois que saí da formação específica tive que gastar muito tempo, bastante tempo mesmo reclusos buscando estudar para conseguir trabalhar na sala de aula a contento. Então isso mostra que a formação ela não criou em mim pelo menos aquilo que esperava ou aquilo que necessitava para estar lá na sala de aula desenvolvendo bem esse ensinar matemática juntamente com os meus alunos.

Portanto tive que fazer isso porque quando sair percebi formado e agora, tive que buscar muito disso.

Complementando, eu já gostaria de falar das parceladas, mesmo com toda essa deficiência, no curso o que a gente teve de bom em relação às parceladas é que nessa parte ela nos possibilitou para quem estava ali engajado, acredito que era até uma, talvez uma espinha dorsal mesmo ali das parceladas como dizem por aí "não dá o peixe, mas ensinar a pescar", mas era capacitar os acadêmicos a buscarem sozinhos, a serem autônomos, professores mesmos autônomos, professores que vão depois pesquisar, professores que vão buscar a partir daquela espinha dorsal que foi lançada aí.

Essa capacidade a gente pôde adquirir quando tivermos ali nas parceladas, trabalhávamos muito com projetos, quando a gente tinha parte presencial e retornava a gente sempre retornava com projetos de pesquisa para estar realizado e para estar retornando novamente.

A gente vai para a universidade fazer um curso superior e às vezes a gente vai com uma expectativa muito grande de que vou ficar lá quatro anos e aí eu já saio de lá pronto, mas é quando termina que a gente percebe que esse pronto nunca vai acontecer, ainda mais nós professores, nós nunca estaremos prontos.

Nesta parte creio que as parceladas cumpriam bem com os acadêmicos, ela prepara para que depois todas essas deficiências vão ficando, a gente vai alcançado essa habilidade, essa competência pra tá buscando, estudando, pesquisando e melhorando a nossa prática.

É na minha fala aqui acabei falando já um pouquinho dessa outra parte aqui que é a trajetória acadêmica, toda essa trajetória como falei no início, comecei na área docente aos meus 18 anos.

Terminei o ensino médio e já fui como professor. Terminei num ano e no outro já estive como professor, não tinha nem o magistério inclusive era só o ensino médio propedêutico e já iniciei trabalhando matemática.

Depois tive a oportunidade de fazer outro ensino médio que era Proformaçao Magistério naquela época, mas só depois 2003 por ali que foi a parceladas, de 2003 encerrando em 2007, isso encerando lá para o final de 2007.

Nessa trajetória a gente vai percebendo o quanto nós vamos melhorando à medida que nós vamos passando por essas formações, essas formações acadêmicas. É engraçado que a gente vai olhando para trás e a gente observa as nossas práticas passadas às vezes a gente até brinca, sorri e fala assim poxa! Eu já fiz isso, já fiz dessa forma, então a gente percebe que vai melhorando por causa das formações que a gente vai tendo oportunidade de fazer.

É, nós temos aqui teoria em prática dentro das parceladas, essa parte de teoria e prática até falei um pouquinho, por isso vamos falar mais um pouco. Teoria e prática que nas parceladas falei no início, as vezes lá na prática a gente ficava meio perdido, mesmo estando dentro de uma formação, uma vez que nós nas parceladas nós fomos formados trabalhando na sala de aula e tendo essa formação.

Como eu disse antes tive muito que ficar recluso quando terminei o curso para que pudesse minimamente ali a contento poder ensinar matemática, principalmente na questão conteudista vamos dizer assim.

A gente fala muito da matemática contextualizada, matemática que precisa ser prática, matemática precisa de uma parte concreta, ela precisa ser significativa, ela precisa ter sentido e dar sentido, mas o professor ele só pode fazer isso se ele tiver um domínio mínimo dos conteúdos que precisam ser trabalhados.

É comum a gente ver muitos professores se perdendo, utilizando a aula para outros fins porque não tenho domínio do conteúdo. E pra ter esse domínio do conteúdo eu tive que fazer isso depois, mas essa capacidade eu adquirir nas parceladas. Depois entendi, essa também era uma das finalidades das parceladas, de preparar o acadêmico para que ele seja um constante estudante pesquisador.

Falar um pouquinho da formação continuada em matemática, falamos aí de ensinar matemática, a formação geral e específica, as parceladas, essa trajetória acadêmica.

A Formação continuada como eu disse a nossa formação ela nunca pode parar, professor nunca está pronto e nunca está acabado e nós precisamos estar em formação todo o tempo. Então ao longo desses tempos nos tem sido apresentado junto à escola vários projetos, tinha um professor na faculdade ele falava vários "pacotes", inclusive ele dizia "tenha cuidado com os pacotes" e tem todos eles ou na maioria deles nós podemos ver algumas fragilidades. Sempre a gente vê no grupo de professores um descontentamento com as formações que são lançadas dentro da escola.

Nós tivemos uma formação e creio que foi uma que chegou mais próxima do que a escola necessita no seu dia a dia, quando nós tínhamos a sala de educador, onde as temáticas a serem trabalhadas na formação eram decididas no âmbito escolar, é claro que com uma supervisão, mas elas eram decididas praticamente ali na escola. A escola tinha essa autonomia foi uma época que era uma autoformação, os próprios indivíduos ali da escola trabalhavam semanalmente com essa formação e as temáticas eram levantadas ali. Então foi uma época que a formação continuada dentro da escola começou a fazer sentido, porque foi buscado mais formações que poderiam contribuir diretamente na prática docente do dia a dia, uma vez que essa sempre foi uma reclamação dos docentes.

Antes as formações não vinham ao encontro com a sua prática e às vezes passávamos semana nas formações e às vezes você tem que ir para outra cidade para aquela formação, às vezes ia na sua cidade com aquelas formações e sair daquela semana de formação volta para a sala de aula e continua do mesmo jeito, e aí nenhuma mudança e nenhuma transformação são ocorria.

Creio que por causa de uma dificuldade que por vezes nós professores temos também para nos abrir para algo que é novo, queremos ficar grudadinho lá naquilo que nós já fazemos a nossa zona de conforto e às vezes não queremos experimentar esse novo.

Trazendo bem para os dias atuais, acho que não posso deixar aqui sem falar da formação continuada que estamos tendo agora. Neste momento a gente tem os cadernos da fundação Getúlio Vargas (FGV), agora já vem tudo prontinho algumas turmas o professor nem sabe o que vai ser trabalhado no próximo bimestre, faltando alguns dias esse material chega.

Com a pandemia essas formações, essas conversas, elas ficaram todas nesse campo virtual, nós ainda estamos na pandemia apesar de ter melhorado um pouquinho. A tendência mesmo já era essa, e agora temos várias formações via as mídias sociais e que a gente observa que são formações que poderiam ser até boas. Mas que elas são feitas agora dentro da escola de maneira individualizada, cada professor agora de posse do seu notebook, de posse do seu celular, na sua casa isolado ou na escola na sua hora atividade também de forma isolada ele vai fazendo ou participando dessa formação continuada.

O professor precisa levar isso para a sua sala de aula, mas que o espaço para a discussão foi bastante minimizado, sem falar que são muitas formações ao mesmo tempo nós temos muitas formações às vezes nós temos que estar fazendo duas ou três formações ao mesmo tempo. Formações que eu julgo que são muito boas, mas que por causa do tempo e da forma que são colocadas elas vão se perdendo e não vão surtindo muito efeito lá na sala de aula.

Aqui na escola tenho proposto para que a coordenação possa conseguir não sei via espaço e tempo, para que essas formações possam ser feitas pelo menos por área. É difícil porque elas são colocadas para serem feitas todas na hora atividade dos professores e a hora atividade dos professores ela nem sempre dá certo para o mesmo momento.

Além disso dificultou porque fragmentou, se a formação já era fragilizada quando se juntava para conversar em grupo com os colegas, às vezes também de outros municípios, agora é mais um ponto para repensar porque essa formação continuada ela é fragmentada, agora totalmente virtual, totalmente individual e as conversas que se tem de trocas de experiência elas ficaram bastante restritas.

Bom o TCC na minha época me deu uma dor de cabeça, mas falando lá das parceladas, essa é uma parte das parceladas que acho que difere de outros cursos. Essa parte parece mais humanizada, a parcelada parece mais próxima dos acadêmicos e levar em consideração as individualidades do acadêmico. Eu lembro que na época do TCC não sei se você lembra, mas à época falando de individualidade minha eu nem colei grau junto com os colegas, teve um probleminha no TCC e eu fiz a colação em separado depois lá em Cáceres MT. Porém foi me dada todas as condições para que pudesse realizar o TCC.

Esse trabalho nos auxilia muito, talvez essa parte seja uma das que mais fica para a gente como o professor, porque é onde a gente vai para a pesquisa, onde a gente tem que ir mesmo para a leitura. O acadêmico vai para esse meio científico mesmo, porque às vezes no dia a dia da escola a gente vai se perdendo, a escola vai consumindo o nosso tempo com muitas coisas burocráticas e a parte científica vai ficando.

O TCC na formação é de fundamental importância porque nos capacita para que depois a gente possa ir caminhado, enveredando e não deixando de trabalhar isso com os alunos. Porque essa parte é bastante fragilizada na escola, por exemplo, os alunos as vezes terminam o ensino médio e eles poucos aprenderam dessa prática científica.

Aqui na escola que trabalho a gente está buscando uma discussão sobre a introdução a pesquisa cientifica, estamos propondo que ao final do ensino médio, o aluno do terceiro ano produza no mínimo um artigo científico. O trabalho pode ser feito dentro de uma área do conhecimento que ele acha que deva ser feito e que os próprios professores serão os orientadores, mas está em fase de discussão porque a gente entende que isso precisa ser feito.

O professor de matemática eu falei um pouquinho, mas gostaria de falar desse desafio também que é ser o professor de matemática. A matemática e o professor de matemática, talvez sejam os que mais sofrem rejeição dentro da escola, pelos nossos alunos.

Converso isso muito no ambiente escolar, outro dia estava conversando novamente com os colegas e coordenador fazendo uma reflexão sobre tudo isso e aí a gente volta na questão da formação, porque a gente percebe lá na nossa prática como professor de matemática muitos casos de grande defasagem na aprendizagem das crianças do ensino fundamental.

Eu trabalho com os meninos do sexto ano até final do ensino médio, uma época fui buscar entender um pouco a razão de tudo isso, nós tivemos um curso acadêmico aqui CEAD, onde formaram muitos pedagogos.

Nesse período eu já estava na escola e tinha muitos colegas pedagogos que estavam fazendo o CEAD. A matemática básica lá do terceiro ano, quarto ano, segundo ano onde eles estavam trabalhando eles não tinham domínio daquele conteúdo. Então eu contribuía muito com eles, contribui muito na formação de muitos deles nessa parte da matemática, mas aí eu aproveitava para conversar com eles procurando entender e eu perguntava alguns dizia isso aqui é conteúdo próprio lá do terceiro aninho, do quarto aninho o que você faz quando isso aparece lá, "eu pulo conteúdo a gente trabalha o que está mais ou menos e a gente pula".

Desse modo esses meninos chegam lá no fundamental que a gente chama de fundamental II, com uma defasagem muito grande e aí eles chegam com o ensino fragmentado em disciplinas. Tenho percebido que nós professores do fundamental II e ensino médio não temos conseguido recuperar essa defasagem nas crianças.

Houve uma época aqui na escola que acompanhei os registros de um aluno no conselho de classe desde o fundamental II até o ensino médio e fiz isso mesmo assim de propósito para depois mostrar para a escola que a gente precisava melhorar em algum aspecto.

Depois fiz esse chamamento para buscar todos os relatórios dos conselhos de classe onde constatou que situação dele era a mesma em cada ano que a gente relatava no conselho de classe e ele saiu do ensino médio com as mesmas dificuldades e deficiências.

Assim ser professor de matemática não é simples, não é fácil, a matemática eu costumo dizer que ela tem uma carga talvez não mais pesada que as outras, mas que ela não permite para o aluno nem para o professor deixar nadinha para trás. Aquilo que ele aprendeu lá no fundamental I, necessariamente ele precisa trazer para todo o fundamental II, e necessariamente precisa trazer toda essa carga lá para o ensino médio para que possa tentar aplicar, significar alguma coisa lá.

Estava numa discussão na escola esses dias, onde eu dizia até o seguinte, o aluno que aprende matemática é aquele que tem uma boa carga diária de estudo em casa, ele só vai aprender minimamente ou suficientemente o básico ou além um pouco disso se ele tiver uma carga de estudo em casa.

Eu acredito que nós como professor temos uma falha muito grande nesse aspecto, porque nós vamos levando, nós vamos enxergando diagnosticando e como se fosse no médico fala qual é a doença vai para casa, mas não dá o remédio, o remédio fica para depois e aí os meninos estão indo.

Professor marcante, já que estou falando aí de professor acredito que todos nós temos que buscar ser, precisamos marcar os nossos alunos e marcar bem, porque às vezes devem ter muitos alunos aí marcados, mas de maneira negativa. Nós precisamos ser um professor que os alunos lembram das nossas aulas e nas aulas de matemática a gente sempre está percebendo que o professor que fica marcado lá para os alunos é o professor que consegue trazer um pouquinho para a prática, para a vivência deles, faz eles enxergarem que essa matemática ela pode ser aplicada, que essa matemática ela foi construída, ela não foi sonhada simplesmente, ela veio de uma necessidade.

O professor marcante também é o que conseguir fazer esse convencimento ou trazer o aluno a interessar-se pela matemática, acho que esse é o fator preponderante para que esse ensino de matemática aconteça. É o que faz com que esse ensinar matemática tenha significado, que o aluno se interessar, que ele possa enxergar a importância, e possa entender que ela vai ser às vezes cansativa, gasta energia, tempo, mas que é prazeroso aprender matemática.

Dentro das parceladas lá na etapa básica em Luciara, eu tive um professor que para mim foi marcante, Aylon do Vale ele esteve ministrando algumas disciplinas, ele disse que começou a estudar me parece com mais dos seus 20 anos.

Na época, ele devia ter ali já uns 60 anos quando ele foi ministrar para a gente, e ele já tinha formação em Matemática, Filosofia, Teologia tinha umas 4 ou 5 formações. Ele poderia ter sido um professor da parte específica, mas foi um professor lá da parte básica a parte geral. Aprendi muitos princípios com ele, aprendi muito a fazer uma leitura crítica, e essa é uma parte que a parcelada também nos instigava e com esse professor eu aprendi fazer uma leitura diferente do mundo, fazer uma leitura dos pacotes que nos chegam, fazer uma análise crítica.

Ele dizia muito que também as nossas falas elas precisam, não podem ser só falas soltas, nós precisamos fundamentar, nós precisamos ler, nós precisamos compreender, nós precisamos saber para que a gente possa falar, para que a gente possa aceitar, para que a gente possa rejeitar até para rejeitar eu tenho que ter fundamento porque rejeito, porque aceito, porque uso, porque não uso. Lembro o nome dele até hoje Aylon do Vale não sei se você lembra dele, teve um período conosco.

Da parte específica para mim ela foi muito seca como eu lhe falei antes, tive que depois ficar recluso para eu mastigar aquilo tudo para conseguir digerir, para conseguir construir

alguma coisa a partir de tudo aquilo. Não fazia muito sentido para mim sabe e eu já era professor não fazia muito sentido para mim tudo aquilo da parte específico, por exemplo, nós estudamos cálculo acho que não sei se foi até o 4, mas talvez porque era muito corrido.

A gente tinha aqueles meninos que vinham ser tutores lá dos professores e eles nos diziam assim o que vocês estão vendo aqui em uma semana a gente lá na regular em um bimestre. São 2 meses o que vocês veem em aqui em uma semana rapidamente, são 2 meses, então talvez por isso, ou talvez a proposta já era essa mesmo que a gente também tivesse um mínimo lá e que depois fosse ficar recluso mesmo e a partir disso construir.

Cotidiano lá na fase intermediária, essa fase que a gente retornava da formação, realmente nas parceladas era período de férias da escola depois que a gente saía janeiro, fevereiro e quando a gente retornava março às vezes as aulas já tinham iniciado, por muitas vezes tínhamos que pagar substituto, naquele período. E às vezes esticava um pouquinho e é engraçado que eu entrei na educação assim, entrei na educação numa dessas fases intermediárias de alguns colegas aqui que estavam fazendo a parcelada e eu entrei substituindo esse período que às vezes eles ainda estavam estudando, entrei para substituir e fiquei gostei e estou até hoje.

Nesse cotidiano a parte boa era porque você está estudando, está buscando uma formação e já está trabalhando naquilo no qual você está buscando aquela formação acadêmica.

A parte que acredito prejudicial é esta de que o fazer docente que chamo de missão, porque costumo dizer que o professor tem uma missão porque o fazer docente pra quem quer fazer com seriedade, com o mínimo de responsabilidade, nós precisamos ser muito criteriosos para que ele não pegue todo o nosso tempo.

No período intermediário nós tínhamos as atividades para que pudessem serem realizadas, projetos inclusive, projeto de pesquisa teríamos que fazer individual ou em grupos. Muitos deles indicados para serem feitos na própria comunidade mesmo, na própria escola, mas que a gente percebia que às vezes, não ficava bem-feito, não ficava muito a contento porque a jornada docente era muito pesada e comprometia essa rotina intermediária das parceladas.

O cotidiano intermediário para o professor das parceladas foi muito puxado, costumo dizer que tive foram 4 anos, 4 anos que você não tem férias, quando vai chegando o mês de julho hoje a gente opa vou ter ali duas semaninhas para pegar energia novamente, quando chega dezembro você fala agora já tem um período aí para recarregar novamente e nos 4 anos não tinha isso, era um dia a dia de segunda a sexta, bastante puxado.

Naquela época eu trabalhava no município e eram 40 horas em sala de aula, então não tinha essa não, era de segunda a sexta mesmo puxado, você tinha que emendar o final de semana. Além de você não ter nenhumas férias em praticamente quatro anos, você também não tinha final de semana. Assim acho que ficou prejudicado um pouco por causa disso também, mas se fosse diferente muito dos acadêmicos não teriam condições de fazer um curso presencial.

A parcelada ela veio para trazer essa formação, melhorar a nossa região, hoje você vê nas escolas todos os professores tem formação acadêmica, tenho pós graduação, uma grande parte já indo aí para o mestrado ou grande parte já com mestrado, também isso foi graças as parceladas.

A maioria dos professores cursistas das parceladas eram professores inclusive que já tinham família constituída, a gente não tinha como deixar nosso município que naquela época nem tinha tantos cursos como tem hoje, não tinha essas possibilidades EAD que tem hoje. Se não fosse pelas parceladas não teria feito um uma licenciatura.

É creio que acabei falando um pouquinho também aqui da formação em serviço, dessa formação trabalhando esse período intermediário, acho que se confunde com essa outra que vem formação em serviço.

Coloquei um ponto positivo que é você está tendo uma formação e está trabalhando, então a formação contribui com você e o seu trabalho já contribui também na formação que você está tendo, tem essa desvantagem da correria, mas tem essa vantagem também.

Metodologia, a metodologia das parceladas foi o que possibilitou principalmente muitos acadêmicos fazer um curso acadêmico, passarem pela universidade, a gente percebe que a gente é um antes e quando a gente sai a gente sai diferente e ainda que talvez pior, mas que a gente sabe que a possibilidade de sair melhorado ou não, mas igual ninguém sai.

A parcelada trouxe isso para a nossa região que era carente e essa metodologia apesar de ter essa deficiência que considero porque a gente tinha que estudar e trabalhar e às vezes o estudo ficava um pouquinho de lado porque a tendência era de priorizar o ganha pão, vamos dizer assim. Como todos ali eram assalariados e que precisava até para continuar no curso.

A gente percebia que muitos dos projetos inclusive do período intermediário eles eram feitos assim às vezes de última hora, porque muitas vezes foram realizados para cumprir, e para que você não pudesse ter uma avaliação ruim e que pudesse cumprir o curso. Essa é a parte que talvez que não seja tão boa, mas digo mais uma vez se não fosse assim também muitos académicos não teria possibilidade nem de realizar.

No processo de ensino a metodologia das parceladas foi voltada para a pesquisa, pesquisa científica e para que o acadêmico possa alcançar uma autonomia. Eu estranhei no início porque fui pra parceladas não conhecia, fui com a ideia de uma regular, de que lá eu ia martelar, ia sanar todas as dúvidas ali presentes, mas logo a gente pode entender que a metodologia era essa.

Ali era só um parâmetro que a gente pudesse buscar tudo isso nesse período intermediário, que a gente tivesse essa competência e habilidade daquilo que se diz hoje a aprender a aprender acho que as parceladas trouxeram muito disso.

Hoje converso com as pessoas e falo com toda humildade que por ter passado pelas parceladas, hoje tenho condições de aprender o que eu quiser, hoje aprendo aquilo que me dedico aprender, porque essa habilidade, essa competência é trabalhada dentro da metodologia adotada pela parcelada. Nos deixar também nesse período intermediário meio que sozinho porque naquela época a gente nem tinha os chats, a gente nem tinha esses meios para entrar em contato com os professores e era sozinho mesmo, a gente não tinha essas mídias, me lembro que a gente foi ter laboratório de informática terminando o curso, quando a gente tava em Vila Rica MT. Era sozinho mesmo, era você lá trabalhando, eu trabalhava no município na comunidade e lá eu era o único professor que estava nas parceladas. Então era eu e eu mesmo, mas essa metodologia ela contribui muito para o nosso trabalho.

Pesquisa na formação inicial, falei um pouquinho aí também, quando a gente entrou a gente teve uma formação propedêutica do ensino médio. Mas para quem passou no PROFORMAÇÃO, nós tínhamos acadêmicos daquela época muitos eram do PROFORMAÇÃO, muitos eram de um projeto que acho que iniciou em Santa Terezinha MT o Inajá. Então nós já começamos também esse contato com a pesquisa no PROFORMAÇÃO vinha mais ou menos nessa batida das parceladas e muitos que tiveram no Inajá também era nessa mesma perspectiva.

Sempre no período intermediário nós éramos incentivados através dos trabalhos que eram colocados para levar o acadêmico para essa iniciação na pesquisa. Essa parte nós tivemos nas parceladas só que o dia a dia da escola às vezes vai matando isso, vai enterrando e essa parte da pesquisa ela fica meio que parada e não é trabalhada com os alunos, não é desenvolvida mesmo com os professores.

Eu percebo agora essa preocupação voltando, porque nós já temos talvez de uns 5 anos para cá, muitos professores estão como você, indo para o mestrado e tendo essa possibilidade essa oportunidade e continuando na escola. Porque a gente não via o professor mestre trabalhando com o ensino médio, o professor mestre estava só nas universidades e agora a

gente já pode perceber isso, então como trabalham com pesquisa esse negócio vai voltando também para a escola, para o ensino Fundamental, para o Ensino Médio. Creio que foi bastante relevante o que nós tivemos como pesquisa inicial lá nas parceladas, como ponto de partida para a gente.

Mudança na prática pedagógica, falei num tópico lá atrás que a gente às vezes hoje olha para trás, e até brinca e fala assim: poxa eu já fiz isso! Poxa eu já trabalhei dessa forma! algo que hoje é impensável, então as formações elas vão nos transformar por mais que uns são mais receptivos maleáveis outros não, mas ela vai causando transformação. E a parceladas ela foi um divisor de águas, mesmo com todos esses pontos que elenquei positivos, pontos que não foram tão positivos assim, mas foi o que nos deu parâmetro para que a gente pudesse fazer uma reavaliação da nossa prática, e a gente percebe que a gente era influenciado ou a gente era pelo menos instigado vamos dizer assim. Porque a parcelada ela sempre era de instigar para que você pudesse abrir a sua mente para aquilo e fosse atrás buscar.

Isso possibilitou a gente trazer um pouquinho para o nosso fazer pedagógico, trazer para a prática aquilo que por muitas vezes a gente só vê nos documentos da escola, que é o aluno autônomo, o aluno capaz, o aluno que faz uma leitura crítica do mundo, então eu tenho um pouco disso na minha prática pedagógica e praticamente isso se deve a minha passagem nas parceladas durante esses quatro anos.

Identidade profissional, que profissional que somos? Como é que nós podemos nos ver? Qual a nossa digital? A gente sabe que tem tudo escrito como que deve ser profissional, mas ter tudo escrito é muito bonito, o que se pede do profissional hoje, principalmente hoje na pós-modernidade, nós temos o profissional antenado, ligado e que faça bom uso das tecnologias, tanto é que a nossa matemática ela agora é matemática e suas tecnologia.

Quando fala da identidade profissional não podemos deixar de ressaltar que nas parceladas esse foi um fato que ficou a desejar, que ficou um ponto que eu cito meio crítico da nossa formação. Ela não nos formou nas tecnologias, nem nas que tinham na época, claro que era bem mais restrito, mas nós não tivemos formação tecnológica nenhuma, depois que nós saímos a tecnologia foi avançando e o professor teve que ser cada vez mais tecnológico, teve a sua prática aliada às tecnologias e hoje isso é muito cobrado da gente.

Agora esse ano então no Mato Grosso inclusive tem uma eletiva de matemática que é a TECMÁTICA, Matemática aliada de tecnologia onde é cobrado que qualquer coisa que você vai trabalhar tem que dar um jeito de trabalhar isso com uso de alguma mídia, de alguma tecnologia e nesse caminho às vezes o professor ele perde a sua identidade.

É comum a gente vê na escola e às vezes acontece com a gente mesmo, nós não nos enxergamos esse profissional que é pedido para que a gente seja, por muitas vezes não nos enxergamos com condições de ser, pelas deficiências que tivemos na nossa formação.

Eu creio que a gente vai perdendo essa identidade porque a medida que a gente não se vê conseguindo dentro de tudo isso que é pedido, vai tendo também uma desmotivação do profissional ele vai se perdendo, alguns vão deixando de se enxergar um profissional da educação, muitos mudam até de profissão porque já não se enxergam mais lá, isso se deve a nossa formação continuada que não acompanhou o desenvolvimento tecnológico.

Portanto hoje o professor ele é um profissional que tem que ser tecnológico, não cabe mais quem é diferente, e a maioria se enxerga incapaz de ser, isso faz com que ele perca a sua identidade. ***Juarez Lima Silva Filho:*** *Concedido em 19 de agosto de 2022.*

Concluindo esse primeiro bloco de entrevistados, **Eliandro Noleto Silva** foi nosso último entrevistado, mas não menos importante desse grupo de cinco professores do Araguaia formados em Matemática pela segunda turma das parceladas da Unemat em Luciara/Vila Rica-MT. O procedimento adotado com o professor foi semelhante ao já descrito nas outras entrevistas realizadas pelo aplicativo *Meet*, onde apresentamos duas fotos contendo as palavras-chave e os depoentes escolhiam as palavras e faziam suas narrativas constituídas de elementos afetivos, sociopolíticos e culturais.

Imagem 11: Eliandro Noleto Silva



Fonte: acervo do entrevistado

Realizamos a entrevista no dia 22 de agosto de 2022 em uma segunda-feira, quando o depoente expos seu relato histórico reflexivo acerca de vários pontos referentes ao processo de formação do professor de matemática e do ensino de matemática na região do Araguaia, quando observou a troca de experiência desses professores cursistas que representavam uma parcela significativa das escolas/cidades dessa região.

O depoente construiu um processo narrativo com percurso interligado entre relatos/reflexões históricas, a formação e o desenvolvimento da educação da população do Araguaia. Assim como Vânia Horner, também era do nosso conhecimento a realização de uma pesquisa realizada na perspectiva da Etnomatemática feita pelo professor Eliandro com a comunidade do povo Tapirapé (Apyãwa) no município de Confresa-MT.

Eliandro Noleto Silva - *Eu sou o professor Eliandro Noleto Silva, moro aqui em Santa Terezinha MT, fiz meu Ensino Médio aqui mesmo em Santa Terezinha MT na escola pública, escola muito diferente da escola a qual trabalho hoje.*

Na época trabalhava durante um período e estudava durante o outro, e então tive a oportunidade de fazer o Ensino Médio, concluí em1997 o Ensino Médio propedêutico aqui mesmo na cidade.

Logo em seguida em 1998 fui convidado assim que saí do Ensino Médio, pelo colega aqui da cidade mesmo que trabalhava na Secretaria Municipal de Educação naquela época.

Fui convidado para trabalhar nas escolas, para lecionar, tinha mal saído do Ensino Médio e não tinha experiência nenhuma. Aqui na verdade o começo foi por opção salarial mesmo, não vou dizer assim, porque eu queria ser professor.

No início foi mesmo a questão salarial porque tinha que trabalhar, era uma opção que eu tinha e aí optei para poder começar a lecionar na escola do campo aqui próximo da cidade também.

E aí 1999 tive a oportunidade de participar do curso de Magistério que foi realizado em São Félix do Araguaia MT. Esse curso era de férias, então na época nós trabalhávamos durante o ano e quando chegava em janeiro início de fevereiro, os 15 de fevereiro e às vezes no mês de julho sempre na época de férias, nós tínhamos esses encontros lá em São Félix do Araguaia MT e foi assim que concluí o meu magistério naquela época lá em1999, 2000.

Eu fiz o meu magistério, e comecei a entrar mesmo na carreira de professor, aí já não era mais a questão de necessidade. Comecei a gostar mesmo de trabalhar com os alunos,

aquilo foi pegando aquele gostar, naquela época e depois disso comecei a trabalhar nas escolas aqui.

Depois fui fazer a faculdade pra poder se professor, porque exigia que todos os professores tivessem um curso de nível superior, e aí nós fizemos o curso que caiu aqui da região nossa que é as parceladas o projeto da Unemat.

Nesse projeto em 2003, fiz um vestibular e passei, fui um dos classificados pra fazer um curso de matemática. Eu gostava de matemática desde Ensino Médio e aí então nesse momento eu conseguir essa vaga e iniciamos o custo lá em Luciara MT.

Também na época do curso desta parcelada também era feito nesse molde semipresencial e também na época de férias, e a gente começou o curso lá e Luciara MT e depois desmembrou alguns cursos, formou os núcleos ficaram dois cursos em Luciara MT, dois em Confresa MT, dois em Vila Rica MT e o meu curso veio aqui para Vila Rica MT de matemática, foi onde conclui ele em 2007.

Aí depois disso fiz a minha pós-graduação também semipresencial pela faculdade em Palmas TO e hoje estou com curso de pós-graduação até o momento.

Vamos lá então, como falei no início a formação era semipresencial, então tudo aquilo que a gente buscava naqueles poucos dias que nós tínhamos lá na fase presencial, aquele material tínhamos que aperfeiçoar o conhecimento nosso ali do que exigia a grade do curso de matemática.

Depois tentar levar aquilo da nossa formação pra a sala de aula, lógico que o que você estuda na formação é uma coisa, aqueles conteúdos didáticos, aqueles que vêm nos livros didáticos é outro completamente diferente, porém aquilo que nós estudamos lá na faculdade, tem tudo a ver com aquilo da nossa formação. Porque queira ou não, aquilo que nós aprendemos lá nos ajudou e está ajudando dentro de sala de aula.

O que mais pegava naquele tempo era porque a gente ficava, às vezes tinha que fazer as atividades que não dava para ser cumprida aquele período ali que tinha de aula lá na fase presencial, mas também desenvolver junto, trazer essa teoria lá para a prática nossa em sala de aula aqui. E aí nós tínhamos que conseguir, a gente ia crescendo profissionalmente com essas novas metodologias de ensino que as parceladas nos deu, e a gente via muita coisa interessante que queria trazer, tentar fazer com o nosso aluno, e conseguia fazer de uma forma não tão eficaz como era feito lá no curso.

A gente sempre fazia as modificações que tinham que ser feitas, readequando a realidade do nosso aluno pra poder chegar no final do bimestre com aquele objetivo alcançado.

Outra coisa do que eu queria falar dessa trajetória acadêmica, foi uma coisa muito importante da minha vida, acho que se não fosse, te digo com certeza, com toda convicção, que se não fosse esse projeto das parceladas aqui na região eu não teria feito uma faculdade, um nível superior. Falo isso porque para poder fazer hoje um outro curso que não seja dentro da área, vamos supor, que é oferecido aqui para nossa região, nós teríamos que sair para fora, tinha que estudar fora e meus pais não tinha condições nenhuma, meus pais são analfabetos os dois e não tinha condição nenhuma de pagar uma faculdade pra mim fazer fora, então acho que veio, caiu assim como uma luva pra nós da região porque é um curso que veio para ajudar justamente essas pessoas.

Foi pensado, acho que quem idealizou o curso da Unemat, das parceladas aqui na região, já pensou nesse público-alvo né. Essas pessoas não teriam condições de estar indo para o grande centro, que também por ser longe, pra poder ter a oportunidade de ter um nível superior.

Acho que é o sonho de qualquer pessoa que sai do Ensino Médio, e era o meu sonho, e de vários jovens hoje. Eu tive essa oportunidade sou muito grato por isso, então vou levar isso para minha vida. Fiz minha especialização em Palmas TO, mas nunca vou esquecer de tudo aquilo que a gente fazia pra poder estudar, para poder ir tanto lá para Luciara, como ia pra Vila Rica MT, deixava a família em casa, deixava tudo em casa e tinha que ir pra lá, as vezes com despesas lá, despesas em casa, mas a gente dava um jeitinho, até conseguir se formar.

Ensinar matemática, vamos lá, ensinar matemática hoje, vamos dizer assim, hoje está sendo muito exigente da gente enquanto profissional e principalmente dos alunos. Nesses últimos dois anos com a Pandemia a gente teve que se refazer, tivemos que mudar tudo aquilo que não sabia fazer, que era está usando as tecnologias para trabalhar, porque não fomos preparados para isso, nós aprendemos durante esse processo.

Foi uma nova forma de se ensinar, porque não estávamos preparados, então nós tivemos que aprender a lhe dar com essa situação, levar isso para umas pessoas que não estavam nem se quer com contato com uso das tecnologias, que eram os alunos do outro lado.

Não foi fácil esses últimos dois anos e a gente graças a Deus estamos voltando aos poucos e estamos tentando de uma forma ou de outra está contribuindo com os alunos.

Quando se fala em ensinar matemática, nós estamos com uma discussão grande sobre essas provas do governo, material estruturado, as chamadas avaliações externas que vem para avaliar o conhecimento do aluno. A gente vê essa questão que precisa trabalhar com o aluno, ele precisa saber praticamente tudo para ele poder ser bom em matemática. Por isso que está sendo importante, você fazer todo esse processo de ajudar ele da melhor forma possível, para que ele possa entender isso, e os alunos a maioria dos jovens de hoje, perde muito essa questão

do interesse, acha que a matemática é o bicho-papão da escola e eles não gostam, mas tem aqueles que a gente sabe que com um pouco de dedicação, esforço eles conseguem desenvolver as coisas fazem todo o trabalho que tem que ser feito.

A gente está se reinventando a cada dia que passa, procurando coisas novas e tentando fazer da melhor forma possível para que o aluno possa entender aquilo ali, e fazer com que ele possa saber usar no dia a dia dele. Então se tiver essa bagagem, ele não vai ser mais um dentro da sociedade, vai procurar sempre conseguir desenvolver as atividades dele aí fora que é o mais importante.

O professor de matemática é aquilo, as vezes é visto na escola ou em algum lugar que você fala sou professor de matemática as pessoas te olham de uma forma diferente fala assim, "rapaz essa cara é um doido, sei lá o quê para gostar de matemática." São poucos que gostam né, aqueles que se dedicam mesmo e querem mesmo fazer com que os alunos aprendam, porque nós sabemos que os alunos têm muita dificuldade em matemática na escola. Então ser esse professor hoje é fazer com que o aluno possa entender, aprender a ler, e fazer a interpretação desses problemas do dia a dia que vem sempre contextualizado com sua realidade.

Formação continuada em matemática, então, essa formação continuada hoje sugeridas aí pelo Governo do Mato Grosso, é pra poder trabalhar com esse material que hoje tá sendo posto aí, oferecido pelo governo que diga se de passagem é muito bom esse material estruturado, os conteúdos elencados, a forma que é trabalhado e a gente tá tendo que aprender utilizar.

As trocas de experiências com um grupo grande de todas as escolas como éramos encontros antigamente talvez ainda voltar acontecer. Nós estamos caminhando hoje após a pandemia para nos reinventar, por exemplo, eu poderia está fazendo isso contigo presencialmente, aqui conversando, fazendo tudo tal, mas que bom que nós temos hoje a essa tecnologia nos ajuda a desenvolver esse trabalho e a formação não está sendo diferente.

Aquela formação que nós tínhamos presencial não é mais de forma presencial, nós temos o material, nós sabemos usar a tecnologia para que nós possamos fazer essa formação, temos todas as orientações possíveis para poder desenvolver os trabalhos e essa formação é feita durante o ano todo, nós temos que está acompanhando todo o material e fazendo essa formação nesse sentido de estar trabalhando esse material e depois está reforçando-o, para nos auxiliar em sala de aula.

O TCC na época que fiz a minha graduação, fiz um trabalho sobre uma cultura diferente, na área da Etnomatemática. Foi um trabalho desenvolvido na aldeia Tapirapé que fica lá na Serra do Urubu Branco no município de Confresa MT. Foi uma experiência que tive na vida,

que além de ser um trabalho que estava desenvolvendo para faculdade, o TCC, mas também era uma coisa que eu estava buscando para um conhecimento pessoal, que hoje tenho a respeito deles, dos índios.

Meu trabalho era relacionado àquelas pinturas corporais deles, desenhos que tem as formas geométricas. Fiz justamente para poder fazer essa relação, o que aqueles desenhos, aquelas pinturas têm a ver com a matemática? E tem tudo a ver, se você for analisar os desenhos que estão no corpo são feitos tudo de formas geométricas. Então essa experiência me levou a não só conhecer um pouco da cultura, mas poder fazer essa relação com a matemática. Para realizar essa pesquisa tive um auxílio da professora Marineusa Gazzetta, a qual fico muito grato por tudo que ela fez por mim dentro da faculdade, me orientou, me ajudou bastante a desenvolver esse trabalho.

Quero dizer que é um trabalho ardo, mas também prazeroso, porque não tem coisa melhor você está fazendo aquilo que você gosta, você se sentindo bem. Até hoje faço essa relação, levo isso para a sala de aula quando vou trabalhar com os meninos as formas geométricas, sempre gosto de tocar nesse assunto, uma coisa que me ajudou, também está ajudando os alunos desenvolver atividades quando se trabalha formas geométricas.

Foi uma experiência muito boa naquela época, então vejo o TCC como uma pesquisa que tem que ser feita, porque daí você também já prepara o aluno, no caso pesquisador que vai se formar em algo. Essa pesquisa ajuda muito, seja ela qual for, em qualquer área que seja a pesquisa, porque ele aprende a lidar com a situação, ele começa a aprender como desenvolver tal trabalho.

Através dessa metodologia, fazer pesquisa pode ajudar até mesmo trabalhar com projetos em sala de aula com os alunos explicando para eles todos os passos pra que possam conseguir ter o melhor resultado da sua pesquisa.

A formação em serviço nos ajudou bastante porque no mesmo momento que nós estávamos sendo ali preparados, tendo a formação, mas também estava trabalhando, então você traz aquilo para dentro da sala de aula.

De uma forma ou de outra estava nos ajudando, porque você vai crescendo, vai pegando experiência, vai sabendo como lidar com a situação, como desenvolver as coisas e as parceladas essa formação ela nos ajudou muito, muito mesmo.

Assim a forma que foi trabalhado lá, era pensando mesmo na forma de como que nós iríamos trabalhar em sala de aula, por que isso acho que era o objetivo das parceladas, era formar os professores pra que eles pudessem levar para a sala de aula aqueles conhecimentos

que nós aprendemos durante as aulas de campo, durante as pesquisas que nós tínhamos durante as parceladas.

Essa metodologia que trabalhava lá, a forma que foi trabalhada na minha formação eu acho assim, eu acho que foi a melhor forma que teve por que como estava falando, nós tínhamos que trabalhar de fevereiro até junho, quando parava em julho era pra formação 15 dias, às vezes você ia em janeiro ficava um mês pegando experiências, pegando conhecimentos novos, mas trabalhos para depois tá desenvolvendo aqui e colocando em prática por que tínhamos também nossos trabalhos.

Na metodologia dos trabalhos nosso da faculdade, eram colocados sempre temas que nós iríamos levar para a sala de aula, ou seja, desenvolver algum tipo de trabalho de pesquisa pra poder fazer com que a gente conseguisse concluir atividade que era solicitada no curso, mas também ao mesmo tempo ajudar em sala de aula que era o mais gratificante.

Eu acho que ajudava muito, particularmente como estava no início de carreira, esse ponto me ajudou bastante. Acho que o que mais ajudou foi a questão de você trabalhar lá na faculdade, a forma que era trabalhado né, não só ali pelos professores, mas também principalmente porque era uma troca de experiências com outros colegas de outros município, que daí você sentar, você conversar, você ter esses momento e aquilo enriquecia a gente ali por dentro e a gente crescia profissionalmente cada vez mais para poder ter mais firmeza quando chegasse em sala de aula e pudesse estar aplicando isso com os alunos.

Parceladas hoje para você, pra ser sincero, "cara" eu vou resumir assim, as parceladas, é... Eu sou o que sou hoje graças parceladas, é... Porque assim, igual eu falei no início, porque se não fosse às parceladas eu não seria o que eu sou hoje, eu não seria professor, não teria uma formação como eu tenho hoje, então eu tenho muito a agradecer as parceladas, tudo que eu sou hoje, que se eu for dependendo do que eu vou fazer amanhã eu nunca vou esquecer o início, aquilo onde eu comecei que foi as parceladas que me deu essa oportunidade.

Tudo que eu tenho hoje, o que sou, sou um fruto disso, foi uma semente que foi plantada e hoje sou fruto, eu sou aquilo e estou semeando novas sementes né graças as parceladas e a forma que foi trabalhado.

Então pra mim as parceladas foi tudo na minha vida né, se não fosse da forma que foi as parceladas pra mim, eu não teria nem se quer talvez feito uma faculdade, porque não teria como ir para fora, e outra o curso foi praticamente dentro de casa né.

O cotidiano da fase intermediária e o cotidiano da fase presencial, na fase presencial eu procurava sempre desenvolver todas as atividades que eram propostas pelos professores, que era exigida pela grade e que eram feitas, procurar sempre fazer, sempre focado, porque eu

sabia que depois na outra fase, na intermediária era mais difícil, quanto mais coisas pudesse adquirir ali, naquela fase presencial, seria mais viável para mim, porque quando chegasse na intermediária talvez não teria tantas dificuldades para desenvolver as atividades que eram propostas.

Na etapa presencial sempre procurava está pegando os conhecimentos máximo que pudesse, para que não tivesse dificuldade quando voltasse para casa, quando fosse fazer as atividades a distância na intermediária, eu não tivesse tanta dificuldade.

Na intermediária a gente tinha que conciliar as coisas, o trabalho, que o trabalho não poderia parar e as atividades que era proposta pela faculdade, então assim, eram vários finais de semana que a gente deixava de fazer alguma coisa de lazer, porque você tinha que desenvolver algum trabalho ou fazer as atividades que tinham que ser feitas.

Era tudo corrido, então era assim corrido no sentido do trabalho, aqui que era corrido, não que as atividades das parceladas eram, no período da intermediária era tempo suficiente para desenvolver, só que o que ia depender muito era a forma que você ia desenvolver elas, com aquilo que você adquiriu lá na fase presencial, então assim, você tinha que conciliar primeiramente o seu trabalho e desenvolver as suas atividades e sempre levando essas atividades da forma que pudesse pra sala de aula.

Acho que a gente estava sendo preparados para isso mesmo, era se formando para poder trabalhar, pra desenvolver um ótimo trabalho junto com os alunos.

Um fato marcante na formação, um fato que marcou na minha formação eu acho que primeiro é saber que eu estava dentro de uma faculdade, fazendo nível superior, eu era o primeiro da família, nós éramos 10 irmãos né, entre os 10 irmãos, ninguém teve a oportunidade, porque nós somos de uma família pobre, e então eu fui o primeiro que tive essa oportunidade dentre os 10.

Outra coisa que foi marcante, foi que nesse período da faculdade eu estudava lá e morava aqui em Santa Terezinha MT, já era em Vila Rica MT, eu vinha passar o final de semana com a família e quando voltava pra ficar semana, aí nesse período uma coisa que me marcou muito foi o meu irmão, que sempre dava muito apoio pra mim no período quando ia estudar, ele falava pra mim, ele é mais novo do que eu, e aí marcou porque sempre ele cobrava, ele falava você vai ser um ótimo professor, você vai ser um ótimo... Você tem que estudar, sempre me incentivava e justamente ele no período que eu estava na faculdade ele veio a falecer num acidente que teve você lembra bem disso.

A minha vida virou de cabeça pra baixo, na época eu até pensei de largara faculdade, até me emociono falando disso e... Só que depois eu lembrava que ele era um dos que mais

incentivava pra fazer, pra nunca desistir daquela coisa. Hoje sou muito grato as coisas que ele falava para mim e principalmente a questão das parceladas, nunca esqueço, sou grato de ser o que sou, as parceladas foi tudo na minha vida eu tenho muito a agradecer, sou o que sou hoje pela formação que eu tive, a forma que foi trabalhado comigo, a forma que a gente recebeu, o trabalho que foi feito, eu acho que foi feito assim no jeito que dava para mim.

Então eu só fiz as parceladas por que dava pra eu fazer, era na época de férias né, na época eu tava trabalhando, mas eu sabia que tinha esse compromisso durante os 4 anos que era para fazer ter a formação.

Quando acabou a gente reflete sobre o aprendizado e sem falar da oportunidade que a gente tem de conhecer pessoas de outros municípios, colegas de profissão, a gente aprendia muito com os outros colegas. Hoje tenho contato com vários, converso quando a gente se ver em outros municípios, participa de grupo WhatsApp trocando experiências, participando das formações que as vezes a gente tem nos mesmos grupos. Então é muito bom ter a formação que nós temos hoje, ter esse contato com esses colegas da faculdade, eu acho que não tem coisa melhor.

Até falei uma época que queria depois das parceladas conhecer as cidades das pessoas que participavam do curso comigo e só tem duas cidades da turma nossa que ainda não conheço, mas ainda vou conhecer que é São José do Xingu MT e Santa Cruz do Xingu MT, as outras aqui próximo da nossa cidade eu conheço, vejo os colegas quando participam dos cursos, mas tenho essa vontade de conhecer as cidades que eles moram.

Então essas coisas foram marcantes para mim, a perda do meu irmão uma pessoa que me incentivava bastante, sempre serei grato porque ele me ajudava muito, a família, e principalmente os colegas que tive durante esse tempo todo e que tenho após as parceladas, então eu fui uma pessoa antes das parceladas e sou outra pessoa depois das parceladas posso dizer assim. ***Eliandro Noleto Silva –*** *Concedido em 22 de agosto de 2022.*

Assim, concluímos o primeiro bloco das entrevistas com os cincos professores escolhidos previamente e contactados para conceder as narrativas que trariam os relatos históricos da implantação de um processo de educação institucionalizada na região do Araguaia.

4.1.2 Narrativas dos(as) professores(as) graduados(as) em matemática pela primeira turma do Projeto Parceladas.

Elencamos os nomes de mais 05 professores(as) que foram alunos(as) da primeira turma de matemática das Parceladas da UNEMAT, Câmpus de Luciara, que são: Olídes Maria Orlando, Divanez Alves Correia, Edson Pereira Barbosa, Rita de Cássia de Azevedo e André Wanpura de Paula.

Dentre os depoentes dessa turma, temos educadores com uma larga experiência docente que atuaram um certo tempo sem uma formação específica, e também a educadora que se dividia entre a docência e as ações missionárias da equipe da pastoral da Prelazia de São Felix do Araguaia-MT que contribuiu significativamente para a implementação do Curso de Formação de Professores no Araguaia. A seguir, temos a primeira entrevistada do grupo.

Imagem 12: Olídes Maria Orlando



Fonte: acervo da entrevistada.

Desse grupo, a primeira entrevistada foi a professora **Olídes Maria Orlando**. Em nosso encontro via *Meet*, apresentamos a relação das palavras e a professora pôde escolher sobre quais gostaria de narrar algumas vivências enquanto acadêmica do Curso de Matemática das Parceladas da Unemat no Câmpus de Luciara.

Logo que escolheu as palavras pelas quais iria começar sua narrativa, iniciou falando sobre sua trajetória acadêmica, como começou na docência, de sua experiência como coordenadora do CEAD, de sua atuação docente na segunda turma de Matemática realizada em Vila Rica e de sua aposentadoria.

Falou do amor pela carreira docente e o quanto foi especial ensinar Matemática. Mencionou a importância das Parceladas para a região do Araguaia e a oportunidade que foi dada para os professores obter a formação.

Olídes Maria Orlando: *Meu nome é Olídes Maria Orlando, sou natural do Rio Grande do Sul, cheguei no Mato Grosso em 1989, formada no curso Técnico em Contabilidade no Rio Grande do Sul. Cheguei aqui comecei a atuar como professora na Maria Esther Peres que é escola estadual.*

Em 1994 iniciei o curso de matemática na primeira turma de parceladas da Unemat, me formei em Matemática e fiz a pós-graduação em Educação Matemática também pela Unemat em 2002 a 2004. Atuei sempre como professora, coordenadora na Escola Estadual Maria Esther Peres, trabalhei por 5 anos na Unemat como coordenadora do curso CEAD que era a educação à distância, participei de muitos eventos, fui presidente da subsede do SINTEP, Conselho da Saúde e da Igreja.

Atualmente estou aposentada, vai fazer um ano em outubro que eu aposentei pelo estado e agora estou um pouco de folga. Nesse ano não pretendo fazer nada de compromisso ainda, mas ainda pretendo orientar, que já orientei pela Unemat, então o meu trabalho agora é pensar... pesquisar esse é meu plano. Por esse ano então o meu trabalho agora é pensar em orientar alguns trabalhos para alunos da faculdade, universidades, algum projeto de pesquisa, esse é meu plano. Mas por esse ano, é um descanso merecido depois de 33 anos trabalhando na educação, trabalhei até 2010 como contratada e 2010 que passei no concurso público.

Ensinar matemática é muito gratificante uma disciplina que eu amo e amei trabalhar com ela, uma disciplina que é a base para todas as outras disciplinas.

Professor marcante é o que deixa o que aprende junto com os alunos não só aquele que ensina, mas aquele que aprende junto. Porque o professor de matemática exige uma sabedoria, não digo melhor que os outros, mas é uma sabedoria muito rigorosa, muito compromisso. Nas parceladas teve vários, um que marcou muito foi o Aníbal um professor cubano.

Parceladas em matemática eu acho que foi uma oportunidade muito especial para Região do Araguaia porque a gente precisava trabalhar para a gente ter uma renda para sobreviver aqui, que era início praticamente de Vila Rica, da região aqui, então as parceladas para nós foi a base aqui para a nossa região. Foi de muito valor, muito importante porque nós estávamos dando aula só com ensino médio, então não tinha profissionais formados na época.

Então a parceladas foi um curso especial aqui na nossa região e que formou vários profissionais que hoje a gente vê aí tem doutores, mestres atuando em universidades que foram frutos da primeira turma de parceladas aqui da região do Araguaia.

Essa trajetória foi muito desgastante, muito cansativa, mas temos momentos exemplares que a gente passava para nossos alunos da nossa trajetória para a gente ir até Luciara fazer esse curso.

Nós íamos em cima de um caminhão que era chamado "pau de Arara", nós fazíamos uma cama com serragem de madeira colocávamos os colchõezinhos em cima e nós íamos deitado em cima dessa palha de madeira pra a gente descansar até Luciara. Quando chovia nós colocávamos uma lona em cima para combater a chuva e o Sol e a gente levava uma panela de arroz carreteiro, de galinhada pra a gente comer no caminho. Levávamos toda a feira aqui de Vila Rica, porque Luciara não tinha algumas verduras e frutas, então foi uma trajetória muito marcante que a gente só guarda boas recordações da luta que nós tivemos para enfrentar o caminho esses anos que nós passamos fazendo essa faculdade.

Identidade profissional com esse curso foi muito importante que não tínhamos professor de matemática aqui e a gente era muito procurado, a gente vê que essa formação não foi só o curso de matemática, na época foi Pedagogia e Letras também.

Então eram as três disciplinas básicas para o conhecimento dentro de uma escola, a partir daí começamos ter os profissionais formados em licenciatura e ainda continuou muitos anos professores só com ensino médio trabalhando em outras áreas e aí depois veio a parcelada do curso de História, Biologia e Geografia que também foram as outras três áreas que foram importantes e que foi outro curso de parceladas após o nosso.

O TCC que desenvolvi foi sobre o ensino da matemática no ensino básico, que era como trabalhar a matemática e foi muito gratificante de aprender a trabalhar a matemática no quinto, sexto e sétimo ano do ensino fundamental.

Então esse foi o meu TCC da época que eu estudei nas parceladas e depois o TCC da pós-graduação foi educação matemática os rumos de como trabalhar a matemática, como que era educação matemática, a pesquisa, trabalhar o dia a dia do aluno, o que a matemática servia pra a vida dele, então foi esse o meu trabalho na pós-graduação.

O que vejo das parceladas hoje, ela é... Eu honro a minha pessoa por ter estudado não Unemat e ter feito as parceladas, as parceladas foi um significado muito marcante e a gente foi uma era em que a gente se dedicava 100% para aprender o melhor para a gente transmitir depois esse conhecimento para os alunos. Hoje a gente vê muitos alunos em certas faculdades aí que não tem mais o mesmo amor, o mesmo carinho, o mesmo empenho que nós da nossa época tínhamos em fazer os estudos pela parcelada e favorecia porque a gente trabalhava o ano todo e a nossas férias a gente ia para Luciara fazer as parceladas e era muito desgastante, muito cansativo que a gente não tinha férias, mas isso foi muito gratificante.

A teoria e a prática dentro das parceladas, nós tivemos professores mestres, doutores de várias universidades São Paulo da USP, da UFMG, da UFG, doutores que vieram de Cuba dar aula para nós. Então nós fomos privilegiados dos professores que nós tivemos. Eram contratados professores de várias universidades do Brasil para vir trabalhar nas parceladas, eles vinham e cumpriram às 40 horas, 50 horas. Era uma semana do curso, então era muito gratificante ter esses profissionais dando aula para a gente.

A experiência que nós tivemos e eles também com a gente de sair de São Paulo, de Minas Gerais para vim trabalhar com a gente em Luciara numa cidade com poucos recursos, a estrutura também não era tão boa, mas assim foi uma coisa espetacular foi muito gratificante a experiência que a gente teve durante aprendizagem nesse curso de parceladas em Luciara.

Início da docência, comecei 1989, cheguei em Vila Rica, eu só tinha o curso técnico contabilidade, não tinha expectativa de trabalhar como professora, mas como não tinha professores nem com o segundo grau aqui para trabalhar aí comecei a dar aula e gostei e na época o salário era bem gratificante. Eu tinha o ensino médio ganhava seis salários-mínimos e uma pessoa que tinha curso superior em 1989 e 1990 eram 10 salários-mínimos.

Então isso aí também a necessidade com a minha família que tinha aqui em Vila Rica de ter um salário melhor para ajudar eles também, e aí foi criando amor e me apaixonando pela sala de aula, aí desisti de fazer um curso superior em contabilidade, disse vou ser professora porque amei dar aula e aonde que fui para o Unemat, fui me aperfeiçoando na Unemat.

Atuei no CEAD, fiz todo um acompanhamento, um treinamento, passei num seletivo em São Félix do Araguaia e aí fiquei atuando 5 anos aqui no polo da Unemat de Vila Rica na educação no curso de pedagogia. Então amei, amo até hoje ter sido docente. É uma profissão que só gratidão por isso e pela formação que tive pela Unemat.

A etapa intermediária a gente voltava da universidade, a gente já voltava pra sala de aula e toda essa experiência que a gente viveu nesse período aí, então essa influência metodológica foi muito gratificante, a gente aprendeu muito, além do ensino da matemática que nós aprendemos na Unemat, nós aprendemos a convivência com a humildade, a carência, a necessidade, o desafio que nós tivemos para ir até a Luciara em cima desses caminhões às vezes tinha que descer do caminhão trocar de carro que não passava, as estradas cheias de água tinha que passar de barquinho para o outro lado pegar um ônibus que pegava a gente na BR 158 aonde que não é asfaltado até hoje.

Então a gente passou por... E aí nós tivemos também nessa trajetória a gente foi uma vez de barco de Luciara à Santa Terezinha e o barco apagou no Rio Araguaia, nós tivemos que encostar na beira de uma mata lá esperar amanhecer o dia dormindo dentro daquele barco só

o mosquito, sentados, uns tinham uma rede. Então a gente passou por trechos muito difíceis, mas a influência para a gente crescer e ser o que a gente é hoje, é sem palavras.

Trabalhar e estudar, falei aqui que a gente terminava o seu semestre, o ano no dia 22 ou 23 de dezembro, a gente apenas arrumava as malas e dia 2 a gente já ia para Luciara, voltava de lá no final de fevereiro e já iniciava as aulas. Então foram 4, 5 anos de muito trabalho, mas a gente estava com um espírito mais novo, a gente estava numa fase que ainda tinha energia para isso, mas só que a gente se desgastava muito, foi muito cansativo, mas isso é muito gratificante e hoje é um exemplo que nós temos a passar por nossos jovens que muitos os pais hoje têm condições de pagar a faculdade pros alunos, pros filhos e estão em bons alojamentos, não precisam trabalhar para estudar, agora tem muitas pessoas carentes que precisa *trabalhar para poder estudar.*

Então é um exemplo isso, sempre relatei em sala de aula quando os alunos estavam muitos desmotivados a estudar, eu contava a minha história para eles, eles diziam assim nós temos que estudar mesmo porque essa professora foi "fera." É um exemplo bom para a gente passar para esses jovens de hoje que não se interessam muito nos estudos e os pais fazem de tudo para ter um filho formado e eles não têm essa vontade de estudar. Então essa é uma coisa muito boa que a gente leva para o resto da vida.

Pesquisa na formação inicial, a gente fazia as pesquisas de como trabalhar a matemática no dia a dia com os alunos usando as coisas práticas, o básico do conhecimento da matemática, a geometria, contabilizar os gastos na família. Isso a gente trabalhou bastante no início, e quando eu estava em sala de aula já trabalhava isso também, ia para o mercado com os alunos, nós íamos lá e fazia a lista da feira, aí ia em 2, 3 mercados para a gente pegar preço dos alimentos essenciais que ele usava em casa. Depois a gente fazia a tabela, fazia exposição na escola numa tabela dos preços do supermercado para as famílias saber onde que era o preço mais acessível para comprar.

Então na minha formação e no trabalho fazia muito as coisas práticas do dia a dia ensinando a matemática, nós trabalhos com feira de ciências, exposição eu sempre expus muito a matemática do dia a dia.

Achei muito interessante porque a metodologia de pesquisa era bastante voltada as coisas reais, então acho que foram pesquisas muito boas, as orientações, os orientadores que nós tivemos tanto no curso na licenciatura como na pós-graduação foram orientadores fantásticos. Então a gente debatia muito e buscava fazer a pesquisa em cima do problema real da sala de aula, na comunidade, isso a Unemat as parceladas da época que trabalhava muito isso.

Por isso que foi o curso espetacular, todos os professores que se formaram na nossa época e vocês também depois, tive o prazer de fazer parte de uma semana com vocês lá, depois eu que fiz os relatórios, fiz avaliação de vocês para entregar pra Unemat, foi um prazer também está presente com a turma de vocês poucos dias, mas foi uma experiência única também.

E hoje ver vários alunos que estudou com você, Edenilson, katiano várias pessoas, e hoje vê eles os grandes profissionais aqui na escola, fazem parte da diretoria do conselho da escola, eles lutam para a melhoria da escola, mas às vezes a gente não tem o recurso ou o apoio necessário para fazer esses projetos e desenvolver coisas melhores na escola, mas eles são tão presentes na escola que eu tiro o chapéu para eles.

Mudança na prática pedagógica é meio complicado falar sobre as mudanças na prática pedagógica, hoje nós temos uma educação que está um pouco a desejar, primeiro a falta de valorização dos profissionais, hoje quase nós não temos mais curso de formação continuada, a valorização do poder de compra também caiu muito, e hoje nós vemos que muitos professores desses mais novos estão desistindo de dar aula e procura procurando outra profissão. Tenho colegas meus, amigos formados que são policiais penais, são policiais da civil, militares, e empresários, deixaram de dar aula.

Muitos alunos que se formaram nos cursos aqui em Vila Rica, no curso de educação física e matemática, eu falava vamos para escola, vamos trabalhar, eles não se animavam, diziam assim, não, eu não vou trabalhar, não tenho paciência para ser professor, o salário também, "ganho tanto, como ir lá para trabalhar com o aluno," a educação dos alunos não é a mesma como eram os anos atrás, está difícil, a educação familiar, aí a escola não está dando conta.

Então eu acompanho as vezes aqui alguns eventos, algumas coisas aqui em Vil Rica, converso muito com os que foram meus alunos e hoje são professores eles falam que como está difícil dar aula isto desmotiva muito.

Eu trabalhei 33 anos na educação nunca tive problema de ansiedade, de depressão, pressão alta, síndrome do pânico e hoje alunos meus 38, 40 anos estão afastados da função de professores por síndrome do pânico, ansiedade, alguns depressivos por falta de domínio desses alunos que nós temos em sala de aula hoje.

Então hoje a situação de trabalhar na educação está sendo bem complicada, nós precisávamos de um psicólogo pra trabalhar na escola e nós não temos, hoje vejo que a situação de quando dava aula 5 a 10 anos atrás, dava para a gente ter um trabalho melhor, na escola hoje está muito complicado.

O nosso curso foi feito só em Luciara, então a gente fez tudo esse curso lá, tinha épocas que começavam uns dias antes, um dia depois e às vezes adiava uma disciplina que não deu

para concluir, mas eu acho que foi tranquilo. A gente teve professores excelentes, os mestres, doutores como falei de várias universidades do Brasil. Nós somos privilegiados, a formação geral foi excelente.

Era uma seriedade, um compromisso porque como nós tínhamos que aproveitar muito esse tempo, porque não era período anual como os outros, nós éramos parceladas, era período de férias. O tempo era muito corrido, dia e noite estudando, não tinha luz depois da meia-noite lá em Luciara, a gente tinha velas acendia as velinhas lá na casinha bem humilde que a gente alugava, a gente acendia a velinha depois da meia-noite 1 hora e nós ficávamos até 2, 3 horas da manhã estudando respondendo questões, fazendo redações e os textos.

As vezes tinha aula de manhã, de tarde e às vezes algumas horas à noite, e aí o tempo que nós tínhamos para estudar era pouco, às vezes a gente tinha aula até no sábado meio-dia, sábado à tarde. A gente só tinha no domingo e depois de 10h da noite que a gente ia lá fazer nossas atividades da aula.

Então foi muito cansativo, mas a gente deu conta e acho que todos da minha equipe lá, eu posso considerar que são todos um grupo de excelentes profissionais da educação.

O estágio supervisionado, nós fizemos estágio sim, mesmo dando aula a gente tinha que fazer estágio em outra sala e outro professor que faziam relatório sobre o nosso estágio, então a gente fazia esse estágio, fazia nosso trabalho desenvolvia em outra sala de aula sem ser aquela que a gente dava aula, então foi muito bom fazer isso, e aí a gente fazia muita coisa prática, e embasava mais na prática do que na teoria.

Professor de matemática, não é qualquer pessoa que gosta de dar aula de matemática, é uma matéria que exige muito, como eu falei, professor de matemática que não é que as pessoas não queiram ser professor de matemática, mas se eles acham muito difícil para aprender e para ministrar as aulas de matemática. Eu estava no Goiás o mês passado, eles estavam pedindo que eu fosse para lá dar aula, que não tem professor de matemática. Em Santa Catarina tem os conhecidos lá, eles também estão com falta de professor de matemática.

Está muito em falta os professores de matemática em vários estados, porque acham uma formação, uma disciplina muito pesada, exigente, é difícil para o aluno aprender, também é complicado para o professor ensinar para que o aluno aprenda como devem aprender. Isso também vai do interesse do aluno, se o aluno, "há não gosto de matemática eu prefiro outras disciplinas," as outras disciplinas você leva o aluno a pensar e às vezes a gente tem que ouvir a opinião deles para avaliar, história, na geografia, na interpretação de texto. A matemática não, ela é exata é aquilo ou não é, e aí, os alunos acham muitas dificuldades para resolver as questões da matemática.

Então por isso que está faltando professor no Brasil e a tendência se tornar mais precário ainda, e será mais difícil encontrar profissionais nesta área, então essa aí é a questão do profissional da matemática, acho uma disciplina brilhante, uma disciplina que é a base de tudo.

Quando os alunos falavam, não gosto de matemática, eu falava para que a matemática servia, aí eles começavam a dar valor para matemática, mas aí também vai do ensino do professor, da motivação, trabalhar muito com coisas práticas. Eu acho que a teoria em matemática é importante, primeiro a teoria depois da prática, mas a questão de aula prática, todo o tempo que trabalhei acho que foi a melhor aprendizagem que os alunos tinham nas aulas prática e pesquisa.

Montar materiais para fazer as áreas geométricas usando materiais do dia a dia, medir portas, medir casa, medir rua, fazer a continha dos gastos que o pai, a mãe tinha lá no dia a dia em casa, pôr os números no papel, quanto era o salário-mínimo, quanto era a inflação, quanto era o custo da energia, o que precisava economizar energia em casa para ter menos gasto. Tudo isso eu ensinava em sala de aula, aí que fazia eles terem o prazer de aprender matemática porque só a teoria não atraía eles não, é a prática do dia a dia da coisa material.

A metodologia do ensino das parceladas foi excelente, foi muito boa metodologia, era... A gente não perdia tempo, e ia também muito às coisas práticas, não era só na teoria, por isso que aprendi muito com isso, porque lá na sala de aula eu trabalhava muito essa parte de jogos que nem te falei, área da geometria em cima de cada objeto a gente fazia os cálculos da matemática, então a metodologia das parceladas foi excelente.

Eu acho que hoje mesmo tendo o período integral ou período normal, acho que tem um bom trabalho também, mas no período da gente era único, era uma experiência nova para o Unemat as parceladas né, período de férias, então era muito puxado, muito dedicado, era voltado muito a questão da teoria claro que não tem a prática sem a teoria, mas tudo era uma reunião, era teoria e prática que a gente aprendeu muito, excelente.

Um fato marcante era a questão que a Unemat tinha um prédio pequeno lá, e lá tinha a cozinha, tinha nossa alimentação, aí a gente comia, o almoço era na própria universidade. Não lembro se a gente pagava uma taxa mínima só para manter a alimentação, pagar funcionário, não estou lembrando nesse momento, mas isso era a questão da alimentação.

O modo de vida que a gente tinha lá junto com esses professores, a convivência, os professores foram muito parceiros, muito amigos, se a gente saía da sala de aula às 6h da tarde a gente ia lá pra beira do Araguaia, sentava lá, tinha uma roda de viola, o Adilson que ele era de Santa Terezinha tocar o violãozinho para gente. Então era um meio dos professores e de nós ter um momento para relaxar um pouco.

A convivência pessoal com os professores foi muito boa, eles não eram superiores a ninguém, então isso aí foi uma coisa que marcou a convivência deles com a gente né, sentar numa roda de prosa no final da tarde na beira do Rio Araguaia. Acabava a luz meia-noite, a gente ia embora com uma lanterninha, com uma velinha, era muito calor às vezes nas casas a gente não tinha um ventilador, a gente dormia no chão, então foi uma fase desafiadora também para os professores. Porque eles não tinham hotel maravilhoso de 5 estrelas, os alojamentos bem não digo precários, mas esses de situações bem simples né.

Então foi uma coisa que marcou a convivência com os professores, a humildade deles, o relacionamento com os alunos era fantástico isso, isso foi uma coisa que marcou que hoje eu não vejo mais essa cumplicidade com o aluno e professor em várias áreas né. Isso foi uma coisa que marcou muito.

E a questão da formação continuada na minha época, quando a gente fez, nós tínhamos sempre formação continuada na escola, a gente fazia pesquisa, demonstrações de trabalhos realizados tudo na parte de geometria, então a gente sempre teve uma formação continuada, e na época da faculdade, a gente também fazia os seminários e aí a gente juntava nos lugares e fazia os seminários, fazia apresentações dos materiais de pesquisa elaborados com atividades prática.

Depois como profissional a gente tinha mais formação, tinha curso de matemática, tinha na área de exatas, na área de linguagem, só que ultimamente não estou vendo muito essas formações continuada na área da educação oferecida pelo governo. Anos atrás nós tínhamos mais oportunidade, tinha os encontros regionais e estadual e ultimamente não está aparecendo muito esses eventos aí não. **Olídes Maria Orlando:** *Concedido em 20 de setembro de 2022.*

Divanez Alves Correia tem mestrado pelo Instituto Federal do Tocantins em Educação Profissional e Tecnológica, atualmente atua como docente na rede estadual de ensino de Mato Grosso, foi a segunda entrevistada desse segundo grupo que representa a primeira turma de Matemática das Parceladas/Luciara, no dia 27 de setembro de 2022. Morava, na época, em Luciara-MT, onde cursou o Ensino Fundamental e teve que mudar para Conceição do Araguaia-PA para cursar o Ensino Médio Técnico.

Imagem 13: Divanez Alves Correia



Fonte: Acervo da entrevistada

Nos relatos de suas vivências como graduanda do Curso de Matemática mencionou sobre o desafio de cursar matemática, pois sua pretensão de carreia não era a licenciatura, uma vez que era técnica em comércio. Mas, reconheceu a importância das Parceladas na sua formação docente, na construção de sua identidade de professora pesquisadora, enfatizou a importância da metodologia tanto do curso como do ensino ofertado pela Unemat.

A depoente, em suas narrativas, aborda a Educação Matemática e a destaca como eixo que ressignificou a atuação docente. Estabelece reflexões na sua narrativa acerca da formação continuada como pilar para transformação da prática pedagógica, evidenciando a importância da UNEMAT para uma didática inovadora no ensino de matemática na nossa região do Araguaia.

A professora, em toda sua entrevista, revisita o passado para explicar o seu presente, pontuando momentos de estudos na época da UNEMAT, quando os docentes promoviam

aprendizagens que potencializavam conhecimentos simples e atividades que exigiam um grau de complexidade significativa, usando como exemplo a análise de discurso e a pesquisa.

Nessa perspectiva, a narrativa aborda sobre a importância das reflexões entre teoria e prática como algo marcante que possibilitou uma avaliação contínua do seu fazer pedagógico.

Divanez Alves Correia: *Eu sou a Divanez Alves Correia, minha formação é matemática pelas parceladas da Unemat, tenho especialização em Estatística e Matemática pela UFLA e mestrado pelo Instituto Federal do Tocantins em Educação Profissional e Tecnológica. Atuo na escola estadual no ensino fundamental II, especificamente trabalho com as turmas de sétimo e oitavo, só as outras turmas não trabalho.*

Então quando terminei o ensino fundamental em Luciara MT é... Não tinha ensino médio lá, a escola só ofertava o ensino fundamental e aí meu pai me levou pra Conceição do Araguaia PA pra que eu pudesse fazer o ensino médio, dar continuidade, porque se não saísse de Luciara não teria como estudar, porque até então, lá escola era só de ensino fundamental. Aí fui pra Conceição do Araguaia e lá fiz o ensino técnico, a minha formação de nível médio é Técnica em Comércio. Fiz essa formação técnica e aí depois de Conceição voltei para Luciara MT.

Quando cheguei, aí logo em seguida já veio esse projeto das Parceladas. Na época foi uma discussão, em qual município ficava a universidade e tal e acabou ficando em Luciara por uma coragem que o prefeito teve. Então fiquei dois anos praticamente fazendo o ensino médio, aí já iniciei, eu já entrei na faculdade.

Foi assim um grande desafio essa formação porque é... o curso em si não era o que eu queria, não era, não era ser professora que eu queria. A formação era outros sonhos, mas enfim a gente acaba... É o que tem, é o que bateu na porta e eu agarrei, e agarrei mesmo assim, é isso que eu vou fazer, tanto que fiquei fiz, porque era parcelada na licenciatura. Então licenciatura a gente sabe para que, que é, para ser professora, e aí consegui fazer toda sem grandes problemas.

No começo foi muito difícil por quê para quem não está acostumado estudar 4 horas apenas, estudar 10 não... E trabalhar ainda, a gente trabalhava o ano todo e graças a Deus eu trabalhava na Prefeitura de Luciara, no período das aulas a Prefeitura dispensava, mas quando tinha que fazer um serviço que era de urgência a gente ia à noite, nos finais de semana.

A gente estudava no primeiro momento eram 8 horas durante o dia e 2 horas a noite, nós teríamos que ir e ainda não era no prédio que tem hoje lá em Luciara, era nas escolas, na escola estadual que a gente estudava, na escola estadual, na igreja, porque não tinha, não tinha espaço para todo mundo. Então tinha essa coisa do agora é aqui na escola, depois é na igreja

a gente andava com as "carteiras na cabeça né", carregando carteira para poder estudar, mas foi assim uma... Foi um momento acadêmico histórico assim porque é...

A formação é isso pra quem é carente, pra quem tem que trabalhar, pra quem quer mudar de vida, quer melhorar as condições é... O caminho nem sempre é fácil, mas importante é que você enxerga lá na frente, e mira lá na frente e pra lá que você vai. E aí foi assim, eu tenho orgulho de dizer que sou fruto das parceladas da Unemat sim, porque deu pra aprender as pessoas falam a mais... Aprende sim, então foi uma trajetória, uma trajetória cansativa, mas bem bacana de fazer da qual tenho muito orgulho hoje de ...

No princípio a formação fundamental ela era assim, na verdade o que eu mais gostava sim por que como sigo aquela linha da educação matemática que dá mais abertura pra você discutir outras questões, tinha sim os temas mais gerais que eu gosto, da questão da história, da didática, da pedagogia mesmo, da estrutura do ensino.

Tudo isso que é mais amplo do ato de educar me chama mais atenção do que o cálculo matemático em si, o *conteúdo ali de matemática, mas na formação específica essa linha da educação matemática acho fabulosa, porque ela não é só, embora eu goste dos cálculos do que a gente chama de matemática estética, aquelas contas enormes que você faz lá e no final você olha fica tipo uma arvore. Eu gosto desse cálculo, mas no ensino fundamental e ensino médio, passou da ir não acho interessante.*

Então essa mistura da formação fundamental, e pro específico da educação matemática ela é o que me deu sustentação pra fazer, como é que vou dizer assim, pra... Para agarrar mais as coisas, para querer essa mudança sabe, pra querer aprender, tanto é que eu trabalho mais assim com o ensino fundamental do que com o ensino médio, no ensino médio ainda dar, mas eu nunca quis um ensino superior. Esses cursos que têm muito cálculo não são a minha praia não, o que gosto, eu gosto mais desse que é... Aí me chamava muita atenção porque tinha a educação matemática.

Quando veio a primeira parte a disciplina didática da matemática, lembro de um professor, um professor de Minas Gerais que ele era projeto Terra. Já ouviu falar do projeto Terra? Então o projeto Terra ele foi uma experiência em Minas Gerais, a experiência que deu origem ao ciclo. Sabe a escola ciclada? Mas foi uma experiência muito boa e esse professor veio e trouxe essa experiência para o curso de matemática.

Ali é que a gente começou a fazer o que eu acho que a Universidade tem que fazer com todo professor, que é fazer a desconstrução de todo o tradicional que foi construído quando a gente estudava, como a gente aprendia. Então foi nesse momento aí dá didática da matemática

que eu comecei a desconstruir, porque eu já trabalhava, já era professora, então já fui nessa trajetória acadêmica é...

Eu já tava atuando na escola como professora, por que assim, quando eu terminei o ensino médio lá em Conceição do Araguaia PA voltei pra Luciara MT uma cidade muito carente de profissional e tal, aí comecei, fui chamada para trabalhar já com matemática pra substituir uma professora lá na escola. E aí fiquei no ano seguinte já fui pegando turmas, já trabalhava com matemática. E aí quando veio a Unemat projeto parceladas já escolhi o curso porque já estava atuando, mas atuava no curso da mesma forma de quando fui aluna, da forma que aprendia era como eu ensinava entendeu.

Aí com o projeto parceladas veio aquela coisa do desconstruir aquilo que a gente fazia, a didática, o projeto, a metodologia do professor eram de desconstrução, era pra desconstruir aquilo que tava ali dentro, mas aí veio o construir, a gente conversava muito na minha turma isso aqui que a gente faz está errado, não é assim que vai formar o cidadão, vai ensinar matemática pro aluno, mas a matemática, o ensino vai contribuir para a formação cidadã do aluno.

Então dessa forma aqui não está certo, mas aí o construir é o que a gente tenta até hoje, construir o certo, que a gente não desiste e na verdade a gente não sabe, a gente sabe que está errado, mas o certo assim é incerto, o certo pra nós é incerto, é isso, não sei e a gente vai tentando construir, mas essa desconstrução e construção as influenciam vieram de lá do projeto parceladas de quando a gente passou para a formação específica já da matemática. Então o foco, o olhar pro aluno já foi outro, o professor veio trabalhamos, aí quando voltamos em agosto pra sala de aula a gente já tinha um outro olhar pro aluno não era mais aquele mesmo olhar da professora, entendeu? Que aprendeu daquela forma e ensinava da forma que aprendeu.

Então a influência é... Como está colocada ali, a influência metodológica isso a Unemat trouxe, e a gente conseguiu entender qual que era a proposta da formação, da formação de professores da Unemat naquele momento ali a gente conseguiu compreender.

O início da docência já falei um pouco que foi assim, iniciei na docência por falta de professor na escola que eu tinha estudado, quando voltei já tinha o ensino médio, mas sempre atuei no ensino fundamental e aí eu iniciei dessa forma é... Não tinha professor fui lá e fui pegando gosto pela profissão, e não ir mais correr atrás daqueles sonhos que eu tinha continuei de onde eu tava e hoje olho pra traz e não me arrependi de ter seguindo por esse caminho, embora tenha muitos percalços, tem horas que desanima, porque não depende só de você, só

da sua vontade, só do aluno, depende de toda a estrutura que o ensino tem hoje, mas apesar disso, eu ainda estou feliz na educação.

A teoria e a prática dentro das parceladas, isso sempre ficou, penso como nós éramos e os professores falavam, nós éramos as "cobaias", o projeto piloto que graças a Deus deu certo. Os professores que viam eram muito bons, eles faziam questão de estudar a teoria e ter prática, colocava a gente pra fazer as coisas que a gente não fazia lá na sala como: seminário, relatos, muitas coisas e tinha que ter uma culminância para conciliar a teoria e prática.

Tudo isso a gente foi vendo dentro do projeto, a pesar da exigência, das horas estudadas tanto é que teve uma professora que morava em São José do Xingu MT que ela não aguentou o peso das 10 horas, e morreu acho no segundo módulo ela não conseguiu por que era muito, muita exigência, era muita coisa assim pra gente fazer. Tinha que fazer texto, ler texto de 07 páginas e já fazer resumo, era um atrás do outro isso foi muito marcante, mas aí depois disso foi amenizando e o projeto em si viu que às 10hs não ia dar certo, ia acabar perdendo mais alunos, então ficaram nas 08hs, mas eram 08hs estudando mesmo.

Uma coisa marcante era isso, e não era como acontece hoje o professor passar lá o artigo e ler e depois, não eles ficavam sempre ali a gente fazia muito trabalho de grupo e eles estavam sempre presentes ali intervindo nos grupos. Teve alunos reprovados, o projeto conseguiu reprovar alguns alunos que não era o objetivo, mas por que acho que já vinha do aluno. Mas no final da formação fundamental para o específico teve dois alunos que a Unemat deixou por que o aluno tinha muitas pendências.

Então foi outra coisa que marcou porque parecia que não era pra acontecer, mas naquele momento que aconteceu foi uma coisa que nós ficamos conversando, porque não trazer esses alunos de volta? Mas em fim eles acabaram e foram pra outro lugar e acabaram fazendo faculdade por que também nem todo mundo se achou ali dentro, dentro da licenciatura, embora todo mundo que tivesse lá eram professores, mas nem todo mundo se achou dentro da licenciatura, dentro do projeto.

E aí meu TCC fiz em psicologia porque queria saber como é que o aluno aprende então eu trouxe Piaget é... O processo cognitivo do aluno uma coisa assim, não lembro muito bem lá do TCC, mas sei que foi em psicologia. E depois eu mesmo fiquei rindo, meu Deus do céu to fazendo matemática e vou estudar psicologia, mas era o processo cognitivo do aluno, como é que o aluno aprende? Baseado na teoria de Piaget.

A formação continuada acho que ajudaria hoje a gente desconstruiu, mas o construir é todos os dias, então a formação continuada ela deveria servir para isso. Hoje tenho um bom olhar sobre a formação continuada, mas antes nem existia a formação continuada era nós

mesmo que fazia, ela é recente no estado do Mato Grosso foi com os CEFAPROS que começou a surgir essa coisa da formação, da formação continuada.

Depois vem sofrendo mudança, depois veio com foco no aluno e tal, e até compreender o que era o foco no aluno, acho que nem todo mundo hoje ainda compreende essa questão da formação continuada com foco no aluno, mas vejo que a formação continuada ela é super importante para atualização pedagógica do professor. Por que embora o conteúdo de matemática não mude, mas a forma que você a aborda, a metodologia ela muda, ela precisa mudar porque a sociedade muda, porque o aluno muda, são outros não é mais aqueles de 5 anos atrás.

Os alunos de hoje são outros, são outros tempos, novas tecnologias, então a formação continuada é para fazer essa atualização pedagógica do professor pra que ele não fique ensinando na sociedade atual da forma que eram lá 20, 30 anos atrás o mesmo conteúdo, mas a abordagem dele tem que ser diferente, e quem vai proporcionar isso ao professor essa busca do fazer diferente é a formação continuada.

Na escola ou em outros ambientes, mas é a formação continuada que tem que dar conta disso, mas nem sempre todo mundo é atingido por que tem as condições de trabalho, tem a infraestrutura das escolas, tem a carga horária do professor e também tem a vontade do professor que ela é crucial pra fazer essa formação.

A formação não é só você... Porque antes era, há quem cumprir a formação aí tem o certificado e muita gente ia só pelo certificado. Eu vejo isso hoje como um ponto positivo, acabar com essa coisa da pontuação ali, dos certificados em si, muitos gente até comprava certificado, entendeu, só para ter a pontuação sem fazer a formação continuada e aí é quem perdia era a escola e o aluno, e o fazer pedagógico professor. Então acho que a formação continuada levada a sério ela dá conta sim de proporcionar mudanças tanto no professor quanto no aluno.

Não é só o método que se discuti, mas avaliação também tem que ser feita na formação continuada porque na universidade você não aprendeu a avaliar, entendeu você até tem é... A teoria e às vezes um pouco de prática de como você vai ensinar, mas o avaliar não é lá na universidade, o avaliar é cotidiano e precisa de muito estudo pra isso, não tem uma faculdade como tem de matemática, como tem de história, não tem uma faculdade de avaliação, tem cursos que trazem a disciplina avaliação, mas não é o suficiente, o professor precisa está se formando de outra forma.

Essa fase intermediária, a fase presencial também é com relação a Unemat? Isso também faz parte da trajetória acadêmica, a intermediária nem sempre ela acontecia lá em Luciara,

porque intermediário é entre uma etapa e outra, é isso? Então às vezes acontecia em São Félix, e aí a gente aproveitava para desestressar lá no cais, mas aproveitava o conteúdo. Eu sou uma aluna que eu sempre aproveitei, "aluna cdf", e eu tinha um grupo que era de alunos que queria essa mudança, queria esse estudo, então a a gente aproveitava tudo nessa fase.

O trabalho que a gente tinha que fazer, terminava a etapa tinha aqueles trabalhos que a gente tinha que fazer até chegar etapa presencial a gente tinha que dar conta desses trabalhos. E aí eu sempre dei conta graça a Deus.

O estágio não foi uma coisa sistematizada e nem direcionada pela Unemat acho que o estádio ficou solto. O estágio não é como é hoje, você poderia contar reuniões que você participava, como a gente já era professor então atuar na escola não contava nossas horas de trabalho lá na sala de aula, mas contava reuniões pedagógicas, cursos e outras coisas que a gente participava. Acho que essa parte poderia ter sido sistematizada de outra forma para. Assim o estágio supervisionado não foi uma coisa elaborada pra acontecer dentro do projeto como aconteciam as aulas.

Então, vou falar um pouquinho dessa pesquisa na formação inicial é... A pesquisa ela era de campo sabe? Até Maria Helena Fialho, você conhece? Ela era do curso de pedagogia, mas era da minha época foi do primeiro projeto.

Ela gostava muito de fazer cordéis, aí ela fez o cordel que tinha uma estrofe lá que falava como Luciara era tão pequena, era tanto trabalho, tanta pesquisa de campo que só os cachorros não foram entrevistados lá em Luciara, porque todo mundo, os idosos, o pessoal da saúde, prefeito, todo mundo era pesquisado, porque essa era a pesquisa que a gente fazia, era os trabalhos.

A pesquisa de campo era isso, você fazia pra comparar aquela, não é para comparar pra... Meu Deus averiguar! Não sei se essa palavra, mas tipo assim você tem a teoria então você vai colocar isso em prática, então é... Tipo análise do discurso como que você faz análise do discurso, então você ia buscar um discurso para você analisar conforme aquela teoria que você tinha estudado.

Então isso é... Foi muito bacana, mas acho que a pesquisa, eu não tinha esse olhar voltado para pesquisa, vejo que hoje o que a gente fazia lá era pesquisa, mas acho que se eu tivesse o olhar que tenho hoje pra pesquisa seria diferente. Então eu acho que todo aluno da universidade ele precisa, acho que poderia começar do ensino médio pra pegar gosto, ele ter esse olhar sobre o que é a pesquisa, pra que serve a pesquisa? Por que vou pesquisar isso? O que a pesquisa vai me proporcionar?

Acho que são questionamentos que os alunos do ensino médio já tem que começar ali no nível dele, mas começar a fazer esse questionamento porque a pesquisa em si vai ganhar uma dimensão maior no contexto educacional, no contexto do estudo, porque não é só ali para educação, por exemplo, quem vai fazer um bacharelado a pesquisa também é importante e se ele já sair dali do ensino médio, por exemplo, com esse olhar sobre a pesquisa ele vai fazer um curso melhor, vai ser um cidadão melhor entendeu, vai ter uma atuação melhor.

Então acho que a pesquisa na formação inicial ela é crucial para essa formação do estudante. A pesquisa também dar pro estudante essa autonomia, então ele sai do ensino básico com esse olhar sobre a pesquisa ele vai fazer um superior melhor, ele vai fazer um mestrado melhor, ele vai fazer um doutorado melhor, porque se ele não tivesse olhar nem o mestrado ele vai fazer.

Porque ele não tem esse olhar sobre a pesquisa, que não é só você pesquisar uma palavra lá num texto pra você responder um questionário de História, por exemplo, de Geografia, de ciência isso não é pesquisa, então pesquisa é exploração, e aí acho que se o aluno tiver essa compreensão melhora bastante. Acho enriquecedora essa questão da pesquisa na formação inicial.

A mudança na prática pedagógica ela é o reflexo da formação continuada lá na escola, porque se não tiver essa formação vou continuar com aquela mesma prática. Essa reflexão sobre a prática pedagógica só acontece quando você estuda, quando você lê, quando você pesquisa, quando você discute, por que também se não tiver a discussão não flui. No mestrado nós tínhamos as disciplinas eletivas, nós tínhamos que fazer três, e as disciplinas que eu escolhi foram sempre aquelas que iam me dá base pra mudança na praça de pedagógica, então eu fiz uma sobre a tecnologia, o momento pede, a sociedade pede. Essa adaptação por mais que a gente resista não olha o celular, a gente resiste em ficar, não vou fazer isso, não faz um pix porque a tecnologia...

Então há uma resistência na verdade do professor com relação a tecnologia, a gente tem que admitir isso que tem sim uma resistência a gente acha que não, que não usar essa tecnologia é ter conforto por que a gente acha que quem usa não tem conforto, mas não é. Você está inserido dentro desse contexto, é você vivenciar ele, porque está inserido, mas não vivencia você está fora dessa adaptação.

Escolhi essa eletiva e foi muito boa, e a outra foi sobre avaliação, a questão da avaliação na educação, mas a questão da tecnologia ela foi muito melhor porque ela teve mais discussão apesar de ser é por plataformas, mas o professor dava feedback, tinha os fóruns, agora da avaliação não.

Vejo a importância que tem de você ter formação em serviço com os pares lá dentro da escola, porque a discussão é que vai fazer fluir, por que essa disciplina eu li, eu entendi, mas não teve uma reflexão, não teve feedback, não teve um debate, não teve os fóruns para gente discutir, então não adianta você sozinho não faz nada, não é nada entendeu. Então acho válida a formação continuada com a discussão, reflexão, porque aí ela vai influenciar lá na prática pedagógica.

E sobre a metodologia acho na verdade que dentro do contexto da matemática a questão da avaliação está até mais na frente que a questão da metodologia, porque vejo que o professor de matemática, quando eu falo do professor de matemática eu não estou falando dos outros, eu não estou falando de você, eu não estou falando do Joãozinho eu estou falando de mim também.

Eu vejo que o professor de matemática não tem uma metodologia definida, ele fala assim há trabalhei a resolução de problema, não ele não trabalhou a resolução de problema ele trabalhou um problema lá como atividade pro aluno resolver, mas por que a metodologia de resolução de problema é bem maior do que o aluno pegar um probleminha ali e resolver, a metodologia de resolução de problema não é do aluno, é do professor.

Então não tem uma metodologia definida, por exemplo, um conteúdo o professor trabalha resolução de problemas, trabalha a Sequência didática, trabalha a Etnomatemática, trabalha tudo ali num conteúdo só não tem uma metodologia única para aquele conteúdo, nesse conteúdo aqui eu vou trabalhar isso entendeu eu vou trabalhar essa metodologia. Vejo dentro do contexto que trabalho e do contexto que atuei que o professor de matemática não tem uma metodologia dentro dessas propostas pela educação matemática definida, ele pega várias entendeu? E acaba misturando e aí acho importante esse foco pra metodologia, pra didática da matemática.

Acho que ela, não sei como está hoje nas parceladas porque me distanciei não acompanho, mas acho que na avaliação hoje, o professor ele tem mais como é que eu vou dizer é... Ela a avaliação é mais fidedigna do que a metodologia que ele usa. Porque a metodologia, embora a avaliação faz parte do seu método de ensinar, mas estou falando da prática do professor que não tenho um método que eles seguem, ele segue vários métodos ali e aí acho que isso não é tão legal, eu fico querendo definir a metodologia para aquele contém, mas aí é... Quando eu conseguir parar para refletir sobre a metodologia aí o conteúdo do material estruturado já acabou, virei à página, pronto acabou aí já é outro conteúdo que não tem nada ver com aquela sequência, aí foi se a metodologia.

Acho que falta muito a gente mudar a questão da metodologia de ensino na matemática, acho que a gente ainda peca mais na metodologia do que na avaliação. Não sei se te ajudei, mas é isso. **Divanez Alves Correia:** Concedido em 27 de setembro de 2022.

Imagem 14: Professor Dr. Edson Pereira Barbosa.



Fonte: Acervo pessoal do entrevistado.

O professor Doutor **Edson Pereira Barbosa** nos concedeu sua narrativa no dia 01/10/2022, véspera das eleições presidenciais em nosso país. O depoente é oriundo de escola pública, se constituiu como formador de professor nas terras do Araguaia onde tem raíz e grande apreço por nossa gente. Caminhou de pés no "chão" ao longo da sua vida profissional, isso porque mesmo estando em diferentes cidades, nunca perdeu a identidade e a conexão com o Araguaia.

Sua atuação, concepções e ideologia são constituídas de elementos sociohistóricos provenientes dessa região que ainda hoje nos motiva a ser professores do/no Araguaia. Fez parte do quadro docente da rede estadual de ensino do município de Porto Alegre do Norte-MT ainda como aluno do terceiro ano do Ensino Médio e atuou como docente pelo município de Vila Rica no Projeto Inajá. Participou do GT das parceladas e atuou em várias cidades de outras regiões de Mato Grosso.

Iniciou sua trajetória docente no contexto da educação popular e teve sua formação superior na primeira turma de matemática nas Parceladas da Unemat Câmpus Luciara, e nos concedeu uma entrevista que reflete os aspectos já mencionados acima. Isso fica evidenciado em toda sua narrativa e ao longo dos trabalhos e abordagens expostas no meio acadêmico. Edson se lança no universo acadêmico ainda sem formação, concluindo o Ensino Médio, e hoje é um dos símbolos de maior representação docente ao matematizar o ensino de modo humanizador.

A narrativa do professor é substanciada por reflexões teóricas e teóricos qualificando o conversar ali presente, um momento de aprendizagem para quem estava ali a frente ouvindo. Concebe a Matemática como ferramenta de libertação intelectual, quando diz que a matemática para ele era a liberdade e menciona o momento quando definitivamente decidiu que seria formador de professores, em especial, do professor de matemática. Aponta a formação do professor como escolha, demonstrando toda a essencialidade da sua atuação docente ainda estabelecida como cerne profissional do jovem que ainda fazia o Ensino Médio e já ministrava aula.

A entrevista do professor demonstra o agraciamento pelas parceladas/UNEMAT, as evidências estão compostas pelas pontuações do depoente ao agradecer às Parceladas por prepará-lo para o mestrado e/ou doutorado e, em especial, para uma carreira profissional bem-sucedida.

Edson Pereira Barbosa: *Então hoje em primeiro de outubro de 2022 vésperas de eleição né, é meu nome é Edson Pereira Barbosa, tenho toda a minha formação em escola pública desde dos anos iniciais, comecei minha escolarização em Goiânia GO e depois estudei na escola Tapirapé que virou Alexandre Quirino de Souza e aí concluo o ensino médio lá. Nesse intervalo aí teve um período que voltei para Goiânia quando ainda não tinha ensino médio e aí com instalar o ensino médio em Porto Alegre do Norte MT eu volto, mas isso nem tem no meu currículo porque terminei fazendo duas vezes o primeiro ano do ensino médio.*

A formação acadêmica, quando estava concluindo o ensino médio já no terceiro ano, por falta de professores naquele período eu já ministrava aulas, então no terceiro ano eu já era professor sem uma formação, trazia algumas discussões e tal, tinha acesso a uma formação informal ali com o pessoal da Secretaria de educação, porque havia um convênio. Era Bem-vinda, Joídes e Ozanete, esse pessoal, e aí surge a discussão das parceladas que era um projeto na época não era nem UNEMAT ainda, era FEZMAT de instalar um curso que funcionaria em período de recesso escolares em Luciara MT e eu terminei ingressando por meio de vestibular nesse curso e aí fiz a graduação de 1992 a 1997. E já durante todo esse período eu tinha

atuação como docente, e em paralelo um trabalho com contabilidade pública como concursado na prefeitura municipal de Porto Alegre do Norte na área de tesouraria, convênio essas coisas ali né auxiliar administrativo.

Desde 1994 pra frente passei a me dedicar somente à docência e acho que foi quando escolhi o rumo ali da minha atuação. É interessante que numa atividade quando iria começar os estágios a professora Ermerita Andoval fez um texto e pedia que a gente se identificasse como que vislumbrava a carreira, e lá eu nem sabia direito ainda o que era isso, coloquei que seria formador de professores. E concluída a graduação em 1997 já ali na hora da conclusão as parceladas institui o que eles chamam de GT o grupo de trabalho que era pra acompanhar os cursos. A avaliação era que precisava de algumas pessoas no local porque só a ida esporádica dos professores não estava sendo, não estava tendo o resultado esperado em todos os lugares.

Passo nesse seletivo e vou pra Colíder MT, do ponto de vista de formação e aí pra mim isso ainda é formação, aliás, estou em formação até hoje é... Porque eu chego a Colíder quando vai iniciar a etapa que a gente chama, dividido em duas etapas né, a etapa comum e a etapa específica. Eu praticamente refaço o curso de novo, porque agora como professor auxiliar, tinha acesso a muito mais coisa, aos planejamentos dos professores, coisas como aluno em Luciara MT não tinha, o planejamento, também as aulas porque acompanhava todas as aulas e a orientação dos alunos.

Então acho que esse foi um período de bastante enriquecimento também na minha formação e do ponto de vista da atuação profissional, porque aí agora eu tinha acesso a formação específica, professores, pesquisadores já estava nesse mundo.

Em 1998 e 1999 foi um período que eu fiquei atuando só nas parceladas e com a insegurança jurídica do ponto de vista trabalhista em 99 faço o concurso da rede pública estadual e aí sou aprovado e vou trabalhar, aí divido meu tempo de 2000 a 2006 entre a Unemat e a escola pública no caso tomei posse em Colíder, mas fiquei poucos dias em Colíder e vou pra Cáceres atuar agora na coordenação das parceladas. E eu também atuava na escola básica lá na Escola Senador Mário Motta em Cáceres MT, isso foi até 2005, início de 2006.

Aí faço o concurso para UFMT e venho para UFMT e a partir daí fico só na universidade, mas no período que estava em Cáceres de 2000 a 2002 faço o mestrado em educação na UFMT, e tomo Posse na UFMT em julho de 2006. Aqui também como formador de professores vou coordenar a implantação de um curso de licenciatura que também tem um formato parecido com o das parceladas, uma parte comum e uma parte específica, os cursos aqui no caso é só Ciências da Natureza e Matemática. Nós temos Química, Física e diferentemente do da

Unemat que a parte comum ingressava inclusive áreas que não são comuns como Letras, Matemática e Pedagogia como foi o meu caso.

Aí de 2008, aliás, 2009 é em 2008 eu faço a seleção para o doutorado na Unesp de Rio Claro SP e de 2009 a 2012 eu faço o doutoramento lá em Rio Claro. Nesse período aí em 2005 ainda de formação eu faço uma especialização em matemática para o ensino superior, era um curso de formação de matemática pelo Imec da Unicamp eles ofertaram esse curso em Cáceres, um curso interessante, inclusive podia até aproveitar algumas disciplinas para mestrado e tal, mas como eu já ia pra área, já tinha o mestrado nessa época, então não me interessava muito isso, mas a formação.

Bom em termo de formação oficial é isso, também tive acesso durante esse período alguns elementos de formação que considero muito importantes para mim. Um deles foi que em 1995 e 1996 ainda na Região do Araguaia atuei como formador, como eles chamavam de supervisor do projeto Inajá pelo município de Vila Rica MT e essa foi uma experiência interessante porque nós tínhamos uma formação com os professores da Unicamp, então tinha já uma relação ali pessoal com Dulce, Arguelo, Adão, Ernesta uma quantidade grande de pessoas que tocavam o curso, então eu já participava também nessa parte da fomentação, da organização de cursos para formação de professores.

Resumindo eu diria que minha atuação profissional de alguém muito preocupado e formatado basicamente para formação de professores, mas com uma forte atuação e experiência em sala de aula, tanto de formação inicial e contínua né. Outros elementos ainda aí dessa formação é que participei de vários grupos de pesquisa, vários momentos de discussões, vários seminários essas coisas, e isso acho que enriquece muito.

Trabalhei agora estou tentando verificar aqui, mas acho que 16 anos na educação básica, então tenho uma experiência, ministrei aulas de quarto ano do ensino fundamental que hoje seria o quinto ano ao terceiro ano, em todos esses anos aí eu já trabalhei. E na formação de professores tenho dividido sempre minha atuação entre quem dar... Aqui a gente por ser um grupo pequeno nós somos poucos a gente tem a oportunidade de não ficar limitado a ministrar uma única disciplina né, então ministro tanto disciplinas de matemática, da base matemática quanto da área de educação e aí eu diria que sou um educador matemático, me identifico como tal.

Eu acho que sobre a atuação ainda voltar, algumas coisas que tenho feito ultimamente, tenho trabalhado um pouco com inclusão, trabalhei, orientei e acompanhei produzir material para alunos cegos, com alunos cegos não para, mas com. E também agora, por exemplo, estou com um projeto da FAPEMAT pra laboratório de aprendizagem, mas sempre com alguém né,

nesse caso esse projeto é com os professores né não para os professores, acho que essa é uma marca da minha atuação como formador e como professor com a preocupação de trabalhar com.

O ensinar a matemática, acho que o curso que nós tivemos aí em Luciara e aí acho que isso é super natural né, vejo isso supernatural, mas nós tínhamos um conflito, um conflito sobre aquilo que se desejava e aquilo que praticavam os professores né, então por exemplo é... E aí o duro assim, não dá para desconsiderar a experiência porque quem fala é o Edson de 2022 não é o Edson de 1994, mas nós tínhamos já algumas discussões porque nós tínhamos de um lado um projeto que procurava ser interdisciplinar, que tinha uma série, uma parte do curso dedicada a isso e aí isso eu acho que era muito interessante e de uma outra ponta nós tínhamos por ausência de professores formadores com essa experiência uma parte de uma matemática muito tradicional onde a gente até brincava que ali a gente aprendia por contra exemplo o que não era ser um professor de matemática.

Com todo o respeito, assim são inclusive, uma dessas pessoas foi convidada para ser o nosso professor homenageado, foi professor Aníbal um cubano, mas ele chegou aqui pra dar aula de matemática, era uma boa matemática, era fazer os 2 livros de análise do Elon Lages.

Então ensinar matemática no nosso curso, acho que coube muito ao posicionamento de cada professor, de cada aluno, nós éramos todos professores, que era um curso de formação em serviço. E já caberia isso a tomada de decisão, mas nós tivemos acesso aos diferentes modos do aspecto do ensinar matemática e uma preocupação com o educar.

Eu acho que de professor marcante na graduação se você perguntar, acho que praticamente nós tivemos muitas aulas com o Aníbal e a gente apesar dessa contradição de que ele não era um exemplo do que deveria ser um professor para ensinar matemática na educação básica ele foi muito importante do ponto de vista do ensino de matemática. Não sei se seria professor marcante, do outro lado nós tínhamos pessoas como, por exemplo, a professora Ermerita com uma preocupação política muito grande, muito severa de organização do curso, outro professor que foi muito importante do ponto de vista de chamar atenção para esse lado do matemático e do educar matematicamente, aí acho que 2, o Marcos Teixeira e o professor Geraldo Pompeu eles são da Unesp, naquele tempo os professores vinham a maioria de fora, a Unemat ainda tava formando como eu falei, quando o nosso curso começou nem era Unemat ainda, então a Unemat estava formando o seu corpo docente e o corpo docente ainda se preparando, então acho que esses são professores marcantes.

Da formação básica fundamental, considero duas pessoas assim... A cara eu sempre me dou bem com todos os professores, acho cada um tem uma série de coisas incríveis né, mas

acho que a professora Judite de produção de texto, o professor Arguelo com quem depois eu tive a oportunidade de conviver é uma pessoa da Física que tenho uma admiração muito grande por ele, e então acho que dizer um professor marcante seria difícil né, mas acho que essas pessoas são: Ermerita, Aníbal, Marquinhos, Geraldo é... Tem todo aí esse conjunto e eles andam nesse espectro aí tanto o posicionamento político, posicionamento didático, de conteúdo. Então acho que essa formação foi interessante, assim acho que não destacaria um professor marcante, mas professores marcantes.

Sobre a formação geral considero ela um legado interessante para a minha vida profissional, primeiro porque tive oportunidade de exercitar e aí falo coisas que às vezes você não sabe no dia muito pra que, mas lembro das aulas de ciências sociais com aspectos e às vezes a gente até brincava: Há pra que tanta "Gia" né, e hoje eu vejo quanto isso me ajuda e me dá trânsito e consigo desenvolver algumas leituras que me interessam às quais eu me dedico, é me dedico menos do que eu deveria, mas no limite do que posso.

Ela foi um forte balizador para eu conseguir saber que um professor, um educador matemático ele tem que saber mais do que matemática, a outra coisa que considero interessante nessa parte que tive nessa formação é que ali na formação tive oportunidade de conviver com pessoas que tinham outras expectativas, outras formações, outras experiências.

Quando tinha, por exemplo, eu considero isso ímpar né cara, você fazia uma disciplina com uma pessoa igual o Luiz e a Nice, discutir antropologia com pessoas que naquele tempo já moravam há mais de 20 anos dentro de uma aldeia, então não era né... Você discutir sociologia com pessoas que eram militantes de movimento sociais, com pessoas que eram representantes né tinha na turma praticamente representante dos fazendeiros, então a gente tinha essa discussão na sala de aula num ambiente saudável eu diria que hoje politicamente a gente não encontra mais e dar saudade de fazer algumas discussões que na época achava cansativas né, como dar saudade! Mas essa eram as experiências né, por exemplo, discutir educação indígena com Maria Helena Fialho que ela formou em letras e ela trabalhava na Funai a muitos anos né, depois fez toda uma carreira e tal.

Então acho que a formação geral além desse aspecto de formação de conteúdo ela nos dava a oportunidade de conviver com diferentes perspectivas e experiências e isso era muito debatido ali né.

É... Professor de matemática, então acho que ali consegui construir boa parte da reflexão do que era ser professor de matemática, mas aí já na formação específica um pouco mais, e aí acho que o equilíbrio dessas experiências é que faz como cada um se apropria delas ou que vai

se fazer como professor de matemática. Na graduação consegui perceber que ser professor de matemática não é fazer a matemática que eu gosto.

Eu com matemática como aluno da educação básica sempre tive muita facilidade, hoje lembro de algumas coisas que falo, o professor Juvino mesmo lembra, fala que quando no primeiro ano fiz uma organização dos números observei e comentei com ele que os conjuntos numéricos a gente estava na quinta, na sexta, na sétima série, então eu fazia números naturais, inteiros, racionais e reais e isso fechava no ensino fundamental, é no final do nono ano e ele e o Denílson esse dias o Denílson também lembrou desse fato, falando poxa era uma maturidade matemática que não era esperada em qualquer aluno.

Então eu tinha facilidade com matemática e aquilo me parecia fácil né, não que eu seja um exímio matemático não sou matemático, mas tinha facilidade com aqueles conteúdo do ponto de vista de lidar com eles, representações, com as transformações, mas ao ser professor eu observei que o meu exercício é de fazer com que o outro construa e se empoderes para construir matemática e perceba que tem ali uma beleza estética, tem uma utilidade, que tem uma produção cultural, e então esse eu acho que foi o professor que eu tenho perseguido e tentado ser é tentar fazer com que esse acervo de conhecimento chega a mais pessoas possíveis e não de forma autoritária, mas de forma que a pessoa se sinta dona também e se aproprie desse conhecimento.

A formação específica como já falei, acho que aí sim a gente tinha dois mundos, tinha um mundo da área da didática, e a gente, nós tínhamos discussões muito boas e interessantes, como Sérgio Nobre, a própria Ermerita.

Tem um professor que veio muito interessante da federal de Minas Gerais, na verdade ele era da escola de aplicação agora me faltou o nome dele aqui agora, muito interessante a gente chamava ele pelo nome do sobrenome, que davam uma sustentação para uma prática de educação matemática diferenciada do ponto de vista de trabalhar com o aluno e não para o aluno e não só de falar, mas de criar um ambiente, do ponto de vista inclusive teórico, de marcação teórica muito forte, olha se você é piagetiana é essa prática recomendada, você é Vygotskyano persegue isso, se você tiver o Freinet, na época era muito discutida ainda, o Freinet que hoje tá praticamente fora de moda.

Do outro lado nós tínhamos um exercício muito forte da matemática pela matemática com professores como o Aníbal, como o Oscar, como é... Zé Marcelo e tinham outros que como a gente brinca tem um colega aqui da graduação que fala assim tinha outros que chutavam com as duas pernas né, e aí era o *Geraldinho né o saudoso Geraldo Pompeu, o Marcos Teixeira né, o Marquinhos, por exemplo, para mim é uma referência do que é ensinar cálculo diferencial*

né, porque ele conseguia ensinar cálculo e discutir uma postura didático, uma postura de aprendizagem ali.

A outra coisa que a formação específica ela é muito importante porque ela dá um empoderamento do eu ser pro mercado de trabalho, aí cê diz não eu sou matemático, sou licenciado em matemática, eu sou professor de matemática, ou eu sou educador de matemática, então acho que a formação específica ela foi importante pra isso pra fazer essa marcação específica aí inclusive de acesso.

Parceladas em Matemática, então ao projeto como um todo eu acho que para a região ele primeiro assim, não há como negar que ele nasce, ele nasce no início como uma reprodução do projeto e Inajá, e a primeira etapa era um "Inajazão" tinha até algumas pessoas, eu lembro que o Cleo Mendes de Santa Terezinha MT, ficou muito bravo porque politicamente ele era contra qualquer postura que viesse do pessoal ali daquelas prefeituras que a gente diz da prelazia, e aí quando ele olhava e falava isso aqui não é faculdade isso aqui é um "Inajazão" e tal né, ele tinha essa postura.

Então durante os primeiros anos ele é reconstruído com uma identidade, aí acho que essa identidade ela é construída e marcada não só em matemática. O projeto parceladas consegue se posicionar de uma certa forma muito interessante: a primeira coisa que ele não é um curso de férias, apesar de que alguns alunos se portaram e alguns professores como tal, mas ele não era um curso de férias.

A ideia da etapa intermediária era uma coisa muito interessante, a outra ideia era a questão da vocação regional, ele não era um curso que tava preocupado em formar um professor de atuação geral para o mundo inteiro, mas pra discutir os problemas locais, para dar conta de a partir do seu local ele se reconstruir se refazer, a outra coisa ele tinha uma vanguarda do que estava se consolidando na época que era a educação matemática né.

Então não era muito comum inclusive os cursos em geral eram você fazia três anos de matemática e depois um ano de pedagogia e aí pronto era licenciado né, no nosso a gente tem um ano de formação geral onde inclusive está essa formação propedêutica aí profissional do educador e depois a formação específica em matemática, mas ela vem com a preocupação de educação matemática, a outra coisa que era inovadora na nas parceladas naquela época era a produção do TCC ou da monografia do trabalho.

Lembro que o primeiro curso de graduação de Mato Grosso a ter um caderno de resumos foi o das parceladas isso em 1997, a Unemat só vai instituir o TCC depois de 2000, então com o tempo as parceladas ela é um projeto que ela inclusive ajuda a discutir traz para dentro da Unemat algumas questões ali colocadas.

O TCC agora é interessante, inclusive o meu TCC abre portas para o meu mestrado, meu doutorado, porque eu começo a trabalhar com uma preocupação com álgebra e a Terezinha do Lourenço ela foi professora minha no sétimo ano sétima série naquele tempo, lembro que ela começou a ensinar polinômios, naquele tempo ensinar polinômios na sétima série era só as regras né, e eu gostei daquilo, cara falei "puta merda" isso aqui é o máximo, eu só preciso...

Me lembro da gente relembrando isso, porque eu falei pra ela, olha aqui é só dizer que vai multiplicar, não precisa nem fazer a conta, porque tenho um pouco de "preguiça" de fazer conta né. Então eu precisava estruturar as coisas, falava há que legal é só dizer que multiplicaria o A pelo B, então diferentemente daquele meme do menino lá que quando colocou as letras, quando eu vi as letras em matemática para mim era a libertação.

Então vou fazer o TCC com essa preocupação de como discutir isso, e me deparo com a teoria do modelo dos campos semânticos que tava lançando que era Rômulo lançando um livro junto com Joaquim Gimenes que é uma perspectiva em aritmética para a álgebra, aritmética e álgebra no século XXI. E a Idânia que foi minha orientadora ela viaja conhece o Rômulo e traz o livro impresso que tipo assim tinha sido impresso naquela semana, então eu tive um livro em primeira mão aí na região, e aí eu faço um trabalho em 98 para ir ao Enem e quem é o comentador na sala é o Rômulo o autor da teoria e depois a gente sai e anda lá cerca de uns 800m mais ou menos dentro do campo de São Leopoldo conversando né, porque eu já conhecia o Geraldinho, conhecia eu Marquinhos e o Sérgio e aí com isso a gente terminou conversando e aí ganhei ali eu acho que ali começou meu doutorado.

Fato marcante na formação, bom primeiro o fato de ir pra Luciara né, eu gostava de Luciara pra caramba né, e você sabe eu trabalhava e estudava o tempo todo. Então meio que ficar só pra estudar em Luciara era meio quase que como férias pra mim tanto pelo gosto, pelo prazer como pelo ambiente que era criado ali, quando era julho então era um "sofrimento" né, mas eu sei que a sua pergunta não é sobre isso é... Eu acho que um fato marcante na minha formação foi quando desse que eu já falei ali, quando a Emérita fez aquele exercício no início do estágio do que era que a gente desenhava para uma profissão, acho que ali tomei definitivamente a decisão de que seria formador de professores né, tanto que isso depois e incluem eu aceitar ir pro Inajá e vir para parceladas e a partir dali começo a estruturar a minha carreira, acho que esse é um fato marcante.

O outro fato marcante acho que foi de reconhecer que eu não era matemático né, porque até então eu tinha uma ilusão de que poderia ser matemático, em alguns momentos alguém aí pode até lembrar de mim reclamando de estudar um tanto de "Gia" como já disse, e ali percebi

que seria um educador matemático, então acho que essas foram coisas marcantes e importantes pra mim.

A parceladas hoje pra mim, cara é complicado porque saio das parceladas vou ser GT, vou ser coordenador, depois passo a ser responsável por escrever os projetos de parceladas né, os projetos de parceladas de todos aqui de Vila Rica MT que você fez, o de Alta Floresta MT, de Comodoro MT, de Araputanga MT, de Rosário Oeste MT esses aí fui eu quem escreveu né, e quem escreveu não coordenei a escrita desses projetos.

Então as parceladas, primeiro acho que do ponto de vista de formação inicial já falei, mas depois ela se torna meu ambiente de trabalho muito rico, tive acesso a muita coisa a partir das parceladas uma experiência impa, então eu digo que as parceladas é a maior formação continuada que eu tive, fiquei de 2002 a 2004 nas parceladas, então foram, aliás de 1992 a 2004 então foram aí 12 anos intensos nas parceladas.

Uma marca ruim disso que eu tiro é que a gente não tinha período de férias, porque lembro que fiz uma vez uma conta, eu estava com mais de 10 anos que não tinha 30 dias de folga seguidos. Porque quando aluno eu ministrava aulas na escola básica e aí no recesso escolar estava fazendo a faculdade, e quando vou trabalhar na Unemat eu tinha atribuições também na graduação regular, então tinha o período ali acadêmico normal e no recesso estava nas parceladas, isso foi uma marca que não é muito boa do ponto de vista de diminui o ritmo, de saúde, cuidado e tal, mas do ponto de vista de convivência acho que era uma coisa que inclusive os cursos hoje com a tecnologia deveriam ser revistos, mas isso é pra outra coisa.

Para mim as parceladas são isso, é uma oficina de vida, é um lugar que aprendi de tudo, de organização, porque tive nas parceladas além da minha formação inicial, uma formação continuada, me deu possibilidade de fazer o mestrado, me deu condições intelectuais de discutir com pessoas muito diferentes, e acho que isso formata muito da minha vida as experiências contínuas que eu tive ali. *Então sou filho das parceladas né, é minha casa, é meu lugar e é isso que eu sinto.*

Teoria e prática dentro das parceladas já falei um pouco, eu acho que assim, porque peguei o período em que os professores estavam se formando nessa ideia. Então acho que a gente tinha o pessoal das parceladas, quando eles começaram, eles tinham aí uma idealidade, um objetivo político que vinha aí do Inajá da região do Araguaia, e da experiência que o pessoal da Unemat de Cáceres MT tinha com o homem natureza, acho que era homem natureza o nome do curso, agora eu esqueço aqui. O geração é depois do homem natureza, que era um outro projeto meio similar ao Inajá que tem outra configuração, mas vem dessas experiências

desses professores, mas eles não sabiam direito como fazer isso e nem tinham formação, imagina se a Unemat estava nascendo.

Esses professores também estavam se consolidando, fazendo suas formações, mas hoje vejo como bom esses conflitos que tinha entre teoria e prática. Já dei um exemplo que a gente brincava que a gente estudava didática e depois ia pra aula de matemática aprender didática por contra exemplo, mas isso era conflituoso, até hoje, estou aqui no curso e continua sendo feito.

A formação continuada, a parceladas era uma formação continuada e em serviço, por que? Em geral, aliás, essa era uma coisa interessante sei que depois as parceladas começaram a aceitar pessoas que não eram, não tinham experiência em sala de aula, mas quando fiz todo mundo era professor, não tinha um que não era professor na minha turma.

Sei que depois inclusive teve até processo, sei por que eu estava na coordenação, pessoas que iam lá pegavam um pouquinho de aula para entrar na chance de fazer uma graduação, não eram professores mesmo. Então já dei o exemplo, aí a gente tinha professor que era professora há 20 e tantos anos, e estavam ali fazendo a graduação.

Acho que isso é um convencimento que as parceladas não precisavam gastar energia para convencer ninguém de que aquilo era um curso de formação de professor. Sei que depois quando aceita pessoas que não são professores ela passa a ter em outros locais esse problema, mas esse era um problema que na nossa turma não tinha, então era uma formação continuada, então o os assuntos da experiência de sala de aula de todo mundo tava ali em jogo e também era colocado em jogo, em discussão e tinha uma formação matemática.

Então digo assim que do ponto de vista didático a gente tinha um confronto, do ponto de vista matemático a gente teve um aperfeiçoamento do formalismo, do tratamento, da compreensão da organização do conhecimento matemático.

Início da docência eu já falei, comecei antes lá no ensino médio por falta de professores, e fui gostando desse negócio e depois não saí mais.

As influências metodológicas eu tinha uma identificação muito grande, acho que as parceladas ela tinha uma identidade metodológica (aí você está falando metodológica do ponto de vista de ensino), muito grande devido uma assessoria que era do Angel Pino que era Vygotskyano, o sociointeracionista muito forte, e aí os esforços eram todos nesse sentido. Isso era muito marcante principalmente porque o nosso curso era um só não tinha outro, depois que vem abrir Barra do Bugres MT e Colíder MT, mas nesse tempo, nesse período então eu tive também o privilégio de ter o esforço todo, de todo mundo da parcelada, era todo mundo focado no nosso curso em Luciara, então eles tiveram tempo.

Lá foi meio que um laboratório para o que vem ser depois a parcelada e aí obviamente as coisas não são imutáveis as pessoas mudam os contextos mudam, mas ali eu acho que ali foi um grande laboratório.

Então tinha influência de uma postura do Inajá que eu digo que hoje assim grosseiramente falando é muito mais Freinediana do que outra, muito Freinediana muito próximo do que Freinet faria com Paulo Freire uma coisa assim.

Toda prática metodológica é híbrida ela não é pura, não estou falando aqui de teoria pura, estou falando de práticas, então era uma prática Freinediana e Freireana do Inajá junto com uma prática mais sociointeracionista do ponto de vista organizado a partir de Vygotsky, a teoria da atividade na nossa graduação, mas a gente flertava ali tivemos experiência totalmente se a gente pegar aquele isolado era Skinner puro, então a gente conviveu muito bem com isso, mas eu acho que a ideia a influência metodológica principal aí quem mais exercia essa influência era o Angel Bin. Acho que uma sugestão é, se quer entender o que o pessoal das parceladas buscava são os textos, os escritos da época do Angel Bin.

É... Então a fase intermediária a gente a viu ser criada e ser nascida ali, então imagina na época os professores saíam de Cáceres MT e iam fazer essa região toda aí, então era trabalho de "louco." Receber os professores eu vou te dizer que era mais uma festa do que um momento de trabalho mesmo, eu falo festa do ponto de vista de que era um momento que o pessoal das parceladas de Cáceres MT tinha contato com Secretaria de Educação, com nossos ambientes de trabalho e eles não dispunham de tanto tempo, você imaginar o tamanho da região aí. Lembro que, por exemplo, em Porto Alegre do Norte a primeira vez que eles foram, chegaram em um dia ao meio-dia ficaram aquela tarde à noite e no outro dia no final da tarde já foram embora para Cascalheira.

Teve uma vez que eles ficaram dois ou três dias, então esses eram os encontros, mas ali era uma reunião de reanimação e, mas era o local onde a gente exercia muito forte a questão do trabalho em grupo, por exemplo, aí Porto Alegre nós tínhamos um grupo forte que era puxado praticamente pela Jurandina, dizer que eu e o Adailton organizava era mentira, a Jurandina que ia lá e tinha dia da Jurandina ir nas nossas casas nos acordar pra estudar.

Então era o momento que a gente tinha esse tempo de estudo e se dedicavam um pouco a isso, e aí era um período que a gente tinha que dividir isso com a nossa atividade profissional de sala de aula. Como eu trabalhava na mesma escola que a Benvinda, que a Júlia, a Kátia, se bem que a Kátia era muito pouco de fazer trabalho com ela, com quem mais eu trabalhei foi com a Jurandina, um pouquinho com a Benvinda, um pouquinho mais com o José Lopes. Então

a gente tinha ali, eu diria que era o momento de a gente construir a identidade de aluno do curso aí na cidade.

Em Vila Rica MT, quando eu mudo pra Vila Rica tenho outra experiência, porque lá foi fomentada a criação mesmo de grupo de estudo a gente sentava, às vezes aos Domingos, aos Sábados tinha um horário que a gente sentava. Lá era mais formal e menos intenso do que em Porto Alegre, mas era isso.

O cotidiano da fase presencial como que eu digo, era um bombardeio, porque vinha aquilo ali uma disciplina, muito conteúdo, uma pressão danada, horários fechados o dia inteiro. Eu era bem mais jovem que hoje gostava um pouquinho de festa, então quer dizer você depois do terceiro dia que assistia aula moído, porque não dormia direito e tinha que dar conta de assistir aula o dia inteiro, e eu prezava um pouco pelo desempenho, então sofria um pouco porque tinha que fazer um esforcinho. Então uma das coisas era tomar muito café à tarde depois do almoço para permanecer acordado.

A formação presencial se você não cuidasse, e essa foi uma coisa que a gente aprendeu rápido, você desanimava de uma certa hora pra frente. Porque vinham tantos conteúdos, tantas coisas trabalhadas, você não tinha tempo de amadurecer, então uma coisa da etapa intermediária era isso ela dava tempo dessa maturação daqueles conteúdos, de você amadurecer mesmo reorganizar aquilo na sua cabeça.

E na presencial nós tínhamos um grupo, ficamos chamados do quarteto, que era eu, Adailton, Jovino e Joãozinho, então assim a gente estudava muito juntos, festava juntos também. No final do curso nós dividimos inclusive a casa, então era o tempo todo essa discussão, mas era um período intenso, você que era do futebol eu dizia que era 30 dias de concentração sabe assim, então era intenso isso.

Trabalhar e estudar, cara vou falar uma coisa pra você que descobri muito cedo, eu trabalho para ajudar no rendimento de casa mesmo desde onze anos de idade. Então minha mãe era mãe solo e meu pai faleceu eu tinha oito anos, e aos dez anos, onze anos eu já percebia a dificuldade que era. Em casa minha mãe tinha muito claro que a saída para nós era estudar, ela sabia disso e tanto que quando meu pai morre a gente vai para Porto Alegre do Norte MT porque tinha o meu tio aí, o tio Isaías e ela falava que no interior ela conseguiria cuidar dos filhos, a gente morava em Goiânia ela falava que aqui eu não dou conta de cuidar dos meus filhos e eles precisa estudar.

E por ironia na minha família dos meus primos, minha mãe tem oito irmãos os filhos ali da geração da minha mãe, que, ou seja, dos meus primos, os filhos dos meus tios e da minha

mãe os que conseguem fazer graduação são os que moram no interior, os outros todos moram em capital, morava em capital e ninguém conseguiu.

Então assim ir pro interior isso foi um achado e eu falei isso muitas vezes para minha mãe da sabedoria e da decisão acertada dela. E ela falava mesmo olha tem que estudar, e trabalhar era uma obrigação porque tinha uma necessidade, cara se eu não trabalhasse não tinha almoço então era simples.

Eu sempre trabalhei e estudei então eu estudo a noite desde os onze anos de idade, primeiro porque não tinha, imagina sou do tempo que não tinha o ginásio que a gente chamava os anos finais do ensino fundamental durante o dia, hoje é crime você colocar uma criança de dez anos, onze anos ou doze anos acordada até dez e meia da noite pra assistir aula, naquele tempo era o que tinha pro dia.

Sempre fui da turma mais adiantada aí na cidade, então quando tinha só até quinta série eu era da quinta, quando tinha e aí você também, lembra lá o nosso terceiro ano era o primeiro terceiro ano do ensino médio da cidade, então eu convivi com isso.

Então trabalhar e estudar já vinha da minha rotina, ontem mesmo comentei com meus alunos da graduação que aprendi muito cedo a assistir, aí sem falsa modéstia ou sem arrogância muito grande por que o que eu vou falar não é nada modesto, eu aprendi assistir aula, eu cara se tem uma coisa que consegui rápido foi ler bem o professor, não era que eu era bom, não era que eu aprendia tudo, mas eu sabia o que ia cair na prova, então isso desenvolvi e depois nas parceladas quando posso me dedicar somente a estudar e trabalhar na docência, pra mim eu estava estudando o tempo todo.

Descobri que quando falo de um conteúdo aprendo, até brinco tem dia que falo, ó hoje gostei da aula se os alunos aprenderam não sei, mas eu aprendi muito. Então trabalhar e estudar eram isso o problema é que ficou muito, já contei a história aí que durante 12 anos desses aí, 10 anos eu não tive férias, então isso foi de uma intensidade inclusive para a saúde depois está vindo uma cobrança agora.

A pesquisa na formação inicial e aí acho que não fui claro o suficiente quando falei da influência metodológica das parceladas, foi essa aposta na pesquisa, então a gente entrava e na primeira semana tinha que fazer uma espécie de feira de ciência, acho que aquilo era marcante, era de colocar a pesquisa como lugar da produção do conhecimento, da organização e acho que isso as parceladas foram interessantes no estado de Mato Grosso e no Brasil.

Tenho visto outras experiências depois em outros locais, acho que essa questão da pesquisa na formação inicial tem que ser melhor explorada, melhor discutindo ainda porque acho que se espremer ali as parceladas ainda tem muito para oferecer.

E aí agora foi bom porque tava aqui a palavra que faz retomar e fazer justiça ao que disse antes, as parceladas tem uma influência metodológica justamente pela pesquisa, pela resolução de problema, pela autonomia de quem vai construir o conhecimento.

Mudança na prática pedagógica, não vou dizer que teve porque eu sempre, como comecei junto com isso nunca me vi separado, agora há uma distância entre o que você deseja, o que você fala consegue elaborar e o que você realmente faz. Então o meu exercício nesse tempo todo foi tentar aproximar o que falo do que penso e o que faço do que falo, acho que esse exercício ele é contínuo, ele passa por mudanças, acho que a minha formação inteira foi isso.

A primeira vez que fui dar aula descobri que na sexta série tinha um monte de menino que não sabia fazer as quatros operações básicas de aritmética, enchi uma folha, naquele tempo era no extenso, cheio de conta para os meninos fazer, se você não fez imagina eles, ninguém faria aquele tanto de conta, mas era o meu desejo que eles aprendesse estava calcado de boa intenção, mas repleto de equívoco do ponto de vista metodológico, eles não sabiam não era porque eles nunca tinham recebido conta pra fazer, eles não sabiam por outras coisas e aí vou discutindo depois.

Então acho que a mudança na prática pedagógica tem ocorrido dessa forma tenho conseguido ou melhor tenho procurado exercitar ser um professor que reflete a própria prática pedagógica e acho que isso está intimamente ligado com a pesquisa na formação inicial que é formar uma pessoa que ela consegue olhar para sua aula, dar conta de se criticar, mas não criticar do ponto de vista de imobilizar, mas de continuar, de uma reflexão, reflete age e saber que tem coisas que são possíveis e tem coisas que naquele dia não dar, tem dia que a coisa não vai. Acho que consegui desenvolver maturidade pra saber que dependendo com quem estou, e o dia que estou, e o que é possível fazer naquele dia, então sem grandes dores, é isso.

O estágio supervisionado eu diria que fiz estágio supervisionado durante quatro anos, porque já era professor e procurava levar inclusive as coisas, novidades que via na formação, já tentava adaptar e as leituras que fazia já exercitava.

O meu estágio supervisionado é... E aí era interessante porque algumas na época, algumas pessoas cobravam uma imposição do que tinha que ser o estágio, mas o estágio era essa reflexão na ação, pelo menos o meu foi isso. A gente escolhia modelos relatava, tinha um caderno de campo, prática que tenho até hoje, até hoje tenho, inclusive o meu está aqui, mas até hoje tenho meu caderno de campo e tenho um tanto de agendas ali que levo anoto e de vez enquanto volto nelas e olho e falo poxa vida olha aqui e tal. E isso consegue recuperar e dar

essa memória, deixa ali uns resíduos que conseguem ser interessantes acho que isso deve um pouco da organização do estágio supervisionado.

Acho que uma coisa que não mencionei aqui, mas que as parceladas ela tinha um esforço político e econômico para que o curso ocorresse, por exemplo, quando a universidade negociava com a prefeitura não só o convênio, com o estado e com as prefeituras com os entes federados, mas negociava e ajudava na medida do possível na força inclusive de incentivo, por exemplo, a gente reclama hoje do salário do professor, mas cara o salário do professor em 1994, 1995 era triste "velho" é...

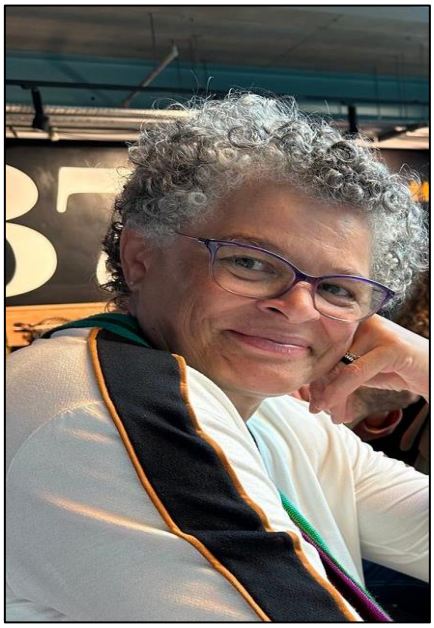
Professor no estado do Mato Grosso chegou a receber complementação para dar salário mínimo, então é... Que chamava até pó de giz uma coisa assim, então a parcelada fazia inclusive gestão junto às prefeituras para garantir transporte, para garantir auxílio, a gente umas mais, outras menos, dependia muito do governo, da sensibilidade do governante.

Acho que essas são coisas que as parceladas mostraram que não era só um curso, ela tinha preocupação com o ambiente todo que era uma gestão. Não era vai lá fazer o curso e se "lasque", se der conta, você tem que dar conta, o curso é para você, não, era uma coisa que falava, "olha é importante para a região, é importante pra mais gente, olha você consegue aí um ônibus para levar o pessoal, um caminhão."

Eu fui de caminhão, imagina uma vez a gente voltou em cima do caminhão, o Zé Mouresco foi lá e ele teve a incrível ideia de aproveitar a viagem para trazer areia do rio Araguaia, você imagina de Luciara a Porto Alegre do Norte na carroceria de um caminhão com areia caindo no seu olho. Ônibus outras vezes, teve auxílio, por exemplo, chegamos a ter uma época que Porto Alegre... Não conseguiu fazer uma cozinha com... Acho que não, chegou a fazer... Chegamos a ter auxílio nesse sentido, e isso tudo era mediado ali pelo pessoal.

Então eles tinham uma preocupação não só com a entrada, mas com a manutenção e com a prática desses professores lá nos municípios que essa era uma marca que eu acho que era uma preocupação interessante e não era fechado, nós tínhamos depois uma inveja danada do Geração que o pessoal ia por exemplo a São Félix e ficava no hotel e tal nós não tínhamos isso, mas tinha esse outro esforço por outro lado. ***Edson Pereira Barbosa:*** *Concedido em 01 de outubro de 2022.*

Imagem 15: Rita de Cássia de Azevedo



Fonte: Acervo da entrevistada

No dia 07 de outubro de 2022 tivemos o privilégio de falar com mais um de nossos depoentes, a professora e agente pastoral **Rita de Cássia de Azevedo** que nos narrou suas experiências como professora formada em Filosofia, mas que até um determinado momento de sua vida acadêmica não atuava porque exercia uma função de pastoral junto à Prelazia de São Felix do Araguaia, a qual lhe trouxe da cidade de São Paulo para atuar junto à comunidade de Luciara-MT.

Rita nos revelou a carência de professores que havia naquela comunidade e disse que, pela ausência de docentes com formação na área da Matemática para atuar no Ensino Médio, se dispos a ajudar assumindo a disciplina. Confessou que foi aprendendo a ser professora, e que os conhecimentos adquiridos nas Parceladas tinham reflexos imediatos no seu fazer pedagógico.

Relatou sobre a implementação da formação de professores através das Parceladas/Unemat que dispunha de professores muito qualificados, refletiu sobre a importância da proposta adotada na formação de professores, enfatizando os aspectos metodológicos do curso, do ensino, da valorização da relação entre teoria e prática. Enfatizou a utilização da pesquisa para formação do professor pesquisador no Araguaia.

Rita de Cássia de Azevedo: *Meu nome é Rita de Cássia de Azevedo, me formei em filosofia antes, que moro aqui em São Paulo agora, mas morava em Luciara no Mato Grosso, então quando fui pro Mato Grosso já era formada em filosofia pela PUC de São Paulo, mas*

não atuava como professor. Aí chegando ao Mato Grosso fiz a graduação em Matemática pelas parceladas, aí trabalhava com matemática na rede estadual, trabalhei 25 anos até me aposentar em 2015.

Vou começar pelo início da docência, e aí talvez vá rodando aí por metodologia, a formação em serviço acho que acaba misturando tudo. Vamos lá, o início da docência então eu cheguei ao Mato Grosso 1990 não fui pra trabalhar como professora, sou daqui de São Paulo como falei a gente foi eu, e meu marido e duas filhas que tinham na época, agora já são três, mas na época eram duas meninas, a gente foi para trabalhar na Prelazia de São Félix do Araguaia MT como agente de pastoral.

Então não tinha na ideia que ia ser professora, mas aí chegando em Luciara o ensino médio lá já tinha começado em 1988, então estava no segundo, terceiro ano, eles precisavam de professores eu era professora meu marido também era professor, mas a gente não foi lá para trabalhar como professor a gente ia ser agente de pastoral da prelazia.

Como faltavam professores na época aí nos chamaram para dar aula, porque tava precisando de professores no ensino médio porque tinha o fundamental, mas não tinha professores para o ensino médio e aí fui, como já tinha uma experiência não como docente, mas na área de matemática antes de fazer a filosofia eu fiz alguns anos de Química Industrial aqui em São Paulo, então tive uma base boa de Matemática, Física e Química.

Então eles me pediram faltavam professores nessa área, eu era formada em filosofia, mas aí comecei a trabalhar com Física, Química e Matemática no ensino médio.

Eram poucas turmas, acho que tinha uma turma de cada ano, então não era muito e aí meu marido era Filosofia e dava Filosofia, História e Sociologia que na época já tinha no currículo de lá, e aí eu comecei a trabalhar com essas disciplinas, mas daquele jeitão mesmo de quadro mais tradicional que é do jeito que a gente aprendeu era o jeito que eu estava repassando.

Bom aí veio essa possibilidade das parceladas em Luciara que na época, lembro que a discussão era se seria em o Luciara ou se o polo seria instalado em São Félix e aí o prefeito na época de Luciara ele conseguiu puxar o curso para Luciara. Então era um projeto, foi a primeira turma, era novidade para todo mundo para a própria Unemat e para o local, para a região porque foi aquela demanda partindo do Inajá que era para expandir a formação dos professores que a maioria eram leigas.

Meu caso porque eu era de filosofia e estava dando aula na área de exatas e aí fiz essa formação em serviço dando aula, fiz o vestibular de novo pela Unemat aí fiz a graduação em serviço, que era naquele primeiro momento era isso lembro que foi um curso bem grande 5

anos, acho que 5 a 6 quase seis é 5 anos para terminar aquele curso e a gente teve uma formação com a parte da formação geral foram 3 anos, então a gente estudou todas as "Gias" e metodologias que você possa imaginar.

Então a gente teve uma formação muito forte e eram professores que vinham da Unicamp, da Unesp porque era um projeto novo para a própria Unemat, então foi uma formação muito forte nessa área e depois a parte específica da matemática foram 2 anos, mas também continua com professores muitos bons, cubanos, da Unesp, não tinha menos que mestre como professor.

Foi uma formação muito boa, então o início da docência fui aprendendo a ser professora de matemática junto com essa formação que a gente foi recebendo na Unemat e aí é o que a gente começa a ver o ensino de uma outra forma, mais enraizada no local, você trabalhar muito com Etnomatemática a partir do conhecimento local, você muda sua metodologia de trabalho totalmente, foi uma formação que você estava tendo e olha posso te dizer tive a formação. Inclusive eu nunca me esqueço quando a gente tava fazendo apresentação dos TCC, teve um menino que perguntou isso, se eu achava que por ser uma formação continuada que ele já falava a faculdade de férias, mas é diferente, não é uma faculdade de férias, apesar de ser na época de férias, mas não era uma faculdade de férias.

Como já tinha essa modalidade em outros estados do Brasil, aí ele perguntou se eu achava que era menos, assim se não foi uma formação tão boa como se fosse uma faculdade regular e tinha muito ainda, de que faculdades que não fossem regulares ela não teria uma formação bem sólida. E aí como eu já tinha tido uma formação regular percebi que existe uma diferença gritante, porque você concentra tudo em duas semanas, a carga horária é de um semestre, então você vê tudo ali bem concentrado realmente que importa começa e termina do que você fazer um semestre inteirinho de uma disciplina, se faz em 15 dias.

Então era muito bom e ainda intercalado com outras disciplinas que eram afins, então é uma formação extremamente forte que vejo que foi muito importante e que é totalmente diferente de uma graduação regular, as duas são muito boas, mas ele perguntava no sentido de que se a parcelada ficava numa formação inferior a uma regular, e não tem, pra mim é tranquilo nesse sentido claro que você vai se aprofundar depois também de acordo com a pessoa, se a pessoa quiser se aprofundar ela vai, se não ela fica na superfície.

Professor marcante acho que os professores todos foram excelentes, agora o que mais marcou acho que era um professor cubano que nós tivemos de cálculo, porque foi um convênio que tinha da UFMT com Cuba, então vinham professores cubanos dar aula pra gente e ele foi marcante no sentido de que ele falava assim vocês tem que perguntar, vocês não perguntam,

vocês têm que usar a gente, vocês tem que explorar a gente o máximo a gente está aqui pra trabalhar, então vocês tem que exigir do professor.

Ele tinha um método assim ele ia desenvolvendo aquelas, integrais, as derivadas, aqueles cálculos "gigantes" e ele geralmente errava no final e era coisinha besta e não sei se era de propósito ou alguma coisa porque ele falava assim o que importa não é o resultado é o processo, então isso ficou muito na minha cabeça sabe, que o que importa é o processo, então ele sempre perguntava muito o que a gente está fazendo, o que a função faz, o que você quer descobrir, e perguntas, perguntas, ele sempre queria muitas perguntas.

Eu acho que foi muito marcante e como já tinha essa formação da filosofia que é da pergunta mesmo, o que você está querendo, por que você está estudando isso, então para mim foi um professor marcante o nome dele era Anibal acho que até já faleceu, mas ele era muito bom, nossa!

E foi marcante também porque ele misturava, tinha momentos que falava como era no país dele, então ele falava vocês precisam perguntar, vocês têm que saber, o professor tem que saber, o professor tem que ser muito bom, não que a gente saiba tudo, mas a gente tem que mostrar o caminho sabe.

Então o que levo muito da parcelada é isso a gente tem que ser muito bom para depois com o nosso aluno fazer com que fique não mais fácil, mas mais simples, desmistificar essa coisa de que matemática é uma coisa difícil, então acho que foi bem legal na nossa formação sobre isso.

Esse item trajetória acadêmica, depois de terminar a graduação aí a gente fica com aquela vontade de querer mais, então depois pela própria Unemat veio uma especialização em Luciara ainda, é... Eu poderia ter saído pra estudar continuar porque eles pegaram alguns alunos que terminaram na nossa turma inclusive o Adailton e continuaram, eles foram pra Cáceres MT, foram convidados acho que teve uns quatro, tu deves conhecer os outros também o Adailton, Joãozinho e o Edson. Eles são dessa turma também e continuaram, fizeram mestrado, doutorado, mas como a minha prioridade não era continuar como professora universitária e tal, porque o nosso trabalho era a missão junta a prelazia e fortalecer o ensino, já que a gente tava na escola.

Todos esses projetos novos que vinham por causa da Unemat eles foram implantados na escola, tipo a escola ciclada, que em Luciara teve o piloto, eram 12 municípios, só quem tinham era Luciara, tinha porque já tinha essa coisa da formação com a Unemat, então Luciara era um celeiro pra gente colocar novas metodologias e fortalecer a educação básica.

Depois veio uma especialização em educação matemática pela Unemat também, mas aí já era meio mista a gente pagava uma parte do curso, mas a Unemat que ia fazer essa ponte de dar certificação tudo foi muito legal, então foi uma formação muito interessante um piloto que depois expandiu pelo estado todo esse projeto essa formação das parceladas.

Teoria e prática dentro das parceladas um pouco já falei porque tudo o que a gente aprendeu principalmente na metodologia, na forma de ensinar você vê que você consegue colocar em prática.

Eu também trabalhei em alguns projetos de educação indígena aí você trabalha muito a Etnomatemática, trabalhei até junto com Adailton, depois fui pro Hayô era dos Xavantes, trabalhamos juntos com os Tapirapé também na educação indígena e sempre com essa mesma metodologia que a gente aprendeu na Unemat e era o mesmo formato, 15 dias você ficava lá na aldeia e trabalhava aquele conteúdo fechado de uma disciplina.

Também nessa formação fui trabalhar em outros Campus da Unemat como docente, mesmo só tendo a graduação ali, mas porque a gente queria e a coordenadora do nosso curso que era a Ermerita também já faleceu, ela convidava alguns alunos que foram dessa primeira turma para serem docentes nas disciplinas iniciais nesses novos polos que foram abrindo como Rosário Oeste, Comodoro.

Então como a gente já tinha sido aluno, a gente sabia como era a metodologia da Unemat e como que você abordava os conteúdos, então foi bem legal, a gente tinha uma formação em Cáceres antes da etapa aí depois você ia para lá, e na época a gente só tinha a graduação que era meio... Ainda mais que a primeira turma eram pessoas mais velhas de idade mesmo, então a gente tinha também além da o meu caso foi por acaso porque já tinha formação, mas muita gente que já era professor a muitos anos só precisava mesmo de continuar a formação mas para pegar a certificação, então tinha professores bem mais velho e era uma turma bem comprometida, então a gente era usado como professores nos outros campus também, foi muito interessante.

É... Então esse ponto trabalhar e estudar a gente já era concursada porque pela minha formação de filosofia me efetivei em 1993 logo no começa da graduação em matemática me efetivei em história por causa do meu diploma de filosofia naquela época podia, apesar de nunca ter dado aula de história nem de filosofia sempre de matemática, química e física.

Sempre trabalhei com a matemática, então você trabalha e estuda você vai se aperfeiçoando naquilo que está fazendo e sempre vinham projetos novos, teve um grande de matemática esqueci até o nome do projeto, mas era muito parecido com... Não sei se era

GESTAR, acho que era GESTAR que era matemática e português, então você tinha uma metodologia parecida com a da Unemat mesmo, trabalhar em módulos e tinha que aplicar.

Como sempre trabalha e estuda ao mesmo tempo a gente se aperfeiçoava e muitos cursos contribuíam, por exemplo, o de tecnologia que a própria SEDUC MT disponibilizava, aqueles TICS que era tecnologia na educação também eram importante para a formação, embora pouquíssimos professores faziam, até tava conversando com meu marido outro dia veio a pandemia todo mundo foi obrigado a trabalhar online e quando teve a formação que nos dava essa possibilidade de usar as tecnologias na educação muita gente não quis fazer, então muitas falas, "há não quero mexer com isso não" é mais fácil escrever no quadro, passar o tempo do que fazer o aluno aprender usando as tecnologias que já estavam começando a ser disponibilizado os laboratórios de informática que agora todo mundo é obrigado a saber um pouco trabalhado com isso, veio esse desafio.

A pesquisa na formação inicial então a gente trabalhava muito com projetos, lembro que eles falavam, projeto de um dia que na verdade não era um dia, mas você aprender a todos esses passos de identificar um objeto de pesquisa, você levantar hipótese, você fazer uma metodologia de abordagem toda essa parte mesmo da metodologia científica, você já começava a fazer desde o começo na sua formação. E depois, você quando vai trabalhar com aluno em sala de aula, você começa a colocar esses elementos também na forma de ensinar e deles abordarem os conteúdos também e, que acho mais legal quando a gente começou a trabalhar em Luciara a implantação da escola da escola ciclada, ficou...

Hoje com certeza tenho uma visão bem diferente das áreas interligadas, que fazia com que o aluno virasse sujeito do seu aprendizado. Então era isso que senti muito forte na formação da Unemat, você vai voar se quiser porque tem capacidade, tem pessoas que vão está te dando suporte para você aprofundar no que quiser até onde conseguir ir e eu fazia isso com meus alunos, então tinha aluno que dar pra você sentir aquele que tem habilidade com o negócio, que gosta, "ia metendo a ficha", agora aquele outro que você via que estava ali, mas tinha habilidade para outras áreas você não vai exigir dele da mesma forma que pode aprofundar com aquele que gosta.

Então o prazer de estar aprendendo, de estar ensinando foi uma coisa bem legal que pude vivenciar com os alunos quando a gente começou a implantar a escola ciclada e trabalhamos alguns anos, depois descambou pra essa coisa da promoção automática, mas não era, a gente rompeu a seriação, a gente trabalhava muito parecido com o que a gente via na nossa formação da Unemat.

As influências metodológicas aqui embaixo que tem no item dois, sobre isso que te falei a gente teve acesso a muitas teorias e práticas do conhecimento, foi muito legal principalmente essa coisa de você ver que a matemática ela não está descolada de outra coisa ou então em algum momento ela é ferramenta para outra disciplina, esse trabalho interdisciplinar junto com a matemática é muito bom.

Estágio supervisionado como a gente tava trabalhando em serviço, acho que o nosso estágio não lembro como foi, mas não foi essa coisa, você já estava trabalhando, não tinha alguém ali ver o que você está fazendo, era o resultado porque a gente estava em serviço, a formação era em serviço e aí o estágio estava colado com aquilo ali.

A mudança na prática pedagógica aquilo que te falei no começo eu nunca tinha sido professora, então foi uma coisa muito esdrúxula dá aula de Química e Física depois só fiquei com a matemática porque teve mais pra frente como já era concursada teve um momento que você pôde fazer uma coisa que eles chamaram de Enquadramento.

Então sem precisar fazer outro concurso, mudei pra matemática sabe, tinha eu e outra menina lá em um colégio, que no colégio, na escola a gente trabalhava só que ela era da turma de letras e ela era concursada também de 1 a 4 aí ela também já pulou direto pra língua portuguesa, então como a gente a minha formação de matemática foi desse jeito quando entrei na escola, quando só fiquei com a matemática mesmo era dessa forma você vai limpando também os trilhos disso tudo sabe com o tempo.

Aposentei em 2015, em Luciara eu fiquei 23 anos aí aconteceu uns episódios lá meio sinistros tive que mudar para São Félix e ainda trabalhei mais 2 anos em São Félix pra aposentar, mas é... Enquanto estava em Luciara a gente trabalhava muito nessa forma sabe, de fazer o aluno entender o que ele está estudando, tentar limpar um pouco os trilhos de coisas que não precisa e não aquela matemática utilitária também só vou estudar se for usar para alguma coisa, mas usar mesmo melhorar o raciocínio lógico, pelo prazer mesmo de você resolver uma equação e não precisa estar colada em nada ou tem uma equação você fala ó isso aqui é junto com isso, você pode usar nisso, você dar esses caminhos de possibilidades sem exigir deles, essa coisa de ficar no decoreba não precisa, o máximo que a gente podia exigir deles era entender bem o que estava fazendo e por que.

O cotidiano da fase intermediária e da fase presencial, então na presencial aquela loucura de 8 horas de aula todo dia ou mais e depois ainda ter que fazer, acho que no começo foi mais desafiador porque a gente não tinha um prédio, então como estava começando até debaixo das árvores era a sala de aula, quando era Julho dava, mas Janeiro e Fevereiro que chovia pra caramba e naquele tempo chovia muito mais do que agora, então era complicado a

gente usou a estrutura física da Igreja Católica e a igreja ainda estava em reforma e mesmo assim a gente usava.

Acho que começou com 150 alunos, então era muita gente pra você ter ambientes grandes em Luciara que não tem tanta estrutura, então usava salão da igreja, usava o barracão da escola, usávamos uma fábrica desativada de gelo e tinha um momento que tínhamos que reunir todo mundo. Nossa era uma loucura! E a noite, a energia ainda era no motor, então apagava 10 horas da noite, acabava a energia aí os professores falavam assim a gente acendia vela, a gente tinha que corrigir os trabalhos porque eles pediam muitos textos.

No começo era muito a produção de texto, então eles tinham que dar retorno de uma aula para outra, então para eles era muito pior, ser professor do que pra gente *aluno, mas era uma loucura, era muita novidade, era muita apresentação para a comunidade, era você ver assim se estudava isso no básico, nesse momento do básico tudo que você estudava era geralmente relacionado a alguma coisa da cidade, então depois tinha o retorno para a comunidade, então tinha todas aquelas noites culturais ou então você faz a pesquisa mas tem sempre uma forma lúdica de apresentar, apareceram muitos "artistas" nesse momento, mas era bem puxado.*

E aí quando chegou à parte do específico de matemática aí a gente já tinha o campus, porque aí já foi 3 anos depois, aí conseguiram aquela estrutura que tem do campus, aí já melhorou, a gente tinha pelo menos as salas de aula.

Alguns professores que vinham também estavam bem alinhados com a metodologia da Unemat, de trabalhos em grupos, de não ter a avaliação na forma de prova, lembro que uma vez veio um professor meio "maluquinho" que parece estava totalmente descolado dessa metodologia, ele queria dar prova, ele era bem rigoroso com a questão da frequência, professor desse tipo não se "criava" né, não voltava na próxima etapa.

Uma coisa que era bem boa também nas etapas era a avaliação, ali essa avaliação oral mesmo, que você fazia da disciplina, dos conteúdos, de você mesmo, da turma, dos colegas. Isso fazia parte da metodologia essa avaliação era bem legal, mas era bem puxado essa fase presencial e inclusive também porque não tinha ainda uma biblioteca, ainda não existia a internet, então era tudo livros, então eles traziam as apostilas prontas pelo menos.

A parte de teoria, para eles foi um desafio bem grande nessa primeira turma porque a gente precisava de material, livros, as apostilas eles mandavam e na intermediária sempre ficavam tarefas para serem feitas, mas a gente montou um grupo de estudo eu não sei como os outros municípios se organizavam, no meu tinha, nós éramos 5 ou 6 de matemática aí a gente tinha um grupo de estudo que se juntava para fazer as tarefas que eles deixavam, para a gente fazer.

Já na parte específica da formação às vezes tinha professores que deixava listas e listas de exercícios principalmente esses cubanos de cálculo eles adoravam deixar listas e listas de exercícios não que eles fossem cobrar depois, mas pra você praticar sabe.

Então isso acho que era legal também você montar um grupo de estudo para poder se ajudar ali um ajudava o outro foi bem legal.

Os TCCs a maioria foi feita assim pegando muita coisa, eu lembro que tinha, muita coisa nessa linha da Etnomatemática, alguns puxaram para a história da matemática também, parece que ficou meio dividido nessas 4 grandes linhas, mas a maioria era alguma coisa de Etnomatemática, sempre pegava alguma coisa relacionada ao seu município.

Teve uma queda grande de saída, a gente começou com 150, terminou acho que com 104 ou 105 alunos, acho que foi uma das turmas que mais teve evasão, de não conseguir continuar porque eram muitas dificuldades mesmo pra gente, eu que morava lá ok, mas o pessoal que vinha de fora, no começo não tinha alojamento, então tinha que ficar nas casas alugadas ou nas escolas, o transporte para vim, todo mundo professor também sem dinheiro complicado, então muita gente desistir. Mas os TCCs todos pegavam algum objeto de estudo do seu local e depois aplicava, então teve temas assim belíssimos nos TCCs.

Eu não sei se chegou a ficar cópia porque não ficou muito organizada a biblioteca da Unemat, não sei se você consegue achar alguma coisa dessa época, mas ficou bem "bagunçado", mas teve trabalho muito bom. As parceladas em matemática eu posso te dizer uma coisa, por ter sido a primeira turma e tinha que dar certo.

Acho que como morava lá e como tive a oportunidade também de ser docente em alguns Campos vi, que "puxando o saco" aqui do meu lado foi a melhor turma, tanto assim na convivência com os professores, no empenho da própria instituição de trazer professores muito bons sabe, a coisa tinha que dar certo.

Então acho que foi a melhor turma que teve, por que depois nos outros cursos aí a matemática aquele tempo, há depois eu tive a oportunidade também de trabalhar como docente na turma de matemática que teve em Luciara também sabe, e aí já aquelas "turmas gigantes" eram muitos alunos, não era a mesma coisa porque a nossa acabou ficando 30, e todo mundo era muito amigo e se dava muito bem.

Sei lá, mas aí era uns meninos assim que as vezes até pensava ainda mais que tinha uns que eram de Luciara mesmo, mas essa pessoa aqui fazendo esse curso, a gente já conhecia sabia que depois ele não ia fazer nada com aquilo ou não ia... Pegaram uns alunos, umas pessoas que não eram professores, sei que rolo lá que fizeram, "já começou os cambalachos" muito forte sabe, mas eu achei que foi a melhor turma.

As parceladas pra você hoje, agora estou morando em São Paulo, então já não... Desde 2018 que eu vim embora pra cá, aposentei em 2015 depois ainda fiquei mais 3 anos que aí meu marido também aposentou que ele era professor também.

E aí eu voltei para cá e não trabalhei mais e também perde bastante o contato assim com a região porque aí eu virei cuidadora de idosos porque a minha mãe morava aqui ela já estava velhinha e aí eu fiquei cuidando dela, então não dei mais a aula. Foi só o período mesmo que eu fui até me aposentar.

Então a parcelada não sei como está hoje e também não trabalhei, mas como professora desde 2018, sinto falta sim porque acho que o professor de matemática é fundamental, nessa questão de ser uma área específica.

Eu senti muita diferença de Luciara para São Félix por incrível que pareça, acho que cada município aí da região é um mundo diferente e também foram 23 anos só em Luciara, São Félix foram 2, mas a gente eu percebi assim que era muito diferente talvez por Luciara ser muito pequeno, então você consegue controlar mais as variáveis ali, envolver mais a comunidade e todos os professores. São Félix já é maior, e tem umas brigas interna entre as próprias escolas sabe, umas coisas que a gente já tinha passado e superado em Luciara muito tempo, tem umas rixas, umas rivalidades não sei como é que é isso aí em Porto Alegre do Norte, mas lá em São Felix era terrível e não que Luciara era um paraíso muito pelo contrário "ô lugarzinho complicado"!

Mas o professor de matemática é um elo da corrente muito importante que a gente não pode achar, é muita gente rotular ainda, há! A matemática é difícil, é complicar! Mas como professora tentei fazer o negócio fica mais próximo, nossa eu gostava muito de ser professora de matemática adorei! Pena que tive que parar, agora de repente minha mãe faleceu ano passado, aqui em São Paulo é outra vibe totalmente diferente e depois dessa pandemia a escola virou uma coisa esquisita, não sei se tenho vontade de entrar de novo, mas acho que as séries iniciais aí em educação básica precisam de muita gente boa.

A formação que a Unemat deu foi fundamental para formar professores muito bons e as pessoas eu acho que só não aproveita mesmo quem não quer sabe, ainda mais agora que tem mais a internet que te dá mais suporte ainda de aprofundamento e tal, a gente está numa outra fase da na história, que dar pra dar um salto assim gigantesco.

Um fato marcante, nossa já faz tanto tempo! Acho que pra mim tudo foi muito novo porque como eu tinha a formação regular, estudei na PUC aqui em São Paulo, então quando fui... Todo o projeto parceladas em si, ele era, ele já foi uma coisa muito marcante para mim porque foi coisa totalmente diferente de tudo que eu já tinha vivido como um aluno e o fato de

estar tendo uma outra formação é o que foi... É interessante ter perguntado isso... Buscando aqui na memória porque antes de fazer Filosofia eu fiz Química e o que me pegou pra não ter terminar química, foi justamente matemática e justamente cálculo, eu não entendia nada, não consegui ir pra frente num curso de química por causa da matemática.

E aí quando a gente foi ter cálculo, principalmente cálculo, não foi só o professor que foi marcante, foi a metodologia, gente parece que abriu assim minha mente, foi a disciplina que mais gostei e a que mais entendi, aí falei gente, mas é porque, é aquilo que eu te falei, como você fica ali duas semanas na mesma disciplina o tempo todo, você entende o que está fazendo, e tem, teve é... Eram duas disciplinas por semana, então você tinha, por exemplo, era cálculo de manhã e ia ter álgebra a tarde, depois ia revezando assim sabe, então e era bem puxado e era bem intenso, então você saía do começo até o fim onde que ia dar.

Na formação regular que eu tive foi truncado, mesmo que era uma faculdade muito boa aqui, que a gente tinha um professor que dava sua teoria de cálculo, aí um outro uma outra disciplina que era só exercício e tinha as vezes um laboratório também, então era uma formação bem forte, porque não era pra professora era para trabalhar na indústria, então você tinha que saber o que você estava fazendo na teoria, na prática e ainda aplicar.

Quando cheguei à Unemat que o cálculo abriu assim eu falei gente não é tão simples, porque o professor faz ficar simples, então a forma como as parceladas tratava essa questão teórica, de como abordar aqueles conteúdos que acho que foi a coisa mais marcante.

Então ela como projeto de formação continuada para professores em serviço e trazendo professores muito bons que também não era aquela bitola, nossa isso para mim! Acho que é o fato mais marcante sabe você perceber que o aluno vai aprender, mesmo que tenha... E a gente estudou muito Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e Teoria do Conhecimento tudo dentro, então você entendia como que o aluno vai aprendendo, como que o conhecimento vai adentrando na gente sabe, mas você vê que a abordagem que você faz daquele conteúdo é fundamental para o aluno aprender, então eu acho que marcante foi toda parcelada, todo o projeto pra mim foi uma coisa muito legal. Desde os primeiros idealizadores desse projeto e de trazer e ser uma continuação do Inajá que já tinha dado certo e você sabe, porque você estudar e botar em prática e ia formando essa coisa, nossa muito! Parcelada é mesmo surpreendente eu não sei como é que está agora, mas pra mim o projeto em si inteirinho muito bom.

Sobre como foi sendo construída essa identidade profissional dentro desse processo, acho que se torna sujeito sabe do conhecimento, se apropria desse conhecimento acumulado na história da humanidade e vê que o professor ele é só um facilitador pro aluno e você também

nunca deixa de ser um eterno aprendiz, ver que você não preciso saber tudo, e que pode pesquisar, e que pode aprender junto, pode crescer junto.

No processo de construção da identidade existiu respeito ao tempo do aluno, acho que o jeito que a gente foi sendo formado existia esse tempo. A gente teve colegas tipo o Adailton, Joãozinho que viraram doutores, que você pode fazer o que quiser, mas teve professores também que ficar muito rasos sabe, e nem por isso eles não se formaram junto e a gente não discutia as mesmas coisas, mas eles também não ficaram não foram reprovados, porque não atingiram um patamar aí sabe.

Então a nossa identidade foi formada assim também você começa a enxergar que seu aluno é desse jeito também, vai ter alunos que vão voar, e tem alunos que vão ficar ali, outros que vão ser mais assim que você ajuda a ele descobrir que matemática não é uma coisa tão difícil assim, que também era colocado muito na cabeça do aluno que só inteligente quem sabe matemática, naquele tempo era mais, mas ainda pensa isso aí nos anos 90. Você deve ter passado por essa fase com certeza de quem não aprendia matemática era "burro". Então você começa como professor se colocar nesse papel nesse lugar, de eterno aprendiz, então você é um aprendiz e aprende com o seu aluno e que ele também aprende com você, mas ele também te ensina, essa coisa que a gente sabe, que quem aprende de repente ensina, quem ensina de repente aprende, e acho que a nossa identidade é essa de respeitar o tempo do outro e de repente nem todo mundo vai chegar junto mesmo sabe.

Nesse exercício de voltar a esse período todo acho que passou por bastante coisa né, foi muito legal esses momentos das fases presenciais deixaram muita saudade, a gente formou grandes amigos, que continuam até hoje depois de... Se formou quando em 1997, 1998 por aí acho que foi que terminou essa turma, então tem quase 20 anos.

Então acho que uma coisa que foi muito legal, assim foi a relação com os professores que vinham, eles se colocavam também nessa postura assim de muita amizade, parece que, como eu vou dizer, eles não ficavam naquela postura eu sou um professor que sabe, as relações eram muito próximas porque ficavam muitas horas, muitos dias e às vezes eles voltavam em outra etapa. Então iam criando laços assim que quebra, que você se aproxima do aluno e o aluno aprende mais quando você está mais próximo do professor sabe, você não fica naquela postura carrancuda, porque tinha uns não eram todos assim porque a gente sentia a diferença quando o professor dava mais abertura, mas não pra se brincar relaxar não, era do diálogo, da conversa, você não tinha medo de fazer perguntas que até pareciam ridículas.

Como tinha muito trabalho em grupo, então isso facilitava ele chegar num grupinho e perguntar, aí você às vezes ficava contando coisas que até fugir do tema ali do trabalho, mas

tinha a ver com essa coisa, então uma coisa muito importante que eu acho era esse perfil do professor que vai trabalhar numa parcelada sabe, acho que isso é importantíssimo, não pode ser esses professores que têm essa... Não pode ser essas pessoas que têm uma postura acadêmica fechada eu sou um conhecimento, mas tenho que ter essa relação, então acho que isso deve permanecer.

Não sei como que é hoje também, como é que estão as grades dos cursos, mas o perfil do professor que vai trabalhar como docente num projeto parceladas tem que ser um sujeito que tem uma visão boa de mundo sabe, de relação com as pessoas, de respeitar o tempo do outro, de saber o chão que ele está pisando ali sabe. Porque tínhamos os que vinham que era casca-grossa. ***Rita de Cássia de Azevedo:*** *Concedido em 07 de outubro de 2022.*

Imagem: 16 André Wanpurã de Paula



Fonte: Acervo do entrevistado

Concluímos nossas entrevistas em outubro de 2022 com o professor mestre **André Wanpurã de Paula** que atuou como docente na educação indígena e urbana, foi coordenador, assessor pedagógico e atualmente é gestor na DRE/Confresa-MT.

Como discente que integrou a primeira turma de Matemática das Parceladas, nos concedeu uma narrativa reflexiva, apontando os aspectos de sua formação no Projeto que proporcionou uma habilitação profissional e possibilitou uma releitura da realidade de atuação/formação.

Mencionou a qualidade dos professores doutores das Parceladas que vinham de outra região, em especial os cubanos; de como foi marcante quando os professores sugeriam como eles teriam que lidar com a matemática na sua realidade, da relação entre teoria e a prática, e de como eram colocados como sujeitos da aprendizagem.

Refletiu sobre a metodologia do curso, assim como sobre o processo de ensino, apontou as influências metodológicas na forma como ministraria suas aulas, a pesquisa trabalhada atentamente para junção entre teoria e prática, e de como as Parceladas/Unemat ensinaram o professor a ser pesquisador também para o processo da formação continuada.

Concluiu ressaltando o ambiente propositivo estabelecido pelas relações entre professor e aluno, aluno e instituição, aluno e comunidade, e sobretudo aluno e aluno do ponto de vista dos momentos das socializações dos conhecimentos. Nesse contexto, resgatou em sua memória afetiva momentos de construção das amizades que perduram até hoje.

André Wanpura de Paula: *Então o meu nome é André Wanpura de Paula sou professor dos anos finais do ensino fundamental e de ensino médio na área de matemática, a minha formação fundamental foi na Escola Indígena Tapirapé (Apyãwa) e aí aos 12 anos fui para a Santa Terezinha fiz os anos finais na Escola Estadual Santa Terezinha e o Ensino Médio também lá em Santa Terezinha, foi regular, graduado em Matemática pelas parceladas Unemat de Luciara.*

Atuei na cidade de Santa Terezinha como professor, como coordenador na escola urbana e na escola indígena, isso até 2015 mais ou menos. Aí 2016, 2017 saí para uma experiência do mestrado fiz um mestrado em Cuiabá na UFMT, retornando para a região do Araguaia em 2018 fui assessor pedagógico da Seduc MT e hoje estou atuando na DRE- Diretoria Regional de Educação em Confresa.

Então esse é um resumo pequeno da minha trajetória. Há e atuei também na comunidade indígena lá de Santa Terezinha na aldeia Mãe There fiquei lá uns quatro anos mais ou menos como professor e coordenador.

Ensinar matemática, acredito que você queira que a gente coloque um pouco a perspectiva da gente como aluno da Unemat, então nesse sentido eu diria que ensinar matemática a partir da formação que a gente teve lá na Unemat em Luciara, foi muito bom considerando que tinha toda aí uma característica sobretudo porque era parcelada, ela era de férias para que a gente pudesse trabalhar e fazer o curso. Então era uma proposta inovadora, mas é de fato com professores excelentes de alto nível e com uma experiência muito forte no sentido de você trabalhar em sala de aula. Então nesse sentido o ensinar matemática para a

gente ficou muito fácil porque nós tivemos uma perspectiva diferente do conteúdo apenas teórico, nós tivemos aulas direcionada pra prática, nós tivemos aulas direcionadas para o contexto do aluno, então isso foi muito positivo pra gente que estava buscando essa formação como um professor de matemática. Então a partir dessa ideia da Unemat em colocar a gente como sujeito ensinando a matemática na perspectiva de você fazer uma leitura da sua realidade, trabalhar isso em sala de aula foi muito bom.

Então digo assim que para mim foi uma experiência muito marcante porque deu uma perspectiva diferente para a gente, então foi muito positivo.

Em relação à formação geral eu diria que nós fomos privilegiados em muitos momentos, em muitas disciplinas da Unemat porque tivemos professores doutores que vieram de Cuba inclusive, isso para região e até para o estado do Mato Grosso era uma novidade, nós tivemos excelentes professores, orientadores e que pra a gente foi uma espécie de privilégio. Isso contribuiu muito para mim como professor de matemática, tenho sempre em mente aquilo tudo que o Anibal, por exemplo, era um dos nossos professores colocava com muita clareza os aspectos que envolvem o ensino da matemática, então assim ser professor de matemática não pode ser aquela coisa seca sem você fazer uma leitura da sua realidade, sem você absorver o que o seu aluno traz, sem você compreender qual é o universo que o seu aluno está inserido, o conteúdo que ele traz e aproveitar isso e fazer essa discussão em sala de aula.

Então considerando todas essas perspectivas que a gente teve com esses professores, eu diria que a parceladas em matemática ela foi diferente, foi uma experiência muito positiva e que tem bons frutos. Tenho muito orgulho de fazer parte dessa turma sobretudo porque praticamente todas as pessoas que se formaram em matemática nessa turma e em específico na parcelada foi muito bom no sentido de você se sobressair tanto profissionalmente quanto na vida pessoal, então ajudou muito na didática, no modo como você trabalha matemática, para você construir inclusive metodologias para fazer essa discussão na sua escola, na sua unidade escolar, são aspectos bastante positivos.

É... E para complementar a minha trajetória acadêmica nesse mesmo tema, eu diria que fiquei bastante tempo longe desse mundo acadêmico por questões pessoais, mas nunca deixei de buscar e de desejar fazer um curso de pós-graduação, de continuar os meus estudos. A Unemat nesse sentido para mim foi muito positiva porque a gente consegue enxergar a pós-graduação de uma maneira diferente, acho que a gente tem uma perspectiva muito bacana porque a gente traz uma experiência que acredito que alguns cursos não tem que é essa questão da vivência, você viver com uma realidade diferente.

Então isso ajudou muito conviver com pessoas tão bacanas, isso faz com que você sempre deseje busca mais, e aí então teve um período de latência que fiquei mais ou menos uns 15 a 20 anos sem buscar formação até que eu decidi sair para Cuiabá e fiz um mestrado lá na UFMT.

O que me marcou muito no curso da Unemat, foi a forma como os professores colocavam pra gente o modo como a gente deveria lidar com a matemática na nossa realidade, então isso criou uma identidade profissional, você cria ali raízes com seu contexto, você cria raízes com a sua realidade, e enxerga habilidades nos seus alunos, enxerga perspectivas no seu aluno e traz para a escola, metodologias que muitas vezes você não vê isso em algumas universidades.

Então trazer o lúdico para dentro da sala de aula você conseguir fazer essa leitura dos seus alunos em relação ao contexto que eles vivem, então tudo isso cria na gente uma identidade muito boa com a matemática.

Eu me sinto feliz por ter feito o curso na Unemat, porque me abriu perspectiva que talvez outro curso não tivesse me dado, seria aquele professor um pouco teórico e muito preso à sala de aula, então isso para mim foi fundamental no sentido de enxergar outras perspectivas, outras metodologias, então me sinto privilegiado por ter feito esse curso na Unemat.

Um fato marcante no curso da Unemat eu diria que foram os laços de amizades que a gente fez e que foram laços assim bastante fortes, nós construímos uma rede de amizades e que permanecem até hoje, então isso é uma característica que me marcou muito, a gente não era só o estudante de se ver na faculdade, nós fizemos amizades duradouras, isso parece que era uma espécie assim de caminho a ser seguido pela turma da matemática de Luciara, porque era uma amizade genuína e com muita sinceridade, com muito companheirismo, até hoje nos falamos e isso foi bastante marcante para mim.

Então tem esse aspecto e o outro aspecto que para mim foi muito marcante, foi a qualidade dos professores que nós tivemos, isso de fato foi surpreendente porque eu tive outra experiência de uma outra faculdade e que para mim foi bastante decepcionante considerando a experiência que eu tive na Unemat com professores tão capazes com ideias tão bacanas, isso de fato para mim marcou muito. É nesse sentido que digo que a gente foi privilegiado.

O significado da parceladas para mim, primeiro no campo pessoal para foi muito importante claro porque permitiu que eu pudesse ter um curso superior e que ao mesmo tempo eu pudesse trabalhar então nesse sentido foi muito positivo.

No campo profissional vamos dizer assim, foi muito importante se a gente for considerar o crescimento que a Unemat a parcelada proporcionou pra mim foi muito bom porque me abriu

portas, e é mais do que isso do que portas ela mostrou perspectivas diferentes pra minha formação.

Então isso foi muito importante e carrego até hoje isso, e acredito que a gente se sobressai, sobre muitos outros cursos em função da qualidade que nós tivemos lá, a qualidade dos professores que nós tivemos, da qualidade do curso que nós tivemos na metodologia que a gente absorveu. Isso ajudou muito inclusive na nossa prática em sala de aula, então tem todo esse significado a parcelada para mim, contribuiu tanto na minha vida pessoal quanto profissional.

Bom e aí colocando essa questão da teoria e prática dentro das parceladas esse é um ponto bastante particular porque nenhuma disciplina que nós tivemos ela era dissociada a teoria da prática, isso foi muito importante pra mim e acredito que para todos os colegas, nós tivemos uma formação em que nós tínhamos o estudo teórico necessário evidentemente, entretanto a gente também tinha uma formação prática muito forte.

A Unemat se preocupou com isso na parceladas, isso foi fundamental para que a gente desenvolvesse metodologias, que a gente tivesse essa perspectiva diferente dentro de sala de aula, se você ficar preso nas 4 paredes, então uma perspectiva muito bacana isso foi muito bom mesmo.

A formação continuada em matemática, olha acho que esse é um dos aspectos mais fáceis de comentar porque a metodologia que a Unemat colocou para a gente, a forma como ela trabalhou com a gente facilita você lidar com a formação continuada. Inclusive acho que é um dos grandes méritos da Unemat é você criar esse conceito, essa cultura da formação continuada, então a partir do momento que você tem um curso que agrega isso no seu conteúdo a sua formação acadêmica ela é voltada para esse aspecto e para essa necessidade e desperta em você esse desejo, então nesse ponto foi importantíssimo a parceladas.

Acho que a busca pela formação continuada a partir do momento que a gente teve essa formação na Unemat, esse estudo dentro das parceladas, ela contribuiu imensamente na perspectiva de a gente buscar sempre a formação continuada, porque o objetivo da parceladas claro junto com toda sua carga de disciplinas ela sempre fomentou a formação continuada. E acredito que isso foi em todos os cursos não só de matemática, mas pelo menos a experiência que tive na matemática foi importantíssimo, esse fomento pela formação continuada, essa busca pela formação isso ajudou bastante.

Formação fundamental e específica, então nós tivemos essa realidade, uma formação fundamental e específica isso para mim foi uma experiência surreal, porque evidentemente que era praticamente um laboratório, todas as discussões que a gente fez no início da nossa

formação envolvendo todas as áreas inclusive tivemos aula de inglês, de educação física, de história e isso foi bastante interessante porque como eu havia dito antes, eu tive outra experiência em outros cursos, em outras universidades e esses aspectos não são estudados, não são trabalhados na formação inicial.

Então como experiência para mim foi gratificante e muito proveitosa acho que isso só teve a contribuir com a gente e nos preparou para a formação específica que era muito voltada para aquilo que eu havia colocado, a parte a formação teórica e prática.

A formação fundamental ajudou bastante a gente compreender a formação específica justamente nesse aspecto, quando você adentra o teórico e parte para a prática então nesse sentido foi muito bom a formação fundamental.

As influências metodológicas é de fato coisa da Unemat porque elas foram marcantes, a metodologia, sobretudo quando a gente discute a forma como você aborda o aluno, a forma como você faz a leitura do aluno, então isso trago comigo até hoje, você fazer uma contextualização de como você vai trabalhar dentro de uma sala de aula, de como você vai trabalhar toda a bagagem que o seu aluno traz, de como você vai tentar equalizar uma sala de aula, porque em uma sala de aula a gente tem aí essas experiências que nós temos excelentes alunos e alunos com deficiências enormes entendeu. Então como é que a gente consegue tratar de modo equânime uma turma com essas características. Então nesse sentido a influência que a Unemat me deu foi muito positiva, porque você precisa saber trabalhar as deficiências de um aluno e ao mesmo tempo você trazer aquele aluno que tem muita facilidade para essa realidade e fazer com que a turma contribua com esse aluno que tem deficiências.

Talvez seja uma das qualidades que mais me marcaram que aprendi na Unemat a gente ter visto lá, porque a gente trocar essas experiências entre nós alunos e era muito bacana, a gente tinha colegas que tinham mais facilidade em algumas coisas e aí a gente se ajudava, então isso eu trago comigo, isso foi bastante marcante lá nessa formação específica da Unemat.

O cotidiano da fase intermediária, olha talvez esse seja um dos aspectos que pra a gente era muito prazeroso, as etapas intermediárias porque, embora a gente estivesse aí com uma carga de trabalho, você estava na sua escola, acabava sendo muito prazeroso porque era o momento da gente sentar e discutir com os colegas e fazer as discussões pertinentes ao conteúdo que tinha que ser trabalhado, as tarefas que a gente tinha, então esse clima nas intermediárias era muito positivo, era sem muita pressão embora a gente tinha muita dedicação, mas era prazeroso, então isso de fato foi bastante marcante e diferente.

O cotidiano da fase presencial pelo menos para mim, eu sou muito suspeito para falar porque me divertia muito sabe, era estudo, era compromisso, mas também tinha muita diversão,

não diversão de festas disso não, era uma coisa muito alegre você rever os amigos isso era interessante porque a gente tinha estudantes de Santa Terezinha até Ribeirão Cascalheira.

São vários municípios distantes e, então quando a gente retornava revia os amigos, era muito bom, muito positivo, isso criava aquele clima de amizade, então nesse sentido para mim foi muito especial as fases presenciais em função desse contato, de rever os amigos isso era muito bacana.

A metodologia eu acho que a gente já colocou bastante a respeito da metodologia, enquanto instituição acho que a Unemat tinha proposta muito positiva no sentido de trazer as parceladas para uma realidade em que dificilmente a gente conseguiria fazer uma universidade, um curso de nível superior na nossa região e trabalhar ao mesmo tempo. Você está no serviço e estudar praticamente impossível, como é que você se desloca da sua cidade vai estudar em outro local, isso seria inviável.

Então nesse sentido a metodologia da parceladas ela foi uma inovação e que se esparramou pelo Brasil todo, e foi uma inovação que eu diria muito positiva porque se não tivesse fruto, se não tivesse resultados teria ficado ali no nascedouro e não teria proporcionado inclusive a abertura de outros campus no Mato Grosso, não teria proporcionado essa metodologia em muitos estados brasileiros.

Eu diria que o formato específico para a formação de professores ela foi extremamente exitosa, haja vista que a nossa realidade não permite a outro tipo de estudo, e acredito que hoje graças a essa metodologia nós temos aí professores doutores, mestres e com uma realidade bem diferente. Na nossa região dificilmente nós temos professores de ensino médio e quem proporcionou isso foi justamente a parceladas da Unemat, então nesse sentido a gente só tem a elogiar a metodologia da Unemat.

A pesquisa na formação inicial, esse é um dos aspectos que a Unemat trabalhou muito atentamente porque justamente quando você agrega conceito teórico com a prática ela foi muito positiva, nesse sentido ajudou muito na elaboração, por exemplo, do TCC.

Essa forma como a gente trabalhou os projetos de pesquisa nas etapas intermediárias, é... Buscando a realidade da sua escola, a realidade da sua da sua cidade, foi muito positivo pra o passo seguinte que foi a produção TCC.

Muitas disciplinas dentro escopo da formação ela exigia esses projetos, então a gente fez projetos de pesquisa não só na área da matemática, mas a gente incorporava outras disciplinas e aí a gente inova também na questão da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, e pra formação específica para a gente isso foi muito positivo, você puder passear em todas as áreas

da formação e trazer isso para o seu projeto de pesquisa ajudou bastante você construir o trabalho de conclusão do curso.

Mudança na prática pedagógica, de fato a gente tinha uma ideia do que seria a prática pedagógica com a formação na Unemat, você tem aí uma espécie de leque de opções que consegue enxergar com muito mais segurança qual é a metodologia que você tem que utilizar. Então nesse sentido a minha prática pedagógica a partir do curso da Unemat ela tem uma mudança significativa em função disso, por que você tem aí vários campos teóricos e a Unemat ela traz isso muito claramente e coloca o caminho da gente numa perspectiva de integração, de fazer um estudo não dissociado da sua realidade, um estudo em uma prática pedagógica contextualizada, associada à sua realidade e aí você leva isso para dentro da sala de aula.

Então nesse sentido foi muito importante a formação na Unemat porque a gente consolida com isso o melhor caminho para a sua prática pedagógica dentro da sala de aula.

O estágio supervisionado foi muito bacana porque foi uma experiência ímpar dentro da Unemat, eu fiz o meu estágio na Escola Estadual Indígena Tapirapé, e lá de fato pude aplicar toda essa prática pedagógica, todas as metodologias que a gente tinha estudado. O estágio supervisionado ele ajudou bastante na construção da minha caminhada como professor porque fui compreendendo aos poucos como era a abordagem de que seria mais adequada pra realidade do local onde eu estava trabalhando.

Então isso foi fundamental para mim, foi muito importante, consegui enxergar o início da minha trajetória na sala de aula até o final, então de modo que conseguir perceber essa mudança ao longo da sua caminhada ali é interessante porque a Unemat proporcionou isso, você saber diferenciar como é que você começou e como é que você terminou a sua trajetória dentro da unidade escolar durante o curso e perceber que foi um avanço muito grande, então isso é muito positivo pra a vida profissional de qualquer professor.

Olha eu acredito sim que todos os aspectos estão aí é... Teria uma coisa que eu acho que marcou, me marcou bastante, além do fato da gente ter professores de excelente nível e de excelente qualidade e pelo fato da gente estar num curso que era pioneiro digamos assim no país, no Mato Grosso eu diria que o ambiente acadêmico que a parceladas construiu naquele momento ele foi um aspecto extremamente marcante porque é...

Quando você direciona o estudo, quando você direciona a sua prática pedagógica apenas, digamos assim, voltado para esse mundo mais teórico, esse mundo mais encaixotado, eu diria que você tem uma perspectiva de construção profissional. A Unemat não, ela construiu um universo acadêmico, um clima acadêmico muito propositivo no sentido de você construir a sua caminhada metodológica, a sua caminhada pedagógica de forma muito leve. Isso foi

bastante marcante, porque ao mesmo tempo, claro evidentemente que tinham as cobranças e tudo, ela deixava o aluno muito à vontade no sentido de que não havia aquela loucura, aquela cobrança pela nota de final de curso, de cada disciplina, então você não ficava desesperado com isso, evidente que tinha cobrança, você tinha que fazer as atividades.

Nesse sentido ela conseguiu construir uma metodologia em que isso não fosse o mais importante e sim a construção da sua caminhada dentro do curso e isso tornou muito mais leve o ensino da matemática e isso trago muito comigo, foi muito importante isso para mim porque é como eu enxergo hoje os meus alunos, então eu não posso simplesmente cobrar dos meus alunos de modo que eu não faça antes com a disciplina algo que seja prazeroso ou algo que seja palatável para o aluno, porque senão eu crio uma barreira de cara.

Então isso foi fantástico eu acho que essa metodologia que a gente teve pra mim nas parceladas foi importantíssimo na formação. **André Wanpurã de Paula:** *Concedido 08 de outubro de 2022.*

Com o registro oral dos aspectos históricos da formação do professor de Matemática do Médio Araguaia, direcionamos nossos esforços para trazer as evidências dos elementos sociopolíticos da identidade profissional do educador graduado pelo Projeto Parceladas.

Assim, as narrativas expostas precisaram ser minuciosamente examinadas por uma lente constituída das concepções de educação que compreende o ensino da Matemática intimamente ligado com as causas sociais, para que pudéssemos verificar o papel social da função do educador matemático.

5 A FORMAÇÃO COM FOCO NA QUALIFICAÇÃO/PROFISSIONALIZAÇÃO

Na expectativa de oferecer possibilidades à compreensão histórica da profissionalização do professor de Matemática do Projeto Parceladas, optamos por utilizar excertos dos depoimentos para contribuir com as nossas reflexões acerca da formação do educador matemático do Médio-Araguaia em sua dimensão sociopolítica. Compreendemos que, com essa sistematização, conseguiríamos trazer alguns aspectos que qualificam a formação dos professores e evidenciam que o quantitativo de professores de matemática não foi suficiente para suprir a demanda da falta desses profissionais para atuar nas escolas do Araguaia.

5.1 O fazer pedagógico qualificado pela formação

Em suas narrativas, os entrevistados demonstraram que o desenvolvimento profissional perpassa pelas disciplinas ofertadas; por um processo formativo pautado nas experiências dos alunos/professores envolvidos nas ações educativas fomentadas pelas parceladas; pelas didáticas dos professores regentes e pela própria prática do docente que, ao regressar para sua unidade escolar, ministrava suas aulas sob essas perspectivas metodológicas.

Os registros históricos buscaram apresentar a trajetória docente e o processo formativo desses profissionais, onde eles demonstraram a realidade da educação regional como uma problemática comum entre as cidades do Araguaia onde foi realizada nossa pesquisa.

Os depoentes relembraram que, no início dos anos 1990, a carência de profissionais com formação superior era caracterizada pela ausência de professores formados para atuarem em sala de aula nessas cidades da região foco dessa pesquisa, compreendida territorialmente de Ribeirão Cascalheira a Vila Rica.

Para suprir essa necessidade foram ofertados inicialmente os cursos de Matemática, Pedagogia, Letras. E a presença dos profissionais licenciados nessas áreas foram mais frequentes nas escolas do Araguaia, mas continuava faltando qualificar outros profissionais para as demais áreas do conhecimento. Porque, por algum tempo, depois de iniciar esses cursos, muitos professores atuaram só com Ensino Médio com esses componentes curriculares. Então, para contemplar essas áreas do conhecimento e melhorar a qualidade do ensino, foram implementados pelas Parceladas outros cursos como História, Biologia e Geografia.

Pela ausência de profissionais da educação habilitados em Matemática, nossos depoentes ingressarem na carreia docente antes de receber uma formação inicial como preparação para o exercício da docência,

> *Quando estava concluindo o ensino médio já no terceiro ano, por falta de professores naquele período eu já ministrava aulas, então no terceiro ano eu já era professor sem uma formação, trazia algumas discussões e tal, tinha acesso a uma formação informal ali com o pessoal da Secretaria de educação, porque havia um convênio. Era Bem-vinda, Joídes e Ozanete esse pessoal, e aí surge a discussão das parceladas que era um projeto na época não era nem UNEMAT ainda, era FEZMAT de instalar um curso que funcionaria em período de recesso escolares em Luciara MT e eu terminei ingressando por meio de vestibular nesse curso e aí fiz a graduação de 1992 a 1997*. **Edson Pereira Barbosa** concedido em 01 de outubro de 2022.

Os registros revelaram a necessidade de formação de professores, mas constataram que havia um engajamento desses profissionais na busca de orientações e demonstram que esses professores leigos almejavam uma formação para aperfeiçoar seus conhecimentos para a atuar como docente. O desenvolvimento profissional desses professores estava ligado à formação continuada, mas havia uma necessidade de buscar uma habilitação em licenciatura para qualificar sua atuação docente.

Embora a região já contava com alguns profissionais com habilitação em magistério, a formação superior em uma área especifica qualificaria o professor para atuar no ensino médio. O professor precisava ter, no mínimo, concluído a licenciatura, pois essa formação superior qualificaria o ensino e contribuiria efetivamente com o desenvolvimento educacional dos estudantes do Araguaia.

Nessa perspectiva, as narrativas apresentaram aspectos dessa formação acadêmica constituída de muitos elementos sociopolíticos que contribuíram na construção da identidade profissional dos professores de matemática formados pela Unemat através do projeto parceladas de Luciara MT.

> *E aí o duro assim, não dá para desconsiderar a experiência porque quem fala é o Edson de 2022 não é o Edson de 1994, mas nós tínhamos já algumas discussões porque nós tínhamos de um lado um projeto que procurava ser interdisciplinar, que tinha uma série, uma parte do curso dedicada a isso e aí isso eu acho que era muito interessante e de uma outra ponta nós tínhamos por ausência de professores formadores com essa experiência uma parte de uma matemática muito tradicional onde a gente até brincava que ali a gente aprendia por contraexemplo o que não era ser um professor de matemática (...) Então ensinar matemática no nosso curso, acho que coube muito ao posicionamento de cada professor, de cada aluno, nós éramos todos professores, que era um curso de formação em serviço. Então já caberia isso a tomada de decisão, mas nós tivemos acesso aos diferentes modos do aspecto do ensinar matemática e uma preocupação com o educar*. **Edson Pereira Barbosa**, concedido em 01 de outubro de 2022.

Com a consciência da necessidade de uma boa formação para se qualificar como educador matemático, esses professores tiveram diversas contribuições metodológicas de ensino apresentadas por diferentes perfis profissionais dos professores que a universidade trazia de outras regiões. Os docentes contratados pela instituição eram de diferentes universidades, mas

apresentavam uma boa compreensão e reconheciam a necessidade de fomentar um ensino voltado para a resolução da problemática educacional dessas localidades. A compressão da necessidade de uma boa formação contou com a contribuição da Unicamp através da formação continuada. Como a Unemat iniciou suas atividades como uma fundação, ainda não contava com o seu quadro docente consolidado.

> *(...)o pessoal da Unicamp passou a dar suporte também para a fundação porque a fundação também não tinha tantos professores habilitados com mestrado ou com doutorado. Então ela tinha poucos cursos, era lá em Cáceres e aí a Unicamp foi fortalecer ela, pra se transformar numa universidade precisava que vários dos seus professores fizessem mestrado, fizessem doutorado, ela tinha que ter uma equipe para que ela se transformasse numa universidade(...)*Dagmar Gatte acesso em 12/06/2023.

Pensar na qualificação dos professores que iriam atuar na formação dos docentes do Araguaia foi considerado um fator muito importante porque as características da região exigiam uma atenção especial para o perfil desse profissional formador de professor, pois a proposta sugeria uma formação mais consistente.

Nesse sentido, a instituição compreendeu que seria necessária uma formação holística, para que esses alunos pudessem concluir esse período de qualificação sendo capazes de compreender o ensino de Matemática em uma perspectiva sociopolítica, e que uma formação que não consideraria esses aspectos não daria conta de suprir as necessidades de um ensino voltado para atender as peculiaridades dessa região.

> *Sobre a formação geral considero ela um legado interessante para a minha vida profissional, primeiro porque tive oportunidade de exercitar e aí falo coisas que às vezes você não sabe no dia muito pra que, mas lembro das aulas de ciências sociais com aspectos e às vezes a gente até brincava: Há pra que tanta "Gia"né! E hoje eu vejo quanto isso me ajuda e me dá trânsito e consigo desenvolver algumas leituras que me interessam às quais eu me dedico, é me dedico menos do que eu deveria, mas no limite do que posso. Ela foi um forte balizador para eu conseguir saber que um professor, um educador matemático ele tem que saber mais do que matemática, a outra coisa que considero interessante nessa parte que tive nessa formação é que ali na formação tive oportunidade de conviver com pessoas que tinham outras expectativas, outras formações, outras experiências. Então quando tinha, por exemplo, eu considero isso ímpar né cara, você fazia uma disciplina com uma pessoa igual o Luiz e a Nice, discutir antropologia com pessoas que naquele tempo já moravam há mais de 20 anos dentro de uma aldeia, então não era né... Você discutir sociologia com pessoas que eram militantes de movimento sociais, com pessoas que eram representantes né tinha na turma praticamente representante dos fazendeiros, então a gente tinha essa discussão na sala de aula num ambiente saudável eu diria que hoje politicamente a gente não encontra mais e dar saudade de fazer algumas discussões que na época achava cansativas né, como dar saudade! Mas essa eram as experiências né, por exemplo, discutir educação indígena com Maria Helena Fialho que ela formou em letras e ela trabalhava na Funai a muitos anos né, depois fez toda uma carreira e tal. Então acho que a formação geral além desse aspecto de formação de conteúdo ela nos dava a oportunidade de conviver com diferentes perspectivas e*

> *experiências e isso era muito debatido ali né.* **Edson Pereira Barbosa,** concedido em 01 de outubro de 2022.

O ambiente formativo apresentava uma atmosfera constituída de vivências que possibilitavam uma troca de experiências em um universo reflexivo dentro de uma perspectiva regional com diversos conhecimentos que configurava as Parceladas como espaço de formação que realmente compreendia as causas do território do Araguaia.

As fragilidades no ensino exigiam que a formação do professor fosse capaz de contribuir para as reflexões acerca dos problemas locais, e para isso seria necessária uma qualificação profissional robusta, constituída de vários elementos formativos significativos que fundamentassem a atuação docente em uma perspectiva da educação matemática em compreensão do papel social que a docência exige.

Em atendimento essa demanda formativa, a instituição se comprometeu com a qualidade da formação e procurou se posicionar frente a essas necessidades e primou por uma formação do professor de Matemática para atuar no Araguaia engajado no desenvolvimento da educação do povo da região.

> *O projeto parceladas consegue se posicionar de uma certa forma muito interessante: a primeira coisa que ele não é um curso de férias, apesar de que alguns alunos se portaram e alguns professores como tal, mas ele não era um curso de férias. #A ideia da etapa intermediária era uma coisa muito interessante, a outra ideia era a questão da vocação regional, ele não era um curso que tava preocupado em formar um professor de atuação geral para o mundo inteiro, mas pra discutir os problemas locais, para dar conta de a partir do seu local ele se reconstruir se refazer, a outra coisa ele tinha uma vanguarda do que estava se consolidando na época que era a educação matemática né.* **Edson Pereira Barbosa,** concedido em 01 de outubro de 2022.

Na concepção de uma formação para compreensão e resolução dos problemas locais e no caso dos nossos depoentes, estes problemas consistiam na busca de qualificação profissional para o ensino de Matemática na perspectiva de uma valorização dos saberes locais, partindo de um ponto que o indivíduo que estava ali, na condição de aprendiz, trazia os saberes de sua localidade e que estaria numa expectativa de desenvolver um conhecimento que pudesse contribuir com sua formação técnica, mas, que acima disso, esse ensino fosse capaz de sensibilizar o discente do Araguaia quanto ao seu direto de aprender e, em especial, viver em uma ambiente favorável para exercer sua plenitude como cidadão.

> *Aí com o projeto Parceladas veio aquela coisa do desconstruir aquilo que a gente fazia, a didática, o projeto, a metodologia do professor eram de desconstrução, era pra desconstruir aquilo que tava ali dentro, mas aí veio o construir, a gente*

> *conversava muito na minha turma, isso aqui que a gente faz está errado, não é assim que vai formar o cidadão, vai ensinar matemática pro aluno, mas a matemática, o ensino vai contribuir para a formação cidadã do aluno.* **Divanez Alves Correia**, concedido em 27 de setembro de 2022.

Com o foco na qualidade do desenvolvimento do ensino dentro do Projeto Parceladas, os relatos referentes às características importantes da formação ficaram evidentes. Em cada narrativa os pontos convergentes revelaram que os nossos depoentes em suas narrativas apresentaram vários aspectos da formação que configuram a formação técnica/social do professor de matemática.

Essas reflexões reforçam os objetivos dessa pesquisa, pois apontam a formação do professor de Matemática do Araguaia, com seus elementos sociopolíticos que construíram sua identidade profissional, marcada por uma qualificação profissional de qualidade.

> *Quando veio a primeira parte a disciplina didática da matemática, lembro de um professor, um professor de Minas Gerais, que ele era projeto Terra. Já ouviu falar do projeto Terra? Então o projeto Terra ele foi uma experiência em Minas Gerais, a experiência que deu origem ao ciclo. Sabe a escola ciclada? Mas foi uma experiência muito boa e esse professor veio e trouxe essa experiência para o curso de matemática, e ali é que a gente começou a fazer o que eu acho que a Universidade tem que fazer com todo professor, que é fazer a desconstrução de todo o tradicional que foi construído quando a gente estudava, como a gente aprendia. Então foi nesse momento aí dá didática da matemática que eu comecei a desconstruir, porque eu já trabalhava, já era professora.* **Divanês Alves Correia**, concedido em 27 de setembro de 2022.

Na perspectiva reflexiva das entrevistas, os nossos depoentes revelaram esses aspectos da formação sociopolítica do professor, seja na trajetória docente, por que cada um e cada uma que estava ali já era professor(a) quando ingressou na formação superior, ou seja no espaço da formação acadêmica. As entrevistas também enfatizaram que nesse ambiente as discussões estavam voltadas para o ensino, mas também estava interessada como essas experiências repercutiriam na comunidade escolar, as quais esses professores pertenciam.

Os professores apresentaram em suas narrativas elementos sobre sua formação acadêmica, como as metodologias apresentadas pelos professores, as reflexões sobre o currículo, fortaleceram as discussões e especialmente como o ensino que estavam recebendo iria contribuir como a formação do seu aluno.

É notório que buscavam uma qualificação profissional que desse conta de transformar o processo educacional do Araguaia em uma perspectiva de dar um salto de qualidade no ensino de Matemática nessa região.

> *Então... a gente estudou todas as "gias" e metodologias que você possa imaginar! Então a gente teve uma formação muito forte e eram professores que vinham da Unicamp, da Unesp porque era um projeto novo para a própria Unemat. Então foi*

> *uma formação muito forte nessa área e depois a parte específica da matemática foram 2 anos, mas também continua com professores muitos bons, cubanos, da Unesp, não tinha menos que mestre como professor... Então era isso que senti muito forte na formação da Unemat, você vai voar se quiser porque tem capacidade, tem pessoas que vão está te dando suporte para você aprofundar no que quiser até onde conseguir ir...* **Rita de Cássia de Azevedo** Concedido em, 07 de outubro de 2022.

A tomada de consciência dos nossos depoentes quanto a qualidade do ensino que estavam recebendo promovia, em cada cursista, a expectativa de poder contribuir como o seu aluno, com o ensino da Matemática voltado para uma construção cidadã da população estudantil do Araguaia.

Nesse processo de construção de uma carreira sólida e comprometida com o desenvolvimento local, o Projeto Parceladas foi reconhecido por essa contribuição direta na forma que esses professores passaram a compreender o ensino da matemática na perspectiva da valorização dos saberes locais.

> *Fui aprendendo a ser professora de matemática junto com essa formação que a gente foi recebendo na Unemat e aí é o que a gente começa a ver o ensino de uma outra forma, mais enraizada no local, você trabalhar muito com Etnomatemática a partir do conhecimento local, você muda sua metodologia de trabalho totalmente, foi uma formação que você estava tendo... e olha! Posso te dizer tive a formação!* **Rita de Cássia de Azevedo,** concedido em 07 de outubro de 2022.

O ambiente formativo sobre o qual os depoentes refletiram, em que a formação acadêmica desses profissionais demonstrou que a proposta era inovadora e teve o objetivo de colocar os formandos como sujeitos de sua própria formação, numa perspectiva que o aluno/ professor pudesse refletir seu aprendizado e ao mesmo tempo sua consciência docente que lhe remetia a sua própria sala de aula na busca de mudar a realidade da aprendizagem dos seus alunos.

Nessa perspectiva, a proposta inovadora de formação do professor pelas Parceladas contribuiu com o repensar do ensino de Matemática na educação básica no território do Araguaia. Nesse sentido, um dos nossos depoentes nos convida a refletir sobre os aspectos que envolvem o ensino de matemática voltado para uma aprendizagem consolidada pelos elementos que constituem a formação plena do cidadão do Araguaia.

> *Então... Isso contribuiu muito para mim como professor de matemática, tenho sempre em mente aquilo tudo que o Anibal, por exemplo, era um dos nossos professores colocava com muita clareza os aspectos que envolvem o ensino da matemática, então assim, ser professor de matemática não pode ser aquela coisa seca sem você fazer uma leitura da sua realidade, sem você absorver o que o seu aluno traz, sem você compreender qual é o universo que o seu aluno está inserido, o conteúdo que ele traz e aproveitar isso e fazer essa discussão em sala de aula.* **André Wanpura de Paula,** concedido em 08 de outubro de 2022.

Ao analisar a formação do professor de Matemática do Projeto Parceladas, observamos que, na perspectiva dos nossos depoentes, a metodologia apresentada trouxe, em suas proposições formativas, temáticas capazes de construir uma concepção de ensino que sugeria aos professores o reconhecimento das necessidades dos estudantes daquela localidade. E verificamos também que os professores envolvidos nesse processo reconheceram que seria necessária uma boa formação acadêmica para reconstruir um processo de educação com foco na transformação do ensino para garantir uma aprendizagem de qualidade em Matemática.

> *O que me marcou muito no curso da Unemat foi a forma como os professores colocavam pra gente o modo como a gente deveria lidar com a matemática na nossa realidade, então isso criou uma identidade profissional, você cria ali raízes com seu contexto, você cria raízes com a sua realidade, e enxerga habilidades nos seus alunos, enxerga perspectivas no seu aluno e traz para a escola metodologias que muitas vezes você não vê isso em algumas universidades.* ***André Wanpura de Paula,*** *concedido em 08 de outubro de 2022.*

O reconhecimento dessa qualidade também está relacionado com o quadro docente da Unemat, nas narrativas são muito enfatizadas a qualidade desses professores, a importância e o comprometimento desses profissionais com o ensino dos professores de matemática do Araguaia.

A proposta implementada para a formação de professores, levando em consideração as problemáticas da região, funcionou como o fio condutor para a consolidação de uma forma de ensino que valorizava a formação política dos alunos/professores. Aquele e aquela estava ali em busca de um aperfeiçoamento de sua carreira docente que estava em construção, pois todos relataram que já eram professores quando ingressaram nas Parceladas, e reconheceram a importância do Projeto para seu desenvolvimento profissional.

Essa experiência de construção do conhecimento docente foi considerada muito importante para o desenvolvimento profissional dos que estiveram convivendo nesse ambiente de formação superior. Os depoentes avaliaram sua formação como uma preparação importante e reconheceram a participação de seus professores para a consolidação do ensino de Matemática nessa localidade.

> *A experiência que nós tivemos e eles também com a gente de sair de São Paulo, de Minas Gerais para vir trabalhar com a gente em Luciara, numa cidade com poucos recursos, a estrutura também não era tão boa, mas assim foi uma coisa espetacular, foi muito gratificante a experiência que a gente teve durante aprendizagem nesse curso de Parceladas em Luciara.* **Olídes**, concedido em 20 de setembro de 2022.

Nesse contexto reflexivo, nossos depoentes trouxeram em suas narrativas, além do reconhecimento da importância das Parceladas para a região do Araguaia, sua gratidão pela oportunidade de formação que foi proporcionada a eles, que todos, tanto os da primeira como os da segunda turma de Matemática do Projeto, dizem ser muito gratos por ter o privilégio de receber essa formação docente.

> *Então... a parceladas foi um curso especial aqui na nossa região e que formou vários profissionais que hoje a gente vê aí, tem doutores, mestres atuando em universidades que foram frutos da primeira turma das Parceladas aqui da região do Araguaia.* **Olídes** concedido em 20 de setembro de 2022.

O reconhecimento da importância das Parceladas revela que o educador matemático, quando ingressou na universidade, procurou uma formação para a continuidade do ensino pautado em uma qualidade que desse conta de compreender e resolver os problemas relacionados ao ensino local e que fosse capaz de uma profissionalização desses professores para que pudessem repensar o seu desenvolvimento profissional em uma perspectiva de formação continuada que possibilitasse uma reflexão sobre suas ações, como um movimento de reavaliação de sua prática e que pudesse reconstruir esse percurso formativo para uma tomada de consciência para a transformação da realidade educacional do território do Araguaia.

5. 2 A demanda formativa

A Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em sua articulação para fomentar o desenvolvimento social e econômico dessa parte do estado, reconhecia a necessidade da formação de professores leigos para contribuir com o desenvolvimento do ensino da Matemática. A história educacional da região Araguaia é marcada pela carência de professores habilitados para atuar em sala de aula. É reconhecido que alguns cursos habilitaram professores em nível de magistério, mas a formação superior ainda era um sonho e por isso houve uma mobilização para a formação de professores.

Nesse contexto, essa região apresentava uma grande necessidade de políticas públicas voltadas para a formação do professor com habilitação em nível superior para atuar no ensino de Matemática no âmbito da educação básica, seja na rede estadual ou municipal. Em parceria com as prefeituras das cidades dessa região, através das Secretarias Municipais de Educação, foram fomentadas ações políticas sistematizadas para o desenvolvimento social, político e econômico daquela região, através do processo de formação do professor de Matemática.

Essa contextualização não é uma mera reprodução do que foi dito sobre a realidade educacional e da formação acadêmica dos professores da primeira turma formada pelo Projeto Parceladas, nosso propósito foi refletir sobre a carência de professores formados em matemática para atuarem na educação básica.

Os registros demonstraram uma demanda de profissionais da educação, e após passado um determinado período, a região ainda sentia a necessidade de preencher essa lacuna, embora já tendo uma turma formada em Matemática, as escolas ainda precisavam de um número grande de professores para atuarem no ensino de Matemática com uma formação específica.

Nessa perspectiva, nossas reflexões foram feitas por meio da análise desses depoimentos que, em alguns aspectos, se assemelham com o que foi mencionado pelos depoentes da primeira turma de matemática do Projeto Parceladas Unemat/Luciara-MT, mas tivemos o cuidado de conduzir a atenção para as peculiaridades das pequenas diferenças que há nas narrativas desses docentes que constituem a segunda turma do Projeto.

Nossas reflexões demonstraram que o foco não está na comparação dos depoimentos, mas no que eles expressaram sobre o processo formativo no qual os depoentes foram envolvidos e, embora em época distintas, a instituição procurou dar continuidade ao processo para fomentar o ensino e preencher essa lacuna da formação do professor de Matemática, caracterizada pela carência desse profissional para atuar nas escolas da região.

Contribuindo com a percepção dessa realidade, os registros históricos apontam para uma retomada do processo da formação em serviço do professor de Matemática, em uma perspectiva de construção ou retomada de uma política pública com aspectos sociopolíticos da formação de educadores para atender uma demanda reconhecida como importante para o desenvolvimento social, político e econômico do Araguaia.

Com essa contextualização, salientamos que essa retomada parte de uma reavaliação da demanda formativa que seria necessária para atender as necessidades educacionais, o que levou a instituição a reformular o percurso de formação dos professores para atuarem na educação básica nas cidades que compõem a região pesquisada.

Para garantir a qualificação dos educadores do Araguaia, era necessário pensar em um processo de distribuição de vagas por município. A seleção foi feita num processo que assegurasse que as vagas seriam realmente preenchidas por professores leigos da região e, para isso, o candidato deveria estar atuando como docente em sala de aula.

No contexto de falta de professores é que **José Reinaldo** ingressou na carreira docente no ano de 2001, o que para ele foi a realização de um sonho e motivo de muito orgulho contribuir com o desenvolvimento educacional daquela localidade,

> A *primeira vez que entrei numa sala foi em 2001, terminei o ensino médio no ano de 2000 e quando foi em 2001 peguei uma turma. # Só tinha o propedêutico, mas aquela foi uma grande satisfação o aluno me chama de professor, lembro demais dessa turma e do primeiro dia que eu entrei numa sala que o aluno falou professor, professor de matemática. Então foi uma experiência gigante e pra mim foi o máximo ser Professor de Matemática.* Depoimento concedido em 26 de maio de 2022.

Esse sentimento do depoente pela carreira docente evidencia um compromisso com o ensino, com a realização pessoal de um sujeito político local que almejava, não só sua ascensão social, mas que essa mobilidade alcançasse também os demais membros da pequena Cana Brava do Norte.

Nessa mesma localidade, **Marines Alves** ingressou no ensino pelo reconhecimento do seu professor como uma aluna de Ensino Médio com grande potencial para atuar como professora, e que posteriormente poderia vir a ser uma profissional que, com uma boa qualificação, assumiria efetivamente a carreira docente, o que contribuiria com a qualidade do ensino no município de Cana Brava do Norte.

> *Pela carência de professores na época era possível agente atuar como docente sem ainda ter a licenciatura, então antes de terminar o ensino médio eu já tive uma oportunidade de trabalhar como professora no munícipio de Canabrava do Norte MT, através do convite de um ex. professor que era Secretário Municipal de Educação.* **Marine**s **Alves de Souza** concedido em 05 de agosto de 2022.

Os depoimentos mostraram que, embora em localidades diferentes desta mesma região, os outros depoentes apresentaram em suas narrativas circunstâncias semelhantes para iniciar na carreira docente. Esses educadores formados pela segunda turma relataram que o início da docência se deu pela falta de um profissional habilitado para o exercício da função. Essa realidade ocorria em diversos contextos educacionais da região, porque após a formação da primeira turma das Parceladas, para atender outras demandas formativas de profissionais para atuarem com outros componentes curriculares, foram implementados pela instituição outros três cursos Geografia, História e Ciências Biológicas.

A segunda turma de matemática representou o terceiro grupo de educadores formados pelo Projeto, em um período de aproximadamente dez anos após a implantação da formação superior no Araguaia. Essa realidade de falta de professores de matemática ainda era um problema para a região.

Essa lacuna só poderia ser preenchida com a habilitação de outros profissionais que trabalhavam com o ensino da Matemática, nessas circunstâncias os depoentes da segunda turma de matemática também almejaram uma formação superior, como um processo de

desenvolvimento profissional para contribuir com sua profissionalização, com a qualidade do ensino de Matemática e com a aprendizagem dos educandos do Araguaia.

Com a possibilidade de uma formação superior, os professores leigos ingressaram nas Parceladas considerando aquela oportunidade como uma possibilidade de desenvolvimento profissional e como suporte para suas realizações pessoais:

> *Pensar onde estou, conseguir entrar no programa de doutorado, e quem oportunizou isso? Foi o programa Parcelada que foi por meio dele, que chegou e pegou nas minhas mãos "falou vambora," então colocou a gente no caminho e dali terminou a graduação, "ele falou assim: - Cê tá pronta pra seguir pelo mundo!* **Vania Horner** concedido em 05 de agosto de 2022.

O desenvolvimento dos educadores da região do Araguaia foi construído através de uma formação acadêmica, onde a instituição ofertava o curso sistematizado para atender a demanda formativa, em uma modalidade de ensino que considerou todos os aspectos que poderiam contribuir para o ingresso e a permanência dos cursistas. Esse é um aspecto muito importante, pois foi reconhecido que a instituição buscou garantir a permanência dos seus alunos e assegurar os direitos para que todos concluíssem com êxito essa formação:

> *A nossa turma era 60, no final acho que formou 59, não, formou os 60, apenas um que não formou, o menino formou depois o Juarez formou depois acho que só André que não conseguiu, mas a gente era 60 e entrou Jarbas 61 e formou os 60.* **Vania Horner** concedido em 05 de agosto de 2022.

Embora já tendo sido mencionado, consideramos importante retomar a reflexão sobre a flexibilidade do Curso que se apresentou como um aspecto de grande importância no processo de formação, pois se a instituição não tivesse essa flexibilidade/compreensão, poderia se tornar um fator de exclusão porque na região não havia muitas oportunidades de formação em instituição pública.

Nesse sentido, com suas aulas ofertadas no período de férias e no recesso escolar dos educadores, o Projeto mostrou-se uma proposta de formação preocupada em atender os professores dessa região, como uma grande oportunidade para aquele e aquela que não teria outras possibilidades de formação, seja por questão financeira ou até mesmo por residir em uma localidade muito distante dos centros educacionais que atuam na formação de professores:

> *Então... pra mim as Parceladas foi tudo na minha vida né!? Se não fosse da forma que foi as Parceladas pra mim, eu não teria nem se quer, talvez, feito uma faculdade, porque não teria como ir para fora, e outra, o curso foi praticamente dentro de casa né. Eu era o primeiro da família, nós éramos 10 irmãos né, entre os 10 irmãos,*

> *ninguém teve a oportunidade, porque nós somos de uma família pobre.* **Eliandro Noleto** Concedido em 22 de agosto de 2022.

O Projeto, em sua proposta metodológica e do ponto de vista da modalidade, foi importante porque possibilitou a formação em serviço do professor de matemática do Araguaia e também trouxe outros aspectos formativos reconhecidamente interessantes para o desenvolvimento do ensino, quando apresentou diversas metodologias de ensino utilizadas pelo seu quadro docente composto por vários professores vindos de outras universidades para contribuir com a proposta metodológica do Curso.

Na construção da identidade dos profissionais da educação habilitados pelas Parceladas, queremos evidenciar os efeitos positivos na formação básica e os aspectos negativos que possivelmente podem ser considerados por aquele e aquela que teve a oportunidade de participar do Projeto.

> *Então... vejo que o programa Parceladas, ele foi um programa além do seu tempo sabe. Foi um programa que quem fez parceladas, estudou e está em sala de aula ele tem um grande diferencial principalmente nessa relação de você ensinar matemática levando em consideração o que que o aluno já sabe, o dia a dia dele, qual é o conhecimento Etnomatemático que ele traz de casa e aproveitar o conhecimento da matemática que existe na comunidade. É diferente o professor a gente vê hoje um professor que passou pelo programa ele tem uma visão ampliada, ele consegue superar os desafios, ele dá conta desse público que está aí hoje. o programa Parceladas influenciava, mas de forma bem positiva. Porque os professores vinham com a proposta e principalmente a questão da metodologia, querendo ou não trazia a questão do professor como pesquisador.* **Vânia Horner**, concedido em 05 de agosto de 2022.

Nessa perspectiva, o depoente **Juarez Filho** compartilha dessa sensação, onde reconhece que a metodologia do curso contribuiu para que esse profissional permanecesse num processo de construção contínua de sua formação, com foco em qualificação como uma preparação para melhorar o seu fazer pedagógico.

O entrevistado sinaliza em sua narrativa os elementos de sua formação: a universidade trazia em sua proposta política pedagógica qualificar o professor para que, após esse período de formação, fosse capaz de superar suas limitações e desenvolver as habilidades necessárias para uma intervenção nos problemas do ensino que ocorriam na comunidade escolar onde ele estava inserido como docente.

> *O que a gente teve de bom em relação às parceladas é que nessa parte ela nos possibilitou para quem estava ali engajado, acredito que era até uma, talvez uma espinha dorsal mesmo ali das parceladas como dizem por aí "não dá o peixe, mas ensinar a pescar né," mas de capacitar os acadêmicos a buscarem sozinhos. A serem autônomos, professores mesmos autônomos, professores que vão depois pesquisar,*

> *professores que vão buscar a partir daquela espinha dorsal que foi lançada aí. Essa capacidade a gente pôde adquirir quando tivermos ali nas parceladas, trabalhávamos muito com projetos, quando a gente tinha parte presencial e retornava a gente sempre retornava com projetos de pesquisa para estar realizado e para estar retornando novamente. Nesta parte creio que as parceladas cumpriam bem com os acadêmicos, ela prepara para que depois todas essas deficiências vão ficando, a gente vai alcançado essa habilidade, essa competência pra tá buscando, estudando, pesquisando e melhorando a nossa prática. Depois entendi, essa também era uma das finalidades das parceladas, de preparar o acadêmico para que ele seja um constante estudante pesquisador.* **Juarez Filho** concedido em 19 de agosto de 2022.

Entretanto, o mesmo depoente não deixou de frisar os aspectos que, para ele, ficaram fragilizados e que poderiam ter sido desenvolvidos de uma outra forma dentro do Projeto. Enfatizou que a realização das atividades propostas era um desafio, pois conciliar as atividades docentes com as atividades do curso, na sua opinião, comprometeu sua qualidade e que poderiam ter sido realizadas com mais qualidade se o fator tempo fosse melhor gerido, tanto pela instituição como pelos cursistas.

Fez também uma reflexão quanto à aplicação do conteúdo ministrado em algumas disciplinas do curso que, para o nosso depoente, não estava muito alinhado com aquilo que ele estava buscando naquela formação, pois o que se esperava era conhecer os componentes curriculares que promovessem uma intervenção efetiva no ensino da Matemática característico para o seu público-alvo, os estudantes da educação básica da região do Araguaia.

> *Da parte específica, para mim, ela foi muito seca como eu lhe falei antes, tive que depois ficar recluso para eu mastigar aquilo tudo para conseguir digerir, para conseguir construir alguma coisa a partir de tudo aquilo. Não fazia muito sentido para mim sabe e eu já era professor não fazia muito sentido para mim tudo aquilo da parte específico, por exemplo, nós estudamos cálculo acho que não sei se foi até o 4, mas talvez porque era muito corrido. #No período intermediário nós tínhamos as atividades para que pudessem serem realizadas, projetos inclusive, projeto de pesquisa teríamos que fazer individual ou em grupos. Muitos deles indicados para serem feitos na própria comunidade mesmo, na própria escola, mas que a gente percebia que às vezes, não ficava bem-feito, não ficava muito a contento porque a jornada docente era muito pesada e comprometia essa rotina intermediária das parceladas. Além de você não ter nenhumas férias em praticamente quatro anos, você também não tinha final de semana.* **Juarez Filho**. Concedido em 19 de agosto de 2022.

Na avaliação dos professores, as contribuições que a formação proporcionou para a sua carreira docente foram muito relevantes porque cada profissional pode, de alguma forma e dentro das suas possibilidades, continuar sua atuação voltada para o desenvolvimento da educação regional. que, mesmo a formação inicial apresentando alguma fragilidade, eles se sentiam preparados para continuar sua capacitação para o desenvolvimento sociopolítico da sua comunidade:

> *Parceladas hoje para mim representa uma grande oportunidade que eu tive de estudar, de fazer um curso superior e hoje ser uma professora que tem segurança naquilo que eu faço.* **Marines Alves** concedido em 05 de agosto de 2022.

Nossos depoentes também apresentaram registros históricos que evidenciaram o papel social da formação para a mobilização social desses educadores e demonstraram que a formação superior proporcionou outras possibilidades para mais pessoas da comunidade almejarem uma formação superior em outras áreas do conhecimento.

Esses professores, após ou durante sua qualificação profissional, reconheceram que a formação superior promoveu uma visibilidade porque alguns receberam convite para a assumir alguma função de gestão na própria unidade escolar e outro foi convidado para assumir a Secretaria Municipal de Educação do seu município, demonstrando a relevância da formação que habilitava esses profissionais para o exercício de qualquer função no âmbito educacional.

> *Nesse mesmo ano eu recebi o convite para ser Secretário Municipal de Educação na gestão do prefeito Genebaldo e aí 2005 mais esse desafio pela frente, seria estudar pela Unemat e está diante de uma Secretaria Municipal de Educação.* **José Reinaldo,** concedido em 26 de maio de 2022.

Penso que é oportuno frisar que quando estamos falando em visibilidade, após o graduando ter recebido uma educação formal, a que chamamos de educação escolar, isso não pode de maneira algum invalidar a educação recebida pelos outros membros da comunidade do Araguaia que nesse trabalho estamos chamando de educação popular ou educação cultural.

Porque, como já foi mencionado anteriormente, os agentes da pastoral utilizaram várias estratégias para a emancipação do povo dessa região e isso é necessário considerar como um processo importante no desenvolvimento da região. A visibilidade da qual estamos tratando é no sentido das possibilidades que a profissionalização proporcionou aos nossos depoentes no âmbito educacional, político e social.

A partir da formação inicial, alguns desses profissionais passaram, então, a ter uma atuação política mais efetiva, isso mostra que esses graduandos já sabiam o que buscariam na universidade, pois já tinham um engajamento social/político na região, ou seja, já buscavam uma educação numa perspectiva ideológica como uma preparação para o exercício daquelas funções que poderiam oportunizar o acesso à educação do povo do Araguaia.

Assim, a profissionalização dos professores formados pelas Parceladas foi efetivada por ações formativas que habilitaram e prepararam o educador para a consolidação de sua carreira docente, com possibilidade de assumir seu papel social em sua comunidade e pronto para o

exercício de quaisquer funções relacionadas ao processo educativo da comunidade a qual pertencia.

5.3 A profissionalização docente e as peculiaridades entres as duas turmas de matemática

A primeira turma foi composta por alunos que, em sua maioria, foram cursistas do Projeto Inajá e chegaram na graduação com uma "bagagem" cheia de vivências constituídas de elementos sociopolíticos que faziam dessa turma um grupo de alunos que permitia aos professores levantar diversos debates e aprofundar em diferentes conteúdos, em uma dimensão que talvez as turmas regulares não permitissem.

Um outro aspecto que também qualifica a formação dessa turma é o fato de a maioria desses educandos serem oriundos de uma metodologia que buscou, acima de tudo, valorizar os conhecimentos já desenvolvidos no Araguaia, e fez com que a metodologia de ensino das Parceladas fosse bem assimilada por cada um e cada uma que esteve ali naquele ambiente formativo.

Foi o perfil desses alunos já mencionados por nossos depoentes que fez com que fosse considerado um privilégio conviver nessa atmosfera formativa, onde puderam participar de inúmeras reflexões com aqueles que já tinham uma larga experiência no processo de escolarização, por exemplo, dos povos indígenas e, porque não dizer, que também foi importante refletir sobre o ponto de vista daqueles que representavam o grupo dos que dominavam a região, com foi relatada a presença de alunos que representavam os fazendeiros.

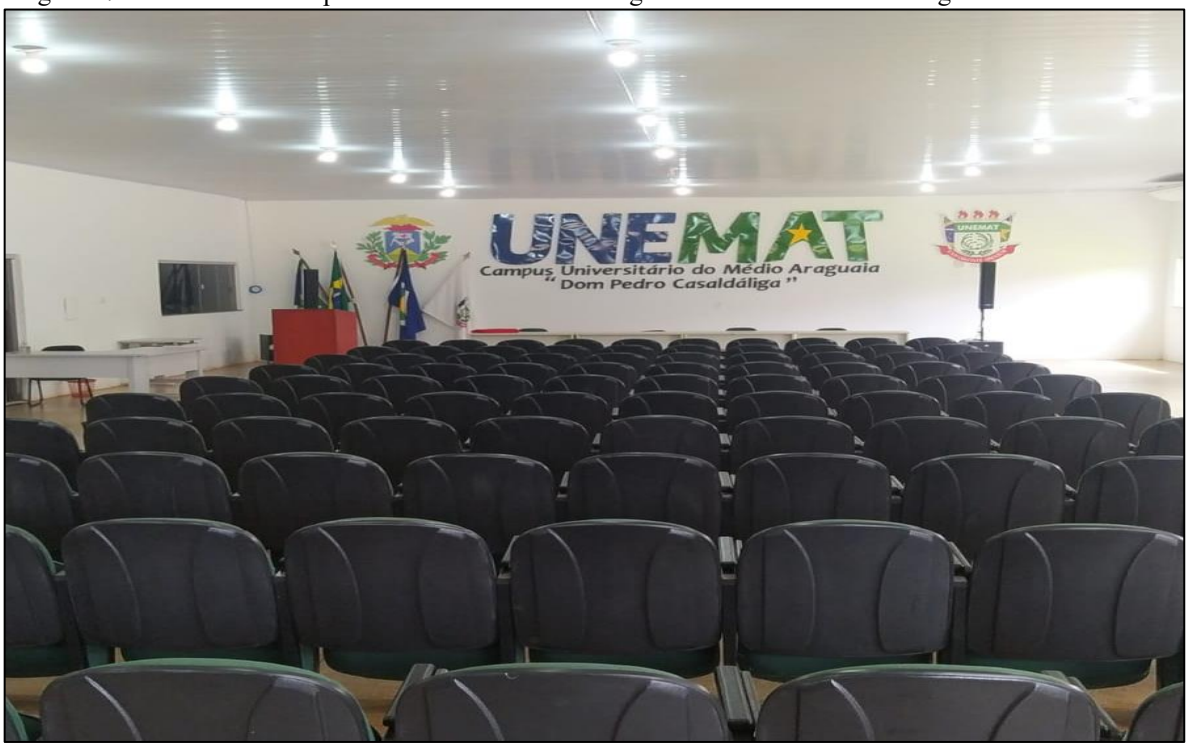
Essas características demonstraram que a turma I realmente teve o privilégio de participar de algumas abordagens sobre as questões inerentes aos problemas sociopolíticos, considerando um passado recente e atual da época, o que proporcionou aos graduandos uma formação muito consistente no que diz respeito ao desenvolvimento do ensino de matemática voltado para atender as necessidades formativas da região e com a finalidade de suprir a problemática da qualificação profissional.

Considerado o intervalo entre as das turmas, a turma II do Programa Parceladas ingressou na Graduação após uma década e, embora apresentava uma quantidade considerável de alunos recém saídos do Ensino Médio, também era composta por alunos professores. As características dos graduandos da segunda turma também permitiram boas reflexões acerca do ensino da Matemática e dos problemas da educação escolar do Araguaia, talvez não com a mesma profundidade, mas o processo formativo que essa turma vivenciou foi considerado muito consistente por aqueles(as) que participaram desse ambiente.

Em vista desse contexto, trazemos algumas peculiaridades dessas turmas desde os elementos já mencionados, até aqueles que se apresentaram como desafios no que diz respeito ao transporte, estadia e infraestrutura da instituição para acomodar esses educadores para participarem das aulas.

No que se refere à infraestrutura, atualmente a instituição conta com um ambiente bem estruturado que possibilita acomodar com algum conforto os graduandos, e consegue atender algumas exigências para o desenvolvimento dos trabalhos de algumas disciplinas específicas dos cursos ofertados.

Imagem 17: Auditório do Campus Universitário Médio Araguaia - Dom Pedro Casaldáliga Unemat/Luciara-MT



Fonte: Acervo Unemat/LuciaraMT

Ressaltamos que, neste momento, é importante remeter ao contexto da região na época da implementação e execução do Projeto Parceladas para demonstrar que começou com algumas fragilidades na sua infraestrutura, pois a instituição ainda não contava com instalações próprias e só concluiu o prédio, aproximadamente, durante a metade do curso da primeira turma de matemática.

Imagem 18: Prédio da Unemat finalizado ainda no período da turma I nos anos 1992.



Fonte: Acervo pessoal da depoente **Olídes Maria Orlando**.

Com a falta de espaço adequado para a realização das aulas, os cursistas e professores enfrentaram algumas dificuldades para encontrar local que pudesse suportar o quantitativo de alunos.

> *[...] então na presencial aquela loucura de 8 horas de aula todo dia ou mais e depois ainda ter que fazer, acho que no começo foi mais desafiador porque a gente não tinha um prédio, então como estava começando até debaixo das árvores era a sala de aula, quando era Julho dava, mas Janeiro e Fevereiro que chovia pra caramba e naquele tempo chovia muito mais do que agora, então era complicado a gente usou a estrutura física da Igreja Católica e a igreja ainda estava em reforma e mesmo assim a gente usava. Acho que começou com 150 alunos, então era muita gente pra você ter ambientes grandes em Luciara que não tem tanta estrutura, então usava salão da igreja, usava o barracão da escola, usávamos uma fábrica desativada de gelo e tinha um momento que tínhamos que reunir todo mundo. Nossa era uma loucura! E a noite, a energia ainda era no motor, então apagava 10 horas da noite, acabava a energia aí os professores falavam assim a gente acendia vela, a gente tinha que corrigir os trabalhos porque eles pediam muitos textos.* **Rita de Cássia de Azevedo:** Concedido em 07 de outubro de 2022.

Contudo, alguns cursistas já haviam passado essas experiências quando foram alunos do Projeto Inajá. Então, esses desafios eram obstáculos que deveriam ser superados porque essas situações não eram únicas, a maioria tinha muita dificuldade para se deslocar até Luciara, por conta da falta de transporte e qualidade das estradas.

> *Nós íamos em cima de um caminhão que era chamado "pau de Arara", nós fazíamos uma cama com serragem de madeira colocávamos os colchõezinhos em cima e nós íamos deitado em cima dessa palha de madeira pra a gente descansar até Luciara. Quando chovia nós colocávamos uma lona em cima para combater a chuva e o Sol e a gente levava uma panela de arroz carreteiro, de galinhada pra a gente comer no*

> *caminho. (...) Então a gente passou por... E aí nós tivemos também nessa trajetória a gente foi uma vez de barco de Luciara à Santa Terezinha e o barco apagou no Rio Araguaia, nós tivemos que encostar na beira de uma mata lá esperar amanhecer o dia dormindo dentro daquele barco só o mosquito, sentados, uns tinham uma rede. Então a gente passou por trechos muito difíceis, mas a influência para a gente crescer e ser o que a gente é hoje, é sem palavras. O tempo era muito corrido, dia e noite estudando, não tinha luz depois da meia-noite lá em Luciara, a gente tinha velas acendia as velinhas lá na casinha bem humilde que a gente alugava, a gente acendia a velinha depois da meia-noite 1 hora e nós ficávamos até 2, 3 horas da manhã estudando respondendo questões, fazendo redações e os textos.* **Olídes Maria Orlando:** Concedido em 20 de setembro de 2022.

Situações como essa também foram relatadas por outro dos nossos depoentes que relembrou que os cursistas do município de Porto Alegre do Norte vivenciaram o desafio da falta de transporte, mas a Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação, procurou dentro de suas condições oferecer algum auxílio para os seus graduandos.

> *Eu fui de caminhão, imagina uma vez a gente voltou em cima do caminhão, o Zé Mouresco foi lá e ele teve a incrível ideia de aproveitar a viagem para trazer areia do rio Araguaia, você imagina de Luciara a Porto Alegre do Norte na carroceria de um caminhão com areia caindo no seu olho. Ônibus outras vezes, teve auxílio, por exemplo, chegamos a ter uma época que Porto Alegre... Não conseguiu fazer uma cozinha com... Acho que não, chegou a fazer... Chegamos a ter auxílio nesse sentido, e isso tudo era mediado ali pelo pessoal. .* ***Edson Pereira Barbosa:*** *Concedido em 01 de outubro de 2022.*

Neste contexto, os graduandos da turma I iniciaram a trajetória dentro das parceladas e vivenciaram algumas situações desafiadoras, como relataram nossos depoentes, que iam desde a falta de infraestrutura da cidade, da instituição por não contar com um local adequado para a realização das aulas num espaço que suportava o quantitativo de alunos, falta de estrada, transporte, moradia, bem como jornadas das aulas que apresentavam uma carga horária excessiva.

> *A gente estudava no primeiro momento eram 8 horas durante o dia e 2 horas a noite, nós teríamos que ir e ainda não era no prédio que tem hoje lá em Luciara, era nas escolas, na escola estadual que a gente estudava, na escola estadual, na igreja, porque não tinha, não tinha espaço para todo mundo. Então tinha essa coisa do agora é aqui na escola, depois é na igreja a gente andava com as "carteiras na cabeça né", carregando carteira para poder estudar, mas aí depois disso foi amenizando e o projeto em si viu que às 10hs não ia dar certo, ia acabar perdendo mais alunos, então ficaram nas 08hs, mas eram 08hs estudando mesmo.* **Divanez Alves Correia:** Concedido em 27 de setembro de 2022.

Como mencionado anteriormente, as mobilizações para a formação docente estão intrinsicamente ligadas à história da educação do Araguaia, muitos dos professores que

ingressaram no Projeto Parceladas, eram oriundos de outras experiências formativas, como o Projeto Inajá, e eram professores com uma larga experiência de atuação em sala.

Imagem 19: Alguns graduandos da primeira turma de matemática Parceladas/Unemat- Luciara/MT



Fonte: Acervo do depoente Edson Pereira Barbosa

Por contar com discentes que já tinham muitas vivências de sala de aula como educadores, essa turma abria possibilidades para os professores aprofundarem algumas discussões referentes à educação. Nesse sentido, essa turma difere de qualquer uma outra formada por alunos recém saídos do Ensino Médio sem uma experiência docente.

Nessa perspectiva, para os nossos depoentes, a formação que obtiveram nas Parceladas foi realmente muito consistente:

> *Foi uma formação muito boa, então o início da docência fui aprendendo a ser professora de matemática junto com essa formação que a gente foi recebendo na Unemat e aí é o que a gente começa a ver o ensino de uma outra forma, mais enraizada no local, você trabalhar muito com Etnomatemática a partir do conhecimento local, você muda sua metodologia de trabalho totalmente, foi uma formação que você estava tendo e olha posso te dizer tive a formação.(...) Então ela como projeto de formação continuada para professores em serviço e trazendo professores muito bons que também não era aquela bitola, nossa isso para mim!(...) Desde os primeiros idealizadores desse projeto e de trazer e ser uma continuação do Inajá que já tinha dado certo e você sabe, porque você estudar e botar em prática e ia formando essa coisa, nossa muito! Parcelada é mesmo surpreendente eu não sei como é que está agora, mas pra mim o projeto em si inteirinho muito bom.* **Rita de Cássia de Azevedo:** Concedido em 07 de outubro de 2022.

O depoimento sugere que os desafios enfrentados pelos educadores matemáticos graduados na primeira turma serviram de motivação para valorizar a oportunidade que tiveram e demonstra o reconhecimento da qualidade da formação profissional que tiveram.

Com respeito às particularidades da turma II, os aspectos ligados à infraestrutura foram diferentes, essa turma começou em Luciara e concluiu no Núcleo Pedagógico em Vila Rica, local que também contava com uma boa estrutura de salas de aulas e laboratório de informática, embora a questão das estradas ainda persistia, mas sobre o auxílio das Prefeituras para o transporte, alimentação e moradia, os cursistas de alguns municípios receberam apoio significativo das suas respectivas Secretarias de Educação.

> *[...] um fato importante lá em Canabrava que foi a Câmara Municipal de Vereador fez um projeto de lei onde dava uma ajuda de custo com alimentação, estadia e com cozinheira. A gente praticamente cobria o material escolar. Foi muito importante a parceria com a prefeitura, (...)***José Reinaldo Dias dos Santos**, concedido 26 de maio de 2022).

Enfatizamos que não só do ponto de vista da estrutura essas turmas se diferem, mas pelo perfil do professor que, recém saído do Ensino Médio, ingressou na carreira docente e, consequentemente, na Graduação.

> *Pela carência de professores na época era possível agente atuar como docente sem ainda ter a licenciatura, então antes de terminar o ensino médio eu já tive uma oportunidade de trabalhar como professora no munícipio de Canabrava do Norte MT, através do convite de um ex. professor que era Secretário Municipal de Educação.* **Marines Alves de Souza** *Concedido em 05 de agosto de /2022.*

O relato trouxe uma informação que caracteriza as turmas com um perfil diferente no que se refere à experiência de atuação como docente. Para uma, os educadores, antes de ingressarem na graduação, já apresentavam na sua trajetória algumas vivências como professores, quer seja do ponto de vista da formação, quer da participação das manifestações políticas e sociais para a implementação da formação superior no Araguaia.

As turmas também diferem, entre outros aspectos, na com relação à idade desses cursistas, embora não buscamos destacar a média de forma numérica, na Imagem 17 é possível visualizar que os alunos que compõe a turma II representam um percentual considerável de professores muito jovens, recém saídos do Ensino Médio.

Imagem 20: Segunda turma de matemática do projeto parceladas Unemat Luciara/Vila Rica MT



Fonte: acervo pessoal de Vânia Horner

Destacamos que, ao traçar o perfil das turmas, não temos a intensão de compará-las, mas esses aspectos contribuem para nossas reflexões acerca da contribuição da formação sociopolítica na profissionalização do professor de matemática do Médio Araguaia graduado pelo Projeto Parceladas da Unemat/Luciara-MT.

Outro ponto que diferencia as duas turmas está relacionado à estrutura de cada curso, como mostra o Quadro 3:

Quadro 3: Diferenças entres as turmas I e II do Curso de Matemática.

	Histórico dos cursos de Matemática ofertados pelo Projeto Parceladas			
Turmas	Carga horária Fundamental (h)	Carga horária Específica (h)	Etapas/semestre	Carga horária total (h)
Primeira turma	1560	1845	10	3405
Segunda Turma	630	2430	9	3290

Fonte: Históricos do pesquisador/Orientador.

Os dados mostram que houve diferença também nesses aspectos, o que reforça a percepção dos nossos depoentes da primeira turma quando compreendem que sua formação foi muito consistente.

A sistematização das reflexões sobre as narrativas permitiu demonstrar os pontos importantes do processo formativo ofertados nos dois cursos de matemática. Mesmo com

intervalo de tempo de aproximadamente uma década entre um curso e outro, algumas situações se apresentaram com bastante semelhança.

Nesse sentido, os pontos que podemos destacar são: as circunstâncias que esses professores ingressaram na carreira docente; a escolha da modalidade com sua metodologia em que as etapas de formação na fase presencial eram nas férias e no recesso escolar dos professores cursistas; o reconhecimento da qualidade dos professores que ministraram as aulas; a metodologia de ensino; o trabalho com pesquisa e a importância das parceladas na sua qualificação profissional.

Os depoimentos reforçam que a falta de professores com habilitação em nível superior na região do Araguaia era uma problemática apresentada ainda nos anos 1990 no período de formação da primeira turma, mas esse problema era recorrente porque os professores da segunda turma de matemática também ingressaram na docência já nos anos 2000. E, após uma década, a carência de professores habilitados em matemática para atuar na educação básica nas unidades escolares no Araguaia ainda persistia. E foram nessas circunstâncias que os nossos depoentes iniciaram a sua trajetória acadêmica.

Essa situação foi evidenciada com a retomada da política de formação de professores pela instituição e repensada para atender uma demanda formativa que se apresentava como uma necessidade de qualificação profissional dos docentes dessa região.

As narrativas ressaltam que ambas as turmas reconhecem que havia uma preocupação com a qualidade do ensino de matemática na época, e que havia um cuidado com a qualidade do curso ofertado para as duas turmas, tanto que foi praticamente unânime o reconhecimento da qualidade dos professores escolhidos para ministrar a formação em uma perspectiva voltada para a valorização dos saberes locais, para considerar aquilo que o educando trazia de sua comunidade.

Em relação a metodologia de ensino, os relatos se assemelham, os depoentes reconhecem o trabalho com pesquisa como fio condutor da proposta formativa do Projeto Parceladas, e um percentual considerável dos nossos entrevistados consideram que a finalidade da formação seria para que o desenvolvimento profissional desses educadores fosse capaz de transformar cada um e cada uma em um profissional preparado para assumir um papel dentro de sua comunidade escolar como aquele professor(a) capaz de discutir e reconstruir as propostas pedagógicas sugerida dentro da sua unidade escolar.

Na perspectiva de um professor pesquisador, os entrevistados enfatizam que a construção de sua identidade profissional foi pautada pelos componentes curriculares, pelas didáticas dos

professores e, especialmente, pelo ambiente formativo construído em uma atmosfera colaborativa que contribuiu para que todos concluíssem com êxito sua profissionalização.

> [...]*Assim a minha identidade profissional ela foi construída no chão da sala de aula e principalmente no chão da sala de aula da educação do campo. A educação do campo ela está enraizada em mim e eu tenho privilégio de hoje escrever minha tese sobre a educação do campo*. **Vânia Horner de Almeida** Concedido em 05 de agosto de 2022.

Desse modo, para ambas as turmas, o Projeto oportunizou aos graduandos possibilidades para que cada um(a) se constituísse com os elementos que a formação ofereceu para definir qual seria o seu perfil de professor e de atuação. O aluno podia definir ser um educador na área matemática que mais se identificou, não necessariamente teria que ser bom em cálculo, por exemplo, para ser considerado um bom educador matemático.

Nesse entendimento, a construção da identidade profissional do educador matemático do Araguaia está pautada no que sugere Lasky (2005):

> A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu *eu* profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que "integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional". As identidades profissionais configuram um "complexo emaranhado de histórias, conhecimentos, processos e rituais" (Lasky, 2005 *apud* Marcelo, 2009 p. 12)

Nesse sentido, as experiências formativas vivenciadas pelos educadores do Araguaia contribuíram significativamente com a construção de uma carreira docente constituída pelos principais elementos necessários à formação do educador matemático.

Outro aspecto que também foi muito enfatizado por nossos entrevistados está relacionado com o reconhecimento da importância das Parceladas tanto para o desenvolvimento social, político e econômico da região, bem como, para o desenvolvimento profissional e pessoal dos depoentes. Praticamente todos apresentaram o sentimento de gratidão pela instituição e, em especial, pelo Projeto Parceladas.

Os profissionais reconhecem que, a partir de sua profissionalização, as possibilidades aumentaram e alguns, tanto de uma turma como da outra, puderam consolidar sua carreira docente com a oportunidade de continuidade no seu desenvolvimento profissional, tendo acesso a Pós-Graduação ou sendo convidados para assumir função de gestão nas unidades escolares ou na Secretaria Municipal de Educação do seu município.

Deste modo, acreditamos que a possibilidade de compreensão que mais aproxima o leitor do entendimento do que ocorreu na história da educação do território do Araguaia no que diz respeito a formação sociopolítica do professor de matemática, seria realmente o reconhecimento da história oral como uma possibilidade do registro dessa realidade na perspectiva de quem vivenciou o processo formativo dos educadores de matemática dessa região do Brasil.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao iniciar a trajetória de investigação sobre o processo de formação inicial do professor de Matemática e suas implicações sociopolíticas na região do Araguaia, os registros foram contribuindo para a construção de um olhar mais aguçado para os elementos históricos constitutivos da origem do ensino de Matemática na região do Médio Araguaia/MT. Consequentemente, foi possível identificar as manifestações educacionais que culminaram na formação do professor dessa área e na implantação e execução dos dois Cursos de Matemática oferecidos pelo Projeto Parceladas Unemat/Luciara-MT.

Ressaltamos a ressignificação do nosso olhar para esse processo histórico que revisitamos através da história oral, os impactos emocionais em nós foram significativos, transformando percepções e possibilitando a reconstrução do nosso pensamento como educador matemático. Consideramos essa investigação pertinente a ponto de não estar conclusa/pronta, e é imensurável a contribuição para a compreensão do perfil do professor de Matemática atual. Nesse aspecto, compreendemos que o passado não pode ser apenas referência, mas sugere uma direção para dar um novo sentido ao futuro do ponto de vista do ensino de Matemática.

Nesse sentido, fomos tomados por algumas sensações sensibilizadoras para novas ações reflexivas na perspectiva do aprendiz, para realizar o processo de escuta ativa dos ex. alunos de Matemática do Projeto, os protagonistas do ensino na nossa região. Essas escutas foram munidas de muita atenção, reciprocidade e respeito aos depoentes e à instituição que abriu portas, sonhos e realizações profissionais.

A Unemat não foi só berço do ensino superior para nossa sociedade, foi uma instituição com ações efetivas para o desenvolvimento político, econômico e social do Araguaia. Sua sensibilidade em ofertar os cursos adotando uma metodologia que compreendeu as peculiaridades da região, possibilitou aos professores o ingresso, a permanência e a conclusão com êxito de uma qualificação profissional.

Em reforço à essa percepção, acreditamos ser oportuno mencionar um breve histórico da nossa trajetória educacional, pois sou nativo e aluno da escola pública do Araguaia desde a alfabetização até a graduação em Matemática pela segunda turma do Projeto Parceladas da Unemat/Luciara-MT. Assim, com essa breve contextualização, reportamos ao período em que, como alunos da segunda turma, experienciamos momentos formativos com os quais fomos tocados/transformados para a busca de um desenvolvimento profissional.

Consideramos que a construção da identidade profissional desses professores na região foi pautada pelo currículo, pelas ramificações de componentes curriculares, pelas didáticas dos professores e, especialmente, pelo ambiente formativo construído em uma atmosfera colaborativa que contribuiu para que todos concluíssem com êxito sua profissionalização.

O educador matemático do Araguaia foi nutrido do que Freire (1996) chamou de "Curiosidade epistemológica", o impulso em se compreender e compreender o outro dentro de um estar no mundo, contexto, região e/ou cultura como elementos que potencializaram a construção de nossa identidade atual.

Em conformidade com essas reflexões, entendemos que a formação do professor de Matemática no Araguaia aconteceu como uma teia de conexão e tramas no espaço escolar. Essa teia é constituída de identidade cultural, contexto social, historicidade humana e formação sociopolítica do professor de Matemática.

Nesse sentido, a Unemat não causou um silenciamento epistêmico, ou apagão regional, mas impulsionou a identidade regional, enaltecendo nossos saberes num processo contínuo de apropriação de conhecimento identitário.

No processo de escuta, a semântica dessas vozes oportunizou revisitar o passado, visando compreender o presente, reafirmando a necessidade de projetarmos o futuro, oriundo de lutas e conquistas universitárias, com diferentes sujeitos envolvidos.

Os protagonistas da formação do educador matemático do Araguaia atuaram numa perspectiva freiriana conscientes do inacabado, lançaram-se ao desafio de não obstaculizar a formação continuada no Araguaia, por compreenderem que a educação só se torna um processo permanente quando há o olhar para dentro, concebendo a inconclusão do ser e que os obstáculos não se eternizam quando os sujeitos em "bando" unificam suas metas, objetivos e, principalmente, suas ações.

Salientamos que as narrativas propuseram um novo olhar para o processo inicial que vivenciamos, uma vez que elas resgatam e alertam a sociedade para diferentes eixos na formação continuada, um conjunto de interseções ou convergências dentro de um movimento cíclico, apresentando pontos comuns como: as circunstâncias em que esses professores ingressaram na carreira docente; a escolha da modalidade, o reconhecimento da qualidade em que os professores ministraram as aulas; a metodologia de ensino; o trabalho com pesquisa e a importância das parceladas na sua qualificação profissional.

Nesse sentido, ponderamos que a pesquisa sugere uma nova mobilização para repensar o ensino de Matemática no atual contexto e na nova conjuntura econômica, política e social em que o território do Araguaia está inserido. Conforme Novoa (2012), a colegialidade, a partilha

e as culturas colaborativas não se impõem por via administrativa ou por decisão superior. O autor propõe que a formação de professores é essencial para consolidar parcerias no interior e no exterior do mundo profissional e para reforçar o trabalho cooperativo dos professores.

Desse modo, as proposições implicam em uma sistematização das ideias para a retomada do ensino na perspectiva dos saberes constituídos de elementos da cultura do nativo, para resistir à imposição de uma concepção do ensino pautada no conteúdo constituído de uma simbologia que representa a finalidade de sobreposição da cultura local.

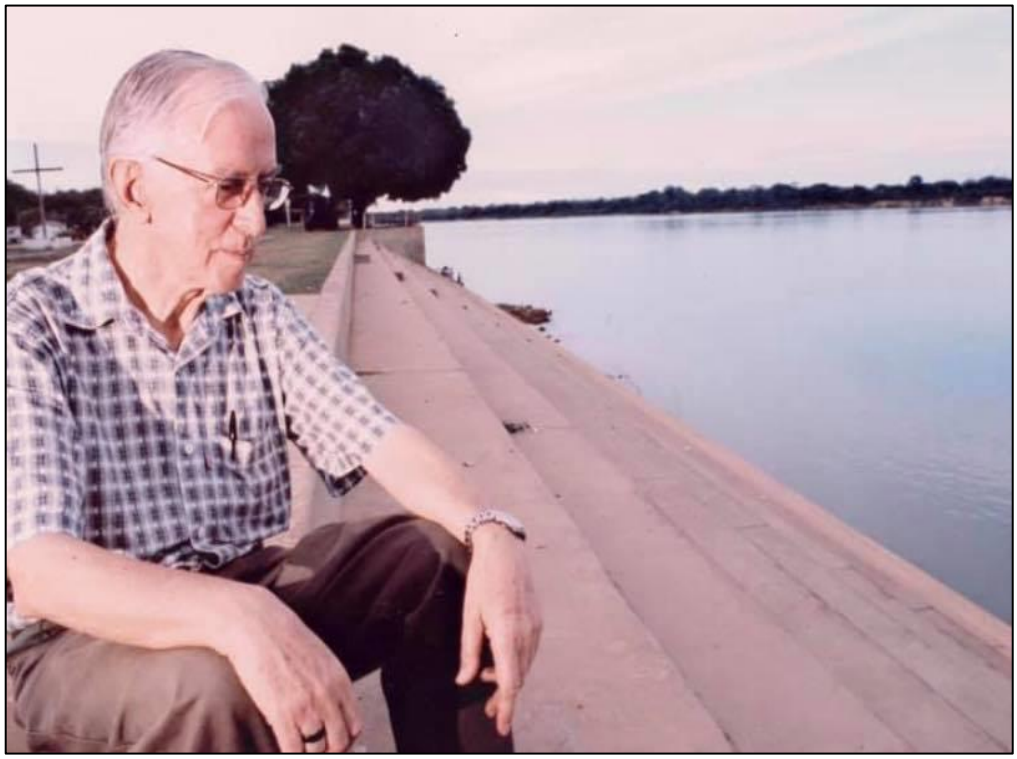
Nesse sentido, o educador matemático dessa região precisa se reorganizar em um movimento de reconstrução das propostas pedagógicas para a construção do conhecimento matemático e reposicionar suas reflexões sobre as políticas públicas que visam a implementação do ensino da Matemática na perspectiva de classificar, marginalizar e excluir. Essa retomada implica, fundamentalmente, na revalorização dos saberes locais para uma insubordinação às concepções conteudistas, pois conforme Tardiff 2005,

> Os saberes que servem de base para o ensino, tais como são vistos pelos professores, não se limitam a conteúdos bem circunscritos que dependem de um conhecimento especializado. Eles abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho, [...] para os professores de profissão, a experiência de trabalho parece ser a fonte privilegiada do seu saber ensinar. (Tardiff, 2005, p. 61).

Em conformidade com essas reflexões, a proposição que fortalece a percepção para a retomada do ensino de matemática com base em um currículo constituído dos elementos culturais que outrora foram objetos de ensino aqui no Araguaia, sugere aos professores que trabalham com o ensino da Matemática a necessidade de rediscutir seu fazer pedagógico, na perspectiva de uma prática pedagógica voltada para uma educação que compreende a aprendizagem como um direito ao desenvolvimento pleno do cidadão. Assim, as reflexões apresentadas nessa pesquisa se configuram como uma fonte interessante para a compreensão da realidade atual da educação do Médio Araguaia, e possibilitam outros pesquisadores a imergirem nas causas educacionais da região.

Ao mencionar as novas causas educacionais do Araguaia, temos que remeter a uma memória recente que nos leva ao reconhecimento daquele que é considerado por muitos como o principal representante do movimento popular em prol da educação do povo do Araguaia. A própria Unemat participa desse processo de consagração do Bispo Pedro como o patrono da educação popular e escolar, quando em gesto de reconhecimento coloca o seu nome no Câmpus Universitário do Médio Araguaia.

Imagem 21: Pedro contemplando o Rio Araguaia



Fonte: https://fperecasaldaliga.org/pt-br/pedro-casaldaliga/acesso em 30/10/2023.

Desde sua chegada ao Araguaia, Pedro demonstrou uma preocupação com a emancipação do povo dessa região e compreendeu que o caminho seria a educação, seja a educação popular em sua dimensão cultural e/ou a educação institucionalizada, conforme relembra Dagmar:

> *[...] quando Pedro assumiu a prelazia de São Félix uma das coisas que ele percebeu enquanto uma pessoa humana preocupada com o povo da região e com a responsabilidade que ele tinha de conduzir esse povo, ele como uma liderança da igreja católica, percebeu a importância do investimento na educação e foi onde ele canalizou educação e saúde. Porque ele viveu um momento assim dificílimo na chegada dele, de ver assim como que a população era desprovida de tudo, do amparo público, o setor público não amparava esse povo para nada.* **Entrevista de Dagmar Gatte para o canal sociólogos do Araguaia** https://www.youtube.com/watch?v=pLiKyHeAazQ acesso em 12/06/2023.

Nessa perspectiva, o Bispo Pedro lutou de maneira incansável junto à equipe da Pastoral da Prelazia de São Felix e implementou um processo educacional que foi do GEA às Parceladas do ponto de vista da educação escolar. E desenvolveu outros trabalhos na perspectiva da educação popular[3] junto às comunidades do Médio Araguaia. Portanto, há de se considerar que sua trajetória está intrinsicamente ligada com a história da educação do Médio Araguaia.

[3] Trabalhos da equipe pastoral - saúde, cultura e também aquelas ligadas ao campo político-institucional. Esses trabalhos foram desenvolvidos através de teatros e associações, a cultura, um instrumento utilizado pela equipe pastoral para a formação da consciência política, social e religiosa do povo. Diversas expressões culturais – poesias, cordéis, teatro, teatro de bonecos, teatro de sombras, circo, artesanato, música, entre outras. No campo da saúde foi criada uma forma de organização através de vários movimentos e associações com o objetivo de educar para

Sobre educação popular, consideramos importante ressaltar como esse movimento foi fundamental no processo de sensibilização dos nativos para uma tomada de consciência para as causas sociopolíticas para as quais todos nós estávamos sendo interpelados, muitos de nós não tinham consciência do que representava tudo isso. Por esses motivos, às vezes, algumas das manifestações como: "O povo unido já mais será vencido"; "Meu padrinho segura o tacho que a quentura vem por baixo"; "Vem vamos embora que esperar não é saber quem sabe faz a hora não espera acontecer"; Fui uma pescaria lá em boqueirão, lá não leva isca, lá tem de montão, lá tem lapa de minhoca que pega até tubarão"; "hoje tem drama lá na igreja lá em Ribeirão", passavam despercebidas.

Assim que muitos de nós tomamos consciência do que representavam essas manifestações, compreendemos que a educação popular e escolar se cruzaram em um determinado tempo e espaço, pois quando o professor ingressou na Graduação, trouxe consigo os conhecimentos sociopolíticos da educação popular que se entrelaçaram com o conhecimento formal e se transformaram em uma consistência de conhecimento que faz do educador matemático do Araguaia, em especial os que tiveram o privilégio de passar pelas Parceladas, um professor preparado para os desafios do ensino de Matemática na atualidade.

Finalizando essa etapa de nossas reflexões, queremos trazer uma indagação com base na informação que foi apresentada anteriormente sobre os Cursos ofertados hoje pela Unemat/Luciara, em especial o de Matemática, na perspectiva da interculturalidade[4]. O que questionamos é: Por que os povos originários não foram contemplados com o ingresso na formação superior em nenhuma das duas turmas de Matemática pesquisadas nesse trabalho? Embora reconheçamos que essa problemática não é o objeto dessa pesquisa, queremos considerar essa interrogação como ponto importante à luz da reflexão sobre não ter sido oportunizado aos professores indígenas a qualificação ainda na época do Projeto Parceladas.

---

uma tomada de consciência dos seus direitos. O que mostra que a prelazia não se limitou a buscar agentes de saúde para atender o povo. Buscou formas de o povo se organizar para ter um atendimento de saúde melhor. Realizou também muitos cursos de medicina popular, em que se mostrava o valor e a eficácia de ervas e plantas para resolver os principais problemas de saúde que o povo enfrentava. Assistência à Saúde (UNICAs), Associação de Saúde de Poro Alegre do Norte (ASPA), Comissão de Saúde de Ribeirão Cascalheira, Clube das Buchudas e Clube das Mães, de São Félix do Araguaia, em Vila Rica criou – se o Movimento Popular de Saúde (MOPS).

[4] O Curso de Licenciatura em Matemática tem como objetivo promover uma sólida formação em conteúdo de matemática, em disciplinas pedagógicas gerais e específicas do ensino de Matemática numa visão dinâmica do local ao global, com competência e habilidades específicas para contribuir com a Educação Escolar Indígena Básica na perspectiva da interculturalidade, permitindo assim aos egressos o acesso aos cargos docentes e de gestão da rede escolar indígena ou não indígena, ou para seguirem seus estudos de pós-graduação (mestrado e doutorado) em diversas subáreas afins.

REFERÊNCIAS

Dias de Paula, Eunice **- Paulo Freire e o Trabalho de Educação na Prelazia de São Félix** - Jornal Alvorada, Jul/Ago/Set-21 Ed. 337.

CANUTO, A. - **Resistência e Luta Conquistam Território No Araguaia Mato-Grossense** – 1ª ed., Outras Expressões, São Paulo – 2019

CANUTO, A**.** – **Ventos de Profecia Na Amazônia: 50 Anos da Prelazia de São Félix do Araguaia**-1ª ed, Ed. PUC Goiás, Goiânia-2021

D'AMBROSIO, U. **Da realidade a ação: reflexões sobre educação e matemática**. São Paulo: Summus; campinas ed. Universidade Estadual de Campinas. 1986.

D'AMBROSIO, B. S, e LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático**. Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: Da teoria a prática**. Campinas SP: Papirus 17ª ed. 1996.

D' AMBROSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**, Unicamp. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. 25° ed. SP. 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Paz e Terra Rio de Janeiro 1987

GARNICA, A. V. M. **Um Tema, Dois Ensaios:** Método, História Oral, Concepções. Educação Matemática Unesp- Bauru- 2005

LARROSA J. B**,** Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação** Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19

LDB, LEI Nº 9.394 DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – 1996
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm acesso em 28/07/2023.
http://portal.unemat.br/?pg=site&i=parceladas&m=apresentacao#:~:text=O%20Programa%20Parceladas%20foi%20institu%C3%ADdo,de%20forma%20continuada%20atrav%C3%A9s%20deacesso 01/112023.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_do_Estado_de_Mato_Grosso acesso em 01/11/2023.

MARCELO, Carlos (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro**. Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, 08, pp. 7-22

NOVOA, A. Devolver a formação de professores aos professores**. Cadernos de pesquisa em educação** – PPGE/UFES- Vitória, ES. a. 9. V. 18, n. 35, p 11 – 22, jan. / jun. 2012
https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=Devolver+a+forma%C3%A7%C3%A3o+dos+professores+aos+professores&btnG= acesso em 27/07/2023

NÓVOA, A - **FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFISSÃO DOCENTE –** "Os professores e a sua formação". Lisboa : Dom Quixote, 1992. p. 13-33**.**
ROLKOUSKI, E. **Vida de Professores de Matemática – (im)Possibilidades de Leitura-** Tese- Unesp – Rio Claro, SP- 2006

SOUZA, L. A. de **História Oral e Educação Matemática: Um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões –** Dissertação- Unesp- Rio Claro/SP-2006.

Sociólogos do Araguaia, canal **- Entrevista de Dagmar Gatte sobre a Formação de Professores do Médio Araguaia: https://www.youtube.com/watch?v=pLiKyHeAazQ** acesso em 12/06/2023.

NÓVOA, A- **Devolver a formação de professores aos professores**, Cadernos de pesquisa em educação – PPGE/UFES- Vitória, ES. a. 9. V. 18, n. 35, p 11 – 22, jan. / jun. 2012.

TARDIF, M. **– Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, Vozes, 5ª ed. 2005.

https://www.academia.edu/16998681/ESPA%C3%87O_E_LUGAR_A_perspectiva_da_Experiencia_Yi_Fu_Tuan acesso em 19/09/2023. - Tuan, Yi Fu: Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência - 1930 ou tradução em 1983;

O papel da etnomatemática na liderança curricular na educação matemática
U D'Ambrosio, BS D'Ambrosio - Revista de Educação Matemática no Teachers College, 2013
https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=en&user=qUMGfJUAAAAJ&citation_for_view=qUMGfJUAAAAJ:Wp0gIr-vW9MC acesso em 17/102023.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Alves, A. da S. (et. al), org. **Etnomatemática- Os múltiplos olhares para os saberes locais,** - Tangara, Unemat, 2021

Alves, A. da S. (et. al), org. **Educação Etnomatemática- Concepções e Trajetórias** – Goiânia, Ed. PUC Goiás, 2010.

Alves, A. da S. **A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL A`UWẽ – XAVANTE: Um olhar qualitativo sobre o espaço –** Unesp Rio Claro – SP. 2006.

Sueli, Maria e Moraes (org.). **Educação matemática e temas políticos -sociais**-Campinas SP,2008.

Marcelo, Carlos. **Pesquisa sobre a formação de professores. O conhecimento sobre aprender e ensinar- Faculdade de ciências da educação,** Universidade de Sevilha (Espanha)- Revista brasileira de educação Set/Out/Nov/Dez 1998- tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Trabalho apresentado na XX Reunião anual da ANAPED, caxambu, setembro de 1997.

Gil, Antônio Carlos – **Como elaborar projetos de pesquisa 4ª ed. SP Atlas, 2002**.

Hirata, G, Oliveira, J. B. A, Mereb. T. M. ou [et. Al.] – **Professores: quem são, onde trabalham, quanto ganham – Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. rio de Janeiro, v. 27, p. 179-203,** jan./mar. 2019. https.//doi.org/10.1590/S0104-40362018002701888

Alves, A. M. M.- **Ensino de matemática no Brasil: Um enfoque a partir dos livros didáticos (1940-2000)** – Artigo- Universidade Federal de Pelotas - RS. 2005.

Resolução CNE/CP Nº 1, de 27 de outubro de 2020- D.O. da União Ed. 208 Seção: 1, p. 103- Ministério da educação/Conselho Nacional de Educação- Plublicado em 29/10/2020.

Cury, F. G. – **Uma história da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins** – Tese de doutorado – Unesp- Rio Claro/SP, 2011.

Cury, F. G. – **Uma Narrativa Sobre a Formação de Professores de Matemática em Goiás –** Dissertação de Mestrado **-** Unesp- Rio Claro/SP, 2007.

Santos P.C.M **-Araguaia: entre palavras, roças e fuzis a pedagogia dos agentes pastorais no nordeste mato-grossense, nos anos 1960/1970-** Dissertação UFMT – 2014.

Soares N. das N, - Carvalho, M. I. S. S. **O movimento Histórico do Ensino de Matemática no Brasil e suas Implicações no Currículo e na Formação Docente-** VIII Colóquio do Museu Pedagógico 09-11 de setembro de 2009.

D'Ambrosio, U. **Priorizar História e Filosofia da Matemática na Educação** -Tópicos Educacionais, Recife, v. 18, n. 1-2. Jun/dez. 2012.

Valente W. R. - **A elaboração de uma nova vulgata para a modernização do ensino de Matemática: Aprendendo com a história da Educação Matemática no Brasi1-** ***Bolema, Rio Claro – SP, v. 15, n. 17, maio 2002***

Zamboni, E. e De Rossi, V. L. S. - **A formação de professores leigos nas áreas das fronteiras agrícolas do Brasil Central** PERSPECTIVA. Flori8nópolis, *v.* 17, n. Especi81, p. 13 - 31, j8n./jun. 1999

García P. C. **- Realidade e história da região do Araguaia Xingu /** Carlos García Paret. -- São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012. - (Série A resposta da terra ; v. 2)

Camargo D. M. P. de **-Mundos entrecruzados – Projeto Inajá: Uma experiência com professores leigos no médio Araguaia – MT (1987 – 1990)** – Unicamp – São Paulo -1992.

Ferreira, J. C. V, e Silva, J. de M. **Cidades de Mato Grosso: Origem e Significados de Seus Nomes**- Ed. Memória Brasileira, Cuiabá-MT, 2008.

Forcano, B. (et al), **Pedro Casaldáliga: As Causas que Imprimem Sentido à Sua Vida – Retrato de Uma Personalidade** –São Paulo, Ed. Ave-Maria, 2008.

Silva N. O., Silva, D. D. R. da **- Bases Epistemológicas das Relações Entre Cultura e Educação Matemática- AMAZÔNIA -** Revista de Educação em Ciências e Matemáticas V.7 - n. 13 - jul. 2010/dez. 2010, V. 7 - n. 14 - jan 2011/jun. 2011

D' Ambrosio, U. **Elo entre as tradições e a Modernidade** 5ª ed. Autêntica Editora- Belo Horizonte, 2013.

Fantinato, M. C. de C. B. (Org.) **Etnomatemática: Novos Desafios Teóricos e Pedagógicos**- Ed. da UFF, Nteroi, RJ – 2009.

Moreira, W. B. **"Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...": sobre o Projeto Inajá e a formação de professores no médio Araguaia** – Dissertação, Unesp, Rio Claro, SP- 2016

Poletto, L. e Almeida, M. Z. C. N. de, **História e Memória da Prelazia de São Félix do Araguaia como espaço social e educativo.** Ed. Metrics- Santo Ângelo -Brasil – 2022. http://portal.unemat.br/?pg=universidade – acesso em 01/11/2023.

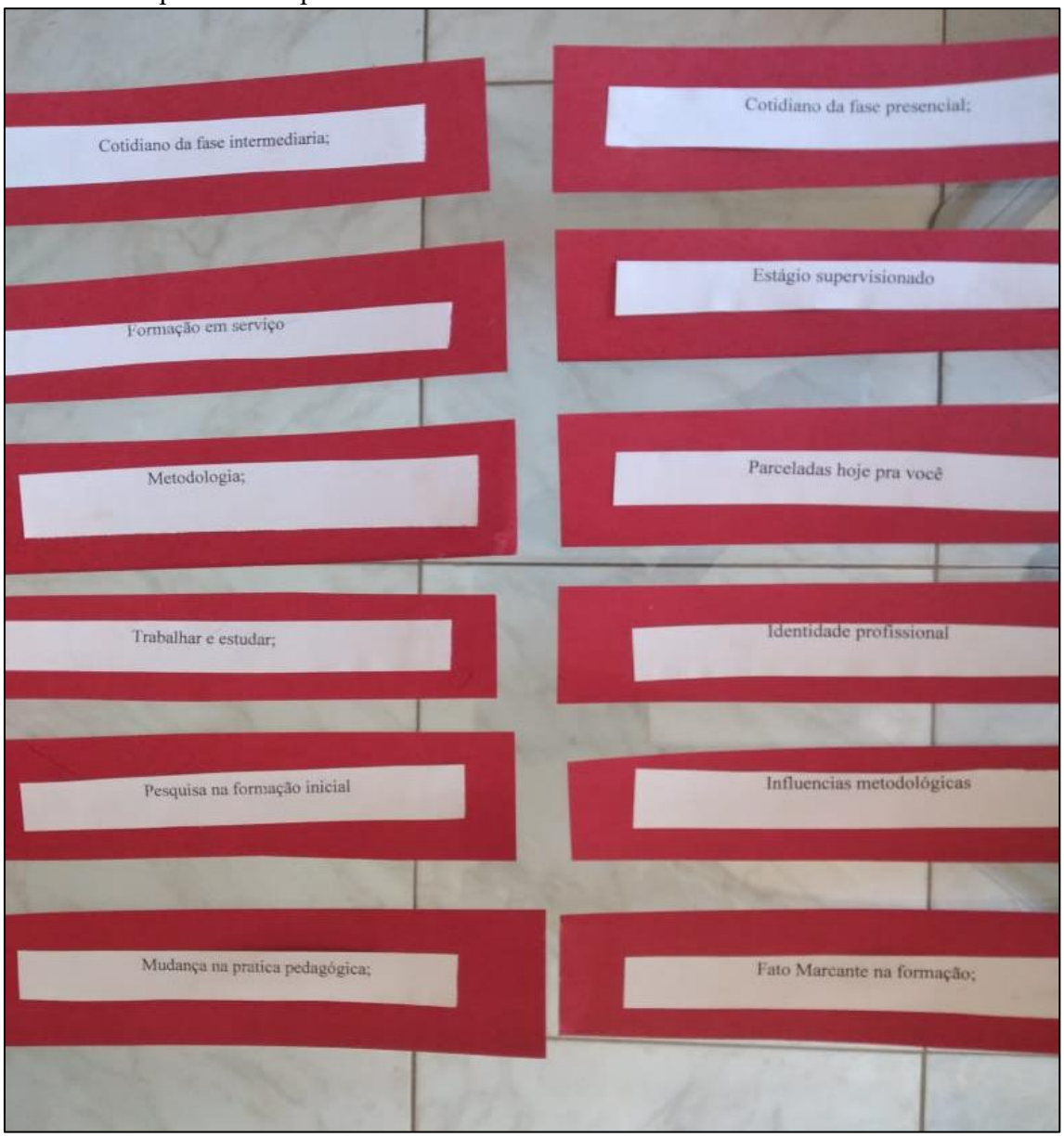
Inacio, D. M, **O Araguaia e as suas resistências insurgentes: a educação popular no sertão mato-grossense** - dissertação - UFMG – 2019

D'Ambrosio, B. S. **Formação de Professores de Matemática para o Século XXI: o Grande Desafio –** Pro-posições, v. 4, Nº. 1 [10], Mar/1993

Casaldáliga, P. **Uma Igreja da Amazônia em Conflito com Latifundiário e a Marginalização Social –** Carta Pastoral- São Félix do Araguaia/MT 1971

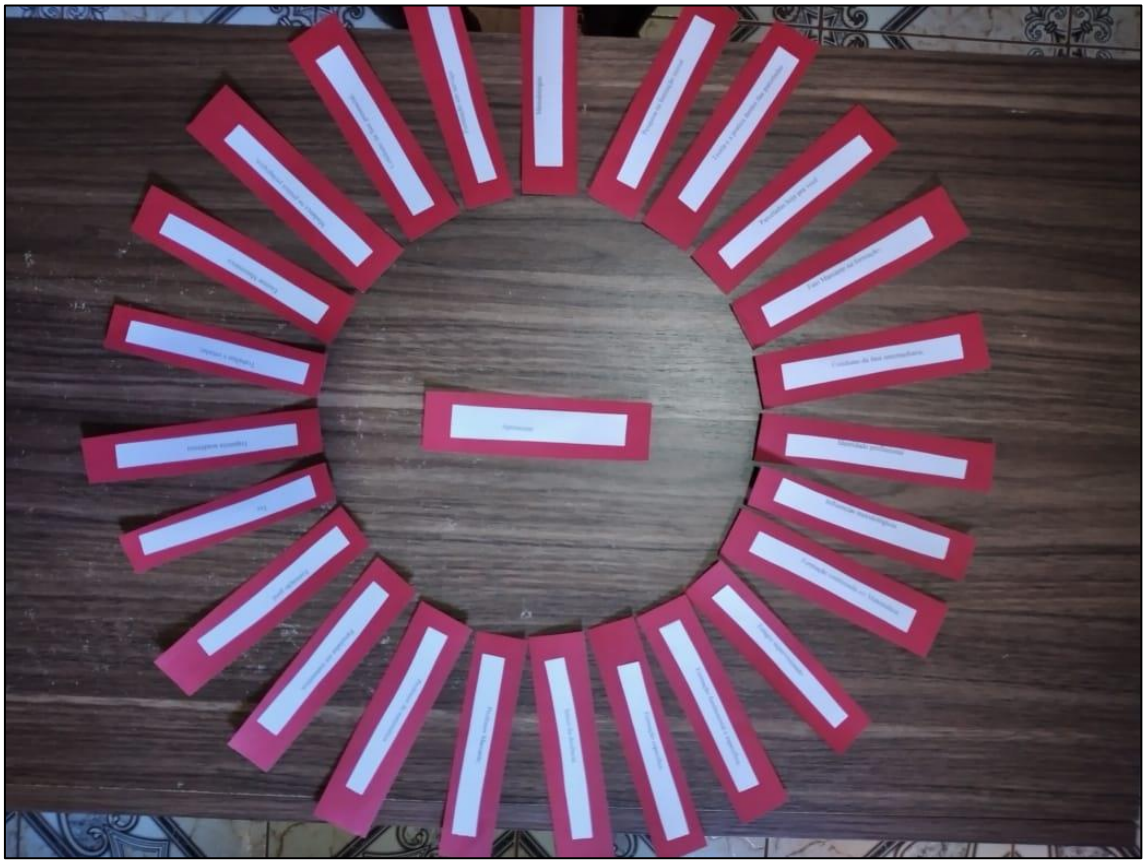
ANEXOS

Tiras com as palavras disparadoras da memória utilizadas nas entrevistas online.



Fonte: Acervo do pesquisador

Disposição das palavras para a única entrevista presencial.



Fonte: Acervo do pesquisador.